

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DAYANE OLIVEIRA VERNEQUE

OS MAPAS NOS MOVIMENTOS POLÍTICOS DA ARTE NO GRAJAÚ:
TERRITÓRIO E COTIDIANO NA PERIFERIA DE SÃO PAULO

PORTO ALEGRE

2024

DAYANE OLIVEIRA VERNEQUE

**OS MAPAS NOS MOVIMENTOS POLÍTICOS DA ARTE NO GRAJAÚ:
TERRITÓRIO E COTIDIANO NA PERIFERIA DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com intuito de obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Sinthia Cristina Batista

PORTO ALEGRE

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira Verneque, Dayane
OS MAPAS NOS MOVIMENTOS POLÍTICOS DA ARTE NO
GRAJAÚ: TERRITÓRIO E COTIDIANO NA PERIFERIA DE SÃO
PAULO / Dayane Oliveira Verneque. -- 2024.
221 f.
Orientadora: Sinthia Cristina Batista.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS,
2024.

1. Cartografia. 2. Uso do território. 3. Grajaú. 4.
Arte. 5. Cotidiano. I. Batista, Sinthia Cristina,
orient. II. Título.

DEDICATÓRIA



'Cartograffiti', projeto idealizado pelo 'Imagem', associação de artistas do Grajaú, 2015

A todos os moradores de territórios periféricos
Habitantes das favelas ou dos campos.
Seja na vivência urbana ou rural,
Tudo se mistura e dialoga
No movimento de construção do espaço.

Que a arte seja agarrada com força
Proporcional à esperança que ela nos gera.
Que a literatura não se proponha fim,
Nem tampouco começo,
Tendo em vista que aquilo que a inspira já foi iniciado.

A todos os moradores das favelas de São Paulo,
Que a educação nos traga conhecimento e consciência.
Esse é o começo para sermos donos de nós mesmos!
Nossas ruas são apertadas, mas nossas mentes não.

Dayane Verneque

AGRADECIMENTOS

Agradeço a luta histórica das mulheres por acesso à educação, à produção científica e à participação na construção intelectual. Agradeço à Universidade Pública e ao investimento em ciência, o que me possibilitou realizar a presente pesquisa, a partir da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Agradeço aos moradores do Grajaú, meus conterrâneos e vizinhos, que concederam entrevistas para esta pesquisa: o educador Jaison e sua família, por abrirem as portas da 'Casa Ecoativa' para mim. A professora Maria Vilani, que inspira todas nós, aspirantes à artistas do Grajaú, e relatou um tanto da história do 'CAPSArtes'. Ao Franz Thomas, da 'Associação Imargem', responsável pelo projeto 'Navegando nas Artes', pelo tempo e a boa prosa concedida. Agradeço a Bárbara Terra, idealizadora do projeto 'Rede Nois Por Nois' e do '*Sankofa Hub*', mulher inspiradora que compartilhou um pouco de sua trajetória comigo para compor as análises do pesquisado. Muito obrigado também ao artista e educador Jhenivan, responsável pelo 'Ateliê Águila', um belo espaço de arte no bairro onde cresci e tive a oportunidade de conhecer mais a fundo durante a investigação.

Agradeço a minha família pelo acolhimento, cuidado e constante confiança em mim. A meu companheiro João, pelo amor, pelas conversas que abrem ideias, e pela paciência com o meu trabalho. A meus pais, Elma e Dênio, por me conduzirem sempre no caminho dos estudos e da arte. A minha irmã Daisy, pela amizade sincera, pelo apoio mútuo e por sempre me inspirar com diálogos intensos e divertidos. A meus sogros, Patrícia e João, por serem a minha família no Rio Grande do Sul. A meus amigos Iana e Rafael, por atravessarem a zona sul de São Paulo, enfrentarem o trânsito da Belmira Marin e a primeira balsa, para estarem juntos na oficina desta pesquisa. Decerto sou grata pela confiança e parceria de sempre. Agradeço ao colega de profissão Leonardo Berté, pela revisão de boa parte deste texto.

Agradeço a Ana Paula do Val pela conversa que me instruiu profundamente, pelo trabalho realizado junto a produção cultural popular em São Paulo e pela presença na construção deste trabalho. E agradeço, sobretudo, à pessoa que realizou essa pesquisa comigo, minha orientadora Sinthia Cristina, por se fazer presente, me auxiliar em cada etapa, estudarmos juntos e juntas andarmos pelas ruas do Grajaú.

RESUMO

O Grajaú é um distrito da cidade de São Paulo, caracterizado pela concentração de favelas, a presença da represa Billings, a numerosa população e a intensa produção de arte. Embora o território esteja historicamente condicionado aos processos de marginalização, a arte presente nos muros, nos estabelecimentos, nas praças públicas, é elemento centralizador das dinâmicas locais, pois a partir dela os moradores são mobilizados e dinamizam com eles o território inteiro do distrito. Com isto objetiva-se evidenciar a arte como elemento ativo na formação do espaço geográfico, o que pode caracterizar um uso do território. Para isso é necessário compreender quais processos dão origem à presente realidade, como se desenrolam no cotidiano da população local e como se relacionam com os fluxos da cidade. Por isso adotou-se o método materialista histórico-dialético regressivo-progressivo, pautado na caracterização do presente, regresso ao passado e retorno a esse presente compreendido e analisado para que o futuro possa ser deslumbrado. Alguns coletivos organizados no território concederam entrevistas para esta investigação e assim permitiram o aprofundamento no cotidiano local. Ficou nítido que as ações não se encerram no tempo, mas são perpetuadas pelas gerações, por isso é necessária a manutenção e a permanência desses coletivos de arte, que conseguem se manter ativos a partir do acesso às políticas públicas de fomento à cultura e a alguns investimentos privados. Ao pensar nisto, evoca-se a cartografia como ferramenta de representação e articulação da arte no território. Os mapas, aplicados aos movimentos políticos culturais do Grajaú, podem representar a territorialização da arte e fundamentar estratégias para constante expansão das lutas populares por participação, cidadania e dignidade.

Palavras-chave: Grajaú, Arte, Mapas, Território, Cotidiano.

ABSTRACT

Grajaú is a district in the city of São Paulo, characterized by the concentration of favelas, the presence of the Billings dam, a large population and an intense production of art. Although the territory is historically conditioned by processes of marginalization, the art present on the walls, in establishments, in public squares, is a centralizing element of local dynamics, as through it residents are mobilized and dynamize the entire territory with them. With this, the objective is to highlight art as an active element in the formation of geographic space, which can characterize a use of the territory. To do this, it is necessary to understand which processes originate in the present reality, how they unfold in the daily lives of the local population and how they relate to the city's flows. Therefore, we think about the regressive-progressive historical-dialectic materialist method, based on the characterization of the present, return to the past and return to the present understood and analyzed, so that the future can be dazzled. Some collectives organized in the territory granted interviews for this investigation and allowed us to delve deeper into local daily life. It was clear that actions do not end in time, but are perpetuated through generations, which is why the maintenance and permanence of art collectives is necessary, which allows them to remain active through access to public policies to promote culture and some private investments. When thinking about this, cartography is evoked as a tool for representing and articulating art in the territory. The maps applied to Grajaú's cultural political movements can represent the territorialization of art and fundamental strategies for the constant expansion of popular struggles for participation, citizenship and dignity.

Keywords: Grajaú, Art, Maps, Territory, Daily.

Lista de figuras

Figura 1: Mapa de localização do distrito Grajaú	24
Figura 2: Bairro Jardim Prainha, Grajaú	25
Figura 3: Bairro Jardim Gaivotas, Grajaú	25
Figura 4: Mapa da zona rural e urbana do município de São Paulo, plano diretor vigente (2014-2024).....	26
Figura 5: Mapa do IDH da cidade de São Paulo	28
Figura 6: Mapa da distribuição dos grupos pesquisados pelo mapeamento sociocultural ‘Santo Amaro em Rede’	29
Figura 7: Mapa ‘Grajaú: Atividades e Espaços Culturais’	32
Figura 8: Mapa – Grajaú território de artistas	34
Figura 9: Morador do Grajaú a observar imagens de satélite do seu bairro	35
Figura 10: Fachada lateral do Centro Cultural Grajaú	37
Figura 11: Fachada central do Centro Cultural Grajaú	37
Figura 12: Fachada espelhada e entrada principal do Centro Cultural Grajaú	38
Figura 13: Entrada da sala de cinema Sabotage	40
Figura 14: Show do cantor Froid, no Centro Cultural Grajaú em 2022	40
Figura 15: Apresentação do Grupo Arena Circus no Centro Cultural Grajaú em 2022	41
Figura 16: Slam do Grajaú realizado no mês do Hip-Hop em agosto de 2022, no Centro Cultural Grajaú.....	43
Figura 17: Palco do 6º aniversário do Grajaú Rap City, realizado no Calçadão do Centro Cultural local	44
Figura 18: Carro alegórico da Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio, no Sambódromo do Anhembi em 2023	45
Figura 19: Pagode da 27 no Calçadão do Centro Cultural Grajaú	46
Figura 20: 10º Edição da Carreata Poética em São Paulo, durante a Virada Sustentável em 2020.....	48
Figura 21: Sarau do Grajaú	50
Figura 22: Arte desenvolvida por aluna do projeto UniGraja para divulgação das atividades	51
Figura 23: Obra de Ricardo Negro, artista nascido no Grajaú.....	52
Figura 24: Mural ‘Morro da Macumba’, no Parque Residencial Cocaia.....	54

Figura 25: Flyer de divulgação do aniversário de 04 anos do ‘Coletivo Forró na Margem’	55
Figura 26: Flyer de divulgação de um baile promovida pelo coletivo no bairro BNH, no Grajaú.....	56
Figura 27: Mapa de localização de alguns movimentos de arte no Grajaú	58
Figura 28: Print Screen do documentário ‘Terminal Grajaú: Humilhação Coletiva’, que mostra os passageiros no trem	62
Figura 29: Mapa das linhas de trem e metrô na cidade de São Paulo, em 2024 ...	63
Figura 30: Mapa aproximado do ex-município Santo Amaro, elaborado pela prefeitura de São Paulo em 16 de agosto de 1938	76
Figura 31: Mapa da área hipotética do ex-município Santo Amaro, com base nas divisões atuais do município São Paulo	77
Figura 32: Mapa da área da represa Billings presente no Grajaú	81
Figura 33: Favela do Sucupira em contraste com os prédios do Conjunto Habitacional Brigadeiro Faria Lima, ao fundo.....	82
Figura 34: Mapa da distribuição de ofertas de empregos formais, em relação à concentração da população negra por subprefeitura em São Paulo, SP	86
Figura 35: Imagem do bairro Parque Residencial dos Lagos, que une paisagem rural e suburbana	87
Figura 36: Foto da vista do Cantinho do Céu, no outro lado da represa Billings....	88
Figura 37: Mapa da distribuição de domicílios em favelas no município de São Paulo	89
Figura 38: Entrada principal da ‘Casa Ecoativa’	99
Figura 39: Parte lateral da ‘Casa Ecoativa’, com graffiti de artista local	100
Figura 40: Parte de trás da ‘Casa Ecoativa’	100
Figura 41: Parte do mural Memória, realizado na Ilha do Bororé pelo ‘Imargem’. 102	
Figura 42: Obra do Imargem em estruturas na Avenida Dona Belmira Marin, principal via urbana do Grajaú.....	102
Figura 43: Intervenções do ‘Imargem’ em pontos comerciais na Avenida Dona Belmira Marin	103
Figura 44: Banner do projeto ‘Navegando nas Artes’, exposto no ‘Ateliê da Margem’	104
Figura 45: Placa herdada da ‘Vento em Popa’, mantida no ‘Ateliê da Margem’ ...	105
Figura 46: Barcos localizados na entrada do ‘Ateliê da Margem’	107

Figura 47: Gráfico retirado do levantamento de dados da 19ª edição do Programa VAI, em 2022.....	110
Figura 48: Print Screen do mapa retirado dos dados da edição de 2017 do Programa VAI.....	111
Figura 49: Mapeamento dos projetos contemplados pela Área de Cidadania Cultural da Secretaria de Cultura de São Paulo, em 2014	113
Figura 50: Print Screen da imagem de satélite da área correspondente ao Centro Cultural Grajaú, em 2008	117
Figura 51: Print Screen da Imagem de satélite da área correspondente ao Centro Cultural Grajaú, em 2023	117
Figura 52: Livro 'Filosofia ao Extremo'.....	123
Figura 53: Livro 'Escritos ao Extremo'	124
Figura 54: Imagem de satélite de 2013 sobre o terreno do antigo clube 'Aristocrata'	127
Figura 55: Imagem de satélite de 2016 sobre o terreno do antigo clube 'Aristocrata'	127
Figura 56: Imagem de satélite de 2023 sobre o terreno do antigo clube 'Aristocrata', atual Parque Linear 'Aristocrata'	128
Figura 57: Produtos para venda na 'Sankofa Hub'	130
Figura 58: Imagem retirada das redes sociais da 'Rede Nois por Nois'	131
Figura 59: Entrada principal do 'Ateliê Águila', com vista para as casas vizinhas	134
Figura 60: Local das atividades com telas do 'Ateliê Águila'	135
Figura 61: Materiais disponíveis para criação no 'Ateliê Águila'	135
Figura 62: Palestra junto a educadores e alunos do grêmio estudantil da Escola Estadual Ilda Vieira Vilela, localizada no Parque Residencial Cocaia, Grajaú	163
Figura 63: Mapa da Aldeia Boa Vista, no Amazonas	171
Figura 64: Representação do Google Maps da área distrital do Grajaú.....	174
Figura 65: Imagem de divulgação do livro 'Acolhendo Histórias', lançado pelo 'Sarau do Grajaú'	175
Figura 66: Cartograffiti no bairro Parque Residencial Cocaia.....	177
Figura 67: Graffiti em mural na cidade de São Paulo	177
Figura 68: Educandos do projeto 'Grajaú em Foco' em visita a exposição 'Cartograffiti'	178
Figura 69: Construção artística de mapas na beira da represa Billings.....	179

Figura 70: Mapa dos bairros Jardim Ellus e Shangrilá, exposto no caminho entre os bairros	179
Figura 71: Confecções artísticas dos mapas.....	180
Figura 72: Arte com referência cartográfica exposta em torre de transmissão de energia	180
Figura 73: Mapa resultado do projeto ‘Cartograffiti’, com o mapeamento dos murais espalhados por São Paulo	184
Figura 74: Planejamento do mural ‘Cartograffiti’ na Estrada Canal do Cocaia, Grajaú	185
Figura 75: Artistas dando vida ao mural ‘Cartograffiti’ na Estrada Canal do Cocaia, na área pretendida na representação acima	185
Figura 76: Legenda construída pelo grupo responsável por mapear o período de 1992 até 2002	188
Figura 77: Construção do grupo responsável por mapear o Grajaú entre 2002 e 2012	189
Figura 78: Destaques realizados no mapa pelo grupo responsável pelo período de 2012 a 2023	190
Figura 79: Parte do grupo responsável por mapear o período de 1992 a 2002 ...	191
Figura 80: Participantes da oficina visualizando os mapas expostos	191
Figura 81: Alguns participantes da oficina visualizando os mapas expostos	192
Figura 82: Participante da oficina a contemplar o mapa da zona rural e zona urbana de São Paulo, retirado do Plano Diretor de 2014	192
Figura 83: Grupo responsável por mapear o período de 2002 a 2012	193
Figura 84: Mapa elaborado pelo projeto ‘Um País Chamado Grajaú’	196

Sumário

INTRODUÇÃO	12
ESTRUTURA DA PESQUISA	17
1º MOMENTO – O PRESENTE	22
I. A arte no Grajaú: dos dados à materialidade e suas representações	23
II. O cotidiano na periferia urbana de São Paulo: uma leitura sobre o Grajaú..	60
2º MOMENTO – O passado	73
III. A formação territorial do Grajaú	74
IV. A arte na produção do espaço: mobilizações populares e políticas públicas	94
3º MOMENTO - PARA PENSAR O FUTURO	142
V. O Uso e o Cotidiano	143
VI. A cartografia e os usos: apropriação do território como direito à cidade ...	157
CONSIDERAÇÕES.....	202
REFERÊNCIAS.....	205

INTRODUÇÃO

Ao pensar nas periferias paulistanas muitas imagens podem vir à mente: paisagens laranjas pelas casas de tijolos das favelas, morros, lixo, esgoto a céu aberto, pobreza, precariedade, cenas de vulnerabilidade social. Agora, imagina o choque de entrar no distrito mais populoso de São Paulo, às margens da cidade, banhado pela represa Billings, cheio de favelas, e se deparar com imensos murais de cores vivas e intensas dispostas em pinturas incríveis feitas à mão, ou ouvir poesias complexas recitadas por jovens estudantes, assistir a apresentações profissionais de teatro, arte circense ou avistar ateliês com pintura em tela.

Bem-vindo, você está no Grajaú!

Com o objetivo de evidenciar a arte como elemento ativo na formação do espaço geográfico do Grajaú, a presente investigação partiu do incômodo gerado pela redução das periferias a áreas concentradoras de mão de obra, pobreza e carências, quando nelas há muito mais do que trabalho a ser apropriado e alienado pelos mercados mundiais e suas derradeiras consequências.

Olhar para aquilo que os moradores realizam dentro e a partir do distrito é retornar ao território, prestar atenção ao cotidiano, compreender os usos a partir da habitação, as maneiras encontradas pelos moradores de realizar o espaço e resistir às imposições dos ritmos urbanos, às condições de trabalho, àquilo que caracteriza a marginalização social.

A perspectiva da produção de cultura e arte adotada se volta às várias formas de linguagem desenvolvidas pelos moradores para mobilizarem conhecimento, acesso à arte, educação, esporte e lazer em seu território. É a dimensão material das ações sociais sobre e a partir do espaço. Portanto, aqui não há a intenção de aprofundar conceitos ligados à definição de cultura ou arte, mas, sim, o propósito de olhar para o espaço geográfico a partir do desenvolvimento das expressões e ações subjetivas e coletivas dos habitantes.

Com isto, objetivou-se especificamente compreender o cotidiano vivenciado pelos moradores organizados em coletivos e grupos voltados à produção artístico-cultural. Propriamente, um trabalho a partir da retomada de materiais que contenham informações sobre o histórico e as realizações de alguns grupos, sempre aliado a trabalhos de campo que possibilitaram o comparecimento a alguns eventos realizados e acontecidos.

Valiosa possibilidade de observar o dia a dia local, costurada às entrevistas com os agentes ativos nessas dinâmicas, no caso, organizadores de cinco coletivos locais: 'Casa Ecoativa', 'CAPSArtes', 'Associação Imargem', 'Rede Nois por Nois' e 'Ateliê Águila'.

Ao partir da compreensão do cotidiano, no tocante às mobilizações culturais que se realizam no Grajaú, é possível perceber o caráter combativo que suas manifestações possuem frente às imposições dos contextos urbanos, políticos, econômicos e sociais, tais como a distância dos centros comerciais e dos empregos formais, o tempo que se leva para chegar ao trabalho, a falta de acesso à cultura contemporânea e, enfim, a serviços básicos garantidores de direitos.

A arte produzida e organizada no distrito do Grajaú parece ser efetivamente uma maneira que os moradores encontraram para tentar transformar sua realidade e melhorá-la com base nas demandas internas do território, através da denúncia, da reivindicação, da criação de espaços alternativos para coletivizar as produções e melhor aproveitar os talentos locais.

Por essa razão, a Geografia pode e contribui estrategicamente para as mobilizações realizadas a partir da Cartografia. Muitos coletivos e pesquisadores se debruçaram sobre o Grajaú para realizar mapeamentos da arte que se espacializa no território do distrito. Um bom indicador da valiosa dimensão adquirida por esses projetos e realizações culturais, em destaque também, vale ressaltar, por serem quantitativamente notáveis.

Por isso, outro objetivo específico da pesquisa foi compreender o que a cartografia mobiliza e pode mobilizar no processo de territorialização da arte no Grajaú. Caracterizada como um conhecimento estratégico, a cartografia pode auxiliar na tomada de decisões, na compreensão da realidade, na sistematização de táticas de expansão, na melhor organização das ações. São infinitas as possibilidades que se expressam ao se abrir um mapa.

A condução da análise, na pesquisa, realizou-se a partir do método materialista histórico-dialético regressivo-progressivo, que se pauta pela caracterização do presente, com um retorno analítico ao passado histórico, para daí então se resgatar o presente, devidamente mais compreendido e esmiuçado.

Com isto, a primeira parte do texto, desde já, aborda a caracterização de alguns movimentos de arte, cultura e educação que, organizados no Grajaú, indicam e expressam, em suas atividades, a forte influência do cotidiano local e suas relações

profundas com o território. Foram para tanto utilizados estudos de mapeamento, com algumas matérias sobre eventos de coletivos locais e dados coletados em campo.

Ainda para caracterizar o presente, na pesquisa, alguns dados apontados advêm da ação dos aparelhos institucionais de acesso à cultura e, também, dos fluxos de trabalho presentes no dia a dia do distrito, no caso, o que talvez acarrete um relativo distanciamento vivido por parte da população daquilo que é realizado e produzido pelos artistas locais.

Para pensar o cotidiano adota-se a abordagem de Henri Lefebvre (2022; 1991), que analisa o espaço urbano a partir da *reprodução das relações de produção* e o seu desvelamento no cotidiano em cada canto da cidade.

Para o autor, o cotidiano revela as funções exercidas por cada parcela da população no funcionamento do espaço urbano. Não apenas as relações de trabalho, mas os momentos de lazer, a forma de produzir cultura, as condutas, as identidades, as linguagens, as relações com os vizinhos, tudo é revelado no olhar atento para o cotidiano.

A maneira de operar o espaço, as cidades, as zonas rurais, tudo está organizado para manter ativa a reprodução das relações sociais de produção capitalista. Por isso o autor propõe a caracterização do presente, o regresso ao passado e o retorno ao agora, para que a análise possa alcançar plenamente os elementos basilares de uma compreensão coerente da realidade.

O retorno ao passado exige uma retomada histórica dos processos de formação territorial do Grajaú, em relação à expansão e à consolidação da cidade de São Paulo. São revelados alguns fatores que podem indicar a função exercida pelo Grajaú no contexto paulistano, a partir dos processos de ocupação, concentração intensa de pessoas, a marginalização na beira da represa Billings. Como então um distrito fundado em 1992 se tornou o mais populoso de uma cidade datada de 1554?

Na tentativa de compreender como o histórico de formação do Grajaú se entrelaça aos movimentos culturais organizados no distrito, alguns moradores, comprometidos com tais atividades, foram convidados ao diálogo. Cinco desses moradores concederam entrevistas sobre a realização de seus projetos.

As perguntas feitas conduziram a conversa, que ocorreu abertamente e bem pôde mostrar parte daquilo que é produzido pelos artistas, os projetos que foram consolidados, as materializações no território, a associação entre os moradores para

realizar tais projetos, o impacto na vida dos moradores, algumas dificuldades enfrentadas e, principalmente, o acesso às políticas públicas e aos investimentos que possibilitaram o andamento de projetos.

Ao pensar o futuro com base naquilo que foi exposto, evocou-se o conceito de território usado elaborado por Milton Santos (2005; 2011), para compreender o espaço habitado e as possibilidades de usos que foram consolidadas pelos moradores no decorrer do tempo.

A partir do retorno ao território, é possível voltar o olhar para as suas demandas internas, não apenas a estruturação do funcionamento do distrito voltado aos anseios do mercado global, mas o trabalho voltado para o fortalecimento da arte local, dos talentos e as potencialidades dos moradores, na ampliação dos acessos à educação e construção de conhecimento.

O território usado implica olhar para o espaço habitado, para as ações humanas sobre os objetos disponíveis e a reverberação disto no espaço e no tempo. Para Milton Santos (2011), a atualidade torna essencial a análise do território, a geograficidade se impõe como condição histórica no período técnico-científico-informacional, a regência política implica a delimitação e definição de territórios, que, por sua vez, influenciam as vivências, as negociações, os níveis de desenvolvimento, o cotidiano. Nesse sentido, o território usado articula o espaço local e o espaço global.

O uso do território se revela no dia a dia. São as ações cotidianas que dão vida ao espaço. Território usado é sinônimo de espaço habitado, de espaço geográfico (SOUZA in SANTOS, 2005, p. 252). Dessa forma a periferia se torna centro, passa a ser a origem e o final da investigação.

Mesmo que diversos outros elementos estejam envolvidos, é, desde o cotidiano voltado à compreensão do uso do território pela arte, que se procura compreender as seguintes questões: quais caminhos foram percorridos pelos grupos artísticos organizados no distrito? Como se desdobram no cotidiano? A arte revela um uso do Grajaú? Quais possibilidades de ação são apresentadas a partir daquilo que existe concretamente? Quais estratégias foram utilizadas?

O desdobramento da análise leva à cartografia como estratégia de organização e expansão do cenário artístico-cultural e também àquilo que pode ser realizado dessa relação entre os movimentos culturais e os métodos cartográficos.

Na atualidade, o mundo é intensamente mapeado, resultado do que Santos (2001) chamou de cognoscibilidade do planeta, devido á intensa produção tecnológica e ao consumo ampliado a partir dela.

Com isto, a cartografia se popularizou e, na atualidade, está nas mãos de todos aqueles que possuem celular, sendo extensivamente mais utilizada como impulsionadora do capital, bem mais do que nas lutas populares.

Tantas vezes, entretanto. se adota a perspectiva de uma cartografia utilizada para a luta pela emancipação humana. Os mapas voltados às demandas do povo e aplicados ao seu cotidiano.

Para isso, utiliza-se da tese da cartografia em movimento, fundamentada por Sinthia Batista (2014; 2020), que busca, analítica e empiricamente, aplicar os mapas à constância do tempo, de forma a retirá-los de uma condição estática. Afinal, o espaço geográfico é dinâmico e a leitura dos mapas, fora dos contextos em que são formulados, pode gerar uma visão alienada do espaço em questão.

O que se pretende é mostrar que o Grajaú é território de artistas que formam e dinamizam o espaço a partir da produção cultural. Com isso mobilizam o distrito, alcançam seus vizinhos, vão além da reprodução pura do cotidiano alienado do trabalho, do cansaço, da precariedade. A arte assim criada forma e transforma o cotidiano, aponta um uso territorial latente, quando a partir da cartografia.

ESTRUTURA DA PESQUISA

O método de abordagem que conduzirá a pesquisa se fundamenta no materialismo histórico-dialético. Propõe um caminho investigativo pautado na análise dos acontecimentos e suas contradições, ao aliar os diferentes elementos em um todo concreto, ou seja, unindo os fragmentos da realidade estudada a partir do próprio movimento dos acontecimentos no tempo.

A dialética materialista expressa esses traços essenciais:

A retirada dos fatos e das ideias de seu aparente isolamento, a descoberta de que tudo se relaciona, o seguimento do movimento conjunto que se esboça através de seus aspectos dispersos, a resolução das contradições a fim de atingir por um súbito progresso uma realidade ou um pensamento mais elevados, mais amplos, mais complexos e mais ricos (LEFEBVRE, 2009, p. 22).

Na abordagem dialética lefebvriana a proposta metodológica se alicerça no movimento regressivo-progressivo do tempo histórico. Trata-se de uma investigação pautada na apresentação do presente, que se materializa no cotidiano, aliada à análise do passado da realidade pesquisada e ao retorno à atualidade que assim se explica a partir do pretérito, para ampliar as possibilidades de projetar o futuro.

O método escolhido propõe análises baseadas na realidade concreta, para consolidar prospecções para um futuro possível a partir dos elementos envolvidos na dinâmica investigada, para que assim a análise não se detenha apenas ao “peso das gerações mortas e ao fardo do presente alienado, mas também se volte à carga de superação e destino” (MARTINS, 2011, p. 02).

Para Lefebvre, a análise dialética materialista proporciona a formação de um conhecimento completo, que vai além de conceitos. Embora o autor afirme que chegar a tais conceitos representa a primeira etapa de uma pesquisa científica, ele igualmente aponta que os próximos passos consistem em refazer o caminho em sentido contrário e recobrar o todo, somente agora analisado e compreendido (LEFEBVRE, 2009, p. 36). É no movimento investigativo e interpretativo que está o método e não nos supostos conceitos (MARTINS, 2011, p. 03)

Embora o método de investigação caminhe pelo momento abstrato de conceituação, também há o momento do empírico, do retorno ao socialmente concreto, historicamente constituído.

José de Souza Martins descreve o caminho metodológico regressivo-progressivo, e afirma que há...

O roteiro dos momentos do método: o descritivo, da descrição teoricamente informada pela diversidade das disciplinas especiais e pela observação participante no trabalho de campo, o mapeamento do presente aparentemente atemporal; o analítico regressivo, o da análise e datação histórica da realidade descrita; o histórico-genético, o da análise das modificações das estruturas datadas e da sua subordinação ao todo, classificação genética das formações e estruturas, definição de seu tempo social e histórico, e retorno ao atual, compreendido e explicado. (MARTINS, 2011. p. 04-05)

A etapa descritiva da análise volta-se para a identificação e caracterização do local estudado e a influência da arte nos processos de formação espacial: o distrito Grajaú, na zona sul da cidade de São Paulo. Para isso foram utilizados estudos de mapeamento que demonstraram a territorialização da arte, assim como dados relacionados ao contexto presente de mobilização cultural, o que inclui mapas atualizados em campo.

Em diálogo com a realidade presente da arte no Grajaú, foi realizada uma breve descrição do cotidiano vivenciado nas favelas, frente a dados e índices populacionais que podem auxiliar na compreensão das dinâmicas diárias e o trabalho desenvolvido por artistas periféricos que, através de suas canções e obras, expressam parte do que vivenciam nos territórios em que estão inseridos.

Ao utilizar a técnica bibliográfica, o procedimento monográfico, a cartografia, a análise de alguns indicadores, em diálogo com a produção artística local, objetivou-se compreender o território e a população que o constrói artisticamente no presente.

Na etapa analítica-regressiva, a história da consolidação do território do Grajaú foi analisada a partir de estudos voltados ao espaço urbano e, especificamente, à história da zona sul da cidade de São Paulo.

Também foram realizadas cinco entrevistas com agentes ativos na dinâmica artística do distrito, a saber os coletivos 'CAPSArtes', 'Rede Nois por Nois', 'Casa Ecoativa', 'Associação Imargem' e 'Ateliê Águila'. Na ocasião, foram também consideradas e apontadas as políticas de fomento à arte e cultura existentes na cidade de São Paulo

Durante essas entrevistas, com duração de mais de uma hora, conduzidas a partir do método regressivo-progressivo e por conversas presenciais com os artistas envolvidos nos cinco diferentes projetos, algumas perguntas, objetivando a condução de um diálogo aberto e franco, foram feitas, gravadas e transcritas na íntegra, embora tenham sido utilizadas apenas as partes mais interessantes para os objetivos da investigação.

As perguntas mais específicas dizem respeito à realização atual dos trabalhos de cada projeto, aos coletivos parceiros, à história de consolidação de cada iniciativa, às maiores dificuldades enfrentadas, às políticas públicas acessadas e às transformações visualizadas no território da comunidade a partir do trabalho.

O objetivo central dessa etapa do trabalho foi compreender a conexão entre o desenvolvimento territorial do distrito e as movimentações artísticas que surgiram em seu interior a partir do dia a dia da população local.

Também se procurou entender como a cartografia pode auxiliar na mobilização e visualização desses processos históricos, tendo em vista que parte dos coletivos entrevistados utilizaram mapas e técnicas cartográficas em seus projetos.

A fase histórico-genética favoreceu à análise das possíveis transformações socioespaciais surgidas a partir das intervenções artístico-culturais presentes no Grajaú e a validade do uso da cartografia como ferramenta estratégica. Isto, igualmente, com base nos dados e análises expostos nas etapas anteriores, nos relatos dos artistas entrevistados, nas constatações empíricas dos campos.

Também foram inseridos na análise alguns resultados da oficina de cartografia realizada junto a moradores do Grajaú no dia 11 de novembro de 2023, o que permitiu a construção de mapas coletivos do passado e do presente, além de uma conversa sobre o uso da cartografia no cotidiano, nos movimentos artísticos do distrito e seu dinamismo na formação do espaço, o acesso a políticas públicas e seus impactos.

Ao todo foram realizadas cinco saídas de campo para coleta de dados e materiais, realização das entrevistas e da oficina: em maio e dezembro de 2022, em abril, setembro e novembro de 2023.

Durante a realização da saída de campo de setembro de 2023, a Escola Estadual Ilda Vieira Vilela e a Escola Municipal de Ensino Infantil Canal do Cocaia, solicitaram uma atividade junto ao corpo docente com base na pesquisa realizada no território.

Em uma das ocasiões dessas visitas, foram convidados os estudantes do Grêmio Estudantil da E.E. Ilda Vieira Vilela para prestigiar uma apresentação, o que também permitiu maior divulgação da pesquisa junto aos moradores locais e proporcionou às escolas o conhecimento e o contato com alguns coletivos da região.

Esse caminho metodológico permitiu compreender as alterações que se materializaram no cotidiano da população local a partir do desenvolvimento da arte; até que ponto o poder público atuou e atua nessas ações que impactam o dia a dia dos moradores, como a cartografia mobiliza o território na perspectiva do uso e da influência da arte. Em síntese, situações que demonstram e valorizam a importância das iniciativas de arte e cultura na vida da população periférica do Grajaú.



Capturada por Dayane Verneque em 2023,
no bairro Jardim Gaivotas - Grajaú

1º MOMENTO – O PRESENTE

Na tentativa de reforçar a importância do presente, Gilberto Gil canta que o “melhor lugar do mundo é aqui e agora!”. Talvez o tempo presente possua esse nome por ser a consequência do trabalho realizado no passado, que proporciona a possibilidade de continuidade da vida. O que se consolida no agora só é possível porque as gerações passadas presentearam as futuras com seu esforço, sua luta e seu engajamento.

É no tempo presente que observamos as problemáticas sociais, as lacunas no processo de desenvolvimento humano, as necessidades latentes de determinadas parcelas da população historicamente marginalizadas.

O presente pode ser um fardo para muitas pessoas, por isso não se deve esgotar somente nele. É necessário compreender todos os fatores que o levaram a se realizar como tal. Apenas assim o futuro pode ser deslumbrado como possibilidade real de vida dinâmica, não somente de sobrevivência.

Por essa razão, o primeiro momento da análise partirá do presente. Daquilo que é realizado atualmente no cenário artístico-cultural do Grajaú: um território cheio de arte e inspiração aos sentidos, uma galeria a céu aberto, como comentou Ana Paula do Val.

Estás convidado a adentrar pelo arco do distrito, na Avenida Dona Belmira Marin, ao lado do Terminal Grajaú.

Todos são bem-vindos, desde que venham somar.

I. A arte no Grajaú: dos dados à materialidade e suas representações

Pior que um trator, no Grajaú, na missão,
Vários manos representam, relâmpago e trovão.

Sem oportunidades, o negócio que mais cresce,
É vender uma paradinha, ou então cantar um rap.

Na correria a milhão no bolo eu também tô,
Zona sul, nossa quebrada, valoriza o rimador. **(Criolo - É o Teste)**

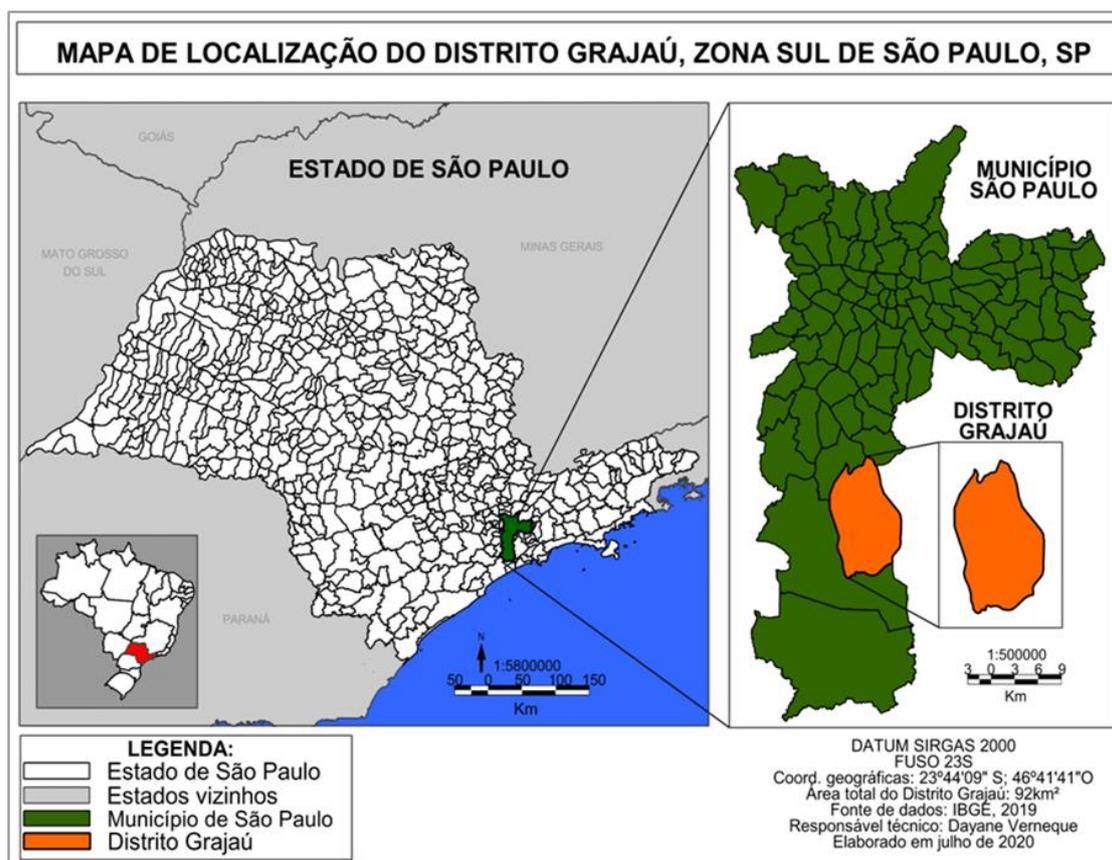
A primeira parte do texto volta-se para uma breve caracterização do momento atual vivenciado no Grajaú, no tocante à mobilização artística, aliado a alguns elementos presentes no cotidiano dos habitantes.

Posteriormente, para compreender algumas razões que levaram à realidade presente, a análise conduz para o retorno ao passado, na tentativa de fornecer elementos que possam indicar os caminhos percorridos até chegar à atualidade.

O Grajaú é o distrito mais populoso da cidade de São Paulo. Concentrava cerca de 360.787 pessoas, conforme revelou o Censo 2010. Já em 2019, estimou-se que 387.148 habitantes tinham no distrito, seu local de moradia, segundo o Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE).

Numa área de 92km² e densidade demográfica de 4,240 hab/km², o distrito localiza-se no extremo sul do perímetro urbano da cidade, a cerca de 33 km do Marco Zero paulistano, na Praça da Sé, como é possível ver no mapa de localização (figura 1).

Figura 1: Mapa de localização do distrito Grajaú



Fonte: VERNEQUE, 2021, p. 23

O distrito possui cerca de 93 bairros, de acordo com o site SP Bairros. Em levantamento realizado pela empresa *Geofusion*, responsável por realizar estudos voltados para a iniciativa privada, dos dez bairros mais populosos de São Paulo, três estão no Grajaú. São eles: Parque Residencial Cocaia, Jardim Miriam e Parque Grajaú (Estadão, 2020).

Além disso, o distrito está dentro do território gerencial da subprefeitura Capela do Socorro, responsável pela administração de três distritos: Socorro, Cidade Dutra e Grajaú. A subprefeitura concentra cerca de 220 favelas (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2023), que caracterizam as paisagens do Grajaú (figuras 2 e 3).

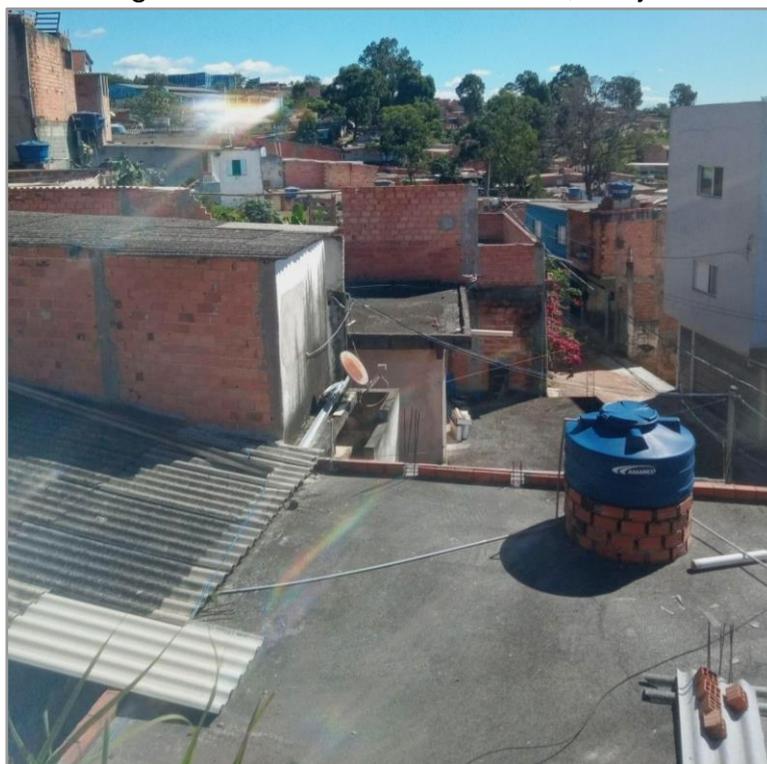
Outro dado em destaca na paisagem é a represa Billings, que banha parte do território e proporciona dinâmicas voltadas à pesca e à navegação. O território se estende sobre zona rural e urbana do município (figura 4). Além disso, possui áreas de vegetação nativa própria da Mata Atlântica, o que atrai diversos turistas interessados em experiências ecológicas. Muitos espaços localizados no bairro Ilha do Bororé integram o Polo de Ecoturismo de São Paulo.

Figura 2: Bairro Jardim Prainha, Grajaú



Fonte: VERNEQUE, 2021, p. 50

Figura 3: Bairro Jardim Gaivotas, Grajaú



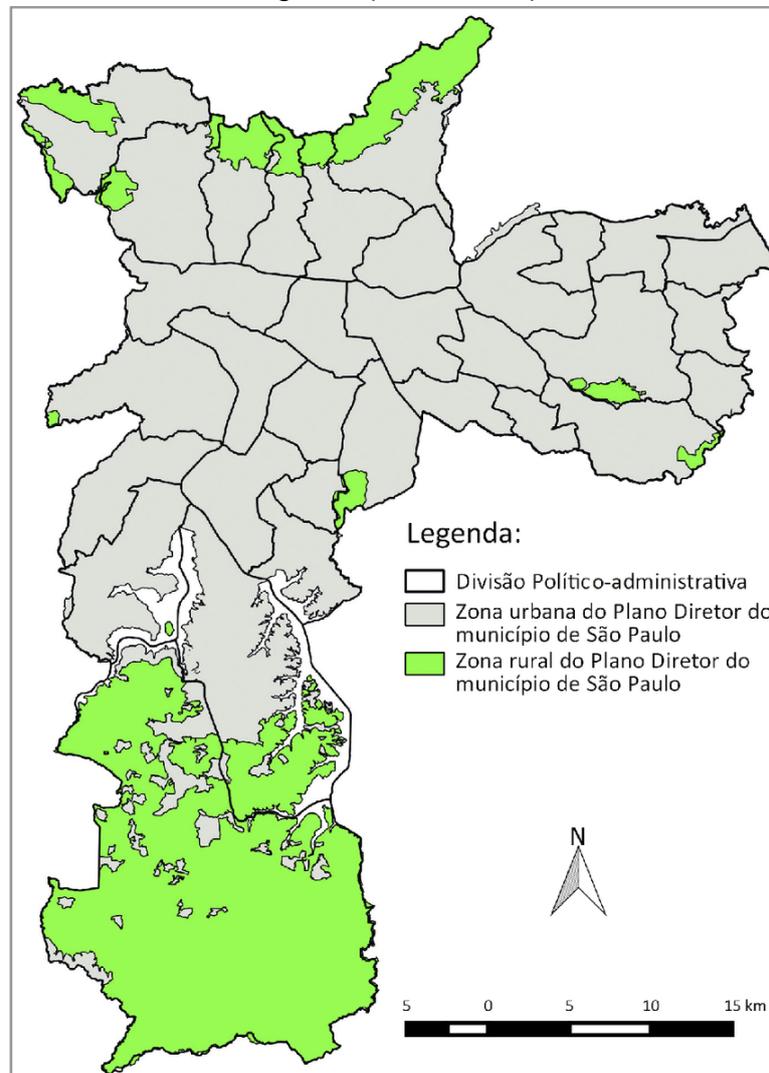
Capturada por Dayane Verneque, 2023

Os processos de favelização, que se caracterizam pela ocupação em áreas irregulares sem planejamento prévio, estão ligados ao adensamento populacional em áreas marginalizadas de alguma maneira, mesmo em zonas centrais. No caso do Grajaú, se caracteriza pela intensidade que transformou um distrito de apenas 31 anos no mais populoso da cidade.

O fato de conter áreas de preservação e a presença da represa local são fatores que levaram ao adensamento populacional ao invés de afastar seus moradores. Isso porque tais características tornaram seus terrenos mais acessíveis para as famílias que chegaram a partir da década de 1970, vindas de outras regiões

do país em processo de êxodo rural. Entre 1991 e 1996, a região do Grajaú recebeu cerca de 12.632 migrantes nordestinos (FOLHA DE SÃO PAULO, 2000).

Figura 4: Mapa da zona rural e urbana do município de São Paulo, plano diretor vigente (2014-2024)



Fonte: NAKAMURA, 2021, p. 234

Os elementos que caracterizam a formação e ocupação territorial do distrito apontam para o processo de segregação socioespacial, o que fragmenta as cidades, de acordo com a função que exercem dentro dos objetivos que regem as dinâmicas sociais urbanas. Situação que implica na marginalização, favelização e adensamento populacional nas periferias.

Cada parcela das cidades possui elementos voltados à manutenção de suas funções: as casas, os serviços, a característica dos prédios, comerciais ou residencial, se são regiões planejadas, o poder monetário dos moradores, tudo isso reflete a função exercida por cada parcela urbana.

Mike Davis, em 'Planeta de Favelas', explicita a interferência da economia mundial nesses processos de segregação. Aborda inicialmente que...

parte do segredo é que as políticas de desregulamentação agrícola e 'descampesinação' impostas pelo FMI (e hoje pela OMC) aceleraram o êxodo da mão-de-obra rural excedente para as favelas urbanas, ainda que as cidades deixassem de ser máquinas de empregos. O crescimento da população urbana, apesar do crescimento econômico urbano zerado ou negativo, é a face extrema do que alguns pesquisadores rotularam de "superurbanização". É apenas uma das várias ladeiras inesperadas para as quais a ordem mundial neoliberal empurrou a urbanização do milênio (DAVIS, 2005, p. 195).

A aceleração dos processos urbanos e a forte concentração de gente nas periferias paulistanas são apontadas como resultados de contextos ainda maiores.

Na escala mundial: a interferência do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial nos processos de periferização dos países subdesenvolvidos. Em 1980, a partir da alavancagem da dívida externa dos países, reestruturaram as nações de acordo com os seus interesses particulares de instituições e organismos financeiros.

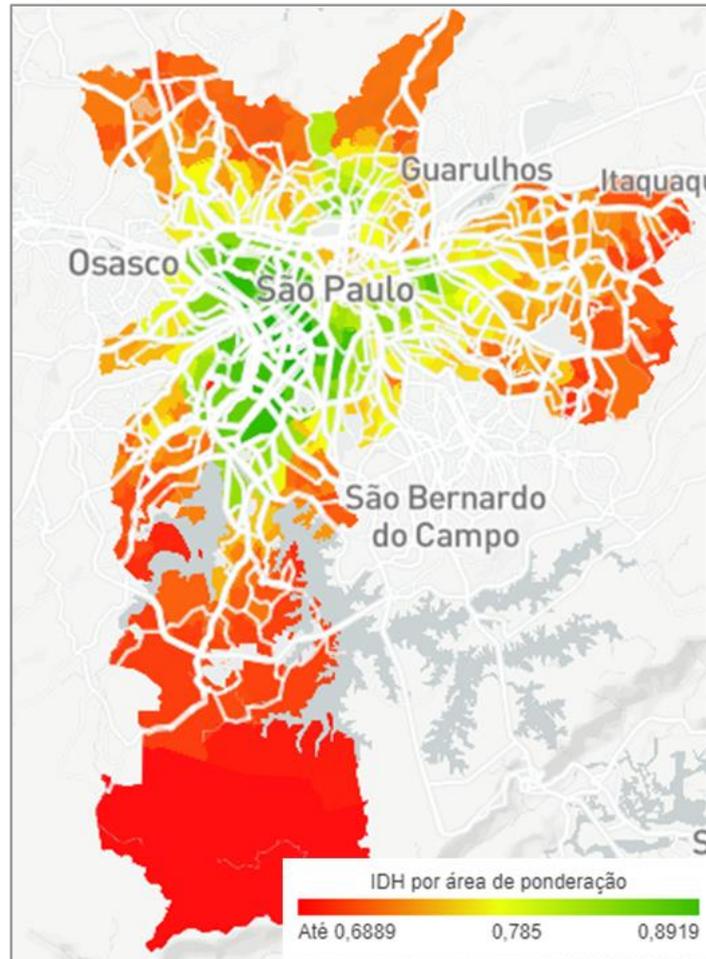
"Foi a época em que as favelas se tornaram um futuro implacável, não só para os migrantes rurais pobres, mas também para milhões de habitantes urbanos tradicionais, desalojados ou jogados na miséria pela violência do 'ajuste'" (DAVIS, 2005, p. 203)

O êxodo rural, portanto, é um processo de migração das populações que residiam no interior do país e se deslocavam para os centros urbanos, condicionadas pela concentração de trabalho, serviços, mercadorias e infraestrutura nas grandes cidades. É o que consolidou São Paulo como a maior cidade da América do Sul.

A construção histórica do Grajaú, distrito periférico de São Paulo, certamente auxilia a compreensão do porquê de alguns índices apontarem para um desenvolvimento fragilizado das condições econômicas, políticas e sociais vivenciadas no território.

Em mapa elaborado pela *Urbis*, empresa que presta serviços de pesquisas urbanas para o mercado imobiliário, o Grajaú está entre os distritos com menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), na cidade de São Paulo (figura 5). O índice é medido com base em dados de renda, longevidade e escolarização das populações residentes.

Figura 5: Mapa do IDH da cidade de São Paulo



Fonte: URBIT, 2020

O mapa comunica os processos de segregação urbana. As periferias da cidade reúnem os menores números de desenvolvimento, enquanto as áreas centrais parecem proporcionar maior acesso à escolaridade e renda, com isso os indicadores são os mais elevados.

Quanto mais próximo de 1, maior o indicador de desenvolvimento. No caso do Grajaú está entre o intervalo de 0,6, mais baixo do território, enquanto o indicador mais elevado é 0,89. A localização do distrito na cidade, sua disposição espacial e a quantidade de moradores resultam de processos históricos fundantes da realidade vivida pela população, que tem sua existência regida por essas dinâmicas. Como consequência, esses fatores estão presentes na expressão subjetiva dos moradores que dão vida ao Grajaú.

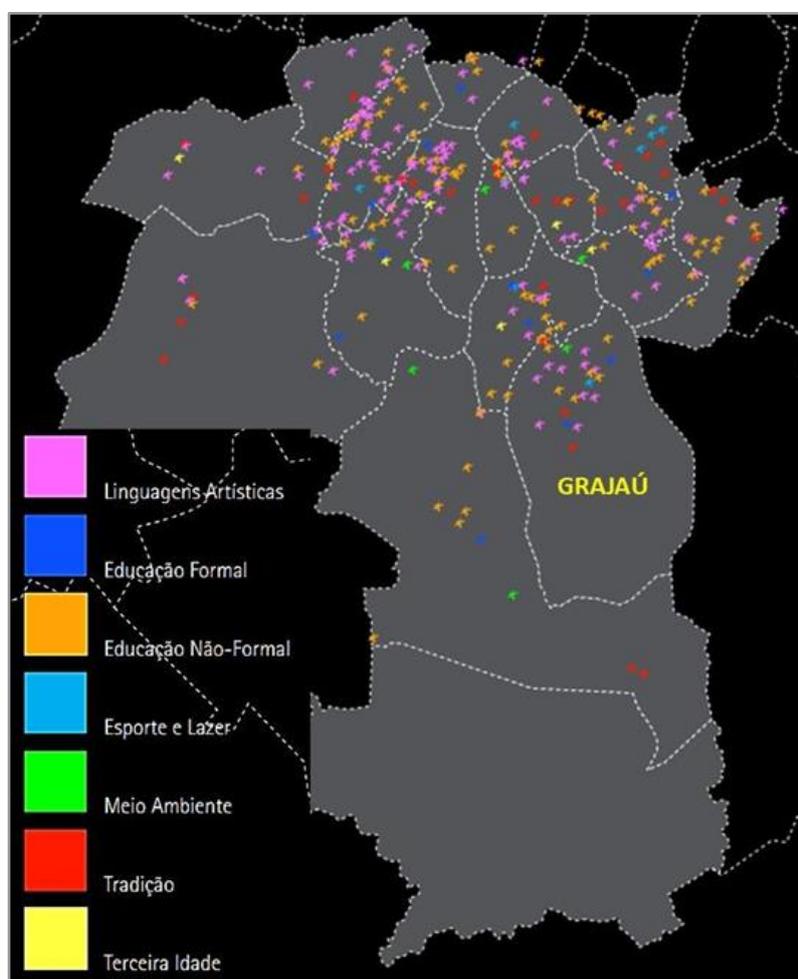
Essa efervescência de pessoas, que dividem as mesmas situações de precariedade, dá origem a movimentos que buscam mudar a realidade a partir de iniciativas de promoção cultural, artística e educacional no território, como aponta o

relatório técnico do estudo de mapeamento sociocultural 'Santo Amaro em Rede – Culturas de Convivência' (2011).

Nele o Grajaú é apontado como o terceiro território que mais concentra grupos artístico-culturais organizados, com 29 grupos identificados, atrás apenas do distrito Campo Limpo, com 31 grupos, e Jardim São Luís, com 30 grupos. (o que demonstra a figura 6).

A pesquisa em questão, elaborada através da parceria do SESC¹ Santo Amaro com o Instituto Pólis, objetivou mapear uma rede de movimentos artísticos organizados no contexto da zona sul de São Paulo. Já no período de realização do estudo, entre 2009 e 2011, o Grajaú concentrava 10% dos grupos culturais periféricos identificados.

Figura 6: Mapa da distribuição dos grupos pesquisados pelo mapeamento sociocultural 'Santo Amaro em Rede'



Fonte: Instituto Pólis, 2011, p. 73. Adaptado por Dayane Verneque, 2023

¹ SESC - Serviço Social do Comércio.

No mapa retirado do relatório, é possível observar que, no contexto da zona sul, o Grajaú apresenta uma concentração significativa de iniciativas culturais.

Os processos metodológicos que deram origem ao mapa revelaram uma rede de organização social construída a partir da parceria entre os artistas locais que, ao serem contactados para auxiliar a pesquisa, já apontavam outros locais onde também atuavam com arte e cultura.

O relatório adianta que inicialmente o objetivo era mapear Santo Amaro e as áreas de abrangência do SESC Santo Amaro, mas, após o contato dos pesquisadores com os moradores dos territórios envolvidos com os projetos culturais, uma rede de conexão artística foi demonstrada, o que ampliou a área de mapeamento para grande parte da zona sul paulistana. O mapeamento foi categorizado em sete gêneros de atuação.

No caso do Grajaú, eles foram identificados assim: 12 grupos de linguagens artísticas, 9 de educação não formal, 2 de educação formal, 1 de esporte, 1 de meio ambiente, 3 de tradição e 0 para terceira idade (Instituto Pólis, 2011, p. 164).

O estudo não detalhou quais foram as iniciativas identificadas, mas evidencia a espacialização de diversas iniciativas artísticas por parte da população residente na zona sul e, especificamente, no Grajaú.

Essa concentração de grupos artístico-culturais organizados demonstrada pelo mapa também chamou atenção de outros pesquisadores que se debruçaram sobre a temática da arte no Grajaú.

Por exemplo, a monografia de Marla Rodrigues, intitulada 'Grajaú: Cartografias e Identidade - mapeamento dos movimentos culturais do Grajaú e proposta de oficinas de cartografia coletiva', realizada em 2017 para o curso de Arquitetura e Urbanismo da USP².

A pesquisadora, que também residia no distrito, identificou o distanciamento dos moradores em relação à arte produzida no interior do próprio território. Dinâmica em que ela própria estava inserida, como indica na justificativa de seu trabalho (RODRIGUES, 2017, p. 19-20). Com isto, utilizou da cartografia como estratégia para reconhecer os espaços de arte e tentar formular maneiras de levar aos moradores esse conhecimento, através de oficinas que foram realizadas na I Mostra

² Universidade de São Paulo.

Cultural da Escola Estadual Adrião Bernardes, em outubro de 2016, no bairro Ilha do Bororé, no Grajaú.

As oficinas realizadas tiveram como foco o reconhecimento do território e dos processos que deram origem a ele, a identificação dos locais de moradia dos participantes da oficina, seus roteiros diários dentro do distrito, até a estruturação de uma árvore genealógica com os participantes, no intuito de reconhecer as raízes familiares de cada um.

Em todos os momentos foram utilizados elementos cartográficos para aproximar os moradores da leitura de mapas.

Já o processo de elaboração final do mapa construído pela autora, com a representação de alguns espaços promotores de arte e cultura no distrito (figura 7), não aconteceu nas oficinas.

Foi possível a partir do acesso a diferentes trabalhos de cartografia, como o mapeamento 'Santo Amaro em Rede' e o mapa 'Grajaú: território de artistas', sendo uma realização do coletivo 'Periferia em Movimento' e da plataforma 'SP Cultura'³.

³ Disponível em: <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/>

Figura 7: Mapa 'Grajaú: Atividades e Espaços Culturais'



Fonte: RODRIGUES, 2016, p. 70-71

É possível observar no mapa que, embora o Grajaú se constitua como distrito periférico concentrador de favelas e áreas nativas de vegetação preservada, existe um potencial artístico que se materializa no território e pode qualificar um uso que transcende às noções óbvias das relações que podem ser estabelecidas com os espaços periféricos, o que é possível de ser observado e apreendido a partir dos mapas.

São cerca de 60 pontos identificados, que não representam apenas locais fixos, mas a abrangência alcançada por alguns coletivos que realizam eventos em diferentes bairros, como o 'Pagode da 27' e 'Sarau do Grajaú'. São iniciativas que, embora tenham um local de referência, transitam pelo distrito, o que auxilia na criação de redes de contato e troca entre os coletivos e um maior alcance dos moradores.

A metodologia utilizada pela pesquisadora, além de consultar os moradores locais a partir do boca a boca, lançou mão de alguns mapeamentos anteriormente realizados no distrito.

Parte das informações foi retirada da plataforma 'SP Cultura', com dados referentes a locais culturais obtidos com o auxílio dos moradores. Trata-se de uma plataforma livre, gratuita e colaborativa criada pela Prefeitura de São Paulo em 2014.

Outro mapa utilizado como referência para consolidação do trabalho foi elaborado pelo coletivo de jornalismo independente 'Periferia em Movimento'.

O referido coletivo divulgou, no dia 21 de setembro de 2016, um mapeamento com mais de quarenta localizações de espaços voltados à promoção da arte no distrito.

O mapa 'Grajaú, território de artistas' (figura 8) é resultado de um mapeamento colaborativo elaborado junto a moradores da região, entre julho e setembro de 2016, a partir de oficinas de multimídia oferecidas pelo coletivo e realizadas junto ao Centro Cultural Grajaú.

Figura 8: Mapa – Grajaú território de artistas



Fonte: 'Periferia em Movimento', 2016

No mapa coletivo elaborado pelo 'Periferia em Movimento' estão evidenciados muitos grupos organizados do Grajaú, como o 'Pagode da 27', o 'CAPSArtes' e os 'Meninos da Billings'. Além de locais voltados à produção cultural como o Circo Escola e o Centro Cultural Grajaú.

O coletivo, que já havia desenvolvido, durante o ano de 2015, o projeto 'Cultura ao Extremo', junto com a revista Expressão Cultural Periférica e apoio financeiro do Programa Agente Comunitário, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, procurou fazer um mapeamento dos locais de arte e cultura presentes

no extremo sul da cidade. O projeto não divulgou um mapeamento síntese, porém contou com reportagens sobre alguns de seus trabalhos identificados⁴.

A realização de trabalhos do tipo, voltados ao mapeamento da arte e da cultura no distrito, se expõe o desconhecimento da existência de iniciativas artísticas na região por parte de alguns moradores, também pode induzir alguns grupos organizados a discutir e formular estratégias para melhor divulgar e popularizar suas atividades de cultura e arte acontecidas nas favelas do Grajaú.

A mobilização gerada por esses encontros cartográficos igualmente pode gerar novas maneiras de enxergar o território, a partir da apresentação de elementos anteriormente ignorados, além de envolver diferentes grupos de moradores, como inspira a imagem capturada por Rodrigues (2017) numa de suas oficinas realizadas em 2016 (figura 9).

Figura 9: Morador do Grajaú a observar imagens de satélite do seu bairro



Fonte: RODRIGUES, 2016, p. 105

⁴ Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/categoria/projetos-especiais/projetos-em-andamento/cultura-ao-extremo/>

É possível perceber que os contextos de vida que se realizam no distrito inspiram a arte que é produzida ali, assim como a arte influencia as dinâmicas espaciais locais, o que pode indicar caminhos para entender: quais relações os habitantes constroem com o território? Por que esse fenômeno artístico se materializa no distrito? Ele é significativo na vida da população local? É capaz de romper com os ciclos de marginalização impostos pela cidade?

O nome de alguns coletivos carrega o território, como o 'Sarau Grajaú' e o 'Slam do Grajaú'. Outros grupos dão referência ao espaço como a Organização Não Governamental (ONG) 'Meninos da Billings', que atua com navegação e reconhecimento da represa. Também projetos como 'UniGraja', que aliam diversos desses coletivos, com intuito de construir salas a céu aberto em diferentes pontos do distrito para ensinar e desenvolver arte.

O ser humano é influenciado pelo espaço que habita, porque ali estão os recursos disponíveis para manutenção de sua existência. Suas escolhas estão condicionadas aos limites impostos pelos objetos à sua disposição. Assim, o espaço é igualmente influenciado pela forma de habitar do ser humano, um é resultado do outro. Fragmentam-se para, então, reunirem-se em unidade. Por isso, locais que possibilitem o encontro e a troca são importantes, pois eles permitem a associação, o reconhecimento e a ampliação das alternativas possíveis.

Um importante local de referência cultural no distrito, destacado nos mapeamentos por se configura como espaço público oficial e reconhecido é o Centro Cultural Grajaú, inaugurado em 2008 na região como Casa de Cultura Palhaço Carequinha.

O Centro Cultural é resultado da reivindicação popular para transformar um antigo local de comércio em uma casa de cultura. Atualmente, o Centro recebe diversos eventos como a Virada Cultural de São Paulo, shows, oficinas, apresentações circenses, saraus, bailes musicais, aulas de dança e música. A seguir algumas imagens das fachadas do Centro, fachada lateral (figura 10), fachada central (figura 11) e a fachada espelhada que caracteriza a entrada principal (figura 12)

Figura 10: Fachada lateral do Centro Cultural Grajaú



Fonte: Folha UOL, 2021

Figura 11: Fachada central do Centro Cultural Grajaú



Fonte: VERNEQUE, 2021, p. 108

Figura 12: Facha espelhada e entrada principal do Centro Cultural Grajaú



Fonte: VERNEQUE, 2021, p. 108

Em 2019 foi inaugurada a sala de cinema Sabotage (figura 13), compondo os espaços disponíveis no Centro Cultural para realização de atividades.

O nome da sala foi escolhido através de consulta popular, assim como os demais recintos do local. O que pode demonstrar a importância das referências próximas no processo de consolidação de localidades.

Em datas próximas, no dezembro de 2022, foi possível estar presente em diferentes eventos no Centro Cultural Grajaú.

São eles: shows de artistas famosos do movimento *hip-hop*, como o cantor *Black Alien* e Rashid, no dia 18, e Froid, no dia 17 (figura 14). Além de apresentações circenses gratuitas do grupo 'Arenas Circus', no dia 16. Um final de semana recheado de atividades culturais gratuitas no Centro Cultural, graças ao acesso a políticas públicas de fomento à arte.

Os shows gratuitos foram realizados a partir do Programa Território Hip-Hop, criado em 2021, resultado da luta histórica dos movimentos de arte.

Vale registrar que a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo dispõe do Núcleo de hip-hop, que é uma pasta voltada a pensar ações voltadas às linguagens do gênero.

O núcleo é responsável por executar a Lei N.º 13.924, de 22 de novembro de 2004, que instituiu a “Semana do hip-hop”, atualmente chamada de “Mês do Hip-Hop”. Em 2022, contemplou mais de 1.300 artistas via edital de credenciamento público (Prefeitura de São Paulo, 2023).

Em 2023, foi assinado o decreto federal N.º 11.784, de 20 de novembro de 2023, que dispõe sobre as diretrizes nacionais para as ações de valorização e fomento da cultura hip-hop.

O interesse das gestões de estado em investir na cultura a partir do hip-hop demonstra a importância do gênero para a população brasileira.

Além de reunir diversas vertentes e linguagens, o hip-hop é uma expressão artística que convoca os moradores da periferia a participar ativamente da produção de arte, uma maneira de aproximar a população geral daquilo que é realizado nas margens das cidades.

O programa Território Hip-Hop faz parte da Área de Cidadania Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, que visa, sobretudo, a participação popular na cena artístico-cultural da cidade.

Outra política importante para a disseminação da arte, que tem no Centro Cultural Grajaú um espaço de realização, é o Circuito Municipal de Cultura. Trata-se de uma “política de programação cultural circulante e descentralizada, contratando atrações em negociações otimizadas de cachês para apresentações em vários equipamentos da SMC e espaços públicos” (TJABBES, 2021, p. 63).

Com isto, os grupos contratados fazem uma espécie de “turnê” pelos espaços públicos da cidade financiados pela Secretaria de Cultura. Um desses pontos é o Centro Cultural Grajaú. Em 2022, foi possível assistir a uma apresentação circense que ocorreu no Centro, realizada pelo ‘Grupo Arena Circus’ (figura 15).

Figura 13: Entrada da sala de cinema Sabotage



Capturada por Dayane Verneque, 2022

Figura 14: Show do cantor Froid, no Centro Cultural Grajaú em 2022



Capturada por Dayane Verneque, 2022

Figura 15: Apresentação do Grupo Arena Circus, no Centro Cultural Grajaú, em 2022



Capturada por Dayane Verneque, 2022

É possível perceber a importância do Centro Cultural Grajaú para as organizações culturais do distrito e a influência que tem na cidade como um todo por ser um aparelho público institucionalizado.

Além dos eventos recebidos a partir da efetivação de políticas voltadas à arte e cultura, diversos coletivos possuem no Centro uma referência para a realização de seus eventos, como o 'Slam do Grajaú' e o coletivo 'Grajaú Rap City'.

Ambas as iniciativas datam de 2016 e se constituem como expressão do movimento hip-hop.

Os slams chegaram ao Brasil em 2008. Fazem um caminho muito semelhante ao rap, ao graffiti e ao street dance, que são vertentes do hip-hop que surgem nos contextos urbanos dos Estados Unidos durante a década de 1970. No caso do slam, começou na década de 1980 nos Estados Unidos e ganhou popularidade em países europeus como França e Alemanha, no início dos anos 2000 (R7 Notícias, 2017).

Segundo matéria do 'R7 Notícias', realizada a partir de uma visita ao 'Slam do Grajaú', em junho de 2017, durante as três etapas de competição do 'Slam do Grajaú', as poesias tratavam de temáticas como opressões de gênero, racismo, desigualdade social, o Nordeste, entre outros assuntos.

De acordo com a matéria, “quanto mais combativo fosse a poesia, maior era o engajamento do público”.

Essa afirmação feita pelo repórter Dalapola, responsável pela matéria, que compareceu ao evento, demonstra o impacto gerado pela produção dos artistas locais, isso porque exprimem parte da sua realidade experienciadas no interior do território, vivências que apenas os moradores locais são capazes de obter, pois surgem do cotidiano, do dia a dia integrado aos elementos dispostos no espaço. A origem familiar, a marginalização, a repressão, o cotidiano do trabalho, o que há e o que falta.

É justamente dessa composição que surge a necessidade de expressão artística, ou seja, a arte passa a ser uma nova maneira de interagir com a realidade espacial, toma forma de reivindicação, de luta por direitos, por participação e, principalmente, faz com que os artistas sejam vistos e ouvidos, e, quando a arte entra em contato com os sentidos, ela é capaz de mover o ser humano, inspirar novas ações, pensamentos e olhares.

A seguir, uma figura divulgada para engajar o evento realizado pelo ‘Slam do Grajaú’, em agosto de 2022 (figura 16).

Figura 16: 'Slam do Grajaú' realizado no mês do Hip-Hop, em agosto de 2022, no Centro Cultural Grajaú



Fonte: Redes sociais do 'Slam do Grajaú', 2022

O coletivo 'Grajaú Rap City' iniciou suas atividades em 2016, a partir da reunião de diversos artistas do território envolvidos com o cenário do rap, integrantes de batalhas de rima, artistas independentes, compositores, poetas, etc. O coletivo adquiriu projeção a partir da participação em editais de fomento público e o patrocínio de algumas empresas como *Vans* e *Estrela Bet*, que financiam a realização de alguns eventos.

No dia 13 de abril, o grupo comemorou o 6º aniversário (figura 17) com shows e apresentações de diversos artistas e, óbvio, muitas batalhas de *rap*, que são a essência do coletivo, caracterizadas pelo campeonato entre dois rimadores, que fazem suas rimas improvisadas para responder um ao outro. Conforme a reação do público, define-se o ganhador.

O grupo movimenta intensamente o cenário musical do distrito, com eventos mensais regulares, além de parcerias com estabelecimentos locais, onde são realizados shows e apresentações, tais como o restaurante *Graja Beer*. Além disso, o coletivo mobiliza artistas de renome para se apresentarem nos eventos, como a

dupla Tasha e Tracie, que tem músicas com milhões de visualizações. O próprio evento, realizado junto ao Território Hip-Hop, foi organizado pelo coletivo, com shows de artistas de fama nacional.

Figura 17: Palco do 6º aniversário do 'Grajaú Rap City', realizado no Calçadão do Centro Cultural local



Capturada por Dayane Verneque, 2023

O Centro Cultural Grajaú é cenário de diversos eventos, ponto de referência para muitos movimentos artísticos, exposições de arte, cinema, apresentações circenses, batalhas de rima e poesia. Resulta da luta local por mais aparelhos culturais institucionalizados.

Outro espaço de referência para o distrito é a Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio, fundada em 1998 pelos moradores locais, bem ao lado do Centro Cultural Grajaú. Em 2023 a Escola desfilou pela primeira vez no Grupo Especial, incluída no Carnaval do Sambódromo do Anhembi. (figura 18).

No site da Escola⁵, é descrita brevemente a história de formação do grupo. A partir de 1997, nasce a ideia de criar uma escola de samba no “distante bairro do Grajaú, para que os sambistas do extremo sul não mais tivessem que atravessar a cidade para curtir um bom samba”.

⁵ Disponível em: <https://www.escolaterceiromilenio.com.br/>

Mais uma vez as condições de marginalização influenciam as ações realizadas no Grajaú. Em 1999, é realizado o primeiro desfile nas ruas dos bairros locais.

Em 2001, acontece o primeiro desfile por uma vaga aberta para a Escola no atual grupo 4 da UESP (União das Escolas de Samba Paulistas).

Desde o início da trajetória do grupo, foi seu objetivo expandir e influenciar a cena do Carnaval de São Paulo e levar o nome do Grajaú junto a carnavalescos da cidade. Atualmente, a Escola mobiliza muitos moradores, desde os que compõem a agremiação até aqueles que frequentam os ensaios comumente realizados na Escola, no Centro Cultural Grajaú e no Calçadão do Centro.

Figura 18: Carro alegórico da Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio, no Sambódromo do Anhembi em 2023



Fonte: Site Carnavalesco, 2023

Outro grupo consolidado no Grajaú, que mobiliza musicalmente a região, é o 'Pagode da 27', que existe desde 2005, oficializada 'Roda de Samba da rua Manuel Guilherme dos Reis' – a conhecida "rua 27", antes considerada uma das ruas mais violentas da cidade, conforme registro na Prefeitura de São Paulo (2022).

Em entrevista para o grupo jornalístico 'Periferia em Movimento', um dos organizadores do evento afirmou que, "a Roda de Samba foi uma forma de resistência, de forma inconsciente, que aos poucos foi ganhando força das pessoas que estavam ao redor" (Periferia em Movimento, 2019).

De acordo com o site da Prefeitura de São Paulo (2022), o ‘Pagode da 27’ se tornou referência em toda a cidade. Transformou uma região violenta em centro artístico-cultural. Além disso, o grupo organiza trabalhos beneficentes voltados aos moradores locais, segundo relato de um integrante para a Prefeitura. Ele afirma que:

“A 27 faz esses trabalhos sociais desde seu primeiro ano de criação, arrecadando alimento e repassando às pessoas que vivem ali. Como somos do bairro, acompanhamos as pessoas e sabemos quem está precisando”, comenta o músico. “Hoje, depois de 17 anos, temos campanhas mais elaboradas - recentemente, tivemos duas, a Dignidade Menstrual e a Campanha do Agasalho”, finaliza. (Prefeitura de São Paulo, 2022)

O grupo identifica demandas do território e utiliza do seu trabalho para mobilizar os moradores em prol uns dos outros, além de trazer música e alegria para o dia a dia, ocupar espaços públicos como o Centro Cultural (figura 19) e as ruas dos bairros.

Todos os coletivos artísticos até aqui demonstram um potencial para identificar demandas comuns e organizar estratégias para supri-las a partir da arte.

Figura 19: ‘Pagode da 27’, no Calçadão do Centro Cultural Grajaú



Fonte: Periferia em Movimento, 2019

O Centro Cultural Grajaú, que reúne diversos grupos articulados, é resultado do engajamento de outro grupo histórico do distrito, o ‘CAPSArtes’⁶ (Centro de Arte e Promoção Social), um dos parceiros da presente pesquisa. Fundado em 1990, ele surge da necessidade de espaços voltados à produção artística, nasce dentro de

⁶ Disponível em: <https://www.capsartes.com.br/>

uma casa de família local, a família do cantor Criolo, chefiada por Maria Vilani, que mais tarde será professora no distrito.

O 'CAPSArtes' se volta à educação, a partir de oficinas de escrita e de Cafés Filosóficos dedicados a debater diversos temas e obras, também promove aulas de violão, música, entre outras modalidades culturais.

Além disso, o projeto conta com colaboradores das mais diversas áreas que promovem espaços psicoterapêuticos, treinamentos para iniciação e escrita científica, encontros para compartilhamento de poesias e demais textos autorais.

O grupo também é idealizador da Carreata Poética, evento que atravessa distritos da cidade com o intuito de popularizar e aproximar a literatura da vida das pessoas, através da declamação de obras com altos falantes acoplados em veículos que atravessam regiões de São Paulo. A inspiração vem das procissões religiosas, que acontecem em todo o território nacional, e também nas carreatas políticas, eventos típicos da ocasião de eleições.

Em 2020, ocorreu a 10ª Carreata Poética, em homenagem a Maria Carolina de Jesus, isso, durante a Virada Sustentável⁷ (figura 20). Por conta do contexto de pandemia naquele ano, a Carreata ocorreu em novo formato, sem aglomeração de pessoas, apenas com o veículo e o som, mas, comumente, dezenas de moradores se reúnem ao evento, há as declamações e as paradas em locais estratégicos para debaterem temáticas específicas. Trata-se de um acontecimento que mobiliza muitos bairros pelo modo como é conduzido.

⁷ "A Virada Sustentável é um festival que promove a conscientização sobre a sustentabilidade no Brasil. Desde 2011, o evento é organizado com a participação direta de ONGs, órgãos públicos, empresas, coletivos, movimentos sociais, escolas e universidades, que oferecem centenas de atividades relacionadas ao tema, desde palestras sobre o meio ambiente a shows e exposições. A organização da Virada é feita de forma colaborativa, com a coordenação de um instituto sem fins lucrativos que tem o mesmo nome do evento." (Estadão, 2016).

Figura 20: 10ª Edição da Carreata Poética em São Paulo, durante a Virada Sustentável em 2020



Fonte: Estadão, 2020

Outro projeto que carrega o nome do distrito e possui o objetivo de aproximar a população da poesia e da literatura em prosa é o ‘Sarau do Grajaú’. Inaugurado em 2014, o sarau ocorre mensalmente no bairro Parque Cocaia.

Em entrevista ao ‘Periferia em Movimento’, no ano de 2015, um dos idealizadores do projeto contou que, ao conversar com a dona do estabelecimento onde ocorre mensalmente o evento, ela perguntou “o que é um sarau?”, e foi aí que ele decidiu que seria ali a sede do coletivo.

Os saraus são encontros voltados a declamação de poesias, leituras de textos em prosa, obras autorais ou não. O importante é promover a reflexão dividida com o público. Além disso, na ocasião, também se apresentam cantores, dançarinos, atores que fazem monólogos. Trata-se, enfim, de um momento de reunião de diversas linguagens artísticas.

A ideia de usar o nome do distrito no evento surge do próprio envolvimento com o espaço local. Um dos idealizadores conta que...

O nome surgiu como provisório e acabou se tornando oficial. “Existem muitos coletivos dentro do Grajaú (...) e é impressionante que ninguém teve a ideia óbvia de usar o nome “Grajaú”. Não que sejamos mais criativos, mas a gente simplesmente se perguntou ‘Como vamos chamar?’ e saiu “Sarau do Grajaú”, porque a gente ia fazer no Grajaú e a partir do nome a comunidade se identificou. As pessoas falam Sarau do Grajaú e a gente faz no Grajaú, para o Grajaú, com o Grajaú” (‘Mídia Independente Desenrola Não me Enrola’, 2015)

A possibilidade de frequentar mensalmente um sarau pode modificar o dia a dia dos moradores locais. O Centro Cultural Grajaú, mais outros locais da região, já receberam o 'Sarau do Grajaú'. É uma possibilidade acessível e gratuita de aproximar as pessoas da poesia, da literatura em prosa, da leitura, da música, da dramaturgia, da coletividade.

Em projeto recente, o 'Sarau do Grajaú' organizou diversos documentários para contar a história de alguns territórios dessa região do extremo sul da cidade de São Paulo, isto a partir da ótica e da narrativa de moradores locais. Trata-se do projeto 'Acolhendo Histórias', desenvolvido em 2023 para registrar as histórias dos moradores e os trabalhos culturais desenvolvidos em seus territórios, como o bairro Ilha do Bororé e o distrito Marsillac.

Em vídeo de apresentação do projeto na plataforma YouTube, o proponente afirma que...

O 'Sarau do Grajaú' sempre trabalhou com a proposta de dar à comunidade o seu pertencimento, através da poesia, da sua arte, das suas referências, da sua oralidade, o que garante a cidadania. O 'Sarau do Grajaú' pretende brindar, através do seu projeto 'Acolhendo Histórias', os seus poetas, e fazer uma coletânea dos seus trabalhos, registrando num livro para a eternidade, para a posteridade. (Daniel Alexandrino, sobre projeto 'Acolhendo Histórias', 2022)

No Sarau, os autores lançam e expõem seus livros, os músicos aspirantes podem ter ali o lugar para soltarem sua voz ou mostrarem seu talento com um instrumento.

Por acontecer num bar, que reúne alimentos e bebidas para venda, o Sarau também alcança clientes desprentensiosos, que podem ser tocados pelas artes expostas, pelas falas e apresentações.

A itinerância também é importante. A possibilidade de ocupar outros espaços do distrito e mostrar o que é realizado pelo coletivo, quem sabe outras pessoas passem a frequentar, ou tenham a ideia de abrir um sarau próximo de suas casas.

A seguir, imagem capturada da edição de abril de 2023 do 'Sarau do Grajaú' (figura 21).

Figura 21: 'Sarau do Grajaú'



Capturada por Dayane Verneque, 2023

A 'UniGraja' ('Universidade Livre do Grajaú') constitui uma outra iniciativa, desde o ano de 2018, que reúne diversos coletivos e grupos organizados no distrito, com intuito de popularizar o trabalho realizado pelos artistas e mostrar para a população local que se trata de um grupo de profissionais, pessoas que se apropriaram de conhecimentos e técnicas para realizar e apresentar seus ofícios.

De acordo com o relato de uma ex-aluna do projeto, para uma pesquisa realizada entre 2020-2021 sobre territorialidade periférica, o contato com as aulas realizadas possibilitou a abertura de ideias e planos de vida.

A moradora do bairro Parque Residencial Cocaia conta que...

A 'UniGraja' foi um dos projetos mais importantes da minha vida e muito do que aprendi sobre a cultura local, sobre trabalhar com arte na prática e minha relação com o trabalho autônomo foram advindos das minhas vivências dentro deste projeto. (...) Em sua primeira edição, tivemos os coletivos 'Associação Esporte Clube Vila Real' (AECVR), 'Agência Cresce', 'Cooperpac', 'Ecoativa', 'Graja na Cena', 'Imargem', 'Meninos da Billings', 'Nois por Nois', 'Periferia em Movimento' e 'Salve Selva'. O projeto reunia os coletivos para oferecer oficinas, palestras, vivências e outras experiências que pudessem ensinar à população local o

conhecimento e as riquezas culturais que o Grajaú pode oferecer. Para participar do projeto você tinha apenas que se inscrever através de um formulário, mais por questões de controle de quantas pessoas participariam e era totalmente gratuito. (ARAÚJO in VERNEQUE, 2021, p. 81)

A gratuidade e a gama de serviços oferecidos pela 'UniGraja' caracterizou o projeto como um dos mais diversificados e complexos já realizados no território. A entrevistada e ex-aluna do projeto, que teve contato com as artes visuais a partir das aulas e das vivências que adquiriu nele, atualmente é formada em Design Gráfico e atua profissionalmente na área.

A seguir uma arte produzida pela entrevistada para o projeto da 'UniGraja' (figura 22).

Figura 22: Arte desenvolvida por aluna do projeto 'UniGraja' para divulgação das atividades



Fonte: Yasmin Araújo, 2019

Dentre os coletivos associados ao desenvolvimento do projeto 'UniGraja' está a ONG 'Meninos da Billings'⁸, que atua na área da navegação para aproximar os moradores da represa que os circunda. Criado em 2014, o projeto é parceiro de diversas iniciativas que atuam junto à represa de alguma forma, como é o caso da 'Rede Nois por Nois' e a 'Associação Imargem', parceiros dessa pesquisa, que serão trazidos ao diálogo no andamento deste texto.

⁸ Disponível em: <https://meninosdabillings.org/>

O projeto foi iniciado a partir do 'Remada na Quebrada', desenvolvido pelo ambientalista Ferrugem, principal nome do 'Meninos da Billings', covardemente assassinado em 2023, enquanto navegava na represa.

Desde então o projeto luta para manter-se ativo.

O 'Meninos da Billings' também atua junto a escolas e outras instituições educacionais, oferece aulas de navegação, que se configuram como uma experiência distinta daquela estabelecida pela moradia às margens das águas.

A proximidade com os elementos do espaço é importante para o estabelecimento dos trabalhos sociais desenvolvidos no território, porque são realizados por moradores locais que visam a comunicação com seus vizinhos e com os demais habitantes da cidade a partir do seu local de origem.

Por isso alguns projetos desenvolvidos no Grajaú carregam os traços da realidade vivida e os artistas carregam isso em seu trabalho, como Ricardo Negro, que adquiriu projeção nacional, chegou a fechar contratos para estampar a marca Havaianas com as suas obras inspiradas nas favelas (figura 23).

Figura 23: Obra de Ricardo Negro, artista nascido no Grajaú



Fonte: Matraca Cultural, 2021

Ricardo Negro é artista plástico e iniciou seu trabalho a partir do contato com o graffiti, no Grajaú. O artista já participou de exposições em Miami, nos Estados

Unidos, pela *Anthony Liggins Gallery 88*, e dentro de um hotel em Londres, no Reino Unido (Portal Terra, 2023). O espaço inspirou não apenas sua arte final, mas o impulso para lançar-se no trabalho artístico, conforme ele revelou ao portal Terra que foram as ‘pixações’⁹ presentes nos muros que o levaram a questionar o significado daquilo, a origem de tais expressões e como eram realizadas.

Ele conta que...

“Muita gente entende que a pichação é algo marginal, mas também é um meio de comunicação, protesto e arte. Através disso, um moleque pobre, preto e favelado, que não teria nenhuma oportunidade de pensar em ser artista, começa a ter o desejo de estudar”. (Ricardo Negro para Portal Terra, 2023).

O ‘pixo’ é caracterizado como arte de contestação, através de códigos compreendidos apenas por aqueles que são envolvidos de alguma forma com os movimentos que realizam as pinturas pelas paisagens urbanas. Foi a partir da arte viva no espaço que Ricardo a percebeu. Outros grupos também realizam obras visuais pelas ruas dos bairros do distrito, como os artistas independentes Jonato, Everaldo Costa, Ronaldo Costa e Paula Dias, que organizaram o projeto ‘Morro da Macumba’, realizado em 2008 nas ruas do bairro Parque Residencial Cocaia, no Grajaú.

Morro da Macumba era o nome do bairro anteriormente, por isso o projeto foi chamado assim: o intuito era contar a história do bairro a partir do cotidiano e das referências ao seu passado, com a linguagem do graffiti. Um grande mural foi realizado no decorrer da rua Travessa Arroio Irapuru, o que transformou toda paisagem local (figura 24). A rua, na época, não tinha asfalto, as casas de autoconstrução eram a principal característica visual e, depois, o mural passou a ser as pinturas das casas. O projeto recebeu financiamento do Programa de Valorização a Iniciativas Culturais (VAI).

⁹ Os termos ligados a ‘pichação’ e ‘pixo’, são escritos pelos envolvidos com ‘x’. Trata-se de uma palavra consolidada pelos movimentos de arte urbana, por essa razão, será adotada tal grafia.

Figura 24: Mural 'Morro da Macumba', no Parque Residencial Cocaia



Fonte: Plataforma Flickr, 2008

Voltado ao resgate da cultura enraizada na região nordeste e estabelecida em São Paulo, outro exemplo de coletivo que se organiza a partir de características do território é o 'Forró na Margem', que realiza bailes de vinil itinerantes pelos parques e espaços públicos do Grajaú, modo intencional de reanimar a prática do forró como arte e característica identitária.

Ocupar os espaços públicos presentes no Grajaú é uma valiosa forma de chegar aos moradores e intervir no cotidiano a partir da produção de arte. Os bailes são eventos que permitem a aproximação entre vizinhos, a convivência a partir de novos acontecimentos nos bairros. O Parque Residencial dos Lagos é um bairro do Grajaú que frequentemente recebe os eventos do 'Forró na Margem'.

A seguir, um flyer de divulgação do aniversário de 04 anos do coletivo, comemorado em dezembro de 2023 (figura 25).

Figura 25: Flyer de divulgação do aniversário de 04 anos do Coletivo 'Forró na Margem'



Fonte: Redes sociais do Coletivo Forró na Margem, 2023

A arte de divulgação do evento promovido pelo Coletivo 'Forró na Margem' traz elementos referentes à cultura da região nordeste, como o "chapéu cangaceiro" ou "chapéu Lampião", parte dos trajes do movimento cangaceiro que ocupou a Caatinga entre os séculos XIX e XX. Também é possível perceber a associação do coletivo a outros grupos e artistas organizados.

O Coletivo 'Forró na Margem' se associa a outros grupos organizados no Grajaú, como o 'O que Cabe no meu Prato', que procura desenvolver o contato com alimentação saudável e orgânica nas periferias, um dos parceiros presentes no evento de dezembro.

Parece que os coletivos organizados no distrito se apoiam mutuamente nos processos de execução dos seus trabalhos.

Outro movimento ligado ao 'Forró na Margem' é o '3 em 1 Gueto Sounds', um coletivo dedicado à música reggae e à promoção de bailes que reúnem diversas outras expressões musicais dentro do universo do gênero.

O modo de organização dos eventos é semelhante nos dois coletivos, que se organizam a partir de sistemas de som com base em vinil e uso de grandes caixas sonoras, nos espaços públicos de praças e parques dos bairros.

É possível observar, no *flyer* de divulgação de um evento realizado pelo coletivo de reggae, em novembro de 2023, no Grajaú (figura 26), que outros grupos musicais também são citados como organizadores, o que demonstra a mobilização coletiva necessária à existência desses eventos.

Figura 26: Flyer de divulgação de um baile promovida pelo coletivo, no bairro BNH, Grajaú



Fonte: Redes sociais do Grupo '3em1 Gueto Sounds', 2023

Os mapeamentos de arte e cultura realizados no contexto do Grajaú dificilmente contemplam elementos como os bailes itinerantes ou os graffitis que transformam paisagens fixas e residuais. Entretanto, são materializações da arte, por isso podem ser representados cartograficamente, já que os mapas parecem ser ferramentas úteis para o reconhecimento dos trabalhos culturais realizados.

As ações humanas sobre o espaço o caracterizam, assim como o espaço influencia as ações humanas.

É impactante viver no Grajaú. Os moradores não conseguem fugir desse contexto e realidade de feitos e fatos acontecidos, não porque são estéticos, mas

porque se trata do seu local de habitação, de morada, de rotina diária, onde se estabelecem as relações de vizinhança.

Por isso é tão marcante um graffiti que modifica a paisagem, um sarau que se realiza no bar ao lado de casa, as oficinas oferecidas pelos artistas locais, que favorecem o contato com informações e possibilidades novas.

Pensar estratégias de ampliação dessas realizações pela arte passa pelo processo de analisar os dados, de reconhecer o espaço, para que assim se torne possível o aprofundamento do que acontece. É importante sistematizar em dados os mais variados movimentos que ocorrem nos espaços do distrito. Embora os mapas se demonstrem estáticos, aquilo que está no conteúdo é sempre o movimento.

Por isso também é importante mapear os eventos itinerantes, os murais e obras de graffiti, indo além dos pontos fixos, das localizações constituídas, alcançar os outros elementos que igualmente compõem o espaço.

Pensar em ir além nesse intuito torna necessário construir junto aos moradores algo concreto, com base no cotidiano e naquilo que ele possibilita, o que o tempo e as circunstâncias algumas vezes ainda não permitiram.

Por sinal, a partir do desenrolar da pesquisa foi possível reconhecer alguns projetos ignorados, além de pensar formas de deixar os mapas mais didáticos para a leitura imediata dos locais de promoção artística.

Por conta disto, elaborou-se um mapa, semelhante aos mapas já expostos, pois se trata do mesmo território e do mesmo elemento de espacialização, mas com alguns outros fatores de referências espaciais, imagens e também uma frase importante na história do coletivo 'CAPSArtes' à procura de poetas, exclamação própria da origem do projeto (figura 27).

Figura 27: Mapa de localização de alguns movimentos de arte no Grajaú



Elaborado por Dayane Verneque, 2023

O uso das imagens para algumas localidades identificadas tem o objetivo de aproximar a leitura dos mapas das imagens cotidianas no distrito, para que o mapa trouxesse elementos familiares aos moradores. As cores também foram escolhidas em tons vibrantes, para melhor despertar a atenção do observador. Foram acrescentados alguns referenciais do espaço local como a Avenida Dona Belmira

Marin, principal via do distrito, e o Terminal Grajaú, para que a leitura e a compreensão do mapa acontecessem a partir de elementos presentes nas rotas vivenciadas e traçadas pelos habitantes da região.

Afinal, tudo se constrói na vivência diária. O mapa só não basta. O que importa é aquilo que ele mobiliza, aquilo que se faz a partir dele.

São muitos os projetos de arte no Grajaú. Esse capítulo não deu conta nem da metade deles, mas o intuito foi revelar a temática cultural, no distrito periférico banhado pela Billings, concentrador de imigrantes, rural e urbano, cheio de favelas e de arte.

II. O cotidiano na periferia urbana de São Paulo: uma leitura sobre o Grajaú

Enquanto isso, o cidadão comum se sente
ridículo

Não encontra paz no versículo

Batendo de porta em porta, debaixo do
braço, um currículo

Família inteira num cubículo

Depende do Ecad, depende do Green Card

E acorda cedo e dorme tarde

Completando o círculo vicioso, perigoso.

(Black Alien - From hell do céu)

Mesmo com tantos potenciais artísticos dentro do distrito, é muito comum que os moradores não conheçam o que é realizado localmente. O roteiro diário dos moradores do Grajaú não é contemplado pelo acesso constante a locais de arte, como demonstram as tabelas do projeto Mapa da Desigualdade da 'Rede Nossa São Paulo', que traz informações referentes a espaços de cultura e indica, em proporção, a existência de tais locais para cada 10 mil pessoas, nos distritos.

Dentre os espaços levantados como indicadores estão museus, cinemas, salas de shows, concertos e teatros, em que o Grajaú totalizou 0%.

Em relação a acervos de livros infanto-juvenis são 0,30%, com mais 0,13% dedicado ao acervo de livros para adultos. Há 0,79% de informações sobre equipamentos públicos de uso cultural. E 0,03% a respeito de centros, casas e espaços de práticas culturais ('REDE NOSSA SÃO PAULO', 2019, p. 50-57).

A ausência de espaços formais de acesso à arte, cultura e educação faz com que os artistas tenham que direcionar seus esforços para a criação de locais alternativos, enquanto os moradores se veem condicionados por fluxos diários comandados pela necessidade de sobreviver. O distrito mais populoso da cidade de São Paulo dinamiza muito o transporte público na cidade.

Segundo a CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), em 2017, houve um movimento de 63 mil pessoas diariamente na Estação Grajaú, terminal responsável pelos fluxos de trem e ônibus localizado no extremo norte do distrito. A estação atende a 33 linhas de ônibus com destinos ao centro, aos bairros do Grajaú e da região, isso de acordo com a SPTrans, empresa que faz a gestão do transporte

público em São Paulo. O Grajaú possui duas estações de trem em seu interior, o Terminal Grajaú e a Estação Vila Natal.

A infraestrutura urbana está voltada às demandas de locomoção impulsionadas pelo trabalho e pelo consumo. O transporte público nas periferias de São Paulo não dá conta do número de habitantes e funciona sempre com excessiva lotação de muitas pessoas no interior dos veículos. Essa antiga realidade caótica pode ser ouvida em letras de músicas como, por exemplo, 'O Trem', do 'RZO' ('Rapaziada da Zona Oeste'), lançada em 1997.

Pegar o trem é arriscado
Trabalhador não tem escolha
Então enfrenta aquele trem lotado
Não se sabe quem é quem, é assim
Pode ser ladrão, ou não,
Tudo bem se for pra mim
Se for polícia fique esperto Zé
Pois a lei dá cobertura pra ele
Te socar se quiser
O cheiro é mal de ponta a ponta
Mas assim mesmo normalmente
(...)
E aos milhares de todos os tipos
De manhã, na neurose, como
Pode ter um dia lindo
Portas abertas mesmo correndo
Lotado até o teto sempre está
Meu irmão vai vendo
Não dá pra aguentar, sim
É o trem que é assim, já estive, eu sei, já estive
Muita atenção, essa é a verdade
Subúrbio pra morrer, vou dizer é mole.

('RZO' - O Trem, 1997)

As condições de vida dos moradores que trabalham em regiões muito distantes dos seus locais de moradia e dependem do transporte público para locomoção são determinadas pelo tempo gasto no transporte.

Qual a qualidade do serviço prestado? Quais as condições financeiras que possibilitam ou impossibilitam o acesso a esses serviços? Quantos meios de locomoção são utilizados no trajeto? Enfim, são muitas variáveis determinadas pelo cotidiano vivenciado na cidade, que conduzem as condições de vida e experimentação do espaço urbano.

Por isso a música afirma que "morrer é mole", pois as condições são instáveis, mas a necessidade é diária. O fluxo de 63 mil pessoas diariamente, num terminal de ônibus e trem, demonstra a necessidade dos moradores de acesso ao transporte público, mas a relação com o serviço, no contexto do Grajaú, não é amigável e

tranquila, como demonstra um documentário desenvolvido por moradores do distrito, intitulado 'Terminal Grajaú: Humilhação Coletiva' (figura 28). Durante o breve documentário alguns moradores contam suas experiências com o serviço de transporte do Terminal Grajaú. A postagem do conteúdo data do ano de 2013.

Figura 28: Print Screen do documentário 'Terminal Grajaú: Humilhação Coletiva', que mostra os passageiros no trem



Fonte: YouTube, Canal 'Lutas & Lutas tá tenu', 2013. Capturada por Dayane Verneque em 2024

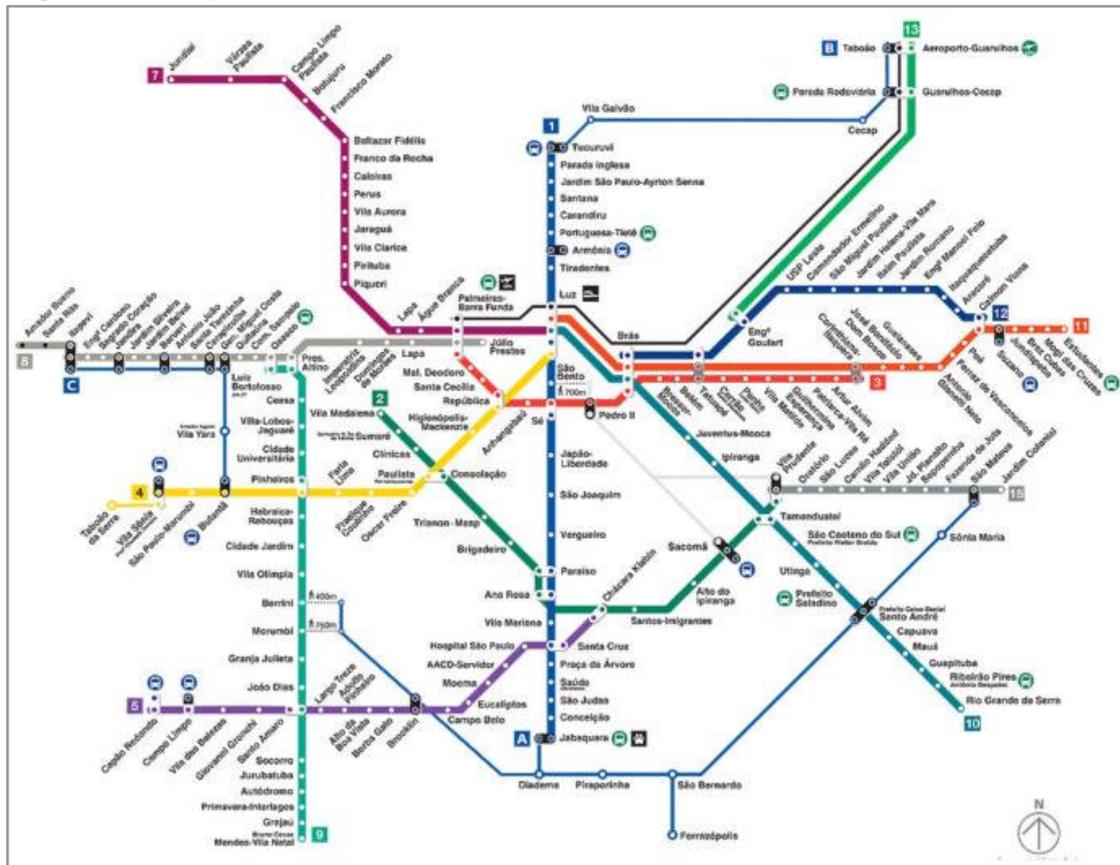
De acordo com relatos dos usuários do Terminal, muitos chegam a passar seis horas dentro do transporte público, três para chegar ao trabalho e três para retornar. Alguns passam quatro horas, saem de casa ainda durante a madrugada, por volta das quatro da manhã. Um dos moradores entrevistados afirma: “e só trabalha, trabalha e não... Tem nem tempo de estudar. Como? Sai de casa quatro horas da manhã, quatro tem que tá no ponto, dentro do ônibus, já. Se eu perder, sair de casa quatro, quatro e dez aí eu tô ferrado.” (Vídeo postado por morador do Grajaú, 2013).

Outro morador afirma, em diálogo dentro do ônibus: “três horas pra ir trabalhar, três horas pra voltar, chega no final do... Chega nos oitenta, noventa anos, se chega nessa altura, vai somar quanto tempo passou no ônibus, passou... 50% da sua vida foi no ônibus.” (Vídeo postado por morador do Grajaú, 2013).

Pouca é a margem de escolha ou negociação, pois os vínculos mais sólidos de trabalho estão nas regiões distantes das periferias. Afinal, são as regiões centrais

que concentram os serviços, o que pode ser observado no mapa ferroviário de São Paulo (figura 29).

Figura 29: Mapa das linhas de trem e metrô na cidade de São Paulo, em 2024



Fonte: Site Metrô CPTM, 2024

Ao observar o croqui, popularmente associado a um mapa por exercer a função de localizar determinadas estações na cidade, é possível compreender o centro de São Paulo como núcleo que converge todas os fluxos vindos da periferia: todas as linhas chegam de alguma forma ao centro da cidade ou se aproximam dele e garantem a baldeação.

São Paulo é uma cidade que possui intenso movimento populacional diário.

A massa trabalhadora que sai das periferias para dinamizar as áreas centrais não pôde parar durante a pandemia da COVID-19, período em que o Grajaú configurou o distrito de São Paulo com mais e maior movimentação populacional (UOL, 2020).

É difícil acreditar que as pessoas escolham livremente viver nessas condições de vida em seus contextos cotidianos. Isso porque, essas relações estabelecidas com o distrito e com a cidade, no tocante às relações de trabalho, expressam a

alienação da mão de obra que se concentra no Grajaú, obrigada a se locomover a longas distâncias diárias para acessar trabalho.

Ora, as periferias urbanas são regiões ocupadas por classes menos abastadas, que dificilmente desfrutam da possibilidade de possuir transporte próprio ou melhor maquinário que atendam às suas necessidades cotidianas de locomoção e vida.

Os moradores da periferia não são caracterizados pela detenção de posses ou heranças. Por essa situação vêm-se condicionados a relações de trabalho que nem sempre lhes concedem dignidade, o que tendem a consentir, submissas que estão à necessidade do dinheiro para a sobrevivência imediata. Assim o trabalhador se submete ao não trabalhador devido ao fato de não possuir os meios de produção (máquinas, ferramentas, instalações, etc.) para efetivar o seu trabalho cotidiano. (VIANA, 2012, p. 34)

Essa configuração, que se estabelece sobre as relações de trabalho, aliena as condições de vida dos moradores da periferia, o que significa que todo o dinamismo diário do indivíduo está sujeito ao vínculo estabelecido com a função que exerce para produzir dinheiro e subsidiar sua existência.

Os vínculos sociais são sempre uma realidade do tempo histórico presente, marcado pelo processo que origina a formação desigual do espaço geográfico, instrumentalizado a partir dos objetivos traçados por grupos que conduzem a organização do espaço, como o Estado, as instituições privadas prestadoras de serviço de interesse social, as indústrias.

Essas organizações possuem grande poder de intervir sobre as decisões de planejamento e condução do espaço social. Isso porque as ações executadas por elas se propagam no espaço global e local. São instituições presentes na existência de todas as pessoas que vivem na cidade: as grandes marcas, as empresas de tecnologia, de serviços de transportes, de roupas, comida, os bancos...

Nessa perspectiva, a cidade pode ser lida a partir dos processos que impulsionam a *reprodução das relações de produção*.

A manutenção da vida urbana está inteiramente direcionada ao consumo, ao trabalho, à produção de mercadoria, ao cumprimento de tarefas, alcance de metas, colocação no mercado, exercício de função, cargo, o carro do ano.

Em São Paulo, a maior capital do Brasil, as técnicas e tecnologias garantem extenso alcance do consumo, do trabalho e da produção. Isso pode ser visto nas

prateleiras dos supermercados, nos shoppings, nas vitrines e lojas: diversos produtos iguais produzidos aos montes para suprir a demanda do consumo de uma numerosa população.

Esse contexto massificador alcança as relações de trabalho, a dimensão da reprodução da vida, das relações sociais, do acúmulo, das faltas, da miséria e da fortuna. Tudo adquire grandes proporções. O que não é exclusividade de nosso tempo, a diferença é que, na atualidade, esses processos se tornaram globais.

A reprodução das relações de produção se desenrola sob os olhos de cada um, que se realiza em cada atividade social, inclusive naquelas aparentemente mais indiferentes (os lazeres, a vida cotidiana, o habitar e o habitat, a utilização do espaço (LEFEBVRE, 2020, p. 24)

Mesmo o tempo de lazer, o consumo de arte, o feriado com folga, o fim de semana com festa, tudo é conduzido pela reprodução das relações de produção. O momento de descanso está previsto no planejamento do calendário útil, o lazer implica o consumo, o acesso a serviços. Não importa a escolha, as condições são sempre determinadas pelas forças que conduzem o espaço com maior eficácia.

Dessa maneira, compreende-se a importância da dimensão cotidiana na análise dos processos espaciais urbanos, porque é a partir da análise dos fatores presentes no todo, nos ritmos de vida, na cidade, desde as periferias até os centros, é que se pode chegar bem próximo o suficiente para entender, prospectar ou mesmo indagar por que se vive dias tão árduos de trabalho nas favelas paulistanas? Por que o transporte tão precário é característica desses locais? A que se deve a perversidade evidente de instituições que poderiam movimentar essa realidade, alterar as condições dos serviços prestados, mas preferem minimizar gastos?

As condições vividas diariamente pela população economicamente ativa do Grajaú, não são encaradas como escolha autônoma, mas uma necessidade. O trabalho alienado se caracteriza pelo fato de o trabalhador não possuir a direção de seu processo de trabalho e que neste processo ele é dirigido por outro (VIANA, 2012, p. 32).

Há um distanciamento da classe trabalhadora de decisões que conduzem os espaços. Não é acessado o processo inteiro da produção de bens e mercadorias. Efetiva-se a função que faz parte de um setor e que, por sua vez, está no andar responsável por tal área. Tudo se fragmenta para dinamizar o todo. Nesse sentido, tudo que é resultado dessas relações distantes de trabalho e produção torna-se alheio de algum modo para o trabalhador, que efetivamente não se sente integrado:

O conjunto dos trabalhadores não só não possui percepção da totalidade do processo de produção, como também não dirige seu trabalho e seus produtos, bem como tanto um quanto o outro lhe é alheio, pertence a outro. Esse conjunto de determinações é que possibilita a emergência do fetichismo da mercadoria. (VIANA, 2012, p. 37)

O fetichismo da mercadoria se constitui como mecanismo de manutenção das relações perversas de produção, a partir da supervalorização do consumo, das mercadorias, dos bens e posses.

Quanto mais privado, mais moderno, mais caro, mais atualizado, mais distante, mais almejado. Sugere atribuir valor para além do que é real ou acessível, justamente porque o trabalhador, nesse caso, está condicionado à precariedade, à marginalização, à falta, à distância, ao cotidiano enfadonho.

Por isso, o consumo e a possibilidade de acessar aquilo que é construído alienadamente dá sentido ao trabalho, à possibilidade de adquirir, ao esforço para ganhar algum dinheiro.

O cantor Criolo expressa um pouco dessa realidade na música 'Grajaúex', em que canta "é o ouro branco, o pó mágico e o poder de um *Rolex*. Na favela, com fome, atrás dos *Nike Air Max*".

O *rolex* e o *nike air max*, citados pelo artista, se referem a mercadorias como relógios e tênis, que atraem a população periférica, apesar de serem outras as prioridades que se apresentam no cotidiano.

O chamado '*funk ostentação*' está carregado de influências do fetichismo da mercadoria no imaginário dos moradores da periferia urbana. Outros gêneros musicais também reproduzem esses anseios pelo consumo de grandes marcas, porém, o funk, mesmo tendo passado por classificações devido a essa característica, trata-se de um gênero essencialmente marginal. As letras mencionam marcas caras, grifes, serviços exclusivos e são reproduzidas às alturas pelas ruas periféricas da cidade.

Algumas músicas de grande repercussão como 'Plaquê de 100', do cantor MC Guimê, com oitenta e oito milhões de visualizações na plataforma YouTube, reafirma o consumo como condutor do estilo de vida esperado: "contando os plaquê de 100, dentro de um Citroën. Aí nós convidamos, porque sabe que elas vêm. De transporte "nóis" tá bem, de *Hornet* ou 1100, *Kawasaky*, tem Bandit, RR tem também" (MC Guimê, 2012).

Outra música com milhões de visualizações nas plataformas e que pode exemplificar o anseio pelo poder a partir do dinheiro e do consumo é 'Eu Sou Patrão Não Funcionário', do artista Menor do Chapa, em que ele afirma: "Eu sou patrão não funcionário, meu estilo de vida é foda (...) A nossa roupa é da *Ed Hardy*, Rio Local ou da Armani. O bonde tem um Audi, um Veloster e um *Megane*. Eu tô portando a *Captiva* com som de duzentos mil" (Menor do Chapa, 2012).

O dinheiro regula todo o funcionamento do território, desde os fluxos de trabalho até as produções culturais, o que gera a sensação de instabilidade, falta de controle sobre o próprio destino. A única maneira de manter-se é incluir-se nas dinâmicas urbanas, que coletivizam as incertezas e alargam as vulnerabilidades sobre todos os vizinhos...

Hoje, sob a influência do dinheiro, o conteúdo do território escapa a toda regulação interna, trazendo aos agentes um sentimento de instabilidade, essa produção sistemática de medo que é um dos produtos da globalização perversa dentro da qual vivemos, esse medo que paralisa, esse medo que nos convida a apoiar aquilo em que não cremos apenas pelo receio de perder ainda mais. (SANTOS, 2011, p. 19)

O dinheiro é o centro da vida social, do cenário das relações, do fim das ações e esforços diários. Dessa maneira, a periferia é conduzida ao invés de conduzir-se. Essa falta de coesão social apaga as pessoas do processo, afasta os seres humanos envolvidos e aproxima-os da mercadoria.

A afirmação de que "apoia-se aquilo em que não se crê, pelo receio de perder ainda mais", talvez esteja ligada à ausência de reação, à estagnação de parte da população, que vem do próprio sentimento de instabilidade, apontado como consequência da falta de regulação interna, autonomia, coletividade, poder de decisão e ação na condução do território.

Muitos elementos presentes no cotidiano do Grajaú são originados fora do distrito, como é o caso da migração, o trabalho exercido nas áreas centrais da cidade, o consumo de marcas e produtos de grandes empresas estabelecidas fora do território.

Essas condições influenciam o olhar que a população constrói sobre seu espaço de habitação, que se realiza no cotidiano, na vida diária, na ação social contínua. Ou seja, a forma de enxergar o território interfere na sua condução e crenças, que são construídas com base nas relações que se estabelecem.

Na música 'Periferia é Periferia (Em Qualquer Lugar)', o grupo 'Racionais MC's' descreve um pouco da vivência de trabalhadores periféricos e a relação que estabelecem com o local:

(...) o chefe da casa, trabalha e nunca está
Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar
O trabalho ocupa todo o seu tempo
Hora extra é necessário pro alimento
Uns reais a mais no salário, esmola do patrão
Senhor milionário!
Ser escravo do dinheiro é isso, fulano!
360 dias por ano sem plano
Se a escravidão acabar pra você
Vai viver de quem? Vai viver de que?
O sistema manipula sem ninguém saber
A lavagem cerebral te fez esquecer
Que andar com as próprias pernas não é difícil
Mais fácil se entregar, se omitir
Nas ruas áridas da selva
Eu já vi lágrimas, suficiente pra um filme de guerra
Aqui a visão já não é tão bela
Não existe outro lugar.
Periferia é periferia (é gente pobre).
Um mano me disse que quando chegou aqui
Tudo era mato e só se lembra de tiro, aí
Maluco disse que ainda é embaçado
Quem não morreu, tá preso sossegado.
Quem se casou, quer criar o seu pivete ou não.
(Racionais MC's - Periferia é Periferia (Em Qualquer Lugar), 1994)

As relações de trabalho que conduzem o cotidiano nas periferias da cidade são descritas como fonte da falta de condução da própria vida do morador. As necessidades básicas, supridas a partir do salário, levam o trabalhador a se submeter a extensas horas de trabalho. O dia a dia no bairro é descrito como violento. A letra da música se refere às "ruas áridas", talvez ruas sem asfalto, e afirma que se ouvia tiros no passado, em época que era "tudo mato", e que atualmente não mudou tanto, alguns vizinhos já morreram e foram presos devido aos contextos.

Essas evocações do espaço físico, às ruas e à presença de vegetação reafirmam a condição de marginalização vivenciada no contexto da cidade, já que a letra se refere ao Capão Redondo, também na zona sul de São Paulo, durante a década de 1990.

O distrito se localiza às margens da represa Guarapiranga e concentra populações de baixa renda. Se consolidou em períodos e processos semelhantes ao Grajaú.

A vida urbana não prioriza as demandas da periferia, como melhores condições de transporte ou maior oferta de empregos em locais próximos, mas ela

facilita os acessos àquilo que é ofertado como mercadoria, resultado do trabalho alienado, que provém do povo e é direcionado para suprir demandas da cidade globalizada, que concentra os serviços, as tecnologias, os lazeres, as mercadorias, e generaliza a precariedade, a rotina exaustiva de trabalho, a falta de acesso...

Todas as relações tomam a forma da dependência, da tutela, da concessão e do favor. Isso significa que as pessoas não são vistas, de um lado, como sujeito, autônomas e iguais, e, de outro, como cidadãs e, portanto, como portadoras de direitos. É exatamente isso que faz a violência ser a regra da vida social e cultural. (CHAUÍ, 2008, p. 70)

O abismo social, que engole grande parte da população periférica, resulta em processos ligados à violência e à criminalidade. Porém, a imposição de um dia a dia exaustivo, que desconsidera as necessidades básicas humanas, a falta de poder de escolha e decisão, o estresse diário de exercer uma função longe de casa e depender de transporte público compartilhado com milhares de pessoas, a necessidade de sair de sua terra natal para residir em uma periferia urbana de uma grande capital, tudo isto também pode e deve ser lido como violência, pois são dinâmicas geradoras de sofrimento e angústia.

A cidade impõe hierarquias violentas que só podem ser alteradas a partir da adoção de novos pontos de vista sobre os territórios e seus usos. Isso porque é necessário estimular as pessoas para além daquilo que é aparentemente óbvio devido à realidade do consumo, do trabalho intenso e da precariedade. Apontar para a população que há mais do que uma rotina vivida que reduz seus potenciais oculta o que é belo e explora as suas forças, a necessidade e as vontades.

Reduzir as periferias à condição de mão de obra, à vulnerabilidade e à violência é deixar de enxergar os potenciais de desenvolvimento humano contidos nesses territórios, o que implica em deixar de construir, de expandir, de alterar a realidade com base nessas alternativas já existentes no Grajaú, mas por vezes ignoradas.

Quais são as possibilidades que se apresentam para viabilizar a apropriação desses processos e a construção de novas realidades cotidianas vividas nos territórios? Como construir possibilidades para mobilizar e enxergar as alternativas criadas pelos grupos artísticos locais? Um território tão populoso, em extensão tão vasta, que contempla zona rural e urbana, com certeza, é resultado de complexos processos, o que exige esforço de reflexão dos fatores que resultam na realidade vivida.

Por essa razão, o movimento regressivo-progressivo foi adotado e conduzirá a escrita, na tentativa de compreender: de que maneira a arte constitui os processos de formação do espaço? Como a vida cotidiana no Grajaú possibilita o surgimento dos movimentos de arte? Como esses movimentos se relacionam com a população? O que mobilizam?

Será que representam alternativas de romper com a alienação cotidiana que envolve grande parte das quase quatrocentas mil pessoas que vivem no Grajaú? Por que, mesmo com tantos movimentos de arte, cultura e educação, os indicadores demonstram poucos espaços de promoção cultural presentes no distrito? Trata-se de formação do espaço, portanto, se envolve muitos agentes produtores do espaço, quem são os envolvidos nesses processos? Como se relacionam?

A compreensão do presente foi abordada a partir da arte e do cotidiano na perspectiva do trabalho e das dinâmicas da cidade, conduzidos para a reprodução das relações de produção, o que, entretanto, não basta!

A realidade é resultado do processo histórico. Assim como todas as coisas são alteradas no tempo, as pessoas não nascem e se desenvolvem até a vida adulta ou à velhice do nada. Existem diversos processos materializados no próprio corpo, nas fases da vida, no tempo útil dos objetos, nas técnicas disponíveis que se “modernizam” no espaço inteiro.

Situação que reivindica um retorno ao passado, a partir de informações e estudos sobre a formação espacial do Grajaú como distrito de São Paulo, suas histórias ligadas à delimitação administrativa e aos processos de ocupação populacional.

Passo seguinte, cabe associar tais processos a alguns movimentos de arte, cultura e educação, que se organizaram no território há algumas décadas e foram consolidados como grupos importantes no cenário artístico do Grajaú.

A partir da conversa com os artistas e educadores, que compõem esses grupos organizados no Grajaú, cabe relacionar suas histórias pessoais com tais processos de formação do território e a influência que os movimentos de arte tiveram na construção do distrito: na alteração de paisagens, na identidade construída pelos moradores, nos eventos que alteram as dinâmicas cotidianas, na presença que evocam do Estado a partir da luta por acesso a políticas públicas capazes de possibilitar a manutenção de tais iniciativas culturais.

São muitos os agentes envolvidos nesses processos, por isso a análise nos conduz às estratégias possíveis de ação indicadas pela Geografia, para evidenciar e expandir os usos potenciais do território, presentes no cotidiano, mas não propriamente destacados por ele.

A bem da verdade, se sabe que a arte, no Grajaú, é construída como forma de resistência aos processos de sufocamento da periferia. É luta por participação, cidadania e emancipação. Por isso precisa ser conduzida estrategicamente, o que, assim sendo, nos leva à cartografia.

Imagem retirada da Plataforma Flickr de Maíra Soares.



Projeto 'Morro da Macumba' realizado no bairro Parque Residencial Cocaia – Grajaú, em 2008.

2º MOMENTO – O passado

Não há como alterar o passado. O deus tempo é implacável, onisciente, onipresente, onipotente. Não pode ser impedido de realizar-se, pois todos estão condicionados a ele. Entretanto, o tempo também é generoso, estende diante de todos infinitas possibilidades de ação e sempre deixa em aberto a oportunidade de fazer diferente.

É a partir do passado que se pode compreender o presente e pensar o futuro. A idade que se tem, os vigos e fraquezas de saúde, as habilidades e as deficiências, os anseios e os sonhos, até a forma como se anda e se fala, tudo está fundamentado nos processos do tempo. Tudo é resultado do passado que um dia foi presente vivido.

Por isso, para compreender o contexto artístico que envolve todo o território do Grajaú, é necessário aprender parte da história de formação do distrito, dentro da consolidação da cidade de São Paulo e como a arte foi e é realizada a partir desses desdobramentos.

Trata-se de uma história densa movida por muitas pessoas e processos. Comunica-se diretamente com o espaço construído a partir do modo de produção capitalista, o que implica segregação, desigualdade, privatização, trabalho alienado.

Os moradores locais conseguem dar beleza aos massacres cotidianos. Impulsionam-se rumo ao futuro inspirados por dores do passado.

Se não houvesse esperança em fazer diferente, talvez os grupos não se mobilizassem.

III. A formação territorial do Grajaú

Eu classifico São Paulo assim: o Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.

(Carolina Maria de Jesus)

A ocupação social do que hoje representa o território administrativo do distrito ocorreu tardiamente em relação à história geral da cidade, que já existe há 469 anos. A partir de processos ligados a segregação socioespacial em São Paulo e o êxodo rural que ocorre no Brasil, desde a segunda metade do século XX, é que se inicia o adensamento populacional no Grajaú, um dos 96 distritos que compõem a divisão da cidade ordenada pela Lei Municipal nº 11.220, de 20 de maio de 1992.

A região onde o Grajaú se insere reuniu intensos fluxos de trabalho e moradia durante a segunda metade do século XX, consequência do Polo Industrial de Santo Amaro, que chegou a ser o segundo maior parque industrial da cidade de São Paulo, durante a década de 1970, com indústrias de vários segmentos, notadamente as indústrias têxteis e as químico-farmacêuticas (BORBA, 2019).

Santo Amaro foi uma região estrategicamente acoplada ao município de São Paulo em 1935. Tratava-se de um antigo município, fundado em 1832, limítrofe com a cidade paulistana.

A união dos dois municípios deu-se durante um período de instabilidade política, no contexto da chamada Revolução de 1930 que impôs Getúlio Vargas na Presidência da República.

(Vale registrar que, através do Decreto nº 19.398, de 11 de novembro de 1930, Interventores foram nomeados pelo Governo Federal para governar os estados do Brasil.)

Em 1934, Getúlio Vargas interditou de vez o uso do Campo de Marte, então o aeroporto paulistano. A decisão governamental - em parte justificada pela ameaça de possíveis alagamentos do aeroporto, causados por intensos temporais na região, fato já ocorrido no ano de 1929, devido às altitudes do terreno e a outras condições geográficas locais – se agravou, apressada como necessidade, devido às consequências do bombardeio sofrido pelo Campo de Marte em 1932, resultado da Revolução Constitucionalista, quando diversos pilotos ligados ao aeroporto

foram convocados para integrar o dito Movimento rebelde no estado, levante que pretendia a emancipação de São Paulo do restante do país. (VERNEQUE, 2021, p. 29).

Desde então começou a construção de um novo aeroporto, em terreno urbano mais apropriado, justamente na divisa entre São Paulo e a até então cidade de Santo Amaro: o chamado Campo de Aviação Congonhas, que iniciou suas atividades em 1934, mas só em 1936 foi inaugurado oficialmente como Aeroporto de São Paulo.

Vale acrescentar que as duas represas de abastecimento d'água de São Paulo estavam justamente dentro do território do município de Santo Amaro: as represas Guarapiranga e Billings. Significativa situação que, aliada a outras razões antes já expostas, fortaleceu a justificativa do interventor estadual, Armando Salles de Oliveira, para assinar o Decreto Estadual 6.983, de 02 de fevereiro de 1935, dispondo Santo Amaro como zona integrada à cidade de São Paulo.

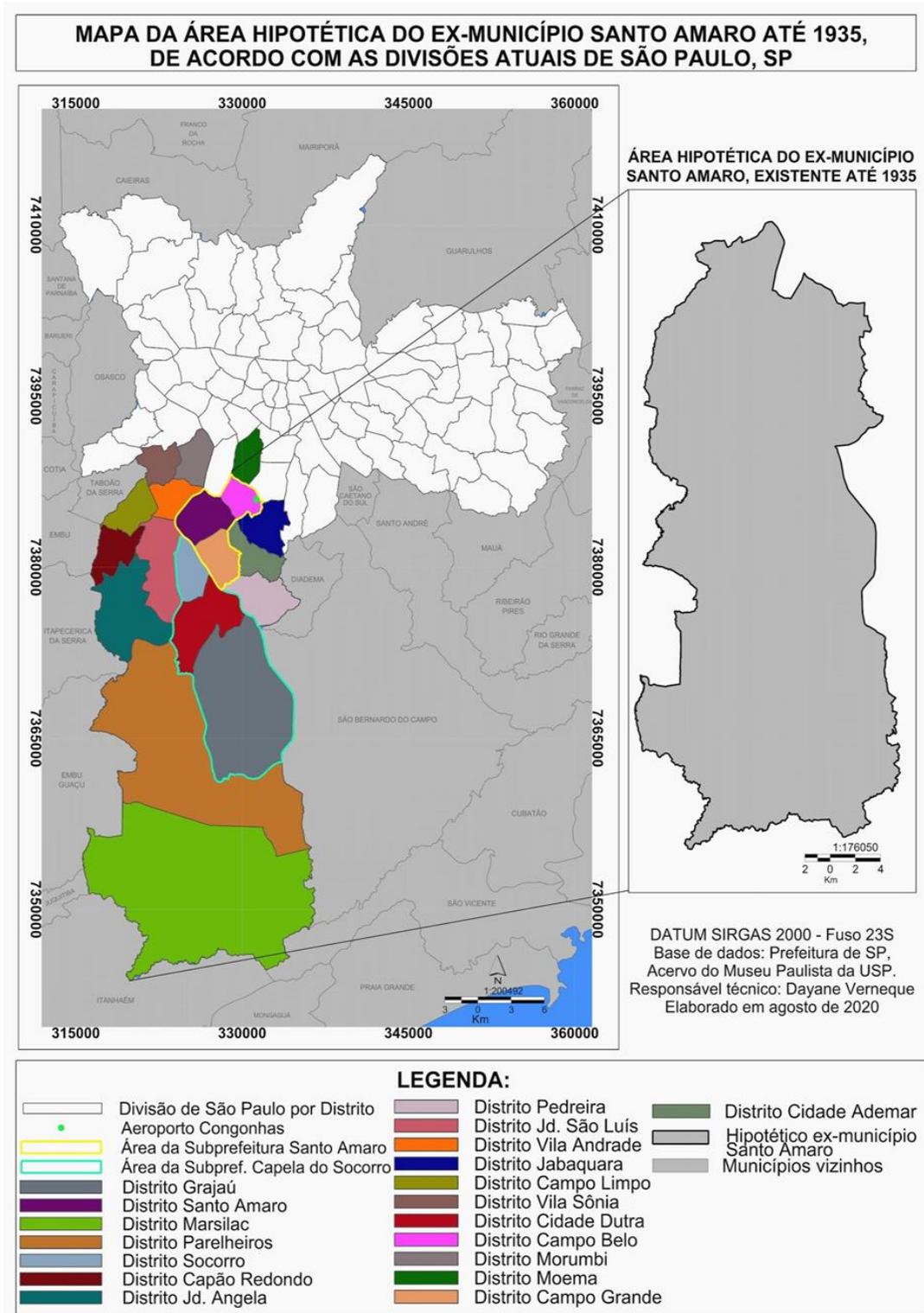
Ao observar a figura 30 - um mapa do antigo município de Santo Amaro, elaborado em 1938 pela já então subprefeitura de Santo Amaro anexada à Prefeitura paulistana - e compará-la com a figura 31 - um mapa das divisões mais atuais da cidade de São Paulo (ano de 2020) - é possível constatar a forte presença e influência da área do velho município de Santo Amaro no atual território paulistano. Trata-se de uma região que contempla quase toda a zona sul da cidade.

Figura 30: Mapa aproximado do ex-município de Santo Amaro, elaborado pela prefeitura de São Paulo, em 16 de agosto de 1938



Fonte: Acervo do Museu Paulista da USP, [s.d]

Figura 31: Mapa da área hipotética do ex-município Santo Amaro, com base nas divisões atuais do município São Paulo



Fonte: VERNEQUE, 2021, p. 27

O processo de industrialização brasileiro, na década de 1930, dinamiza o espaço a partir da concentração estratégica de bens de consumo e serviços na região centro-sul do país, o que passa a ser referência industrial, enquanto a região nordeste é estrategicamente desenhada como região de seca e de lento desenvolvimento.

As regiões, que anteriormente se desenvolviam “isoladamente”, passam a se integrar como consequência de uma política centralizadora, que fortalece o Estado unificado.

A forte concentração industrial em São Paulo amplia a necessidade de mão de obra. Isto gera uma intensa expropriação do trabalho dos habitantes de outras regiões do país. Leva à necessidade de migração, o que acontece a partir de fatores como a instalação de infraestruturas de integração garantidoras de certa mobilidade privilegiada para as metrópoles, tais como as ferrovias e rodovias, além de algumas políticas trabalhistas, implementadas pelo governo da época, o que torna mais atraentes os salários nas regiões urbanas industrializadas.

A industrialização da zona sul paulistana, em meados do século XX, tornou o Grajaú um distrito marcado pela habitação e exploração da força de trabalho dentro da dinâmica econômica de São Paulo...

A infraestrutura de transportes chegaria (...) impulsionando ainda mais a industrialização da região, por dois modais diferentes, o ferroviário com ramal de Jurubatuba, construído entre 1952 e 1957 e o modal rodoviário, fortemente incentivado pela política industrializante do governo Juscelino Kubitschek com a construção da Marginal Pinheiros na década de 1970 (BORBA, 2019)

A importância econômica de Santo Amaro, sua centralização de mercado, e a aproximação com as zonas mais desenvolvidas da cidade, foram catalisadores da ocupação populacional de todos os distritos ao redor, incluindo o Grajaú.

Diversos moradores inicialmente conseguiram trabalho nos centros comerciais de Santo Amaro (VERNEQUE, 2021, p. 29).

No artigo ‘Migração, Crescimento Econômico e Qualidade de Vida em Natal/RN’, apresentado no III Colóquio Internacional de Geocrítica, na *Universidad Barcelona*, em 2000, elaborado por Maria José Ramos e Rita de Cássia da Conceição, pelo departamento de Geografia da UFRN, é possível reconhecer parte desse processo demográfico na realidade nacional, o texto afirma que...

No Brasil, os movimentos migratórios têm envolvido, em maior número, pessoas de renda baixa que perdem as condições de trabalho em seus

lugares de origem e vivem no limite de sua sobrevivência. O destaque maior tem sido para os migrantes nordestinos que ficaram conhecidos popularmente como "retirantes". Esses, aos milhares, têm deixado o Nordeste em direção às áreas mais dinâmicas da economia brasileira (especialmente o eixo Rio/São Paulo), bem como, para as áreas de fronteira agrícola, na tentativa de sua sobrevivência (CONCEIÇÃO; RAMOS, 2000, s/p).

O êxodo rural pode ser interpretado como uma das consequências sociais da produção do espaço capitalista, que baseia seu funcionamento na concentração de serviços e bens de consumo nas grandes cidades, o que gera a marginalização do espaço rural, incumbido a realizar-se na inclinação de manter ativos os intensos fluxos dos núcleos urbanos, enquanto seu próprio funcionamento interno é afastado do planejamento.

É a mobilidade do trabalho que impõe os movimentos de migração a determinadas parcelas da população. A circulação e produção da força de trabalho, necessária à reprodução do espaço capitalista, que depende da manutenção da mão de obra...

Quando dimensionamos o contexto histórico no qual os nordestinos estão inseridos, vemos as condições políticas econômicas e sociais que "excluem" grande parcela dessa população dos elementos vitais de sua sobrevivência. Constatamos que essa migração é uma mobilidade forçada, uma estratégia que o capital usa para a sua reprodução. O capital acaba designando a esse grupo as áreas de destino, ou os chamados polos de atração, que no nosso caso é São Paulo (GOMES, 2006).

Os migrantes se veem condicionados a mudar em direção ao local que absorve o campo, transforma e concentra tudo: os grandes centros urbanos, "palco da atividade de todos os capitais e de todos os trabalhos, pode atrair e acolher multidões de pobres expulsos do campo e das cidades médias pela modernização da agricultura e dos serviços" (SANTOS, 2020, p. 323).

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o estado de São Paulo é o principal destino dos migrantes vindos da região nordeste, totalizando 5,6 milhões de habitantes do estado no ano de 2015, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Essa grande população migrante chega a São Paulo para trabalhar, mas possui apenas sua força braçal para oferecer.

Os processos urbanos que deram origem ao conceito de gentrificação também podem estar atrelados ao adensamento populacional no Grajaú. Trata-se da valorização econômica de determinadas áreas da cidade, em detrimento da desvalorização de outras, principalmente as zonas centrais, a desapropriação e a especulação de terrenos, a constante modernização presente na arquitetura, nos

prédios comerciais, na intensa verticalização, o novo padrão de moradia inaugurado nas grandes cidades, a localização industrial.

Todos esses processos afastam as populações pobres das áreas centrais da cidade, o que garante um espaço urbano cada vez mais desigual...

Ao fim ao cabo, a reestruturação urbana, na qual se insere o processo de gentrificação, contribui para produzir uma cidade extraordinariamente volátil, segmentada, fragmentada, descentralizada, amorfa e impressionantemente heterogênea nas práticas socioculturais, nos modos e estilos de vida e na organização espacial e na gestão de como o território é afetado para cumprir uma diversidade funcional cada vez maior (MENDES, 2011, p. 478)

O Grajaú, portanto, é território de migrantes de diversas regiões do Brasil, também das parcelas populacionais historicamente empurradas para as margens da cidade, dentre elas a população negra.

Segundo dados do projeto 'Mapa da Desigualdade de São Paulo', elaborado no ano de 2019 pela 'Rede Nossa São Paulo', o distrito Grajaú é o segundo em número de pessoas negras no município, sendo de 56,8% a taxa da população que se autodeclara negra (pretos e pardos) no distrito, atrás apenas do distrito Jardim Ângela, também localizado na zona sul, com 60,1% da população preta ou parda.

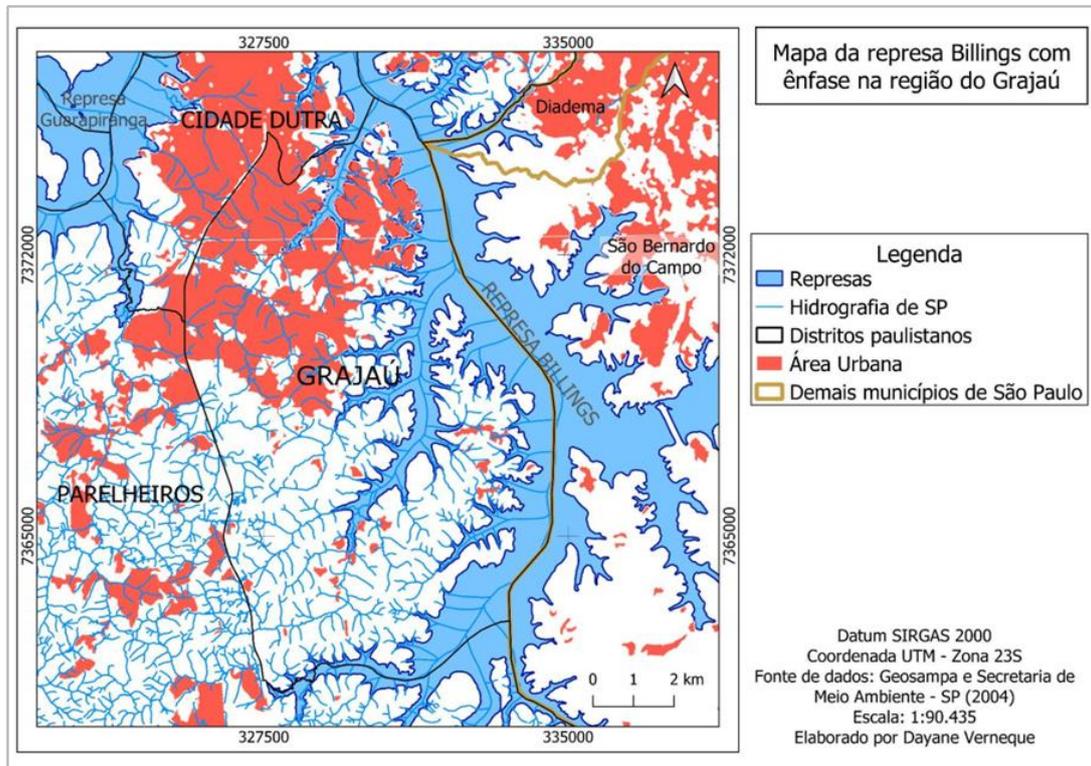
A região do Grajaú abrange parte da zona rural da cidade e tem seu território dividido pela represa Billings (figura 32), uma paisagem operacional construída para abastecer a cidade de São Paulo. A represa banha diversos bairros do distrito como Ilha do Bororé, Jardim Prainha e Parque Residencial dos Lagos. A represa Billings abastecia 7% da Cidade de São Paulo, em 2014, de acordo com a Agência de Notícias da USP:

As paisagens operacionais (...) estão compostas por infraestruturas sociais e técnicas enredadas umas nas outras em escala planetária, buscando atender às principais operações industriais, logísticas e metabólicas que apoiam e sustentam a vida urbana – incluindo a extração de recursos, a geração de combustível e energia, a produção agroindustrial e apropriação de biomassa, o transporte e as comunicações, assim como o abastecimento de água, o descarte de resíduos, entre outras práticas de gestão ambiental. (BRENNER, 2018, p. 240)

Essa configuração fortemente influenciada pelas condições físicas e naturais, fizeram do local uma área de lazer para as famílias paulistanas de classe média durante muitos anos, o que pode ser visto na configuração de bairros como Jardim Shangri-Lá, marcado pela presença de chácaras, reservas de mata atlântica e um grande parque público, ou nos nomes de bairros como Chácara do Sol, Chácara Lagoinha e Chácara Cocaia.

As condições naturais, como presença de mata atlântica preservada e a represa Billings, embora se trate de um represamento, garantem belas paisagens para a região. Nomes de bairros como o Jardim Recanto do Sol e Cantinho do Céu, podem ser indícios dessa realidade de belezas e contato com a natureza.

Figura 32: Mapa da área da represa Billings presente no Grajaú



Elaborado por Dayane Verneque, 2023

Se a distância dos centros comerciais foi vista como possibilidade de fuga e lazer para as classes mais abastadas da cidade, esse mesmo fator é impulsionador, no processo de ocupação das populações migrantes e marginalizadas que se instalam no Grajaú, pois os terrenos eram barateados por conta de sua localização às margens da cidade.

Os fatores físicos e naturais trouxeram a demanda de respaldos jurídicos para proteção das áreas que contemplam o Grajaú, por isso o território abrange uma APA (Área de Preservação Ambiental), a APA Bororé Colônia, formalizada a partir da Lei Estadual nº 14.162, de 24 de maio de 2006, com objetivo de proteger as áreas de mananciais e vegetação nativa da Mata Atlântica.

Há também a Área de Proteção e Recuperação dos Mananciais da Bacia Hidrográfica do Reservatório Billings (APRM-B), formalizada pela Lei Estadual nº 13.579, de 13 de julho de 2009, também chamada de Lei Específica da Billings, que

determina áreas para proteção ambiental, na busca de garantir a existência de vegetação que proteja contra a poluição os rios e a represa.

Os respaldos jurídicos, que contemplam regiões do Grajaú, determinam como irregulares a maior parte da ocupação por moradias, que não possuem escritura ou outra documentação pertinente, o que levou ao barateamento do preço desses terrenos.

Como não houve, desde o princípio, um aparato estatal que garantisse o direito à moradia para o fluxo constante de migrantes, que chegavam a essa localidade, a gênese urbana se deu a partir de ocupações ditas irregulares ou clandestinas (VERNEQUE, 2021, p. 34).

Segundo a Secretaria de Meio Ambiente de São Paulo, 94% da área da Subprefeitura Capela do Socorro, que administra o distrito do Grajaú, estão dentro de Áreas de Mananciais, e 51% da população local vivem nessas áreas (SMA/SP, 2017, p. 33).

O único bairro planejado no distrito Grajaú é o Conjunto Habitacional Brigadeiro Faria Lima, chamado pelos moradores de BNH¹⁰. Os outros bairros são formados pelo processo de favelização, que se caracteriza pela ocupação populacional intensa, falta de planejamento e pela autoconstrução (figura 33).

Figura 33: Favela do Sucupira em contraste com os prédios do Conjunto Habitacional Brigadeiro Faria Lima, ao fundo – Fonte: Portal Terra 2022



Fonte: Portal Terra, 2022

¹⁰ Talvez como referência ao Banco Nacional da Habitação - BNH, que deixou de existir em 1986. Tratava-se de uma empresa pública que atuava no financiamento de empreendimentos imobiliários.

No decorrer da história é possível perceber que diferentes funções são atribuídas aos locais e é sobre esses processos de definições funcionais distintas para as diferentes parcelas do espaço que se fundamenta a divisão social do trabalho que, “movida pela produção, atribui a cada movimento um novo conteúdo e uma nova função aos lugares” (SANTOS, 2020, p. 131).

Milton Santos, em sua obra ‘A natureza do Espaço’ (2020) afirma que os aspectos naturais e o meio ambiente construído são ‘formas herdadas’ que marcam o espaço nos diferentes momentos históricos e fixam-se no cotidiano das populações, o que consolida a divisão social e territorial do trabalho (*Ibid.* p. 140-141).

São essas formas geográficas herdadas que conduzirão aos novos usos e configurações espaciais, sejam elementos ligados à primeira natureza ou consequências de ações antrópicas.

A distância dos centros econômicos, a baixa densidade populacional e os fatores ambientais foram elementos cruciais para o barateamento de terrenos e loteamentos irregulares que se ampliaram no distrito com a chegada massiva de migrantes.

Portanto, o papel funcional do Grajaú, dentro da dinâmica socioeconômica de São Paulo, está marcado historicamente pela concentração da força de trabalho.

Trata-se de um distrito com característica residencial que reúne populações de baixa renda. É isso que torna o território um centro de convergência para pessoas de diversas regiões do Brasil à procura da possibilidade do trabalho, tão essencial na manutenção das vidas individuais e coletivas, logo, crucial no desenvolvimento da sociedade.

É somente a partir do trabalho que o ser humano produz sua vida, pois este permite a superação da natureza. É com ele que se refina a vida simplesmente natural, mesmo que dentro dos limites impostos pela própria natureza.

Na visão materialista dialética, a relação com a natureza é fundamental para todas as sociedades no decorrer da história e essa relação se consolida a partir do trabalho, logo, as relações fundamentais, em toda sociedade humana, são as relações de produção (LEFEBVRE, 2009, p. 65).

O materialismo histórico-dialético denomina de *forças produtivas* as condições naturais, a técnica, a organização e a divisão do trabalho social (*Ibid.* 2009, p. 66).

As condições naturais são os recursos presentes primariamente no espaço, anterior ao envolvimento do ser humano, portanto, os elementos da natureza, o solo, as formas terrestres, o clima, os corpos d'água.

Essas condições limitam e possibilitam o desenvolvimento das técnicas, as ferramentas e as tecnologias disponíveis para a superação da natureza e ampliação das possibilidades de vida.

A divisão do trabalho dentro das sociedades economicamente liberais está atrelada à propriedade privada. Isso quer dizer que o desempenho das funções de trabalho individuais e coletivas passa pela detenção ou não dos instrumentos e meios de produção.

Na prática significa que a parcela da população, a que possui e concentra bens, instrumentaliza a relação, fornece o local, o maquinário, o trabalho intelectual, enquanto a população, a que não possui bens, técnicas ou ferramentas para tal, oferece sua força de trabalho para que tais instrumentos sejam operacionalizados e a produção possa ser realizada.

“Os instrumentos e os meios de produção, ao se diferenciarem, caem em poder de grupos ou de indivíduos, eles mesmos diferenciados entre si. O território e a terra, sendo meios de produção, seguem o mesmo destino” (LEFEBVRE, 2009, p. 69).

A organização e divisão do trabalho social se consolidam no desempenho diferenciado das funções exercidas por cada indivíduo na sociedade, o que se materializa no espaço. Seja nos grandes prédios corporativos, nos bairros residenciais, nos hectares plantados para manutenção das indústrias e da alimentação das populações, o trabalho se divide e se organiza no espaço.

Milton Santos (1994), ao tratar questões referentes a divisão social do trabalho e divisão territorial do trabalho em São Paulo, aborda que...

Cada parcela do território urbano é valorizada ou desvalorizada, em virtude de um jogo de poder exercido ou consentido pelo Estado. Uma análise urbana supõe, desse modo, que todos esses fatores sejam levados em conta, e deve permitir que se identifique melhor o lugar real que ocupa cada agente ou grupo de agentes no processo de desenvolvimento urbano, a cada momento histórico (SANTOS, 1994. p. 126).

É o trabalho desenvolvido socialmente que integra ao território sua função e uso no espaço.

O Grajaú se consolida como território voltado à moradia da classe trabalhadora paulistana. Na dinâmica recente da cidade, esse é o uso do território,

demarcado nos nomes de bairros como o Loteamento das Gaivotas e Parque Residencial Cocaia.

Ao utilizar o conceito de forças produtivas é possível analisar a posição da população do Grajaú dentro da dinâmica econômico-social que se espacializa em São Paulo, já que tanto suas condições naturais quanto sua apropriação técnica levam o distrito a uma posição subalterna na divisão do trabalho social.

As áreas periféricas condensam as parcelas populacionais que estão fora da redoma social restrita, a daqueles que controlam o andamento das dinâmicas sociais a partir do consumo, da propaganda, dos produtos, da infraestrutura urbana, entre outros elementos potenciais, que geram fluxos e fixos presentes na organização espacial...

(...) a presença dos pobres aumenta e enriquece a diversidade socioespacial, que tanto se manifesta pela produção da materialidade em bairros e sítios tão contrastantes, como pelas formas de trabalho e vida. Com isso (...) se ampliam a necessidade e as formas de divisão do trabalho. (SANTOS, 2020, p. 323)

A parcela marginalizada nas grandes cidades inaugura uma divisão do trabalho não típica, o que Milton Santos trata como 'flexibilidade tropical', conectada à diversidade funcional mencionada por Mendes (2011), que seria uma metamorfose do trabalho caracterizada por uma variedade infinita de ofícios.

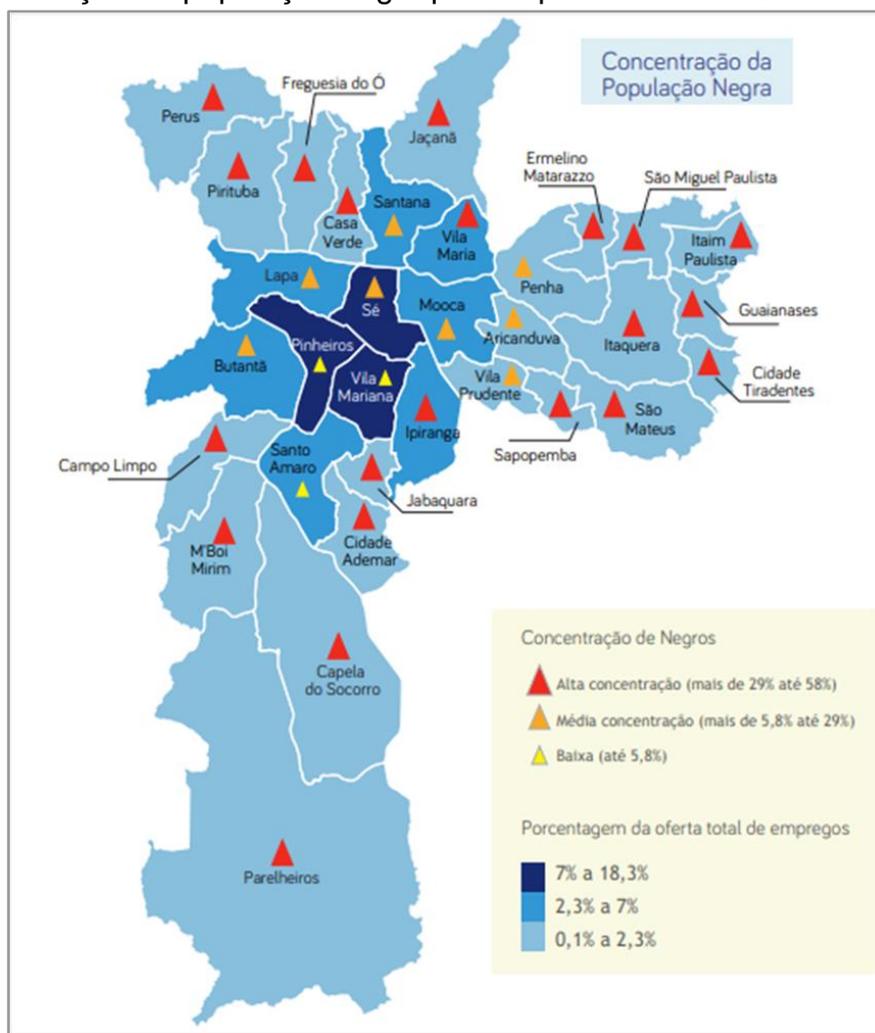
Ou seja, o quadro ocupacional da parcela menos abastada economicamente não é fixo, cada ator é muito móvel, podendo, sem trauma, exercer atividades diversas ao sabor da conjuntura (SANTOS, 2020, p. 324).

A multiplicidade ocupacional é consequência da necessidade de adaptação gerada pela falta de recursos e instabilidade da vida nas cidades.

São Paulo oferece didático exemplo a respeito da dificuldade de sobreviver nos grandes centros urbanos, como demonstra o mapa da distribuição de oferta de empregos formais (figura 34) desenvolvido pelo Ministério do Trabalho e Emprego, com dados de 2013.

Segundo o mapa, há proporcionalidade entre os locais com menores ofertas formais de emprego e a alta concentração da população negra, que, por sua vez, reside majoritariamente em áreas periféricas, pois se trata de um grupo historicamente marginalizado, durante muitos anos impedido pela legislação de obter posses, condicionado ao trabalho pesado e à falta de acesso a serviços básicos. O espaço materializa as consequências do racismo.

Figura 34: Mapa da distribuição de ofertas de empregos formais, em relação à concentração da população negra por subprefeituras em São Paulo, SP



Fonte: Prefeitura de São Paulo apud MET, dados de 2013, p. 10

As subprefeituras de Pinheiros, Sé e Vila Mariana acumulam apenas 5,8% a 29% de população autodeclarada negra, enquanto concentram de 7% a 18,3% das ofertas de empregos formais. Já a subprefeitura Capela do Socorro, que contempla os distritos Grajaú, Socorro e Cidade Dutra, concentra em seu território 29% a 58% de moradores negros e dispõe de apenas 0,1% a 2,3% das ofertas totais de empregos formais.

Há um nítido condicionamento do trabalho formal às áreas centrais, abastadas e etnicamente brancas. Existe uma disposição espacial dos serviços legais registrados e aqueles que permanecem no submundo da precariedade. O mapa em questão está disponível no relatório 'Igualdade Racial em São Paulo: avanços e desafios', elaborado pela Prefeitura de São Paulo, pelo 'São Paulo Diverso: Fórum de Desenvolvimento Econômico Inclusivo'.

A maior oferta de emprego formal nas áreas centrais e o condicionamento da população pobre às periferias da cidade levam a um intenso deslocamento diário por parte dos habitantes da periferia em direção aos centros, seja porque acessaram vagas formais ou estão à procura, seja para oferecer serviços informais nos locais mais dinâmicos da cidade, mas o próprio deslocamento exige uma base mínima de renda para acessar os serviços de transporte.

O dia a dia da população residente do Grajaú é influenciado diretamente pelos fatores que se integraram no processo de formação espacial do distrito, desde a distância dos centros econômicos, a marca paisagística de um território periférico urbano dominado por favelas, mas que divide sua dinâmica com áreas rurais, o que pode ser ilustrado na figura do bairro Parque Residencial dos Lagos (figura 35) e em imagem do bairro Cantinho do Céu (figura 36).

Figura 35: Imagem do bairro Parque Residencial dos Lagos, que une paisagem rural e suburbana



Fonte: Dayane Verneque, 2019

Figura 36: Foto da vista do Cantinho do Céu, do outro lado da represa Billings



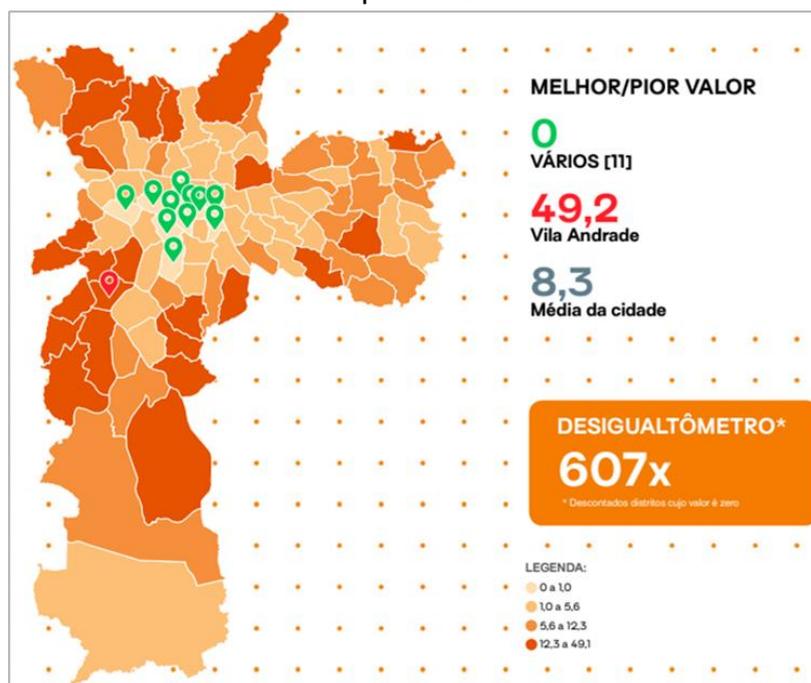
Fonte: Dayane Verneque, 2019

O Grajaú está entre os distritos paulistanos com maior número de favelas na cidade de São Paulo, como demonstra a figura 37, com o mapa da distribuição de domicílios em favelas com relação ao total de domicílios por distrito, mapa elaborado pela 'Rede Nossa São Paulo', em 2019.

O distrito de Vila Andrade concentra o maior número de domicílios em favelas na cidade. Paraisópolis é o maior exemplo dessa realidade local. No total, são 49,2% de domicílios em favelas, na Vila Andrade, enquanto o Grajaú possui 16,77% de favelas, segundo a 'Rede Nossa São Paulo'.

Cerca de onze distritos centrais da cidade não possuem favelas, o que demonstra a marginalização espacial do processo de favelização, já que se aglomeram nas extremidades do município.

Figura 37: Mapa da distribuição de domicílios em favelas no município de São Paulo



Fonte: Mapa da Desigualdade, 'Rede Nossa São Paulo', 2019. s/p

Quando analisados conjuntamente, o mapa da distribuição de favelas e o mapa da distribuição de ofertas de empregos formais, é possível perceber o condicionamento e a concentração da população negra nas favelas paulistanas, onde há menos oportunidades de integração efetiva no mercado de trabalho.

Na busca de romper com a lógica da precarização de acessos e com o cotidiano fatídico influenciado pela dinâmica das cidades, os moradores do Grajaú encontram uma alternativa no trabalho com a arte.

Milton Santos (2020) afirma que os espaços opacos, ou seja, os locais que não concentram as fortes luzes urbanas e contrastam dos grandes centros modernos e luminosos, são os locais onde vivem os pobres e se constituem como espaços do aproximativo e da criatividade, enquanto as zonas luminosas são espaços da exatidão.

Essa criatividade é a possibilidade de criar para si aquilo que a cidade não oferece a essa parcela da população, pois não acessa a velocidade da modernidade, tem seus movimentos limitados pela função que exercem na dinâmica urbana condicionada ao trabalho constante e servil.

Essa distância, espacialmente condicionada entre as populações mais pobres e a velocidade técnica que se concentra nas áreas centrais, limita as ações dos habitantes marginalizados das cidades que, embora construam ativamente o espaço dos centros globais, não acessam a velocidade proporcionada pelas técnicas neles investidas: não acessam a velocidade das máquinas, dos aparelhos tecnológicos, dos aviões e potentes carros, não acessam a velocidade publicitária, a intensa produção de novos objetos de consumo. Por essa razão, Santos os chama de 'homens lentos'.

Entretanto, mesmo condicionados à lentidão, são os pobres que não se deslumbram com as imagens pré-fabricadas das cidades. Pelo contrário, percebem que tais imagens são miragens e por essa razão compreendem as fabulações da cidade global (SANTOS, *op. cit.* p. 325).

Até aqui se viu a consolidação do Grajaú como território periférico. Sua posição na divisão do trabalho, alguns indicadores das desigualdades socioespaciais que se materializam no distrito, além dos condicionamentos impostos aos seus habitantes pelas forças produtivas.

Também foi elucidado o termo espaços da criatividade como espaço produzido pelas classes menos abastadas, mais a subordinação dos pobres à multiplicidade ocupacional.

Estas duas ideias, que se conectam à realidade do Grajaú, podem ser vistas na produção artística e cultural desenvolvida no distrito.

Diversos moradores que se instalaram no local trouxeram consigo o envolvimento com a arte, enquanto outros tantos se inspiraram no trabalho daqueles que ousaram realizar-se como artistas.

Para Santos, as periferias são espaços de criatividade, pois a busca do futuro sonhado como carência a satisfazer, leva ao desconforto criador que os movimenta pela ausência de todos os tipos de consumo, material e imaterial, carência de consumo político, participação e cidadania. (SANTOS, *op. cit.*, p. 326)

A cidadania formal condiciona os indivíduos a um território administrativo, pois trata a possibilidade de exercer poder, prático e participativo, sobre as dinâmicas de funcionamento do território de referência. Por essa razão as propagandas televisivas falam tanto em exercício da cidadania durante os períodos eleitorais. Afinal é uma das poucas ferramentas que a população possui de escolher o futuro de seus territórios nacionais, estaduais ou municipais.

Não há como ser cidadão sem um vínculo territorial.

O discurso oficial de cidadania mantém operantes os territórios, visto que as pessoas passam a considerar que participam das escolhas que direcionam suas vidas, o que pode vir acompanhado de um senso de responsabilidade.

Entretanto, bem se sabe que outras forças guiam os caminhos do tempo e espaço nas grandes cidades urbanas.

A cidadania não é realmente exercida pela população. As pessoas se veem subordinadas a decisões que impactam diretamente suas vidas e que não são debatidas ou escolhidas por elas.

Por essa razão, a criatividade é evocada e necessária para as movimentações dos habitantes das periferias, que possuem o anseio de decidir, construir e configurar seus próprios caminhos e os de seus territórios, limitados por imposições externas e verticais.

A professora Marilena Chauí explicita, em seu texto 'Cultura e Democracia' (2008), que a cidadania cultural é uma possibilidade, mas apenas a partir de uma cultura da cidadania, ou seja, pela participação efetiva de todas as parcelas da sociedade na construção da vida coletiva vista como algo comum, corriqueiro, integrado ao dinamismo e às lógicas sociais.

A autora também afirma que, considerada a base histórica do Brasil, a cidadania é reconhecida na figura do senhor (de escravos) cidadão, que manifesta a cidadania como sendo um privilégio de classe (CHAUÍ, 2008, p. 70).

As classes menos favorecidas são condicionadas aos cursos impostos pelas elites.

Marilena adianta que a situação da cultura dominante legitima o exercício da exploração econômica, da dominação política e da exclusão social, mas esse lugar também torna mais nítida a cultura popular como aquilo que é elaborado pelas classes populares (*Ibid.*, p. 59):

A cidadania cultural, em que a cultura não se reduz ao supérfluo, entretenimento, aos padrões do mercado, à oficialidade doutrinária (que é ideologia), mas se realiza como direito de todos os cidadãos, direito a partir do qual a divisão social das classes ou a luta de classes possa manifestar-se e ser trabalhada porque no exercício do direito à cultura, os cidadãos, como sujeitos sociais e políticos, se diferenciam, entram em conflito, comunicam e trocam suas experiências, recusam formas de cultura, criam outras e movem todo o processo cultural. (CHAUÍ, 2008, p. 66)

Os espaços de criatividade, portanto, estão voltados à luta por direitos, pela amplitude e expansão das áreas de ação popular, de reconhecimento e participação, a luta pela cidadania cultural. Fica a cargo dos habitantes a mobilização de tais processos, lutarem pela permanência, consolidarem os coletivos, otimizarem seu alcance populacional, contratar e construir redes.

São movimentos longos engajados por diferentes grupos que mobilizam o interior do Grajaú. Não apenas a arte expressa cultura, mas tudo o que envolve cada ação realizada pelos habitantes, exprime de alguma forma as suas crenças, seus anseios, seus sonhos.

A cultura é processo histórico, materializado e materializador das sociedades em cada período.

A arte só é capaz de comover os sentidos a partir da expressão dessa cultura. A partir dessa perspectiva, é possível presumir que toda a estruturação de marginalização e escassez vivenciada no Grajaú é parte importante, na expressão artístico-cultural realizada pelos coletivos.

A arte integra os processos históricos, comunica-os, inspira-se neles.

Olhar para o espaço a partir de sua organização é também olhar para a arte periférica e tentar compreender por que ela está ali? O que ela expressa? O que esses artistas estão a comunicar?

É importante compreender o porquê de cada elemento estar disposto onde está, sem esquecer dos processos que fundamentam a realidade no agora.

Trata-se de um movimento que procura romper com a alienação, quebrar com os ritmos impostos, enxergar-se no tempo e ver o tempo nas coisas, nas mudanças que ocorrem e aquelas que são possíveis.

A favela que se torna mural de graffiti e revela cores que antes não tinha, o parque linear que é construído e torna-se possibilidade de reunião, de festejo, de exposição, de expressão. O sarau que mobiliza o bairro pelo menos uma vez no mês, os shows que acontecem no Centro Cultural Grajaú, onde antes se vendia frutas e verduras. O clube 'Aristocrata' criado pela população negra de São Paulo durante o século XX, onde hoje se localiza uma praça pública no Jardim Lucélia, com o mesmo nome do antigo clube.

Perceber o movimento da construção artística-cultural no tempo só é possível a partir do olhar para o espaço, para a materialização social que reúne elementos diversos e se manifesta no agora...

Volátil e efêmera, hoje nossa experiência desconhece qualquer sentido de continuidade e se esgota num presente sentido como instante fugaz. Ao perdermos a diferenciação temporal, não só rumamos para o que Virilio chama de “memória imediata”, ou ausência da profundidade do passado, mas também perdemos a profundidade do futuro como possibilidade inscrita na ação humana enquanto poder para determinar o indeterminado e para ultrapassar situações dadas, compreendendo e transformando o sentido delas. Em outras palavras, perdemos o sentido da cultura como ação histórica (CHAUI, 2008, p. 62).

As ações históricas, mobilizadas pelos habitantes a partir da expressão artística, configuram na realidade urbana uma luta por cidadania, por participação. Cabe ao poder público enxergar tais reivindicações efetivadas pelos moradores. Neste sentido, compreende-se que o papel do Estado pode ser efetivado na produção cultural periférica a partir de políticas públicas que possibilitem o trabalho com arte.

O fomento à arte e cultura periférica a partir de políticas públicas é mecanismo usual para o Estado participar de alguma forma do processo de garantia ao acesso à cultura da população periférica. Entretanto, esses mecanismos legais também são resultado do trabalho e do engajamento dos artistas, educadores e promotores culturais do Grajaú, como revelaram algumas entrevistas realizadas com moradores que atuam em coletivos organizados no território.

A partir dos diálogos e trocas, com objetivo de compreender o cotidiano local e como este impulsiona as iniciativas artístico-culturais, surgem diversas convicções e também especulações como: será que a forte concentração de arte no Grajaú é herança da influência nordestina? Será que a própria produção de arte é consequência das mazelas e vulnerabilidades vivenciadas no interior do distrito? Esse trabalho, realizado pelos artistas e educadores, altera de alguma maneira as dinâmicas rotineiras do território? Há impacto real dessas mobilizações na forma de agir e pensar sobre o espaço? A arte forma o Grajaú como território?

IV. A arte na produção do espaço: mobilizações populares e políticas públicas

As criança' daqui tão de HK
Leva num sarau, salva essa alma aí (...)
E 'cença aqui, patrão, eu cresci no mundão
Onde o filho chora e a mãe não vê
E covarde são quem tem tudo de bom
E fornece o mal pra favela morrer.

(Criolo - Subirusdoistiozin)

No método regressivo-progressivo, o retorno ao passado pressupõe o diálogo com agentes ativos nas dinâmicas de reprodução do cotidiano, no presente caso, com os artistas e promotores culturais do Grajaú.

Para isto, foram realizadas cinco entrevistas com cinco coletivos diversos. São eles: a 'Casa Ecoativa', o 'CAPSArtes' ('Centro de Arte e Promoção Social'), a 'Associação Imargem', a 'Rede Nois por Nois' e o 'Ateliê Águila'.

Essas cinco iniciativas se localizam no Grajaú. Algumas são mais antigas do que o próprio território administrativo, como é o caso do 'CAPSArtes', regularizado em 1990, antes do distrito ser oficializado como parte integrante da organização de São Paulo, e a estrutura física da 'Casa Ecoativa'.

A partir desses diálogos é possível observar até que ponto a arte forma territorialmente o Grajaú, não na perspectiva da delimitação de área, mas na constituição do cotidiano, dos valores identitários, das dinâmicas de vida, na construção de linguagens, na comunicação, naquilo que não foca unicamente nos limites e fronteiras, mas parte delas para efetivar a leitura política.

A partir dessas entrevistas também foi possível compreender qual o papel exercido pelo Estado em processos de promoção cultural nas periferias paulistanas e, especificamente, no Grajaú.

Alguns coletivos acessaram fomento a partir de leis e programas voltados para arte e cultura, não sem muita peleja e mobilização.

A primeira entrevista foi realizada junto a 'Casa Ecoativa', no dia 13 de dezembro de 2022, com o educador Jailson, um dos responsáveis pela 'Casa', morador da Ilha do Bororé e frequentador do projeto desde sua infância.

A 'Casa Ecoativa' se localiza no início da área rural do Grajaú, do outro lado da Billings. Para acessá-la é necessário fazer a travessia de balsa pela represa.

Mais precisamente, sua sede é na Estrada Itaquaquetuba, n.º 141, às margens da Billings, numa paisagem operacional que se relaciona diretamente à dinâmica da casa e que se propõe como um centro ecocultural, integrado ao Polo de Ecoturismo de São Paulo. Lá a "Casa é um dos mais significativos representantes do turismo de base comunitária, pedagógico e da agricultura familiar de base ecológica" (SP Turismo, s.d).

Durante a entrevista concedida pelo morador da Ilha e integrante do projeto, foi explicado que...

"A 'Casa Ecoativa' é um centro ecocultural, é um espaço físico né, da comunidade. E ele na verdade é um programa de gestão ambiental participativo (...) a Ilha do Bororé, que na verdade é uma Península né, ela tá situada no extremo sul de São Paulo né, na capital, mas nessa zona rural, essa área verde né, ela tá considerada numa Área de Preservação Ambiental, numa APA, a gente tá na APA Bororé Colônia, as duas APAs na cidade de São Paulo é um... Bem significativo né, em questão de área, porque ela representa um quinto da cidade, então é uma área bem grande, são as áreas de proteção ambiental. E aí a gente até pergunta pras escolas que vêm né, e as crianças e adolescentes que frequentam o espaço, por que é uma APA né? E aí a gente entende que é uma área de manancial, uma área que produz água potável pra cidade né, e aí a gente pergunta por que que produz água né? E aí se reflete que a gente produz água né, que a gente planta água, a Ana Primavesi já dizia isso né." (Entrevistado – 'Ecoativa', 2022)

A partir da fala do educador, é possível observar a influência direta do espaço físico nos trabalhos desenvolvidos pela 'Casa', pela identidade que o local carrega, pela influência do contexto espacial, pois é o entorno que guia as atividades desenvolvidas e materializadas ali.

O contexto espacial possui ligação direta com a construção histórica da 'Casa'. Segundo o entrevistado a origem do local está ligada ao processo de construção da represa Billings.

A Empresa Metropolitana de Águas e Energia (EMAE) é uma empresa interventora na região e responsável pelo gerenciamento da represa. Segundo o entrevistado, a EMAE corresponde à antiga Light, uma empresa canadense, que se desmembra e torna-se EMAE, responsável por gerar energia, e ENEL (com a privatização da Eletropaulo), responsável pela distribuição da energia:

"Então a EMAE, Empresa Metropolitana de... Que é a responsável pelas balsas, ela tem uma dívida histórica né, com a comunidade, é... Então ela tem essas casas que são casas da construção da represa, essas casas são casas que tão beirando sei lá quantos anos, a represa é de 50. (...) E aí foi tendo também o não uso desse espaço, porque foi ficando, e aí a

comunidade já falou que precisava de um espaço, uma casa cultural, uma casa de cultura, os espaços, os bairros têm que ter casa de cultura, a gente tá longe do Grajaú, é longe do Centro Cultural Grajaú Palhaço Carequinha, enfim... Interlagos é longe, tá ligado?" (Entrevistado - Ecoativa, 2022).

Com base nos dados coletados na entrevista, a 'Casa Ecoativa' transformou um espaço marcado pelo trabalho junto à represa num ambiente de arte, cultura e educação. Tendo em vista a ausência de espaços de arte à disposição da população, a 'Ecoativa' preenche uma grande lacuna social, principalmente ao integrar a dimensão rural e urbana no distrito.

Por essa razão, o entrevistado alega estar "longe do Grajaú", pois trata-se de uma península separada da área urbana pela represa, o que amplia a sensação de distanciamento e falta de acesso, mesmo inserido nos limites distritais.

O Grajaú dispõe de poucos espaços oficiais para acesso à arte, como já foi evidenciado, contudo, as áreas rurais estão condicionadas a uma privação ainda maior, no que tange ao alcance desses locais, principalmente quando há a necessidade de travessia por balsa, o que torna a 'Ecoativa' um espaço de destaque na Ilha do Bororé e no distrito como um todo.

Embora trate-se de uma paisagem operacional, a represa é um elemento de grande relevância para a relação que os moradores constroem com o ambiente local, como já foi tratado anteriormente. Os mananciais presentes na região e os fatores físicos foram importantes para o barateamento dos terrenos e significativa atração a um número expressivo de pessoas de baixa renda.

Sobre a relação com a represa, o entrevistado comenta que...

"A Ilha do Bororé ela é uma vila do século XIX, ela tem uma característica ímpar pra travessia da balsa né, no represamento da balsa, até antes de 1950 né, a represa Billings ela é de 1927-1945 a construção né, pra gerar energia no polo industrial de Cubatão, é... Então, exatamente porque a gente tá nessa altitude né, desce, é uma água que desce até 400km/h naqueles dutos e gera energia né, hoje também ela serve como abastecimento, a Billings né, uma grande... Considerada uma grande caixa d'água da cidade." (Entrevistado – 'Ecoativa', 2022)

A influência da represa Billings também está presente nas atividades desenvolvidas na 'Casa', como os projetos ligados aos 'Meninos da Billings', ONG idealizada por ativistas do Grajaú para ampliação do contato entre os moradores e a represa, a partir da navegação e preservação ambiental.

Também ficou evidente que a 'Casa' possui uma singularidade em sua história ligada ao amparo institucional, que contempla as margens da Billings, e

talvez, por essa razão, a 'Casa' se ampare nas políticas de reparação histórica, além das políticas voltadas ao fomento à arte e cultura de São Paulo.

Conforme o entrevistado, esse amparo foi acessado desde o início, a partir da insistência dos ativistas locais...

"Teve um, nos primeiros anos teve o incentivo da EMAE, de grana, cedeu o espaço, fez uma concessão pública de uso pra Secretaria, e a Secretaria do Verde articulava, ai funcionava os programas, as atividades, que eram as mesmas atividades que a gente consegue fazer hoje via VAI, um outro caminho que foi feito nessa segunda etapa de retomada, porque ai de 2000 a 2006 sempre teve uma cena de sarau, de hip-hop, o Criolo tocou aqui nos palcos quando era ainda Pacto Latino, é... Saloma Salomão, tinha a cena da literatura, então sempre foi um espaço pujante de arte, e tinha as atividades de educação ambiental, tinha horta, tinha semana da água, tinha limpeza da represa, tinha biblioteca, então teve os programas de desenvolvimento da 'Ecoativa' até 2006." (Entrevistado – 'Ecoativa', 2022)

A sigla VAI, citada pelo entrevistado, se refere ao Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (Decreto Municipal N.º 43.823/03), "criado em 2003 para apoiar financeiramente coletivos culturais da cidade de São Paulo, principalmente de regiões com precariedade de recursos e de equipamentos culturais" (PREFEITURA DE SÃO PAULO, s.d).

O entrevistado também falou do Edital Redes e Ruas (Portaria Intersecretarial nº 01/2014), elaborado por determinação da Prefeitura de São Paulo, integrando as secretarias de Cultura, Tecnologia e Direitos Humanos e Cidadania, voltado a apoiar projetos de inclusão, cidadania e cultura digital. Igualmente citou a Lei de Fomento à Cultura da Periferia (Lei n.º 16.496 de 20 de julho de 2016), que contemplou a 'Ecoativa' pela segunda vez, durante sua 7ª edição, para as atividades de 2023.

São diversos os amparos legais alcançados pela 'Ecoativa', a partir da luta, insistência e trabalho de seus colaboradores, o que amplia e consolida o que é realizado.

O acesso a fomento público torna-se um divisor de águas para os projetos...

"Até a gente fica feliz agora com essa nova sessão do terreno do espaço com a EMAE e a Secretaria do Verde, a gente fez uma sessão patrimonial de 20 anos, então é dar segurança pra... Claro que com muita luta, mas garantir que o projeto possa né, ficar mais 20 anos, depois ficar mais tempo, pra gente não perder inclusive, ter esse período de perda que a gente teve né, de 2006 a 2013, e ai de 2013 tem uma força, tem um boom ai das jornadas de junho né, tem as jornadas, tem essa coisa do movimento Ocupa Cidade, tem o Haddad, uma coisa mais progressista no campo da esquerda, que vai vim dos fomentos né, de cultura e tal, que tem uma força muito grande, uma... Um boom cultural do Grajaú, sair das páginas de violência e entra nas páginas culturais." (Entrevistado – 'Ecoativa', 2022)

Do ano de 2006 a 2013, a 'Casa Ecoativa' ficou com as atividades um tanto paradas, por não acessar políticas públicas para subsidiá-las. Cada integrante do coletivo tem sua própria vida profissional e as iniciativas culturais dificilmente se tornam fonte de renda e lucro para o coletivo. O que é nítido e limita suas atividades.

Por conta disso, a situação da conjuntura política é muito importante para a consolidação ou não desses espaços de arte e cultura. As gestões municipais e estaduais podem ser determinantes para a existência e manutenção dos trabalhos artísticos periféricos.

A projeção de alcance da 'Casa Ecoativa' é extensa.

De acordo com o entrevistado, os trabalhos são múltiplos e diversos, por isso mobilizam diferentes grupos populacionais, desde os moradores da Ilha até escolas de dentro e fora do distrito. A 'Casa' converge diferentes projetos nas áreas de educação, de saúde e de assistência social, "recebe todas as unidades possíveis (...) de siglas", afirmou.

Há ações junto aos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF), ligados ao Sistema Único de Saúde (SUS), os Centros para Crianças e Adolescentes (CAA), Centros da Juventude (CJ), que procuram a 'Casa' para auxiliar em medidas socioeducativas.

Tem também o Projeto Guri, "criado pela Secretaria de Cultura, que iniciou suas atividades em 1995, com o objetivo de promover a inclusão social e cultural de meninos e meninas por meio do ensino da música" (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2010).

Segundo o entrevistado, a 'Casa Ecoativa' tem, na escola local Adrião Bernardes, um forte aliado, assim como na CEI Sofia Roschel, também localizada na Ilha do Bororé. Dentre as ações realizadas pela 'Ecoativa' junto a CEI está a horta comunitária, atividade tradicional efetivada pela 'Casa' em escolas e outros espaços educativos. Esse projeto junto a CEI, especificamente, foi sistematizado como projeto e enviado para a fundação familiar *Be The Earth*, no Reino Unido.

A principal transformação ocasionada pelo projeto realizado junto a escola infantil, conforme acentuou o entrevistado, aconteceu no âmbito da alimentação, por se tratar de um projeto de educação alimentar voltado a conscientizar sobre alimentação saudável e orgânica... "cê chega numa sala com 30 crianças, onde só duas ou três comem bem, e o restante não come uma alimentação saudável, não

tem costume, (...) cê vira esse número, cê tem no final a Horta e 28 crianças comendo” (Entrevistado – ‘Ecoativa’, 2022).

Isso tal como acontece em outras escolas públicas e particulares do ensino básico localizadas na cidade, o que inclui escolas das zonas centrais, como a Escola Móvil, de Moema, uma das mais caras do município.

Segundo o entrevistado, o objetivo é fazer com que as atividades cheguem a todos e atender as escolas particulares, por sua vez, é uma maneira de captar recursos para manutenção da casa.

Algumas fotografias da ‘Casa’ demonstram parte de sua estrutura, imagens da entrada principal (figura 38), a parte lateral com o graffiti de uma artista local (figura 39), e a parte de trás da ‘Casa’, que dá acesso ao quintal (figura 40)

Figura 38: Entrada principal da ‘Casa Ecoativa’



Fonte: Google imagens, s.d

Figura 39: Parte lateral da 'Casa Ecoativa', com graffiti de artista local



Fonte: Polo de Ecoturismo de São Paulo, s.d

Figura 40: Parte de trás da 'Casa Ecoativa'



Fonte: Google imagens, s.d

A 'Ecoativa' também desenvolve atividades junto aos Centros Educacionais Unificados (CEUs), iniciativa da Prefeitura de São Paulo entre 2001 e 2004. Trata-se de “uma política integrada de educação, cultura, esporte e lazer que levou adiante a ideia não implementada das Praças de Equipamentos Integrados, formulada na gestão de Luiza Erundina (TJABBES, 2021, p. 62).

O Grajaú tem dois CEU's, sendo eles CEU Navegantes, no bairro Cantinho do Céu, e CEU Três Lagos, no Jardim Jaú.

Outra iniciativa interessante da 'Casa' é a 'Ecoativa Férias', que ocorre todo mês de janeiro com crianças e adolescentes da região.

O entrevistado conta que, no caso, são cerca de quatro dias de atividades conhecidas como ecoatividades. Cada dia tem uma atividade diferente, sempre com os quatro elementos da natureza, reunindo lazer e recreação para crianças que não têm a opção de viajar durante as férias. Assim se mobiliza a criançada no território do distrito.

Uma parceria importante para a realização dos projetos estabelecidos pela 'Casa Ecoativa' acontece com a 'Associação Imargem', coletivo atualmente localizado no bairro Jardim Gaivotas, no chamado 'Ateliê da Margem', referido como 'Casinha' por seus frequentadores.

Segundo o entrevistado Jaison, essa 'Casa' ficou fechada durante um tempo, após o ano de 2006, consequência do afastamento de alguns participantes importantes da história de sua fundação, até que certos artistas ligados ao "Imargem" passaram a utilizar o espaço, lutar por sua reabertura e funcionamento...

"Ficou muito tempo fechado e aí sempre a galera "pô, Ecoativa", a galera do Imargem, a galera do Imargem é fundamental no processo de retomada da casa né, nasce desse espaço também, volta pra esse espaço, a gente é nesse eterno lugar, a gente tá aqui porque vários nossos passaram né, o importante é a gente manter pra... Pra continuar." (Entrevistado - Casa Ecoativa, 2022)

O movimento de integração entre os coletivos artístico-culturais é consequência das mobilizações no interior do território. Talvez todo o trabalho executado dentro da 'Casa Ecoativa' tenha influenciado diretamente o que foi construído pelo 'Imargem', localizado há seis quilômetros de distância da 'Ecoativa'.

O referido coletivo é muito presente nas paisagens do Grajaú, por conta do trabalho que desenvolve com o graffiti. O entrevistado chegou a comentar sobre um mural realizado pelo 'Imargem', na Ilha do Bororé.

Para contar a história do bairro, em parte do mural foram utilizados mapas (figura 41). Alguns exemplos das intervenções realizadas pelo 'Imargem' estão expostos nas figuras 42 e 43.

Figura 41: Parte do mural Memória, realizado na Ilha do Bororé pelo 'Imargem'



Fonte: Site Agentes Marginais, s.d

Figura 42: Obra do 'Imargem' em estruturas na Avenida Dona Belmira Marin, principal via urbana do Grajaú



Fonte: Site Agentes Marginais, s.d

Figura 43: Intervenções do 'Imargem' em pontos comerciais na Avenida Dona Belmira Marin



Fonte: Site Agentes Marginais, s.d

A Associação 'Imargem' também foi entrevistada, isto no dia 12 de abril de 2023. A conversa aconteceu com o integrante responsável pela parte de navegação do coletivo.

Segundo ele o 'Imargem' atua em cinco frentes: as artes urbanas, a permacultura, alimentação saudável e a parte náutica que integrou o projeto desde o início devido à relação com a represa.

O entrevistado afirma que...

"Tinha a ver com a represa, é. A 'Vento em Popa' ela foi fundada por estudantes da FGV e esses estudantes tavam fazendo Administração Pública tal e aí tinha um dos estudantes, que é o Frederico Rizzo, eles e outros decidiram fundar a ONG 'Vento em Popa', esse estudante, o Frederico Rizzo, ele era atleta quando ele era criança, então ele que trouxe essa veia náutica pra cá tal, ele viu a potência da represa, ele viu nos anos 2000, que ele veio pra cá, ele viu que aqui, é... Ele viu que aqui tinha o pior índice de IDH, que é o índice de Desenvolvimento das pessoas, do bairro tal, do distrito, ele viu como aqui era o pior e quis estabelecer a ONG aqui." (Entrevistado – 'Imargem', 2023)

O entrevistado revelou que era morador do bairro e estudava nos projetos elaborados pela ONG (Organização Não Governamental) 'Vento em Popa'. Hoje ele dá seguimento a isso através do 'Navegando nas Artes' (figura 44), projeto promovido pela 'Associação Imargem'.

Novamente a ligação com a represa direciona o processo de construção de um grupo mobilizador de arte e cultura no Grajaú.

Durante a entrevista, o educador apontou a importância do projeto com navegação para transformar a relação que os habitantes constroem com o território, a partir da Billings. Afinal, habitar na beira da represa em área preservada, afastada das regiões com melhor infraestrutura urbana, condiciona a certas vulnerabilidades, conforme já apontavam os índices do Grajaú no início dos anos 2000, o que impulsionou a instalação da ONG.

Figura 44: Banner do projeto 'Navegando nas Artes',
exposto no 'Ateliê da Margem'



Capturada por Dayane Verneque

Os elementos espaciais presentes nos territórios envolvem a vida de todos os habitantes, por isso é importante a iniciativa de construir possibilidades para o reconhecimento da localidade, da região em que se está inserido.

A partir desse contato estabelecido junto aos moradores, foi possível a continuidade do projeto e sua expansão. Hoje, o 'Imargem' se estabelece como referência da arte que pulsa nas paisagens do Grajaú.

O entrevistado explicou que o processo de consolidação do projeto envolveu diversos grupos, como estudantes da FGV (Fundação Getúlio Vargas), moradores locais e, como se vê numa placa exposta (figura 45), houve também um envolvimento de instituições privadas desde as iniciativas de cunho social.

Figura 45: Placa herdada da 'Vento em Popa', mantida no Ateliê da Margem



Capturada por Dayane Verneque, 2023

A conversa não revelou muitos detalhes sobre as instituições citadas na placa da sede 'Vento em Popa', instalada no ano de 2008, cerca de 08 anos após o início das atividades da ONG, conforme a história traçada pelo entrevistado. Entretanto, ao investigar, foi possível obter algumas informações nesse sentido: o Instituto Camargo Corrêa é descrito como "responsável pelo investimento social privado de seis empresas do Grupo MOVER: Camargo Corrêa Infra, Estaleiro Atlântico Sul, HM Engenharia e Vexia". O Instituto atua com ações sociais nos territórios onde as empresas do Grupo estão presentes.

Quanto a *Endurance Enterprises*, trata-se de uma distribuidora e importadora dos Estados Unidos de artefatos esportivos de marcas Escandinavas, como *Bliz Eyewear*, *Start Ski Wax*, *Swenor Rollerskis*, além disso, é proprietária da *Anti-Freeze Face-Tape* e das roupas *Team*, segundo informações na página da distribuidora no *LinkedIn*.

A empresa talvez estivesse envolvida com o projeto 'Vento em Popa' por fabricar utensílios para navegação. De qualquer forma, esse laço entre um projeto

iniciado na periferia e o interesse que instiga em grupos privados pode revelar algumas contradições.

A represa Billings é reforçadora da vida nas margens. Para muitos moradores pode ser elemento de revolta, pela distância dos centros comerciais, pela quantidade de amigos que se foram nas águas, como colocou o entrevistado do 'Imargem' em dado momento da conversa. Ao mesmo tempo, ela chama atenção por seus potenciais esportivos, naturais e, principalmente, sociais.

A população, que se vê diariamente marginalizada, especificamente no Jardim Gaivotas, passa a acessar projetos que aproximam suas relações com a Billings a partir dos anos 2.000. Oito anos depois de iniciadas as atividades ligadas ao projeto, uma placa é instalada com nomes de entidades privadas externas. A afirmação da placa de inauguração da Sede traz uma data bem diferente da real. Isso pode tirar a dimensão e a profundidade histórica do trabalho ali realizado no bairro, ocultar partes do processo, atender a demandas que não correspondem às necessidades da periferia e invisibilizar pessoas.

De qualquer maneira, foi possível dar continuidade ao projeto e fazê-lo alcançar solidez no Grajaú a partir do 'Imargem'.

A 'Associação Imargem' realiza muitas coisas, desde mutirões junto a represa, aulas de arte visual e urbana, oficinas de permacultura, contato com alimentação saudável e orgânica, hortas urbanas, aluga bicicletas para os moradores locais do Gaivotas e realiza a navegação, presente no 'Ateliê da Margem' logo na entrada (figura 46).

Figura 46: Barcos localizados na entrada do 'Ateliê da Margem'



Capturada por Dayane Verneque, 2023

Outra iniciativa realizada junto ao 'Imargem' com investimento privado foi o projeto 'UniGraja'. O entrevistado falou um pouco sobre os processos ligados à consolidação do projeto, que tinha pretensão de continuar, mas foi desmobilizado pela pandemia. Ele conta que...

"(...) a 'UniGraja' foi um movimento que nasceu do Grajaú assim, eu lembro que foram dez coletivos que toparam participar (...) então esses dez coletivos faziam trabalhos diversos assim do tipo de artes, de jornalismo periférico, de alimentação, de permacultura, então esses coletivos se juntaram porque vem uma proposta também das Casas Bahia de fazer um trabalho em coletivo, então eles fundaram a 'UniGraja' assim tal, os coletivos fundaram a 'UniGraja' e as Casas Bahia veio com recurso, as Casas Bahia veio potencializar os coletivos assim, então a 'UniGraja' foi um movimento que aconteceu no Grajaú, aconteceu e acontece de certa medida, de uma universidade livre também, sabe? Do tipo, de uma universidade que valoriza os conhecimentos, os saberes do distrito, saberes dos coletivos, os saberes dos mais velhos, das mais velhas tal." (Entrevistado – 'Imargem', 2023)

A Casas Bahia é uma empresa de móveis e eletrodomésticos que possui algumas unidades no Grajaú, talvez por isso tenha investido em projetos culturais no distrito, no intuito de adquirir incentivos fiscais.

O projeto 'UniGraja' mobilizou muitos coletivos, profissionais e moradores, permitiu o contato com a arte, educação, expressões urbanas, diferentes linguagens, isso porque já havia um contexto sólido de produção cultural no território, o que talvez tenha sido percebido pela empresa que investiu no projeto.

Em uma sociedade regida pelo dinheiro, qualquer projeto adquire maior abrangência quando há investimento financeiro, pois ele é capaz de criar e ampliar possibilidades de ação a partir da aquisição de objetos ou serviços. É bem-vindo o dinheiro de uma empresa privada que muito lucra com as unidades estrategicamente instaladas localmente, numa região populosa que concentra classes sociais mais pobres, a quem são oferecidas condições de pagamento em longas parcelas.

Todavia, o projeto com um potencial tão grande perdeu abrangência pela desmobilização dos envolvidos, a falta de dinheiro, a pandemia.

De alguma maneira, os interesses pontuais das organizações privadas que investem em projetos da periferia, para cumprir suas metas e concluir os objetivos de seus negócios, fazem com que as ações não adquiram organicidade, se esvaem no tempo, embora isso não as tornem menos transformadoras para aqueles que vivenciaram o projeto. Para as instituições, porém, parece cômodo envolver-se com a cultura periférica quando convém, sendo usual agir pontualmente e depois permanecer apenas com a relação anterior junto a sua clientela.

Mesmo assim, os referidos coletivos alcançaram vidas, fizeram com que moradores tivessem novas experiências em seu território.

O convite para enxergar o Grajaú viu-se expandido a partir da 'UniGraja', mas isso já era realizado pelos grupos. O 'Imargem' sempre procurou proporcionar novas possibilidades de contato no Grajaú, ao ampliar os olhares e as vivências com a represa e suas margens.

O trabalho com barcos a vela realizado pelo 'Imargem' junto ao 'Navegando nas Artes' pode transformar uma vivência de marginalização em potencial esportivo, recreativo, educacional e artístico. A dimensão natural da região pode proporcionar valiosa contemplação em meio a um cotidiano agitado, estimular a visualização daquilo que é diariamente ignorado e transformar de modo dinâmico a relação que já se estabeleceu com as margens. O entrevistado explicou um pouco os processos ligados à navegação com barco à vela...

"E a quarta frente é o barco à vela assim por a gente ter uma relação com uma represa, desde a época da 'Vento em Popa' por a gente ter uma relação aqui de barco na água, desde os anos 2000, a gente foi aluno da 'Vento em Popa' e hoje é o 'Navegando nas Artes' né que são o projeto, pessoas dentro da 'Associação Imargem' continuam com a ideia do barco à vela, a ideia é levar o pessoal pra navegar, a gente tem uma vista diferente do meio da represa pro nosso bairro, enxergar com a 'Associação Imargem', com o bairro, os moradores, a potência que o nosso bairro é, sabe?" (Entrevistado 'Imargem', 2023)

Enquanto o impulso para criar a 'Vento em Popa' vem dos baixos índices de desenvolvimento humano, o anseio dos moradores que continuam o projeto é mostrar os potenciais, aquilo que há de relevante no território, junto ao objetivo de proporcionar uma "vista diferente pro bairro", ou seja, há o interesse para construir coisas novas, ampliar as possibilidades e acesso, romper com as dinâmicas constantes de escassez e focar no que há de belo e possível.

Para isso é necessário base, oportunidade, possibilidade inicialmente criada pelo 'Vento em Popa' e, posteriormente, com os acessos ao fomento público. De acordo com o entrevistado, o 'Imargem' acessou diferentes programas de fomento, entre eles o já citado Programa de Valorização a Iniciativas Culturais (VAI)...

"Falando um pouquinho da 'Associação Imargem', o 'Imargem' é um movimento que nasceu em 2006, e o Fred tem uma relação porque o 'Imargem' escreve um projeto pro VAI, em 2006 nem chamava VAI, e quem dá uma olhada é o Fred e tal, no primeiro projeto que a galera escreve do 'Imargem', eram muitos jovens, adolescentes que grafitavam, que tavam aprendendo a grafitar, e o Tim e outras pessoas começaram a dar aula de grafitti também, então eles foram ensinando e foram aprendendo também, novas técnicas e tal, então o 'Imargem' é, o movimento 'Imargem' começou em 2006, e aí de uns tempos pra cá a gente, o 'Imargem' ele transformou em duas vias assim, uma era empresa 'Imargem' e o outro é 'Associação Imargem', então o 'Imargem' começou ocupar a casa, porque a 'Vento em Popa' fechou depois de 2013-2014." (Entrevistado 'Imargem', 2023)

O Programa VAI foi lançado em 2003 e desde então tem sido pertinente para muitas iniciativas culturais periféricas, como demonstraram as histórias da 'Casa Ecoativa' e da 'Associação Imargem'.

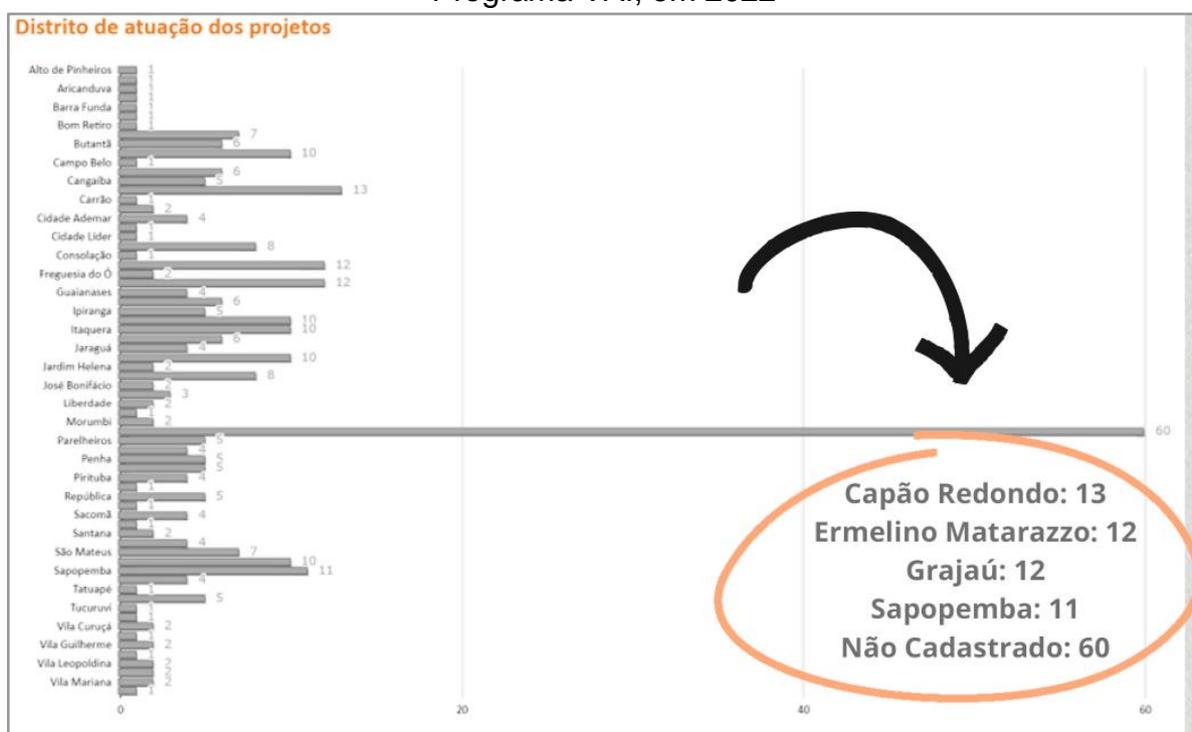
O contexto de criação do Programa envolve mobilizações populares, luta por cidadania cultural e gestões políticas que visem as demandas das populações periféricas no tocante ao direito constitucional de acesso à cultura a partir do artigo 215 que afirma: o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais, acesso às fontes da cultura nacional e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais (BRASIL, 1988):

"O processo de concepção e formulação do Programa Vai trouxe à tona um grande acúmulo de discussões no campo da cultura na cidade de São Paulo, que datam dos anos de 1980/1990, mobilizadas por ativistas culturais de instituições da sociedade civil, como o Instituto Pólis, o Fórum Intermunicipal de Cultura, órgãos internacionais como a UNESCO e órgãos do próprio poder público. Tais discussões tinham como fundamento tratar o campo cultural e as políticas de cultura, abrangendo os seguintes aspectos: o conceito ampliado de cultura, a diversidade cultural, o direito à cultura e a cidadania cultural. Estes temas, que já faziam parte da agenda internacional, passaram a vigorar neste período como novas perspectivas das políticas culturais no Brasil." (DO VAL, 2015, p. 22)

A gestão municipal do período de 2001 a 2004 consolidou, no Programa VAI, uma série de debates que já vinham sendo construídos por esferas políticas preocupadas com temáticas pertinentes à cultura. Entre 1989 e 1992, São Paulo tinha uma secretaria da cultura pautada no direito à cultura e no direito de cada cidadão exercer a sua plena cidadania cultural (DO VAL, 2015, p. 22-23). O que proporcionou a ampliação do debate cultural na esfera política.

Os dados disponibilizados no site do Programa VAI¹¹ demonstraram que o Grajaú é um dos distritos com maior número de projetos inscritos, segundo dados da 19ª edição do Programa, em 2022 (figura 47). No site do programa também foi possível encontrar mapas referentes aos anos de 2017, para representar a espacialização dos projetos aceitos na edição daquele ano (figura 48).

Figura 47: Gráfico retirado do levantamento de dados da 19ª edição do Programa VAI, em 2022



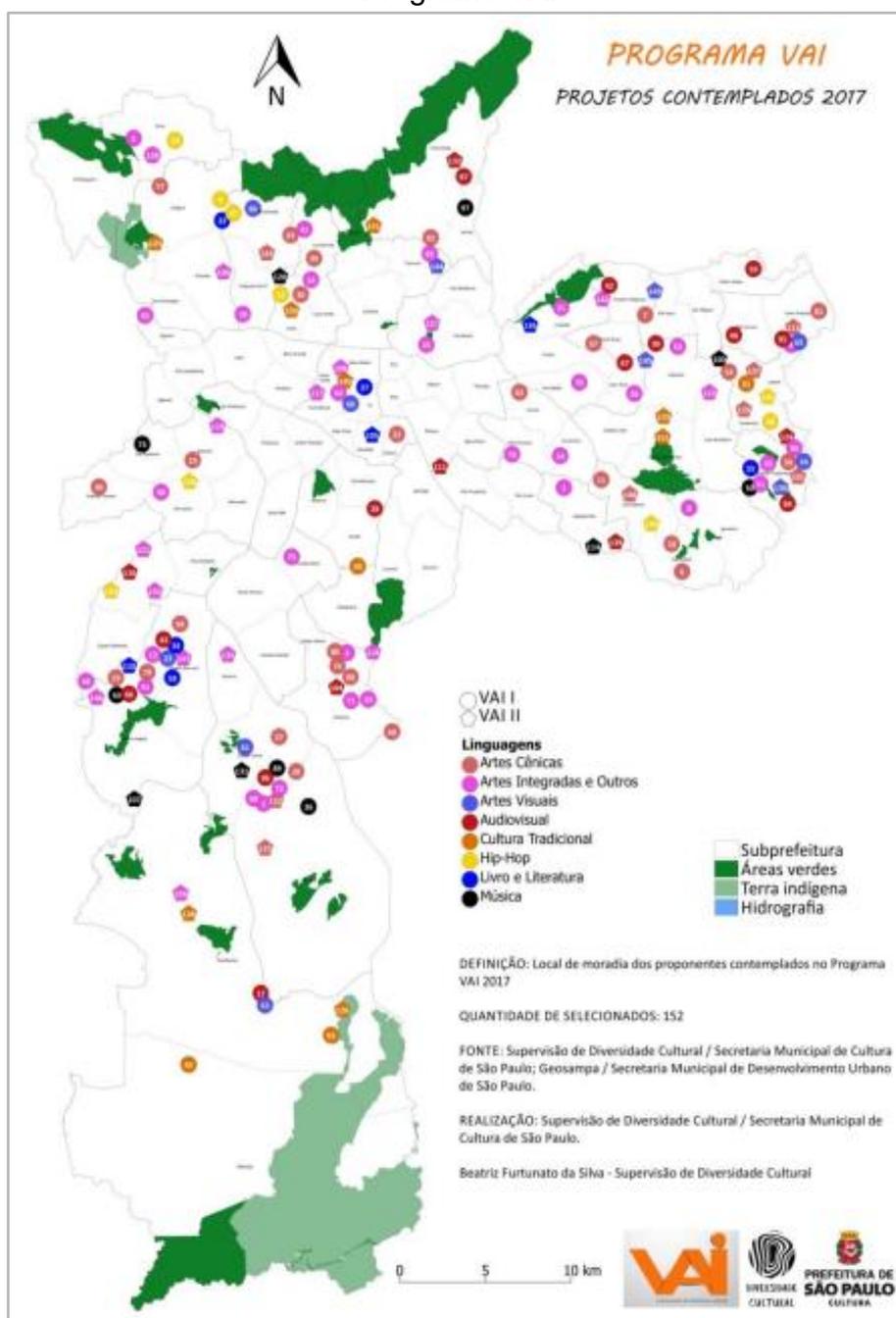
Fonte: Programa VAI, 2022

A partir do gráfico exposto, com exceção dos 60 projetos sem distritos cadastrados, é perceptível a concentração de iniciativas em territórios periféricos. Para a disseminação das culturas populares é muito importante ter amparos legais que garantam reprodução de projetos voltados às necessidades dos habitantes.

¹¹ Disponível em: <https://programavai.blogspot.com/>

Além disso, segundo os dados da edição de 2022, 58,9% dos proponentes são negros, ou seja, as barreiras estruturais vivenciadas na cidade de São Paulo pelas populações negras podem ser diminuídas a partir do acesso a políticas públicas, que resultam da própria luta popular e dos debates que surgem a partir da realidade vivida pelas parcelas populacionais historicamente marginalizadas.

Figura 48: *Print Screen* do mapa retirado dos dados da edição de 2017 do Programa VAI



Fonte: Programa VAI, 2017

Ao observar o mapa da distribuição de projetos realizados junto ao VAI em 2017, é possível perceber a diversidade de iniciativas artístico-culturais concentrada na subprefeitura Capela do Socorro, que administra os distritos do Grajaú, Cidade Dutra e Socorro.

No ano de 2013, é implantada a Área de Cidadania Cultural, na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Segundo a prefeitura, o objetivo era expandir o apoio direto a indivíduos, organizações, grupos e coletivos culturais da Cidade de São Paulo, sobretudo aqueles que atuam e desenvolvem projetos nos territórios onde o acesso às atividades culturais é mais escasso (Prefeitura de São Paulo, 2014).

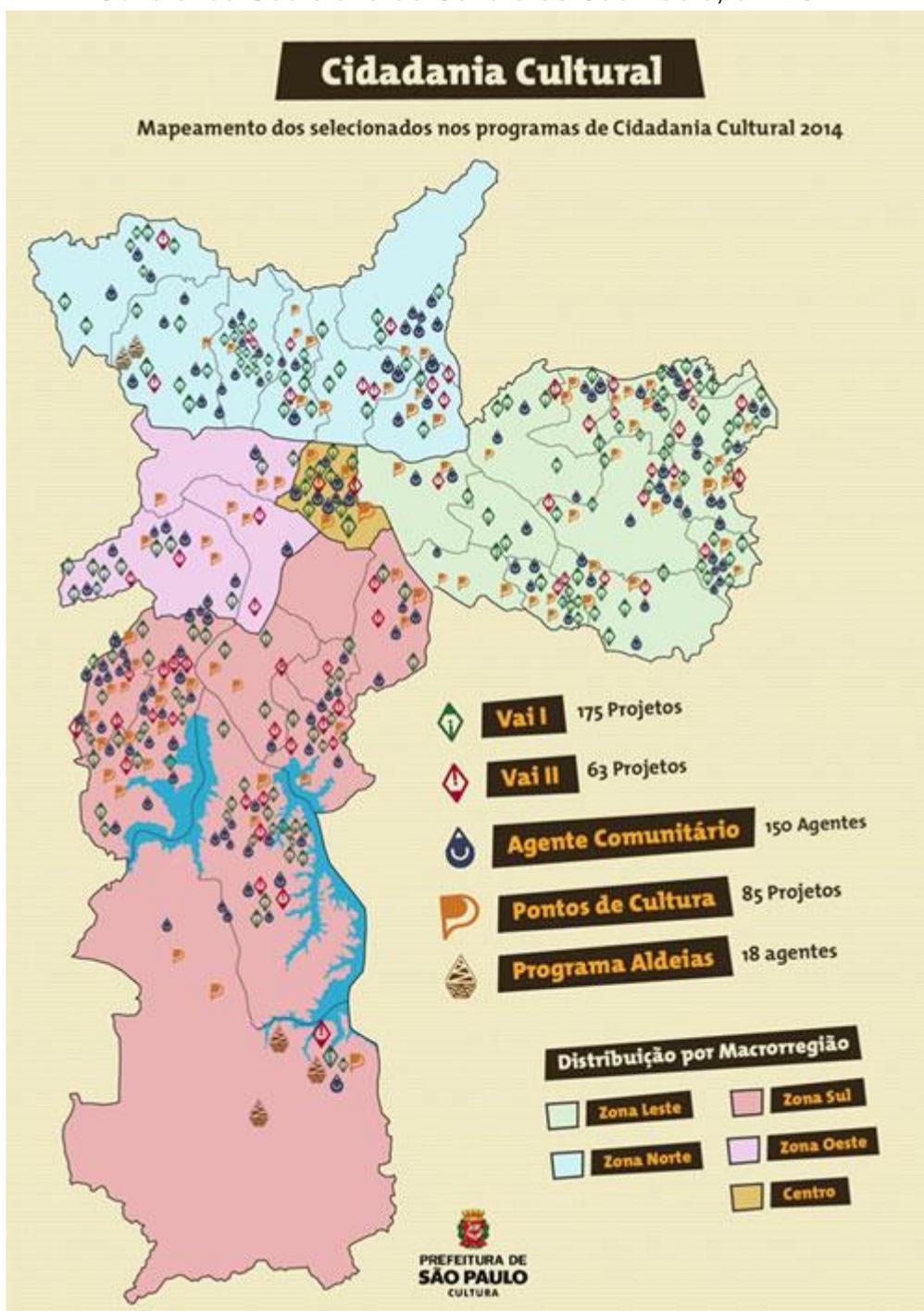
São quatro os programas voltados à cidadania cultural na Secretaria de Cultura da cidade. Alguns datam de mais de 10 anos, como o já mencionado Programa de Valorização a Iniciativas Culturais (VAI).

Ainda em 2013, o Programa VAI passa a ser dividido em duas categorias: o VAI 1, destinado a grupos e coletivos compostos de pessoas físicas, jovens entre 18 e 29 anos, de baixa renda, e o VAI 2, que é destinado a grupos e coletivos compostos por jovens ou adultos de baixa renda, que tenham, no mínimo, dois anos de atuação em localidades com alto índice de vulnerabilidade, desprovidas de recursos e equipamentos culturais.

Segundo o Instituto Pólis (2013), o programa naquela altura já havia financiado cerca de 1.144 projetos de jovens entre 18 e 29 anos.

A Área de Cidadania Cultural alcançou cerca de 175 projetos apoiados pelo programa VAI, em 2013. Em 2014, chegaram a 500 projetos e agentes. Essas duas definições se distinguem pela forma de atuação de cada programa. São eles: O VAI 1 e o VAI 2, os Pontos de Cultura, o Programa Agente Comunitário de Cultura e o Programa Aldeias (figura 49).

Figura 49: Mapeamento dos projetos contemplados pela Área de Cidadania Cultural da Secretaria de Cultura de São Paulo, em 2014



Fonte: Prefeitura de São Paulo, 2014

Os Pontos de Cultura se constituem como um programa nacional de base comunitária, por prever ações territorializadas localmente. Desde a sua criação pelo Ministério da Cultura, em 2004, o programa passou por muitos processos de execução. Em 2011, houve a descontinuidade das ações. Em 2014, é criada a Política Nacional de Cultura Viva, a partir da Lei n.º 13.018/19, que previa os pontos

e pontões de cultura, como instrumentos utilizados para a expansão das ações no espaço, definidos pelo Art. 4º, incisos I e II, que preveem ações territorializadas, apoio entre os grupos e o mapeamento como estratégia de expansão:

I – pontos de cultura: entidades jurídicas de direito privado sem fins lucrativos, grupos ou coletivos sem constituição jurídica, de natureza ou finalidade cultural, que desenvolvam e articulem atividades culturais em suas comunidades;

II – pontões de cultura: entidades com constituição jurídica, de natureza/finalidade cultural e/ou educativa, que desenvolvam, acompanhem e articulem atividades culturais, em parceria com as redes regionais, identitárias e temáticas de pontos de cultura e outras redes temáticas, que se destinam à mobilização, à troca de experiências, ao desenvolvimento de ações conjuntas com governos locais e à articulação entre os diferentes pontos de cultura que poderão se agrupar em nível estadual e/ou regional ou por áreas temáticas de interesse comum, visando à capacitação, ao mapeamento e a ações conjuntas. (BRASIL, 2014)

A Lei Cultura Viva manteve a identificação dos pontos de cultura como estratégia espacial, pois havia o objetivo de articular os locais e regiões para a consolidação de dinâmicas conjuntas que abranjam as áreas e permitam a identificação de demandas comuns que possam ser mobilizadas pelas políticas públicas.

Entre 2019 e 2022, com a extinção do Ministério da Cultura, a medida ocasionou o desmantelamento dos cenários culturais, do financiamento público e o consequente enfraquecimento das mobilizações nas periferias.

Em 2023, a Lei Cultura Viva passa a fazer parte do calendário de ações no Estado nacional, integrando o Plano Nacional de Cultura Aldir Blanc, consequência da retomada do Ministério da Cultura.

É possível também observar a complexidade de atuação da Área de Cidadania Cultural, na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

Outra política importante presente, no mapa da figura 49, é o programa Aldeias, que apoia a Cultura Guarani nas cinco comunidades existentes na Cidade de São Paulo.

A gestão e os requisitos de participação, nos programas de fomento à cultura estabelecidas a nível municipal e nacional, passam pelo pressuposto do espaço, da atuação localizada, no dinamismo territorial e na integração com a população local. A cultura mobiliza a sociedade inteira. De acordo com o site da Prefeitura de São Paulo, é necessário que os artistas contemplados pelos programas de cidadania cultural reconheçam as necessidades de seus bairros para que suas ações sejam ainda mais efetivas...

Os editais do VAI e dos Pontos de Cultura têm algumas regras formais definidas, como tempo máximo de realização dos projetos ou valor de apoio, mas não há restrições a linguagens artísticas, periodicidade da ação ou tipo de ação específica, o que possibilita apostar que os grupos conhecem o contexto no qual estão inseridos e tem maior capacidade de apontar e realizar o que é importante para aquele contexto, território e/ou população escolhidos como foco de atuação. (Site da Prefeitura de São Paulo, 2014)

É objetivo da área de cidadania cultural mobilizar os territórios periféricos, justamente porque se encontram às margens de todos os processos urbanos e, ainda assim, representam fontes de intensa criação artística e influência política, no que tange às mobilizações e lutas pela realização de projetos garantidores do acesso à arte, como é o caso dos Centros Culturais.

Segundo relatórios da edição VAI do ano de 2017, seis projetos tiveram, no Centro Cultural Grajaú, um ponto de referência para a realização das atividades propostas, mesmo aquelas que pertenciam a subprefeituras como Parelheiros ou Interlagos. O que pode demonstrar a importância do Centro Cultural Grajaú, na cena artística regional das periferias da zona sul.

Os centros culturais são resultados de políticas públicas voltadas à cultura periférica, consequência da luta de coletivos mobilizados nas favelas de São Paulo, como afirma a entrevistada do 'CAPSArtes', que atuou ativamente nos processos de reivindicação que resultaram na criação do Centro Cultural Grajaú.

A conversa com a educadora e produtora cultural aconteceu no dia 06 de janeiro de 2023. Ela contou que chegou ao Grajaú durante a década de 1970, vinda do Ceará junto de seu companheiro, trabalhador de uma siderúrgica no Polo Industrial Santo Amaro.

Atualmente o 'CAPSArtes' não possui endereço físico, mas já esteve localizado na Rua Irina Milchev Strbulov, 557 - Parque Grajaú e na Rua Jequirituba, 325 - Jardim Malia II. Um dos espaços mais utilizados pelo projeto foi o Centro Cultural Grajaú, localizado na Rua Prof. Oscar Barreto Filho, 252 - Parque América.

Segundo a entrevistada, antes de o Centro se tornar a Casa de Cultura Palhaço Carequinha, o local era voltado à função de venda de frutas e verduras, popularmente conhecido como 'sacolão'...

"O centro cultural foi uma luta nossa, não só do CAPS, eram muitos movimentos juntos, nós conseguimos a casa de cultura de Interlagos, eu acho que em 1992, se não me engano. E em 2008 essa casa foi lá pro Grajaú como casa de cultura Palhaço Carequinha, aí em 2009 nós passamos a ocupar com o Café Filosófico." (Entrevistada – 'CAPSArtes', 2023).

Embora tenha chegado no Grajaú em 2008, a partir da luta insistente dos artistas locais, a política que origina as Casas de Cultura, os atualmente chamados Centros Culturais, foi institucionalizada 16 anos antes, com a Lei N° 11.325, de 29 de dezembro de 1992. Trata-se de um dos mecanismos legais de maior importância para a arte periférica de São Paulo, pois é uma “política que tem como eixo a cidadania cultural (...) instaladas em regiões periféricas da cidade, com objetivo de descentralizar os espaços de cultura” (TJABBES, 2021, p. 49-51).

A estratégia de instalação das Casas de Cultura se baseia na Ação Cultural Regionalizada, ou seja, deve favorecer os principais pontos de referência nas regiões periféricas.

Para o ‘CAPSArtes’, a existência dos centros culturais foi de suma importância para o desenvolvimento de um projeto local. Segundo a entrevistada, as Casas de Cultura de Interlagos e de Santo Amaro foram fundamentais para as ações que antecederam a construção do Centro do Grajaú.

Inicialmente os encontros aconteciam na casa da entrevistada, que cedeu o espaço por perceber no distrito a presença de artistas e identificar a ausência de locais para encontro e desenvolvimento de atividades entre eles.

Durante o diálogo a entrevistada afirma:

“(...) eu tornei a minha casa pública, porque não tinha nenhum espaço ou eu fazia na minha casa ou eu não fazia, eu queria fazer, porque eu queria muito mais pelos meus filhos, porque era uma, era um ostracismo muito grande morar no Grajaú na minha época, porque não tinha nada.” (Entrevistada – ‘CAPSArtes’, 2023)

A entrevistada relata que usou, para chamar atenção dos artistas, uma placa em seu portão com os dizeres “precisa-se de poetas”. Assim, atraiu 28 poetas, que estiveram junto a ela no começo do projeto. Inicialmente, eles utilizaram “durante muito tempo a casa de cultura, essa casa que hoje é a casa de cultura de Santo Amaro” (Entrevistada – ‘CAPSArtes’, 2023).

Acrescenta que a casa de cultura de Interlagos também foi muito utilizada. Era ao lado do Autódromo, “onde é a delegacia né, (...) a base da polícia, depois essa casa migrou pro Grajaú em 2008 né, aquele centro cultural do Grajaú era de Interlagos. E foi uma luta nossa!” (Entrevistada – ‘CAPSArtes’, 2023).

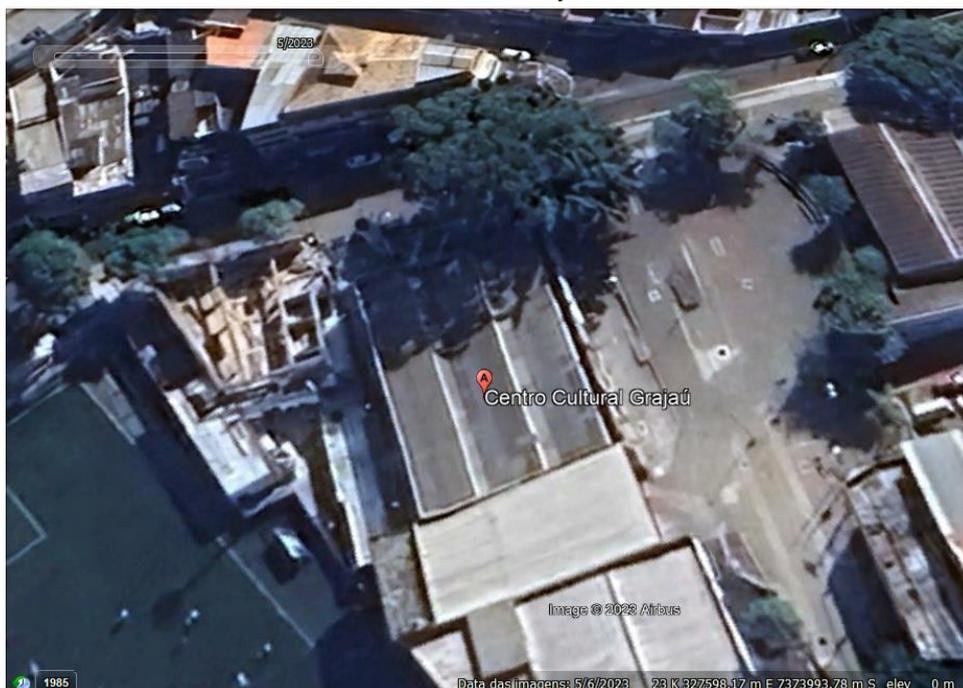
Foram utilizadas imagens do Google Earth para visualizar um pouco dos processos narrados pela entrevistada, com imagens do local onde hoje se encontra o Centro Cultural Grajaú, datadas de 2008 e 2023 (figura 50 e 51).

Figura 50: *Print Screen* da imagem de satélite da área correspondente ao Centro Cultural Grajaú, em 2008



Fonte: Google Earth. Capturada por Dayane Verneque, 2024

Figura 51: *Print Screen* da Imagem de satélite da área correspondente ao Centro Cultural Grajaú, em 2023



Fonte: Google Earth. Capturada por Dayane Verneque, 2024

No início de 2023, os centros culturais de São Paulo tornaram-se alvo de reivindicações populares contra a proposta da prefeitura municipal de terceirizar a gestão dos centros, o que enfraqueceria a estratégia de gerenciamento regional e retiraria parte da autonomia dos artistas.

“Para os artistas, transferir a gestão e a manutenção dessas unidades a entidades de sociedade civil iria fazer com que as oportunidades rareassem ainda mais para eles” (FREITAS, 2023).

A organização autônoma da população é essencial nos territórios periféricos, pois surge como consequência do desamparo institucional.

Nessa perspectiva, quando a entrevistada foi indagada sobre a importância da participação popular na construção da cena artística do Grajaú, ela afirmou:

“Eu acredito que não existe nada sem a participação popular, sem a luta do povo, é a partir da luta do povo, que é por isso que eu fico tentando que o fórum, sabe? Grite aos quatro cantos do Grajaú que quer mudanças, porque eu acredito que é a luta do povo, que chega ao poder e que tem essa ressonância, sabe? Esse *feedback*, porque se você não disser que tá doendo, ninguém vai saber que você tá com dor e ninguém vai te socorrer, se eu não disser que tô com fome, ninguém vai me dar comida.” (Entrevistada – ‘CAPSArtes’, 2023)

É nesse sentido que o ‘CAPSArtes’ assume o papel de promoção social a partir da luta por uma cultura da cidadania. A entrevistada relata que uma das primeiras ações do projeto foi a criação do MOCAP (Movimento Pela Cidadania Artística da Periferia), pautado na produção de conhecimento desde as habilidades já demonstradas pelos artistas, para que tais habilidades fossem ampliadas.

Ela ainda afirmou que se tratava de um trabalho para reconhecimento dos próprios artistas, afirmando que o público reconhecesse a arte que eles faziam. Este “é um dos objetivos que tá lá no estatuto do ‘CAPSArtes’, ou seja, se a pessoa sabia tocar violão, a gente promovia a construção de conhecimento acerca do que é o violão” (Entrevistada – ‘CAPSArtes’, 2023).

O ser humano integrado à sociedade tem necessidade de participação e reconhecimento. É nesse sentido que caminham os movimentos sociais interessados em criar novos acessos para as populações periféricas, a partir da reivindicação de direitos garantidos pela lei. As favelas concentram muita gente, por isso estão plenas de potencial criativo.

De acordo com a entrevistada, é exatamente isso que o ‘CAPSArtes’ objetiva desenvolver no Grajaú, a partir de diferentes modalidades da arte, desde a literatura, a poesia, até a construção de conhecimento a partir da educação, pesquisas

acadêmicas, rodas de debate. Para a entrevistada, é a partir da educação e do autoconhecimento da população que executam a promoção social:

“A gente se embasou em Freire né, aliás todo trabalho do ‘CAPSArtes’ é embasado na pedagogia freiriana, que é do diálogo de que, da valorização de todas as pessoas, independente do grau de escolaridade, porque todas as pessoas... Então é aí que tá a grande questão da promoção social né, não seria distribuir a cesta básica, embora nós tenhamos feito isso na pandemia né, distribuição, nós fizemos um trabalho intenso com as famílias em situação de vulnerabilidade, mas o nosso foco da nossa promoção social é nutrir as pessoas daquilo que elas têm, elas têm né, baseado numa frase que eu criei, que eu digo sempre que “o verdadeiro amigo, o verdadeiro mestre, o verdadeiro amor, são aquelas pessoas que nos ajudam a descobrir em nós o que nós não sabíamos que tínhamos”, então esse é o trabalho do ‘CAPSArtes’, a promoção social.” (Entrevistada – ‘CAPSArtes’, 2023).

Outra iniciativa que mobiliza o território e as regiões circundantes, a partir do potencial artístico local, é a Carreata Poética, pensada para articular os moradores e incentivá-los a consumir poesia de uma forma inusitada.

De acordo com o relato da educadora, as Carreatas são organizadas para ocorrerem uma vez ao ano, o que nem sempre dá certo. Têm roteiros estratégicos que ligam um local a outro com a intenção de debates pontuais. Normalmente a Carreata possui uma temática, como homenagem a algum artista específico ou algum gênero de arte:

“A carreata poética, por exemplo, a primeira carreata poética 1991, a gente saiu ali do Carlos de Moraes. E por que que eu criei a carreata poética? Eu não, porque a gente não faz nada só, nós criamos porque as pessoas só iam pra rua quando tinha campanha política, que os políticos, os candidatos botavam carro de som na rua e o povo ia pra rua, era uma festa. Aí eu cheguei em casa, cabô a campanha, não tinha mais nada, aí eu cheguei, conversei com meu grupo de 28 poetas, eu falei “gente, vamo fazer uma carreata sem nenhuma conotação política? Vamo fazer uma carreata poética?”, aí nasceu a carreata poética, até hoje ela acontece. (...) É, a gente vai de um espaço a outro de carro, vai fazendo paradas, declamando poesias, e depois a gente sai em procissão, procissão poética, com a dor, tudo.” (Entrevistada – ‘CAPSArtes’, 2023)

A entrevistada contou que todo o evento é patrocinado pelo apoio mútuo entre os artistas. Ela arrecada dinheiro junto aos coletivos. O grupo que organiza propõe que o dia da carreata seja voltado à solidariedade, com doações entre os envolvidos, refeições coletivas durante o dia, campanha de doação de roupas, livros, antigamente doavam CD's e DVD's, qualquer objeto que proporcione o contato com a arte.

Quando a conversa adentrou o âmbito das políticas de fomento à arte e cultura na cidade de São Paulo, a entrevistada afirmou que o ‘CAPSArtes’ nunca recebeu fomento estatal. Ela disse: “Não, não, não! Aí foi uma luta minha, do meu

marido, dos meus filhos, nós bancamos. Era dentro da minha casa, o centro era dentro de minha casa." Ela ainda afirmou que o projeto chegou a receber doações de instituições privadas, mas nunca foram contemplados pelos editais públicos.

Algumas instituições ligadas ao Sistema 'S' também procuraram o 'CAPSArtes' para a construção de agendas culturais conjuntas, a partir de 2020.

O Sistema 'S' integra nove conjuntos de organizações corporativas voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica (Agência Senado, s.d.).

As entidades ligadas ao Sistema 'S' recebem contribuições públicas, a partir de impostos de setores privados, que recolhem tributos na folha de pagamento dos funcionários, como prevê o artigo 240 da Constituição Federal:

Art. 240. Ficam ressalvadas do disposto no art. 195 as atuais contribuições compulsórias dos empregadores sobre a folha de salários, destinadas às entidades privadas de serviço social e de formação profissional vinculadas ao sistema sindical. (BRASIL, 1988)

O arrecadamento desse dinheiro é realizado pela Receita Federal, no âmbito do Ministério da Fazenda. Depois, o montante é repassado à entidade patronal do respectivo setor e, então, destinado ao Sistema 'S' (OHANA, 2023).

A entrevistada afirmou que o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e o Serviço Social do Comércio (SESC) já contrataram o 'CAPSArtes' para desenvolver atividades culturais dentro e fora das periferias...

"Então, agora a partir de 2020, 21, quando a gente começou a fazer isso veio a pandemia, a gente começou a escrever em algumas... Assim, a gente por exemplo, o SESC contrata a gente, pro trabalho. O SENAC contrata. (...) Uma agenda. E assim, isso é esporádico né, e aí esse cachê que entra, vai uma parte pra conta do CAPS e a outra parte é dividida igualmente pra todos os artistas, então isso tem acontecido, mas assim um incentivo, um dinheiro todo mês a gente não tem. A gente recebeu algumas propostas, mas essas propostas traziam uma mudança de... porque é assim qual é o nosso grande objetivo? É construir conhecimento porque, na época que o CAPS nasceu, quem ia pra universidade era rico, quem ia estudar piano era rico, até hoje né, então é... eu cheguei no Grajaú sem asfalto, a minha casa era uma casa simples, cê vê, eu mesma fiz o reboco né, eu era muito disposta, hoje não sou mais." (Entrevistada 'CAPSArtes', 2022)

O relato da entrevistada trouxe algumas evidências sobre a remuneração do trabalho ligado à produção artística e cultural, o que ocorre de maneira inconstante no contexto periférico.

Como já fora evidenciado, o objetivo final das iniciativas aqui estudadas não é produzir lucro. Entretanto, a vida nas cidades impõe necessidades básicas de consumo que não são supridas a partir da mobilização social, por isso é importante

haver uma espécie de devolução monetária aos envolvidos, para que a luta por cidadania, participação e cultura não passe a representar prejuízo financeiro em suas vidas práticas particulares.

Além disso, o retorno em dinheiro pode gerar um sentimento de reconhecimento da importância do trabalho realizado, já que, na atualidade, o dinheiro é central no modo de produção, como será aprofundado nos próximos capítulos.

A conversa também revelou certo receio por parte do ‘CAPSArtes’ em procurar financiamento público ou privado, isso porque, segundo a entrevistada, haveria a necessidade de moldar os objetivos e a forma de atuação do projeto, o que não cabia nos anseios dos envolvidos. O projeto ganhou duas grandes doações de instituições privadas durante os anos de atuação. A primeira grande doação resultou no selo ‘CAPSIANOS’¹², que publicou diversas obras literárias dos envolvidos com o projeto e dos moradores que foram alcançados por ele:

“(...) um detalhe muito importante que eu sempre gosto de trazer é que não há uma remuneração desses profissionais e então eu não chamo esse pessoal de voluntário, eu chamo de ideólogo, porque eu acredito que o voluntário ele presta serviço a uma causa e o ideólogo ele luta ideologicamente por aquela causa e é o que nós fazemos, nós não temos salário, nós não temos nenhum tipo de incentivo financeiro, de nenhum órgão né, nós recebemos uma ajuda, um prêmio que nós ganhamos, quando nós completamos 25 anos de luta nós ganhamos um prêmio da *Brazil Foundation*, no valor de 30 mil reais, foi o primeiro dinheiro que a gente viu na nossa vida e a gente investiu num ateliê de escrita, e esse ateliê de escrita eu fui a pessoa que coordenou o trabalho, tinha pessoas de todas as idades, de todos os níveis de escolaridade, produzindo literatura e aí nós criamos o selo ‘Capsianos’ pra publicar essas obras dessas pessoas, e aí a gente criou um selo que a gente chama de selo escola, porque pra publicar pelo selo ‘Capsianos’ tem que passar pelo nosso ateliê de escrita que é onde existe essa construção de conhecimento onde todo mundo ajuda todo mundo.” (Entrevistada – ‘CAPSArtes’, 2023)

Algumas obras publicadas pelo selo ‘Capsianos’ fazem referência à marginalização vivenciada pelos artistas envolvidos nas escritas.

Dois exemplos trazidos pela entrevistada foram as obras: ‘Escritos ao Extremo: Indeléveis dobradas textuais’ (figura 52), produzido por dez autores durante um ano de oficinas literárias realizadas no ‘CAPSArtes’, e ‘Filosofia escrita ao extremo: nexos, léxico, reflexo’ (figura 53), escrito por doze pessoas, também a partir de oficinas de leitura, escrita e debates:

“Eu trouxe dois exemplares aqui, essas foram as duas coletâneas que nós produzimos olha, a primeira aqui é só literatura “Escritos ao Extremo”,

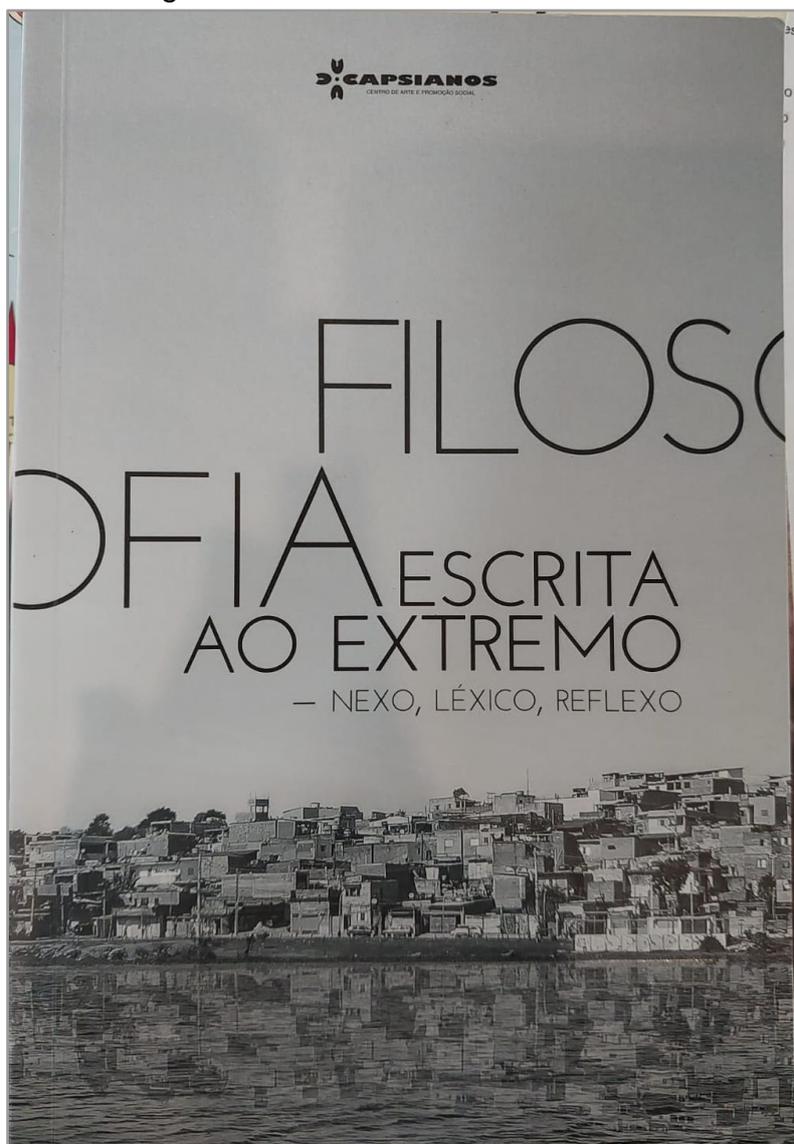
¹² Disponível em: <https://www.capsartes.com.br/selo.html>

peessoas de todas as áreas, se vocês folhearem aqui vocês vão ver as mais variadas profissões, e aqui a gente resolveu filosofar né, aqui eu selecionei alguns temas, e o grupo filosofou, então nós temos “Escritos ao Extremo” e “Filosofia Escrita ao Extremo”, por que? Porque nós estamos no extremo sul de São Paulo e nós fizemos isso aqui no extremo das nossas forças, porque todos trabalhávamos de segunda a sábado, isso aqui foi um trabalho feito aos domingos e tem mais um outro livro né que eu não trouxe porque eu não achei, que eu acabei de mudar né, tá no meio da bagunça. E o ‘CAPSArtes’, ele tem uma infinidade de núcleos, a gente tem, como eu falei pra vocês, a gente tem as rodas de construção de conhecimento, que a gente tem o Café Filosófico, a roda das psicologias, a roda da infância, enfim. É um trabalho muito intenso e como eu já falei pra vocês, nós pagamos para trabalhar né.” (Entrevistada ‘CAPSArtes’)

Para além da arte mobilizar e constituir o território, é interessante observar que o território também mobiliza a arte, a partir das dinâmicas e inspirações que surgem nas vivências cotidianas.

A precariedade de acesso a locais voltados à arte e cultura leva à criação de alternativas por parte dos habitantes, que se reúnem a construir soluções para os problemas que enfrentam comumente.

Figura 52: Livro 'Filosofia ao Extremo'



Capturada por Dayane Verneque, 2023

Figura 53: Livro 'Escritos ao Extremo'



Capturada por Dayane Verneque, 2023

O pioneirismo protagonizado pelo 'CAPSArtes' influenciou muitas iniciativas que viriam posteriormente, como a própria 'Associação Imargem', composta por integrantes que frequentaram o 'CAPSArtes' e foram alunos da professora Maria Vilani, idealizadora do projeto e entrevistada dessa pesquisa. Outros movimentos que concederam entrevista para a presente investigação e também se referenciam no trabalho realizado pelo 'CAPSArtes' são a 'Rede Nois por Nois' e o 'Ateliê Águila'.

A 'Rede Nois por Nois' é uma iniciativa voltada à coletivização de ações sociais. Por essa razão recebe o nome de 'rede'.

A idealizadora do projeto contou, no dia 19 de abril de 2023, que a origem das mobilizações da 'Nois por Nois' aconteceu partir da organização de feiras para troca de trabalhos realizados por moradores do Grajaú, sejam artistas, agricultores, artesãos, revendedores, cozinheiros.

Essas feiras são organizadas em espaços públicos como os parques lineares construídos às margens da Billings. Essa forma de organização garante amplitude para as ações promovidas pela ‘Nois por Nois’, que desde 2016 tem realizado espaços de troca no Grajaú, com forte inspiração do ‘CAPSArtes’, conforme relata a entrevistada:

“Entender que em 2016 (...) vou atrás né, de algumas lideranças da caminhada cultural né, eu sou cria do Fórum de Cultura do Grajaú, sou cria do ‘CAPS Artes’, que é o Centro de Arte e Promoção Social né, gestado pela dona Maria Vilani, é... E outras lideranças também né, mas eu falo muito da dona Maria Vilani porque ela foi a pessoa que deu o *start* em mim.” (Entrevistada – ‘Rede Nois por Nois’, 2023)

O foco que as ações do ‘CAPSArtes’ fornece às potencialidades pessoais dos moradores do distrito e frequentadores do projeto pode ter inspirado a criação da ‘Nois por Nois’, desde o impulso para a autonomia e autoestima pessoal de sua idealizadora, até na forma de gerir as feiras e demais espaços de troca.

Segundo a conversa sobre a ‘Rede’, muito daquilo que é realizado está voltado à autoestima e à identidade periférica.

A idealizadora do projeto diz:

“É... A Ângela Davis fala né, “se a mulher preta se levanta né, se movimenta a sociedade se move com ela”, eu acredito muito nisso, eu sou exemplo vivo disso assim, eu gosto inclusive de colocar as coisas em prática, todos os aprendizados que eu tive na quebrada, não sou uma pessoa acadêmica, embora eu ache importante ser, hoje eu penso isso, mas na época que eu comecei minha trajetória eu não considerava muito isso, eu acho que essa minha rebeldia vem desse lugar também, mas foi interessante porque a quebrada me trouxe muitos elementos de, que eu acho que eu precisava inclusive né, de autoestima sabe? Pertencimento, coisas que antes era difícil pra mim, né? Porque às vezes a questão não é nem você estar, é como se você se mantém nos processos que não foram feitos pra você, né? E como que a gente... Pra você, pros seus né? Então eu queria me pertencer a alguma coisa, eu precisava dessa nutrição e a quebrada me deu esse lugar, né? Então cada beco, cada viela, hoje a gente fala muito sobre isso, né? Que a quebrada é a nossa escola, é nosso espaço de educação, né?” (Entrevistada – ‘Rede Nois por Nois’, 2023)

Há um retorno ao território na fala elaborada pela entrevistada. A falta de pertencimento que ela afirmou vivenciar só foi rompida através da reconexão com seu local de origem e os trabalhos propostos pela ‘Rede Nois por Nois’ também resultam do/no olhar para dentro do distrito, olhar para as dinâmicas dos artistas locais, pensar o espaço local no momento de elaborar os eventos.

Embora a ‘Rede’ tenha iniciado com eventos em espaços públicos do Grajaú, atualmente se organiza num espaço fixo: a *Sankofa Hub*, localizada no bairro BNH (Conjunto Habitacional Brigadeiro Faria Lima).

Durante a conversa, a idealizadora da 'Nois por Nois' contou que o local escolhido para ser a Sede do projeto tem o nome de Sankofa porque todo o trabalho é pautado com referência a um passado ancestral como guia para as ações futuras, o que é o significado da simbologia de Sankofa, (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer), expressão que vem de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan, da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim (Revistas USP, s.d)...

“Inclusive, eu me movo através disso, no sentido que, não querem que eu avance, o racismo não perdoa, não quer que eu avance, entendeu? Então assim, eu vou dá na cara do racismo avançando, eu sempre soube disso assim, e isso é uma coisa muito ancestral na minha família, então eu preciso falar, pra falar da *Sankofa*, que é esse movimento de olhar pro passado né? É... Eu preciso falar da minha mãe, preciso falar da minha vó, porque foram elas que me trouxeram esse repertório né? Esse fortalecimento. E sobretudo a minha vó, que veio morar no Grajaú, por conta que ela era associada ao Clube Aristocrata.” (Entrevistada - Nois por Nois, 2023)

O 'Aristocrata Clube', citado pela entrevistada, foi inaugurado na zona rural de São Paulo, em 1969, pela elite negra paulistana, que era impedida de se associar aos tradicionais clubes da cidade.

O referido clube suspendeu suas atividades por 14 anos, no fim da década de 1990. Foi reativado em 2014, com sede em outro local (LIMA, s.d). Trata-se de uma referência para o movimento negro paulistano, justamente por resultar do engajamento para criar alternativas frente à realidade da marginalização social.

Segundo reportagem da UOL, nomes como Milton Nascimento, Jorge Ben Jor, Wilson Simonal, Jair Rodrigues, Elizeth Cardoso, Michael Jackson (ainda na época do Jackson 5), Ray Charles, Josephine Baker e Sarah Vaughan passaram pelo clube, que se localizava onde hoje é o bairro Jardim Lucélia, no Grajaú.

Em 2011, a prefeitura de São Paulo desapropriou o terreno do Clube e, em 2012, decretou a criação e denominação do Parque Municipal Linear Aristocrata, a partir do Decreto N.º 53.335, de 3 de agosto de 2012, no terreno onde se localizava o clube. A partir da análise de diferentes imagens de satélite é possível perceber algumas contradições na organização do espaço, algo contado pelos entrevistados. São imagens dos anos de 2013 (figura 54), 2016 (figura 55) e 2023, já com o Parque reinaugurado (figura 56).

Figura 54: Imagem de satélite de 2013 sobre o terreno do antigo clube Aristocrata



Fonte: Google Earth. Capturada por Dayane Verneque, 2024

Figura 55: Imagem de satélite de 2016 sobre o terreno do antigo clube Aristocrata



Fonte: Google Earth. Capturada por Dayane Verneque, 2024

Figura 56: Imagem de satélite de 2023 sobre o terreno do antigo clube Aristocrata, atual Parque Linear Aristocrata



Fonte: Google Earth. Capturada por Dayane Verneque, 2024

O Parque Linear Aristocrata foi inaugurado em 27 de setembro de 2023, não sem muitos conflitos durante o processo. O terreno foi desapropriado pela prefeitura em 2011. A partir de 2013, começaram os processos de ocupação por moradia na porção sul da área, que se consolidaram até o ano de 2016 e ruíram em 2017, como mostraram algumas imagens de satélite.

Esses conflitos, entre as obras ligadas aos parques lineares e as questões de moradia, foram referenciados pelo entrevistado da 'Associação Imargem', já que os parques lineares são importantes espaços públicos utilizados por grande parte dos movimentos artísticos organizados no Grajaú.

O entrevistado falou do contexto no Parque Linear das Gaivotas, que está sendo finalizado, mas cabe a reflexão para o Parque Linear Aristocrata:

“(…) mas a prefeitura tá criando esses parques lineares, uns parques lindíssimos tal, a gente tá, a gente tem uma relação de amor e ódio com o parque tal, porque... É, porque os parques são muito legais, são muito bonitos, só que, com a construção do parque, o parque tá ajudando a gente também tal, com a construção do parque, infelizmente tem que sair os moradores. (...) Tem moradores, amigos nossos tal, que tem vinte anos no bairro, trinta anos, quarenta anos, é... Tem morador aqui meu, os mais velhos, que do tipo tavam no bairro eu nem cresci ainda, sabe? Eu nem nasci. Então, esses moradores perder a casa deles é muito complicado, eles ir morar num apartamento, eles se afastarem da represa tal, tem muitos moradores lá embaixo que são pescadores, que é complicado, vai perder

seu ganha pão e tal, então é... A gente adora o parque sim, mas tem essa relação conflituosa, é..." (Entrevistado – 'Imargem', 2023)

Embora a construção dos parques lineares, característicos das áreas de represa, possibilite a produção de eventos, espaços de encontro, trocas de vivências entre os artistas e os moradores da periferia, enfim, sejam pontos de referência importantes para os coletivos organizados no Grajaú, a existência desses parques tantas vezes gera variados conflitos com a população local, que vê suas casas, suas ruas, seus bairros serem transformados, por vezes, condicionados à locomoção, sem a possibilidade de diálogo e interferência nessas decisões verticais da administração municipal. Isto, mesmo quando há muitos espaços públicos no Grajaú, praças e outros parques, que necessitam de restauração e cuidados por parte da prefeitura.

Embora não se pretenda aqui aprofundar polêmicas a propósito de questões relacionadas a moradia da população, vale pontuar que as realidades espaciais ligadas à dinamização do território, enfim, às vivências de todos os seus moradores, atravessam de algum modo as manifestações artístico-culturais e podem influenciar a expressão concreta da arte local, as estratégias de atuação dos movimentos organizados, as atividades que serão realizadas e irão acontecer. A bem da verdade, nada acontece fora do espaço geográfico.

A costura histórica dos diferentes grupos de coletivos organizados no Grajaú demonstra com evidência o potencial de integração social das iniciativas artísticas da periferia. Isto porque os movimentos que se ocupam do trabalho de tentar construir alternativas frente à realidade de precariedade, descaso e marginalização, reverberam suas ações no tempo, geram ecos intensos que influenciam outras pessoas em diferentes períodos e locais no território.

São exemplos disso a aliança entre a 'Casa Ecoativa' e o 'Imargem', mais a influência do 'CAPSArtes' na formação dos artistas do 'Imargem', da 'Rede Nois por Nois' e do 'Ateliê Águila. Igualmente, vale realçar a influência do 'Clube Aristocrata' na história do '*Sankofa Hub*'. Todos esses contatos realçam as possibilidades de associação entre os agentes de coletivos periféricos na realização em prol de seus objetivos comuns.

Esse cenário de trabalho conjunto entre os diferentes grupos organizados no Grajaú, sem dúvida, influencia a organização da 'Rede Nois por Nois', quando mobiliza os moradores locais e se divide em diferentes camadas de manifestação, o

que amplia o resultado de suas atividades. Tal projeto se volta para o fortalecimento do território do distrito, a partir do fortalecimento das pessoas, num contexto periférico de muitas fragilidades. A entrevistada explica essa situação:

“Porque eu acho que é isso, a gente precisa fortalecer nossa subjetividade, então a *Sankofa* é um espaço que fortalece a subjetividade de pessoas periféricas e pessoas pretas, né? Então, nós temos hoje os projetos que estão incubados lá dentro que é a Sabores Divino, e a Sabores Divino é um lugar de alimentação saudável, pensando também nessa ancestralidade através da gastronomia, tem também... E aí hoje estamos em reforma né, na Sabores Divino, na cozinha e tudo mais, e aí é... Quem tá fazendo a reforma são os atalaiers, né. Que eu chamo eles de atalaiers. Os meninos do projeto ‘Atalaia’, então também a gente traz é, recurso pra esse espaço né, mas também traz confiança pra essa relação, né? Entre nós e os meninos, ir pegando aqueles que já tem essa habilidade, mas que tão no processo de reabilitação, mas precisam serem nutridos nesse lugar de tipo “meu, acredito em você, vai lá e faz”, e aí quando eles veem a coisa acontecendo eles falam “meu, eu consegui fazer, que foda!”, sabe? Então são muitas camadas a ‘Nois por Nois’, sabe? É muitas camadas.” (Entrevistada – ‘Rede Nois por Nois’)

O projeto ‘Atalaia’ atua na esfera do acolhimento e da reabilitação de pessoas no tratamento do uso de substâncias químicas e pessoas em situação de rua. O processo de reconstrução da autoestima é importante para ampliar as forças e engajar a recuperação. A inserção em atividades diárias, na dinâmica social, possibilita interações e a contemplação do trabalho final realizado, neste caso, no espaço da ‘*Sankofa Hub*’ (figura 57), que é diverso e alcança muitos moradores locais.

Figura 57: Produtos para venda na ‘*Sankofa Hub*’



Fonte: Periferia em Movimento, 2022

Existe essa conexão com o território, naquilo que é construído pela Rede, pois é dentro do Grajaú e na região próxima que são desenvolvidas tais atividades.

A entrevistada relatou que bairros como BNH, Parque Linear dos Lagos, Jardim Eliana, Parque América, e Jardim Reimberg receberam festivais da Rede. Ela afirmou que, “uma das formas da gente ampliar a nossa atuação e trazer a quebrada pra dentro do evento era que acontecesse de forma itinerante (...) nós fizemos em muitos locais os festivais”.

A seguir uma imagem do festival realizado na quadra da caixa d’água, no BNH (figura 58).

Figura 58: Imagem retirada das redes sociais da ‘Rede Nois por Nois’



Fonte: Redes sociais da ‘Rede Nois por Nois’, 2017

Além dos festivais, a ‘Nois por Nois’ já realizou alguns percursos turísticos pelo Grajaú, indo com auxílio de outros grupos organizados do território como ‘Os Meninos da Billings’.

A entrevistada conta que enxerga o turismo como um caminho para se conhecer melhor o território. Ela reafirma...

“E aí o turismo, eu fui também entendendo a importância do turismo, a importância, porque é isso, você valida também a narrativa periférica, também gera renda, né? Também cria oportunidades, de inclusive a gente contar nossas histórias, a gente ser vistas, né? Reconhecida, tirar o Grajaú das páginas policiais, trazer pras páginas de turismo, é... Né? De conteúdos de turismo, então eu fui me encantando por essas coisas, e a gente começou a fazer também com o Ferrugem, né? As navegações, é... Foi uma pessoa que ajudou muito assim, (...) e acabou que aconteceu o

que aconteceu, né? Então a partir disso eu não quis seguir mais, é... Assim, dá um tempo na verdade, né? (...)

Ela conta que, ao fazer turismo pelo Grajaú, pôde perceber que em determinado local do distrito é possível ver o Pico do Jaraguá, um dos pontos mais altos do município e refletiu como certas coisas são facilmente ignoradas no dia a dia, sendo o turismo de base popular um modo de chamar atenção para esses novos elementos que, na verdade, sempre estiveram ali.

Os trabalhos realizados pela 'Rede Nois por Nois' mobilizam parte do extenso território do Grajaú, na perspectiva da economia periférica e do reconhecimento local.

Para possibilitar a infraestrutura dos eventos e remunerar as pessoas envolvidas nas atividades é necessário recurso anterior ao festival.

Nesse instante da conversa, a entrevistada falou de parcerias privadas e de acesso a políticas públicas tais como a já citada Lei de Fomento à Cultura da Periferia...

"Teve poucas parcerias pontuais, como a *Red Bull Amaphiko* né, nesse processo 2018, 2019, eu me torno *fellow* em... Transição de 2018 pra 2019, é... Mas foi uma questão muito pontual assim, ainda assim a gente tava se mantendo de forma, com as feiras né, com essa coisa mesmo comunitária, autônoma. E aí é... Depois do 'Elas Periféricas', a gente continuou nesse movimento autônomo, até que falei "mano, vamo ter que escrever, vamo tentar um fomento, Fomento à Cultura da Periferia", aí nós fomos contempladas em 2020, é nós fomos contempladas no final de 2019 pra 2020." (Entrevistada 'Rede Nois por Nois', 2023)

O projeto 'Elas Periféricas', comentado pela entrevistada, foi aprovado num edital privado da Fundação Tide Setubal. De acordo com a promotora cultural, foi um divisor de águas na história de atuação da 'Rede', pois o edital permitiu pensar a atuação da 'Rede' com iniciativa econômica, a partir de espaços voltados ao planejamento, além de autocuidado e debates sobre os contextos sociais.

No que se refere à Lei de Fomento à Cultura da Periferia, trata-se de um programa de fomento, resultado de intensa mobilização de coletivos e grupos envolvidos com a produção artístico-cultural em São Paulo.

A partir de 2013, num contexto político de reivindicações nacionais, como as Jornadas de Junho e o movimento Passe Livre, surgiu o Movimento Cultural das Periferias (MCP), que reuniu diversos grupos organizados nas favelas paulistanas com o objetivo de reivindicar políticas públicas que atendessem às demandas

identificadas no cenário cultural da cidade. Eram coletivos, redes e fóruns de São Paulo mobilizados durante quase quatro anos de luta (JESUS, 2017).

Mesmo com acesso às políticas de fomento, a responsável pela 'Rede Nois por Nois' acrescentou que a principal dificuldade do projeto é mesmo a questão financeira. A entrevistada também pontuou que, sem a viabilidade de algo contínuo, não é possível manter projetos tais como o *podcast* 'Visão Periférica', que vinha sendo realizado com figuras importantes na periferia tipo a Maria Vilani.

Vale ressaltar que, em algumas ocasiões, os festivais e as feiras geravam prejuízos, por exemplo, devido ao tempo que não ajudava ou aos moradores que às vezes não aderiam a um ou outro evento. O fato é que os relatos a respeito confirmam a importância da atuação do Estado no tocante aos programas de fomento, que garantem a execução de projetos culturais feitos por e para pessoas da periferia.

Mesmo que não supram plenamente as lacunas estruturais dos projetos coletivos, há a possibilidade de certa manutenção das iniciativas culturais periféricas a partir das garantias de acesso aos programas públicos de fomento. No processo de busca pela realização da cidadania cultural, é justamente esse o papel do Estado, conforme considera a professora Marilena Chauí (2008):

Se o Estado não é produtor de cultura nem instrumento para seu consumo, que relação pode ele ter com ela? Pode concebê-la como um direito do cidadão e, portanto, assegurar o direito de acesso às obras culturais produzidas, particularmente o direito de fruí-las, o direito de criar as obras, isto é, produzi-las, e o direito de participar das decisões sobre políticas culturais. (CHAUÍ, 2008, p. 65)

Se os indicadores demonstram disparidades sociais, é papel da grande entidade gestora dos territórios agir, o que não acontece sem muita luta e engajamento da população. Neste sentido e ciente disto, surge o 'Ateliê Águila', projeto contemplado pela Lei de Fomento à Cultura da Periferia e identificado com as carências de atividades artísticas e culturais específicas, no bairro Parque Residencial Cocaia, Grajaú.

O responsável pelo 'Ateliê' concedeu uma entrevista para a presente pesquisa no dia 19 de abril de 2023, quando explicou as origens do projeto.

Ele conta que:

"O 'Ateliê Águila' é um espaço que promove inúmeras atividades, mas o foco é as artes visuais, então se trata de um ateliê em que as pessoas da comunidade elas são convidadas pra vir pra cá, e passar por vivências que possam promover pra elas sensibilidade visual, e isso foi uma coisa que nós artistas da região, a gente sentiu assim, essa certa carência de ter

espaços como esse. Que assim o Grajaú é um local que tem muitos artistas, a gente diz, que é até um berço, né? E parte assim, dessa força cultural, parte muito dos grafiteiros, do movimento do hip-hop, dos saraus, né? E isso é maravilhoso, só que nós que trabalha necessariamente assim, com telas, a gente sentiu falta de mais espaços que pudesse estar dentro de um local onde você pudesse produzir, ou seja, um ateliê. E que você pudesse também ter contato com outros manuseios de materiais, além assim do *spray*. Eu mesmo vim dessa escola né, do graffiti, só que aí eu migrei pras pinturas e quando você migra pras pinturas você precisa de um local específico onde você possa guardar material, onde você possa... Ter todos os cuidados com o material, pra que você possa produzir mais, né? E ter menos gastos, tudo isso. E ter espaço é... O espaço físico ele ajuda o espaço mental pra criação, então surge aí essa necessidade, isso há uns cinco anos.” (Entrevistado – ‘Ateliê Águila’, 2023)

Quando o artista aponta a necessidade da espacialidade na dimensão artística, no que se refere à localização e infraestrutura, e afirma que “o espaço físico ajuda o espaço mental para criação”, evidencia a importância do contexto, da participação, do vínculo social, da construção conjunta dos locais.

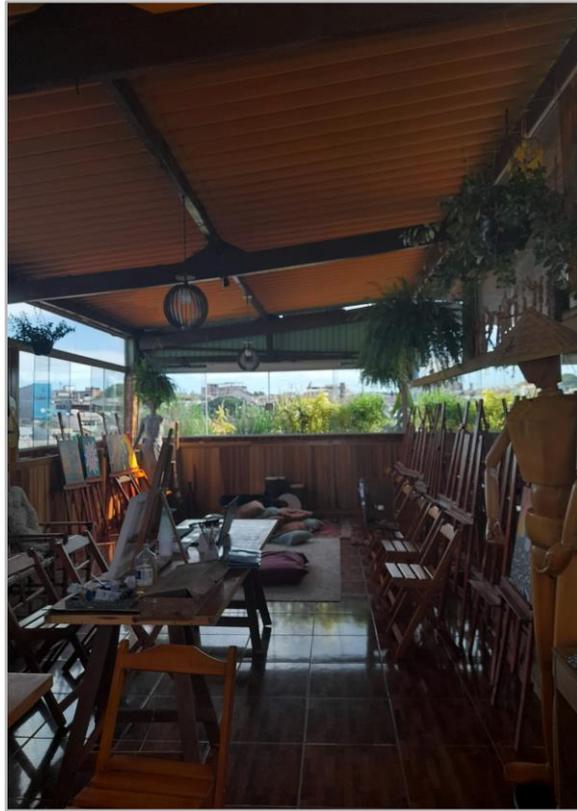
Existe, na iniciativa de criação desses espaços voltados ao desenvolvimento da arte, o impulso para mudar vindo da própria realidade vivida, do que existe e do que falta. O local do coletivo assim estabelecido torna-se referência de presença da arte, como pode ser constatado nas figuras 59, 60 e 61.

Figura 59: Entrada principal do ‘Ateliê Águila’, com vista para as casas vizinhas



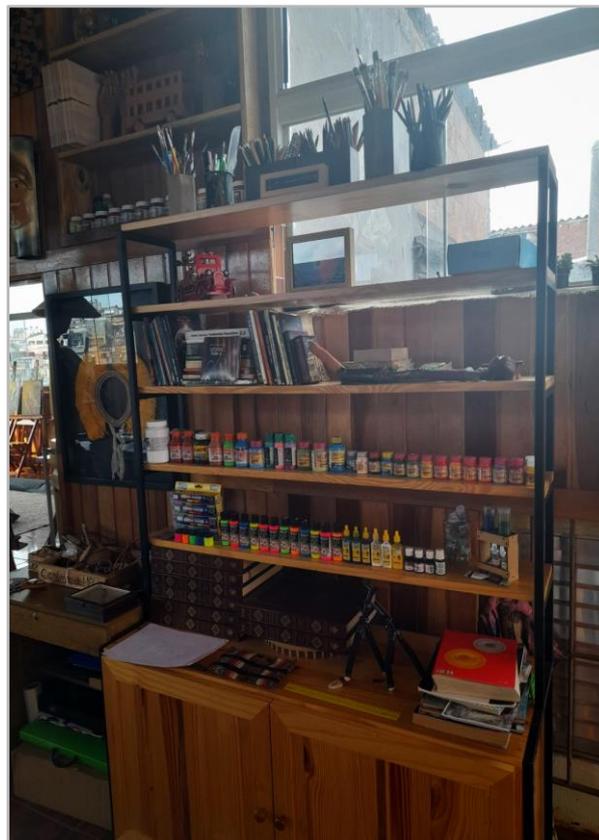
Capturada por Dayane Verneque, 2023

Figura 60: Local das atividades com telas do 'Ateliê Águila'



Capturada por Dayane Verneque, 2023

Figura 61: Materiais disponíveis para criação no 'Ateliê Águila'



Capturada por Dayane Verneque, 2023

O artista entrevistado afirmou que as configurações espaciais influenciaram diretamente a forma de conduzir a criação do 'Ateliê. O alto dos sobrados presentes no bairro, anteriormente utilizado como área de lazer pela sua família, deu lugar a um espaço de arte.

Para o responsável pelo projeto, o trabalho com arte e cultura é essencial no processo de desenvolvimento humano, emancipação e compreensão da realidade. Entretanto, o cotidiano, que dificulta e afasta a população local dessa possibilidade de acesso à arte, tornou-se um dos maiores desafios enfrentados pelo 'Ateliê', que insiste em reafirmar a importância da arte na vida das pessoas:

“Esse foi o desafio maior né, fazer as pessoas compreender que arte também é muito importante pra vida né, você conseguir manifestar, expressar por meio de alguma linguagem, vai trazer muita força pra você como ser humano, né. Pra você é, vivenciar suas batalhas dentro de um lugar onde você tem mais sensibilidade pra conseguir solucionar os problemas da sua vida. E arte é um desses fatores que consegue nos empoderar, uma vez que a gente consegue entender quem somos nós e de onde a gente pertence, né? A gente se fortalece.” (Entrevistado – 'Ateliê Águila', 2023)

O entrevistado contou que muitos artistas do Grajaú deixaram de frequentar espaços centrais, para consumir arte dentro do território do distrito, o que influenciou a construção de um 'Ateliê' no próprio bairro de moradia.

O 'Ateliê' foi criado em 2019, por professores de arte para ampliar o ensino no bairro a partir da produção visual. O artista entrevistado citou a 'Associação Imargem' como uma das influências para o projeto, por se tratar de um projeto precursor. Lembrou que desde os 10 anos de idade já ouvia falar do 'Imargem'. Também destacou a importância das vivências no território, pois são elas que guiam o que é realizado:

“Nós que somos daqui da região do Grajaú, sobretudo artistas, compreende... Acho até uma linha de raciocínio muito próximo, posso dizer assim, é um pensamento em ressonância, porque muitos de nós artistas daqui acredita que a rua, as vivências, o dia a dia, foi o nosso professor, foi o que amadureceu nós como seres humanos.” (Entrevistado – 'Ateliê Águila', 2023)

A perspectiva do artista entrevistado evidencia a importância do cotidiano na construção dos projetos sociais desenvolvidos no Grajaú. Entende que há um entrelaçamento histórico e geográfico entre os grupos organizados, isso porque dividem o mesmo território. O que os coletivos mais antigos constroem no espaço é fundamental para impactar a vida daqueles que herdarão as condições materiais de continuidade do que foi feito.

A partir da leitura do desenvolvimento espacial dentro do tempo é possível evocar os conceitos de forma, função, estrutura e processo elaborados por Milton Santos para compreensão da totalidade do espaço em suas esferas distintas.

A forma aponta a materialidade, o sobrado que se torna 'Ateliê', a casa de antigos operários que trabalham na construção da represa Billings, tudo passa a ser uma referência ecocultural, a garagem que passa a receber um sarau.

Todas essas dimensões materiais serão alteradas conforme e junto às funções que exercem, a forma material pode ser mantida, mas a função se altera, o que também transforma o propósito do objeto, da coisa em si.

As funções são alteradas de acordo com as demandas sociais do contexto. Existe a objetivação das necessidades vividas pelas populações. As funções seguem os objetivos e os objetivos são guiadas pelas condições sociais, o que configura o processo que origina a função. O que nos leva à estrutura social, política, econômica, o grande contexto que une a dialética da organização do espaço, de acordo com as exigências do tempo (SANTOS, 1988, p. 05):

Não se pode, desse modo, considerar uma dialética que hierarquize estrutura (essência, totalidade nua) processo, função e forma segundo um movimento linear, ou de uma maneira unívoca pois, de um lado, a estrutura necessita da forma para tornar-se existência e, de outro lado, a forma-conteúdo tem um papel ativo no movimento do todo social. (SANTOS, 2020, p. 126)

É nesse sentido de alteração do espaço local, a partir das lutas travadas no território pelo direito à arte e cultura, que os movimentos são colocados como agentes ativos na formação do espaço, nas dinâmicas de uso, nas alterações do cotidiano que os insere.

Toda a rotina de trabalho, a infraestrutura urbana, os contextos de marginalização da cidade, a presença da represa, as pessoas que migram e seus locais de origem, aquilo que está e aquilo que falta, tudo determina o todo em movimento. As pessoas, os objetos e as ações, dispostos no exposto a se relacionarem, é isso que permite a produção e reprodução espacial do trabalho com arte no território.

O trabalho dos artistas do Grajaú impacta o dia a dia dos moradores por tratar-se de ações sociais que se materializam em locais de modo a garantir acesso, promover integração, espaços de educação e formação de conhecimento, declamação de poesias, rodas de debate sobre os mais diversos temas, entre outras possibilidades.

A partir da luta por acesso e a perpetuação dessa luta nas leis, programas e coletivos voltados à arte e cultura, é possível transformar a realidade local e reconstruir as condições historicamente construídas. Essa possibilidade de transformação se evidencia em falas da entrevistada do ‘CAPSArtes’, que faz um panorama do Grajaú desde o final do século XX e como está hoje...

Se você chegar no Grajaú segunda, excetuando aí a pandemia, que foi aí um hiato desastroso né, mas você tem eventos culturais de segunda a segunda. As pessoas, se elas quiserem ir em um evento sem pagar nada, elas têm pra onde ir, em tempo mais pra trás a gente não tinha nada disso, menino ia pra escola, voltava pra casa, o pai ia trabalhar, a mãe voltava pra casa e era essa rotina, hoje não, hoje a gente tem eventos em todos os lugares que cê pode imaginar, tem o sarau (...) eu fui no sarau recentemente, Sarau do Grajaú que eles fizeram no Centro Cultural Grajaú, coisa linda (...) Escolas participando, sabe? Inclusive, pra comunidade escolar, teve um avanço muito grande porque os artistas vão pra dentro das escolas e as escolas vão para os saraus, para os movimentos que os artistas promovem (...) A gente já tem os alunos visitando os coletivos, fazendo entrevista pra trabalho de escola. (...) A gente tem um número muito grande de universitários mapeando a região, fazendo TCC, sabe? É muito bonito o que tá acontecendo. (Entrevistada – ‘CAPSArtes’, 2023).

Tanto a conversa sobre o ‘CAPSArtes’, quanto a entrevista sobre a ‘Ecoativa’ trouxeram trabalhos desenvolvidos com mapeamento dos locais de arte e cultura. No caso da ‘Ecoativa’, o entrevistado contou que a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP)¹³ desenvolve projetos de cartografia junto a ‘Ecoativa’, além de um texto monográfico que propôs oficinas de mapeamento realizadas pela Casa¹⁴. Por conseguinte, o entrevistado demonstrou reconhecer a significativa importância da cartografia para a articulação das demandas locais...

“Outra coisa que a gente vai falando mais, já no campo da escola, é a territorialização do currículo, que é como colocar o território dentro do currículo da escola, cê tá na escola, cê tem que pô, sacar onde cê tá cara, cê tem que fazer um mapeamento, uma cartografia, cê entender se você tá perto do CEU, se você tá perto da represa, se você tá perto da biqueira, se você tá perto da... Né, quais são os atores sociais, quais são as tensões, onde cê tá inserido ali com as crianças e com adolescentes, que projetos cês vão pensar dali né.” (Entrevistado – ‘Ecoativa’, 2023)

É nesse sentido que a cartografia entra como uma contribuição possível da Geografia frente a realidade vivida no Grajaú pois, por mais que existam iniciativas que estimulem a arte no distrito, muitas pessoas as desconhecem, além disso, cada

¹³ Projeto Bororé ao Mundo, realizado pela FAUUSP. em parceria com a ‘Ecoativa’ e a escola Adrião Bernardes. Mais informações em: <https://bororeaomundo.wixsite.com/memorial>.

¹⁴ Monografia realizada por Marla Rodrigues (2017), “Grajaú: Cartografias e Identidade - Mapeamento dos movimentos culturais do Grajaú e proposta de oficinas de cartografia coletiva”.

projeto se articula dentro do seu próprio contexto com as ferramentas construídas ou a sua disposição e o mapa pode ser uma rica fonte de informações, conhecimento para expandir as possibilidades de movimento dos ativistas.

Como fica visível nos relatos dos agentes envolvidos com os grupos promotores culturais, o território do Grajaú passou por transformações ocasionadas pelas ações artísticas no decorrer do tempo. Os mapas possibilitam observar e dinamizar esses processos. A técnica aqui adquire valor social que vai além da reprodução do consumo, assim como a arte não se reduz ao entretenimento, ao encanto ou à estética.

A arte aqui é defendida como expressão subjetiva necessária à manutenção da existência. Não se trata de alívio, mas de tocar na ferida. Não se trata de deslumbrar, mas de fincar os pés no chão, encarar a realidade de frente e não fugir, porque não há essa alternativa. A arte aqui é convocada como consequência da própria condição humana:

(...) a cultura é tomada em seu ponto final, no momento em que as obras são expostas como espetáculo, deixando na sombra o essencial, isto é, o processo de criação. O que é uma relação nova com a cultura, na qual a consideramos como processo de criação? É entendê-la como trabalho. Tratá-la como trabalho da inteligência, da sensibilidade, da imaginação, da reflexão, da experiência e do debate, e como trabalho no interior do tempo, é pensá-la como instituição social, portanto, determinada pelas condições materiais e históricas de sua realização. (CHAUÍ, 2008, p. 64)

É justamente o processo histórico que revela o sentido das transformações. Nada permanece intacto na ação do tempo. Os movimentos artísticos que se desenvolvem no interior de territórios periféricos são fonte de transformação para o próprio significado do termo periferia, pois o local de organização das classes populares passa a ser reconhecido pelo potencial artístico que carrega, não apenas pelas marcas da violência e da pobreza. Justamente pelo engajamento da população em alterar essa realidade:

(...) como o objetivo da população dos bairros populares era o de superar essas condições, o primeiro significado de periferia continha e negava os elementos violência e pobreza. A partir de toda uma luta para superar essa situação e da criação na periferia de variados processos sociais visando essa superação, (...) o termo periferia se alargou, de modo que pensar periferia hoje não pode ser feito somente pela existência dos elementos violência e pobreza. (...) falar em periferia hoje denota a existência em seu interior de quatro elementos: pobreza, violência, cultura e potência." (D'ANDREA, 2013, p. 177)

A realização do Grajaú através da arte garante novos elementos de significação para a periferia, para as próprias pessoas que ali residem, de maneira a consolidar o orgulho periférico.

Esse sentimento mobiliza e é mobilizado pelos agentes ativos na ação política de construir uma nova subjetividade pautada na pertença e no reconhecimento. Afinal, a arte mexe com o que há de mais profundo no ser humano, pode fazer os habitantes se apaixonarem pelo próprio território ao reconhecerem, em seu cotidiano, outras possibilidades de vivência.



58

Tereza de Benguela



- Maer
- Terra
- Carvão
- Cola

Tereza de Benguela
 Foi uma lider Quilom
 que viveu em lugar
 mas sabe-se que o
 estava as margem
 Guaporé



Capturada por Dayane Verneque em 2023,
 no bairro Jardim Gaivotas - Grajaú

3° MOMENTO - PARA PENSAR O FUTURO

A alienação cotidiana é capaz de tirar dos moradores da periferia toda a autoestima, porque reduz o olhar e as ações do dia a dia para a reprodução das relações de produção, que garante a manutenção da vida nas cidades capitalistas. É difícil voltar-se para si mesmo, quando toda a rotina está direcionada para fora, para o trabalho, para o transporte, para o cumprimento de prazos e metas produtivas, pois, afinal, a vida funciona assim mesmo.

O consumo é a merecida recompensa pelo intenso esforço, ele é exuberante com suas marcas internacionais, proporciona acesso àquilo que é negado para grande parte da população. A armadilha está no fato de que o consumo nutre organicamente os interesses externos, porque movimenta a maneira de conduzir a vida, de vestir, de usar, de ser e parecer, sempre com parâmetros de mercados internacionais, traços da colonialidade.

A autoestima, o senso de identidade, o reconhecimento do próprio potencial e, conseqüentemente, o potencial do território em que está inserido, é essencial para pensar o futuro do Grajaú. É necessário que as pessoas enxerguem o quanto elas podem mais, que a arte que vem delas é capaz de transformar a realidade, movimentar a cidade, o país e o mundo, assim como o mundo movimenta todo o Grajaú.

A partir do diálogo com o conceito de território usado, proposto por Santos (2005; 2011) para pensar a dialética entre os territórios locais e globais, inerentes ao mundo globalizado, é possível refletir sobre os caminhos que podem ser seguidos para transformação da realidade a partir do cotidiano, o que, por sua vez, revela os usos do território.

A arte é apontada nesse momento, como formadora e transformadora do cotidiano, compreendida como uso do território e elemento formador do espaço, movimentada pela resistência dos habitantes da periferia.

V. O Uso e o Cotidiano

O morro tá cansado de aturar a polícia
entrar e atirar

E, antes de ir embora, deixar no chão o
corpo de uma mulher preta

Enquanto a família brasileira tá distraída
com séries, redes sociais e sites de fofoca

Se entopem de droga

Televisão, celular, iFood e Coca-Cola

Tem um favelado sendo assassinado agora

Menos presídios, mais escolas

Mais livros e menos pistolas.

(Leci Brandão - Favela Vive 5)

Na atualidade da história humana, marcada pelo ano de 2023 no mundo ocidental, a identidade dos moradores das periferias da cidade de São Paulo é profundamente influenciada pela cultura do consumo construída com base nos anseios de grandes empresas e corporações. A escassez vivida pelos habitantes das periferias urbanas faz com que o anseio pelo consumo assuma a proporção da falta. Os artistas envolvidos com produção musical muitas vezes evidenciam essa realidade em suas letras de gêneros como *funk* e o *rap*.

Nas grandes cidades existe uma presença marcante de propagandas, *slogans*, letreiros, telões e demais reforços ao consumo, à compra e ao uso de determinadas roupas, carros, relógios, entre outros utensílios que marcam o poder de compra de cada pessoa.

Na atualidade, os territórios têm suas dinâmicas voltadas a interesses externos como os objetivos do mercado financeiro, do mercado imobiliário e no suprimento do mercado de trabalho. Os anseios do mercado global levam ao sufocamento do território local, como consequência, a população periférica, que está inclusa nas dinâmicas das cidades como força de produção, mão de obra transformadora, pouco consome dos potenciais que as cidades concentram. Esse olhar que a população periférica tem da cidade está presente na música 'Afirmação de Vida', do *rapper* Shawlin (2007), na qual o artista pontua que...

A cidade tem mil e uma coisas boas de ver
De se ter, de sentir, de comprar e de vender
Porque a cidade tem vida, mas nunca ousou te dizer
Você não vive na cidade, ela que vive em você (...)
Eu não sei se eu entendi, uma coisa eu aprendi
Que esses carros não vão voar, vão ficar engarrafados aqui
Porque a cidade tem ódio, mas sempre amou te dizer
Você não odeia a cidade, ela que odeia você (SHAWLIN, 2007)

Existe uma espécie de falta de pertencimento expressa na letra composta pelo artista. Talvez por se perceber integrado às dinâmicas urbanas pelo elo do trabalho, mas não como habitante, como cidadão, “você não vive na cidade, ela que vive em você.”

Embora os habitantes das periferias possuam características identitárias específicas e únicas, como os traços linguísticos e as formas de ocupar e se organizar no espaço, existe uma influência forte dos anseios do capital global, desde a materialidade histórica até a identidade expressa pela arte produzida na periferia. Mesmo os artistas que denunciam as influências perversas do modo de produção partem dessa realidade para resistir a ela.

Esses processos notáveis na composição do espaço urbano, influenciados pela globalização, podem ser analisados teoricamente a partir da perspectiva do conceito de território usado, proposto por Milton Santos (1994; 2011) como a relação do chão mais a identidade, aqui colocada como o sentimento de pertencer àquilo que o pertence. O território como fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais, local do exercício da vida (SANTOS, 2011, p. 14).

Na perspectiva de Santos (1998), não é o território em si que figura uma categoria de análise para a Geografia. O território se configura como um conjunto de formas, já o *território usado* é constituído a partir da ação humana, do movimento, da habitação. O território usado como sinônimo de espaço humano, espaço habitado, espaço geográfico (SOUZA in SANTOS, 2005, p. 252).

O autor pontua o território usado como categoria de análise central nos processos analíticos que buscam compreender o mundo atual, a partir do olhar para as dinâmicas relacionais dos diferentes fragmentos do espaço, consequência da globalização perversa. Os territórios se fragmentam ao objetivar o funcionamento do mercado internacional e, nesse movimento instrumentalizador, afastar-se das demandas locais, internas do próprio território.

Numa cidade globalizada como São Paulo, onde o mundo inteiro se encontra, é notável, no movimento diário dos transportes que ligam as regiões periféricas aos centros comerciais, essas dinâmicas impostas por influências externas. As regiões especializam-se em atividades exógenas e tornam-se *compartimentos produtivos* de um mundo globalizado (SILVEIRA, 2011).

A própria ideia de ‘compartimentos produtivos’ já ilustra a noção de espaço fragmentado: cada porção do território recebe sua função produtiva, seu papel no grande sistema funcional, nesse caso, da cidade de São Paulo. A autora Maria Laura Silveira, em seu texto ‘Espaço em Pedacos’, analisa esse processo como uma espécie de retorno à economia arquipélago, mesmo que agora sobre bases técnicas e científicas (SILVEIRA, 2011).

A ideia de arquipélago refere-se a diferentes ilhas, pedaços de terra rodeados de água por todos os lados, isoladas entre si, sem conexão real, mas falseadas pela interdependência dos processos: espaços integrados pela influência de objetivos globais, mas fragmentados pela ausência de planejamento e desenvolvimento local, fragmentados por processos que não pensam o local, as populações específicas e os territórios circundantes.

A esse processo funcional fragmentado do espaço, imposto pela globalização perversa, Santos (1998) dá o nome de *verticalidades*, pois se trata de uma imposição ‘de cima para baixo’ do mercado internacional para os territórios, que, por sua vez, contemplam diferentes parcelas do espaço separadas de acordo com diferentes funções, mas que se integram em um conjunto funcional.

Como, por exemplo, o escoamento de mercadorias produzidas por determinada indústria localizada no interior do Brasil, que precisa transportar para exportação através dos portos marítimos. Para isso, a indústria necessita pensar a logística de movimentação das mercadorias, que necessita passar por diferentes cidades e meios de transportes, que se conectam entre si através de rodovias para o objetivo final de escoar os bens e produtos. Por vezes, porém, tais cidades não estão integradas entre si para atender às demandas locais, ou seja, não estão integradas realmente, na concretude do seu funcionamento, mas se direcionam para as necessidades da indústria.

Neste sentido, como elaborou a professora Maria Adélia Souza, “a ordem global serve-se de uma população esparsa de objetos regidos por essa lei única que

os constitui em sistema, característica essencial do período técnico científico e informacional, produtor de verticalidades” (SOUZA in SANTOS, 2005).

O período técnico científico e informacional foi assim nomeado por Milton Santos (2020) para dirigir-se à atualidade do mundo depois da evolução tecnológica e científica que inaugurou o tempo da informação fluida, fortemente influenciada pelas tecnologias da informação.

As tecnologias voltadas à fluidez da informação integram o mundo cada vez mais, mas não sem uma estratégia, sem objetivos. As demandas econômicas são prioritárias no mundo capitalista, onde funcionam mercados financeiros que baseiam Estados nacionais e suas relações diplomáticas.

Santos (2011) referencia a *ideologia do dinheiro* e sua necessidade reprodutiva como contexto central de influência sobre as estratégias de tratamento e divulgação das informações.

O autor sugere que, neste tempo histórico, não são mais as populações que circulam o dinheiro em prol de si mesmas, mas em um processo reverso. As populações passam a viver em prol do dinheiro, inseridas em uma competitividade cultural que as destrói e fundamentam a globalização como perversidade (SANTOS, 2001, p. 19-20), e o dinheiro como ideologia. O autor adverte que...

É um dinheiro sustentado por um sistema ideológico. Esse dinheiro global é o equivalente geral dele próprio. E por isso ele funciona de forma autônoma e a partir de normas. Produzindo uma falsificação do critério, esse dinheiro autonomizado e em estado puro não existiria assim se as condições técnicas utilizadas pelas condições políticas, que dominam o período histórico, não contassem com a possibilidade de enviesar a informação. (SANTOS, 2011, p. 17)

O dinheiro sustentado por um sistema ideológico deixa de focar nas demandas sociais, nas necessidades das populações, para servir às necessidades dos grandes mercados globais, que regem o consumo do mundo. Essa lógica de funcionamento do espaço tende à fragmentação na globalização. O mesmo termo, que leva o imaginário geral a pensar em uma grande “aldeia global” é o significante do processo que divide o espaço em pedaços.

O dinheiro puro seria a reprodução do dinheiro com fim nele mesmo, não o dinheiro voltado ao funcionamento dos comércios locais, à circulação e manutenção interna dos territórios, não! O dinheiro com foco na reprodução dele próprio, o dinheiro pelo dinheiro. O elemento humano fica em segundo plano, nessa lógica capitalista.

Para isso é necessária a competitividade, a falta de cooperação entre os territórios, influência direta do neoliberalismo. “A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas” (SANTOS, 2001, p. 20). Há o sufocamento do território e seus usos voltados às possibilidades de troca, o que faz com que as populações priorizem as relações com o que é externo, um usufruir e trocar com o que está fora e não construir para dentro.

Aqui nota-se um forte traço da colonialidade, da metrópole colonizadora que baseava seu funcionamento na exploração da colônia, que, por sua vez, servia e produzia para fora, em direção ao colonizador, uma relação de exploração e interdependência funcional.

É nessa perspectiva que Santos (2011) analisa as alterações no território e suas dinâmicas de regulação. No texto ‘O Dinheiro e o Território’, o autor pontua a evolução da globalização e seus efeitos nos espaços habitados. Dentre as análises elucidadas, o artigo elabora as mudanças de conteúdo do território, que mudaram fundamentalmente, com a globalização, seja o conteúdo demográfico, o econômico, o fiscal, o financeiro, o político (SANTOS, 2011, p. 20).

O uso dá espaço para a troca: a troca da força de trabalho pelo dinheiro, a troca de mercadoria por dinheiro, de serviço por dinheiro. Os espaços passam a ser reduzidos à sua função, àquilo que podem trocar, oferecer.

No caso do Grajaú, passa a ser reduzido ao abrigo e moradia da classe trabalhadora periférica, quando se olha para a história de formação do distrito no contexto do funcionamento da cidade de São Paulo.

O papel que a troca começa a ganhar é uma enorme mudança na história dos lugares e do mundo, pois desloca da primazia o papel do uso. A troca é que comanda o uso do território, revés do comando anterior da troca pelo uso (SANTOS, 2011, p. 16). Ou seja, as necessidades e potencialidades internas dos territórios que direcionavam os usos e esses usos influenciavam as relações de troca.

Já com base na reprodução do espaço capitalista globalizado, cada parcela da Terra recebe sua função, muitas vezes deslocada das carências locais, mas, com certeza, exercida a partir dos potenciais naturais, físicos e humanos dos territórios, vistos como recurso pelas grandes corporações.

Para além da competição e falta de integração entre os territórios, é necessário o aparato técnico, que possibilita a fluidez dos objetos, das mercadorias e da informação, como os bancos e as tecnologias voltadas ao seu funcionamento, as infraestruturas voltadas às logísticas de escoamento de mercadoria, as tecnologias da informação voltadas ao consumo e a comunicação: um dinheiro autonomizado e em estado puro.

As técnicas elaboradas pelo ser humano, que avançam de acordo com o avanço da ciência, também estão voltadas e alienadas à reprodução do dinheiro como ideologia. Logo, existe uma distância entre o uso dessas técnicas e a apropriação real delas pela população, que as consome como mercadoria, pois são pensadas para atender objetivos do mercado global e, propositalmente, não devem ser apropriadas como conhecimento pelos povos, mas utilizadas como fontes de consumo e suprimento de dados. O que também pode se aplicar aos mapas, que acabam por integrar “as condições técnicas utilizadas pelas condições políticas, que dominam o período histórico e contam com a possibilidade de enviesar a informação” (SANTOS, 2011). Os mapas hoje estão nas mãos de todos aqueles que possuem um celular, mas historicamente foram separados para grupos hegemônicos, como militares, gestores de estado e empresas.

Com isto, como avançar, na prática e na teoria, tendo em vista o espaço fragmentado, globalizado, enviesado? Como alterar essa realidade imposta pelo modo de produção capitalista?

Para Santos (2001; 2011), é através do conceito de território usado que a Geografia deve avançar teoricamente na busca de uma outra globalização.

O autor considera que a Geografia como ciência alcançou sua era de ouro entre o final do século XX e início do XXI, pois “a geograficidade se impõe como condição histórica, na medida em que nada, considerado essencial hoje, se faz no mundo que não seja a partir do conhecimento do que é o território” (SANTOS, 2011, p. 13).

O autor articula os conceitos de lugar e território. Enquanto o lugar se manifesta a partir do *espaço vivido, habitado, rotineiro e cotidiano*, o território contempla a esfera política que influencia diretamente os destinos da vida humana.

Neste sentido, o território seria o lugar em que se desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto

é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência (SANTOS, 2011, p. 13).

O lugar articula o território, enquanto o território articula o lugar. É a noção de lugar que dá uso ao território, ou seja, que o torna categoria de análise da Geografia. O território usado propicia enxergar a articulação entre as dinâmicas locais e os interesses externos...

Para Milton Santos, o território usado se constitui em uma categoria essencial para a elaboração sobre o futuro. O uso do território se dá pela dinâmica dos lugares. O lugar é proposto por ele como sendo o espaço do acontecer solidário. Estas solidariedades definem usos e geram valores de múltiplas naturezas: culturais, antropológicos, econômicos, sociais, financeiros, para citar alguns. Mas as solidariedades pressupõem coexistências, logo pressupõem o espaço geográfico. (SOUZA in SANTOS, 2005, p. 253).

O território usado, proposto como categoria para elaborar o futuro, busca voltar o olhar ao que é necessário localmente, àquilo que circunda as realidades específicas de cada território, para que assim se possa observar as articulações possíveis dentro do contexto local, regional e global.

Cada território é focado nas suas demandas, para que assim possam se integrar de maneira real e orgânica com os territórios próximos e realizar uma relação global de apoio mútuo, sem deixar de lado as especificidades.

Isso parece uma esperança utópica e romântica, mas Santos (1994) elaborou o conceito de *horizontalidades* para definir o espaço do acontecer solidário, em oposição às verticalidades impostas pelo mercado global.

As *horizontalidades* partem das dinâmicas entre espaços contíguos, que se conectam entre si a partir da interação, da cooperação, voltadas a atender às necessidades locais e, quem sabe, nessa relação orgânica e real, construir uma nova globalização, com territórios integrados verdadeiramente e não massacrados por interesses de grupos específicos.

As *horizontalidades* existem no mundo atual, embora enfraquecidas. Talvez um exemplo esteja na relação de diferentes coletivos que se articulam nos bairros do Grajaú e criam conexões reais entre si, como a 'Associação Imargem', que auxiliou no processo de retomada da 'Casa Ecoativa', o 'CAPSArtes', que inspira o 'Sarau das Minas' e o 'Ateliê Águila', a 'Rede Nois por Nois', que conta com a participação de diferentes coletivos para a realização das feiras e eventos.

Uma outra globalização passa pelo fortalecimento das *horizontalidades*...

ao pensar na construção de novas horizontalidades que permitirão, a partir da base da sociedade territorial, encontrar um caminho que nos libere da maldição da globalização perversa que estamos vivendo e nos aproxime da possibilidade de construir uma outra globalização, capaz de restaurar o homem na sua dignidade (SANTOS, 1994, p. 20).

Embora a perspectiva da localidade não esteja, de forma alguma, descolada do contexto global, afinal, a Geografia reivindica um olhar sistêmico sobre a realidade, em que a escala mundial interfere na escala local e vice-versa, o que Santos propõe é o olhar inicialmente voltado às necessidades reais vivenciadas pelos habitantes em seu território habitado, para que, posteriormente, de maneira orgânica, possa se integrar funcionalmente aos demais territórios.

Assim, as *horizontalidades* seguem um direcionamento oposto àquele seguido pela globalização perversa...

Milton Santos foi um crítico severo da globalização chegando a refletir sobre uma outra globalização, denunciando aquilo que denominava de globalitarismo. Mas foi através da retomada de dois conceitos caros à Geografia que ele vai elaborar suas críticas aos processos que atuam no mundo acentuando e aprofundando desigualdades sócio-espaciais: o conceito de território e o conceito de lugar (SOUZA in SANTOS, 2005, p. 252).

Para esmiuçar o conceito de território, é necessário distinguir o território de todos, da convivência, do abrigo, daquele visado pelas empresas. Santos afirma que antes o território continha o dinheiro, regulado pelo território usado, enquanto hoje o conteúdo do território escapa a toda regulação interna (SANTOS, 2011, p. 20), justamente pelo interesse que vem de fora e adentra o interior dos territórios.

Mas, como ocorre a ausência de regulação interna? Como os habitantes dos territórios perdem o domínio sobre as dinâmicas internas? Será um processo gradual ou repentino? Será de fato um modo de regulação e organização do espaço para fins estratégicos e objetivos da ideologia do dinheiro? Como alcançar o fortalecimento das horizontalidades?

Se o território usado é sinônimo de espaço habitado, articulado ao conceito de lugar, onde o ser humano efetua plenamente sua existência sobre a Terra, mas o conteúdo dos territórios se altera com as metamorfoses do espaço capitalista, como é possível acompanhar essas mudanças? Em que direção olhar para compreender essas transformações? Onde fica a habitação, o poder dos habitantes que ocupam esse território? Como construir e fortalecer as horizontalidades propostas como possibilidade de análise e ação social?

O próprio autor deixa pistas de como pensar o uso do território para analisar tais processos.

Se o território usado é sinônimo de espaço habitado, pode-se compreender o uso pela perspectiva da habitação, do dia a dia laboral, as dinâmicas de trabalho, os padrões de moradia, os movimentos diários das pessoas que animam os objetos, dão vida ao território e o preenchem de conteúdo e significado.

A apropriação do trabalho humano é importante na regulação do espaço capitalista. Para além da posse e do domínio sobre a terra, é necessário dominar o trabalho, que transforma a terra e os objetos dispostos sobre o espaço.

Portanto, é compreensível a importância do foco no uso do território, afinal, é nele que se fundamenta a relação entre sociedade e natureza. Diariamente constrói-se a relação com o espaço e qualquer relação que escape a isso se assemelha a um turismo, temporário, breve.

A relação profunda com o espaço se dá pelo uso, pela identidade, pela identificação com o local, pelos afetos, pelo cotidiano. Resgatar o cotidiano é resgatar o uso, é resgatar o lugar. Nessa perspectiva, o conceito de cotidiano é proposto como possibilidade analítica na busca por compreender profundamente o uso do território.

O cotidiano passa a ser o contexto central para a compreensão do território e de seus usos, pois o espaço é pensado de acordo com interesses específicos, instrumentalizado e organizado para atender objetivos externos do mundo globalizado. Porém, esse controle sobre os espaços necessita passar pelas pessoas que o animam, concretizam ações sobre os objetos, dão vida ao território.

A perspectiva do espaço habitado se articula ao uso do território. É o trabalho das pessoas que concretiza o uso, é na habitação que se conhece o cotidiano, no dia a dia laboral materializado a partir das ações humanas.

Por isso, a apropriação do trabalho humano é importante na regulação do espaço capitalista. Para além da posse e do domínio sobre a terra, é necessário dominar o trabalho, que transforma a terra e os objetos dispostos sobre o espaço.

É nesta perspectiva que o conceito de cotidiano se articula à análise do território usado, na relação profunda com o espaço pela identidade e o uso.

Olhar para o cotidiano é olhar para o uso, pois a vida se faz no acontecer diário. Olhar para o espaço habitado é olhar para o uso, para as funções e, na perspectiva defendida, é olhar também para o território usado, que articula e integra

o local e o global, permite mirar as relações de apropriação e expropriação, mais a possibilidade de exercer poder a partir do uso.

O conceito de cotidiano é proposto como possibilidade analítica, na busca de compreender profundamente o uso do território. Precisa tentativa de resgatar a arte produzida no Grajaú, para avaliar se a população percebe a realidade artística que ali pulsa. Enfim, até que ponto essa arte mobiliza o espaço e a vida das pessoas, configura um uso do território?

A produção artística pode ser encarada como trabalho, na perspectiva de ação humana que forma e transforma a realidade? Ela mobiliza vivências e identidades? Ela fundamenta ações no cotidiano e gera transformação? De que forma a realidade vivida no interior do Grajaú influencia a arte produzida pelos habitantes? E como essa arte mobiliza o território?

Na leitura de Henri Lefebvre (2022) sobre espaço, o autor aponta a cotidianidade como elemento essencial para o funcionamento das cidades na sociedade neocapitalista, justamente porque cada porção da cidade recebe funções que visam a *reprodução das relações de produção*, ou seja, as relações de trabalho, as infraestruturas que dinamizam a cidade ao afastar e aproximar pessoas e ofícios:

“O espaço seria, desse modo, uma espécie de esquema num sentido dinâmico comum às atividades diversas, aos trabalhos divididos, à cotidianidade, às artes, (...). Seria uma relação e um suporte de inerências na dissociação, de inclusão na separação” (LEFEBVRE, 2022, p. 47).

Os processos de ‘inerência na dissociação, de inclusão na separação’ se assemelham na análise do espaço fragmentado, sendo um esquema dinâmico que visa objetivos externos e dificulta a regulação interna. O cotidiano voltado para fora torna-se alienado, atrelado a demandas que afastam das questões locais.

O espaço inteiro fundamenta o cotidiano, pois o espaço geográfico está no todo, na vida e na base material que alicerça os acontecimentos diários.

Por essa razão, a arte expressa de alguma maneira o cotidiano e seus aspectos, enquanto o cotidiano também é afetado pela arte, quando inserida em um muro grafitado ou pixado, em uma caixa de som na rua tocando uma boa música, numa casa que se destaca por suas cores, escritos e adereços, pois ali se encontra um ateliê ou outro espaço cultural, um *slam* ou sarau na praça, próximo ao ponto de ônibus. Tudo isto altera e forma o cotidiano, assim como altera e forma o território, “tudo importa, tudo tem peso sobre a cotidianidade, que revela o ‘tudo’ em questão” (LEFEBVRE, 1991, p. 81).

Não há como escapar do cotidiano. Os acontecimentos na vida individual e coletiva estão encerrados nele, para além dos condicionamentos políticos, econômicos e sociais. A natureza é cotidiana, todos os dias o sol nasce e se põe, mas apenas a partir da abordagem crítica do cotidiano é possível perceber as imposições, os condicionamentos, a alienação. A crítica compõe o esforço em direção à cotidianidade.

Para que se possa romper com a abstração do cotidiano é necessário fazer o movimento contrário, apropriar-se dele, percebê-lo enquanto vivido, para fundamentar estratégias que visem a transformação da realidade.

Tomar para si consciência dos condicionamentos e condicionantes, habitar a cidade de modo atento, perceber as alienações que afastam do real, tomar distância para enxergar “a alienação cotidiana, realidade sem verdade” (LEFEBVRE, 1991, p. 20).

E como isso se aplica na realidade do Grajaú e nos seus contextos artísticos? Por que defender que a arte forma o território do Grajaú?

Ao olhar pela perspectiva do uso do território, sua ligação com o espaço vivido e a construção da identidade, compreende-se que há uma forte identificação dos artistas com o território em que estão inseridos.

O que pode ser percebido em nomes de coletivos como ‘Sarau do Grajaú’, ‘*Slam* do Grajaú’, materiais comercializados com a frase “O Grajaú é meu País”, a reafirmação do território em letras de *rap* como ‘Grajaúex’.

Eis o distrito presente no trabalho artístico desenvolvido pelos habitantes.

A arte forma e transforma o espaço geográfico. É trabalho humano que dinamiza o lugar, possibilita a reprodução para futuras gerações, marca tempos e épocas, altera a paisagem, logo, altera percepções.

Para Guy Debord, é na modificação que está o sentido no estudo do cotidiano. A ausência do objetivo de transformar converte o cotidiano em algo duvidoso, pois é objeto que “não se trata apenas de estudar, mas de modificar” (DEBORD, 1961, p. 01).

A produção do espaço a partir da arte é apontada como fator de identidade e de uso, ao mesmo tempo que configura um elemento possível para transformação do cotidiano alienado, tendo em vista que, embora o Grajaú se consolide como um distrito de intensa produção cultural e artística, nem todos os quase quatrocentos mil

habitantes acessam tais produções ou ocupam os locais de arte, como colocado pelos entrevistados e os relatos coletados em outras publicações.

A escassez vivenciada por parte dos moradores afasta a importância da arte, da literatura, do contato com a música, isso porque passam a ser vistas como supérfluas, secundárias. Não há a possibilidade de investir nisso, existem necessidades mais emergentes, gritantes, urgentes.

Daí a importância de inserir cada vez mais locais públicos voltados à produção cultural, para que a população perceba o potencial que existe nela mesma. Compreenda que a expressão humana é consequência e necessidade da vida, deve ser uma possibilidade para todos. O desenvolvimento humano é essencial para transformar as sociedades, os tempos, as épocas, as técnicas. A arte é necessária para que a vida não se enrijeça, logo ela, tão dependente de movimento.

O dia a dia, vivenciado nas periferias de São Paulo, muitas vezes afasta a possibilidade do ócio e do descanso, isso porque na sociedade neocapitalista existe a supervalorização da produção em massa, da vida intensamente laboral para alcançar objetivos e metas sempre maiores. Nesse processo, outros elementos importantes podem se perder, como as carências internas do território: o aprimoramento cultural dos habitantes, que possuem o direito de acessar arte, educação, lazer e por vezes não tem no Estado os aparatos que garantam tais direitos, o que torna o trabalho autônomo dos artistas uma possibilidade para as vivências culturais fora da rotina dos moradores.

Nesse sentido, a arte se torna um modo de reconexão com o próprio território. A partir da mobilização e do trabalho dos artistas locais é possível o retorno ao território, o olhar para o cotidiano alienado, quando *a periferia se torna centro*.

As expressões subjetivas mobilizadas coletivamente e materializadas no espaço, nos grafittis, nas pixações, nas frases e letreros, nas esculturas, nas músicas, nas rimas, nas poesias recitadas, mandam mensagens para quem as consome.

Esse encontro possibilita uma troca entre os habitantes. O trabalho dos artistas do Grajaú pode inspirar críticas, proporcionar o contato com diferentes elementos culturais, mostrar que o trabalho com arte é possível para os aspirantes, pode alterar a paisagem e a forma como os moradores enxergam seus bairros.

Trata-se do fortalecimento das horizontalidades, da conexão dos vizinhos que de alguma maneira estão a evidenciar as demandas comuns que possuem por

partilhar o mesmo território. Torna-se, portanto, uma maneira de chamar a atenção para o local, na contramão das dinâmicas das cidades globais...

Há um conflito que se agrava entre um espaço local, espaço vivido por todos os vizinhos, e um espaço global, habitado por um processo racionalizador e um conteúdo ideológico de origem distante e que chegam a cada lugar com os objetos e as normas estabelecidos para servi-los. (SANTOS, 1994, p. 18).

O trabalho mobiliza a vida e, quando direcionado apenas para interesses externos, os territórios hegemônicos se expandem, crescem, evoluem, enquanto a periferia permanece inchada e não nutrida, cheia de pessoas, mas sem cidadãos.

A arte é uma demanda local, é fome humana de consumir conteúdos que levam a refletir, a sentir, a sorrir, a criticar, a entender.

É dos espaços periféricos que surgem a luta por direitos, pois são territórios daqueles que não participam dos privilégios políticos, logo, a produção de arte que se materializa no cotidiano das periferias urbanas pode ser compreendida como luta pelo *direito à cidade* que, como anunciou Lefebvre (2020), legitima a recusa de se deixar afastar da realidade urbana por uma organização discriminatória, segregadora.

O direito do cidadão anuncia a inevitável crise dos centros estabelecidos a partir da segregação, assim como aponta a necessidade de encontro e reunião. O cotidiano aponta para a necessidade do espaço simbólico, lúdico, a necessidade da vida social, comumente desprezadas. Os lugares e objetos devem responder a certas necessidades, que, nesse caso, estão aquém, como além das necessidades classificadas, pois se revelam no tempo, (LEFEBVRE, 2020, p. 34), nas contradições do cotidiano.

Por essa razão, as ações culturais autônomas, que provêm da ação popular, representam a luta pela cidadania, ou seja, não são mero entretenimento, são espaço materializado a partir da expressão subjetiva dos agentes urbanos periféricos, é luta e resistência diária às imposições do cotidiano alienado.

Para Chauí...

“...a cultura possui três traços principais que a tornam distante do entretenimento: em primeiro lugar, é trabalho, ou seja, movimento de criação do sentido, quando a obra de arte e de pensamento capturam a experiência do mundo dado para interpretá-la, criticá-la, transcendê-la e transformá-la – é a experimentação do novo; em segundo, é a ação para dar a pensar, dar a ver, dar a refletir, a imaginar e a sentir o que se esconde sob as experiências vividas ou cotidianas, transformando-as em obras que as modificam por que se tornam conhecidas (nas obras de pensamento), densas, novas e profundas (nas obras de arte); em terceiro, numa

sociedade de classes, de exploração, dominação e exclusão social, a cultura é um direito do cidadão, direito de acesso aos bens e obras culturais, direito de fazer cultura e de participar das decisões sobre a política cultural". (CHAUI, p. 61)

Por isso, o trabalho e o acesso à arte necessitam da possibilidade de expandir e manter-se ativos, pois representam luta pelo direito à cidade e os mapas se apresentam como possibilidade estratégica nas mobilizações coletivas, que se fundamentam no território e por isso são elementos de construção e formação do espaço geográfico.

VI. A cartografia e os usos: apropriação do território como direito à cidade

Venho de um lugar,
que não tem tradução em outro idioma.
Favela!
Espaço do improviso organizado.

(Dayane Verneque, 2024)

A cartografia geográfica reúne diversas técnicas, elementos, teorias, classificações e metodologias, aplicadas a possíveis representações do espaço geográfico, seja em mapas, cartas, croquis ou plantas. O que define cada um desses produtos é o objetivo e a escala.

Os clássicos mapas políticos, por exemplo, que ocultam detalhes e representam as divisões da superfície da Terra em nações, federações ou municípios. Tratam-se de mapas temáticos, que podem ser utilizados para diferentes fins: aulas, apresentações, matérias jornalísticas. Apresentam a abrangência e os limites dos poderes políticos exercidos por cada parcela administrativa do espaço, comumente em escala pequena¹⁵.

A cartografia é símbolo da Geografia no imaginário geral. Quando as pessoas pensam na ciência do espaço, lembram-se dos mapas. Afinal, são eles que possibilitam enxergar diferentes elementos e aspectos do espaço. Entretanto, existem elementos essenciais para a leitura de um mapa que diz respeito à compreensão do seu contexto histórico. Por exemplo, é importante que o mapa possua título, data, a instituição e o profissional que o elaborou, escala, legenda, para que se tenha informações como: o dado representado é atual ou não? Qual a possível intencionalidade do mapa? Para que foi elaborado e por quem? Quais as possíveis leituras do documento?

O mapa retirado de seu contexto leva a equívocos de leitura, afinal, o objetivo, a finalidade e a intenção de um mapa também estão sujeitos à conjuntura, à história, assim como sua forma de representação e as técnicas envolvidas. Por essa razão, é necessário introduzir os mapas no movimento do tempo e do espaço. Afinal, que

¹⁵ Na cartografia, a escala depende do nível de detalhe do espaço representado, logo, quanto maior o detalhe, maior a escala. A abrangência da área não determina a escala; os mapas mundis, por exemplo, possuem escala pequena, algo como 1:32.000.000 e 1:150.000.000, já os mapas locais de bairros possuem escala grande, como 1:5.000 e 1:20.000, isso porque apresentam maior nível de detalhe em área menor. A numeração da escala lê-se de forma inversa: quanto maior a escala, menor o número, quanto menor o número, maior a escala.

a cartografia se desenvolva no sentido da emancipação humana, pois não pode ser usada, nem explicada, sem sua base historicamente produzida (BATISTA, 2006, p. 19).

A cartografia se fundamenta na abstração, na lógica formal, na matemática, focada na abstração do concreto e na sistematização a partir do raciocínio lógico. Trata-se de um antigo conhecimento, constantemente aprimorado com o decorrer da evolução científica: com as definições e medidas geométricas dos elementos representados, os cálculos de escalas, as convenções internacionais que estabeleceram as coordenadas geográficas organizadas em eixos (x e y), os sistemas de referência e atualmente os sistemas de informação geográfica e as geotecnologias.

A técnica essencialmente humana está sujeita ao movimento do tempo, à história, à temporalidade. A técnica nos ajuda a historicizar, isto é, a considerar o espaço como fenômeno histórico a geografizar, isto é, a produzir uma geografia como ciência histórica (SANTOS, 2020, p. 49).

O desenvolvimento da história vai de par com o desenvolvimento das técnicas. As etapas evolutivas da história humana são marcadas por alterações nos conjuntos de técnicas disponíveis para dinamizar a existência (SANTOS, 2001, p. 25).

No fim do século XX, o advento das tecnologias da informação acelerou o processo histórico, isso porque são técnicas que ligam todas as outras técnicas, o que permite a comunicação entre elas (SANTOS, 2011, p. 16-17). O que Santos chamou de unicidade da técnica, geradora da convergência de momentos (SANTOS, 2001, p. 24-25), consequência da globalização na atualidade...

A fragmentação e a globalização da produção econômica engendram dois fenômenos contrários e simultâneos: de um lado, a fragmentação e dispersão espacial e temporal e, de outro, sob os efeitos das tecnologias eletrônicas e de informação, a compressão do espaço – tudo se passa aqui, sem distâncias, diferenças nem fronteiras – e a compressão do tempo – tudo se passa agora, sem passado e sem futuro. (CHAUI, p. 62)

Logo, não apenas os mapas, mas todas as técnicas ligadas à informação espacial são importantes para dinamizar o consumo, os fluxos de pessoas, as demandas econômicas das cidades. A fluidez de informação dinamiza o consumo. Há diversas possibilidades de aplicativos que utilizam mapas para facilitar o consumo: como comprar algo pela internet e conseguir monitorar o tempo de entrega e localização da mercadoria. Entretanto, é esse dinamismo e velocidade impostos

às grandes cidades, intensamente técnicos, que turvam a percepção sobre o cotidiano e a passagem do tempo.

Outro fator importante, para a produção e a reprodução da globalização fragmentada, que hoje se observa, é apontado por Santos (2001) como a cognoscibilidade do Planeta, isto é, informações terrenas intensas a partir das técnicas e tecnologias empregadas para o conhecimento da Terra, sejam mapas, imagens de satélite, fotografias aéreas...

O período histórico atual vai permitir o que nenhum outro período ofereceu ao homem, isto é, a possibilidade de conhecer o planeta extensiva e aprofundadamente. Isto nunca existiu antes, e se deve, exatamente, aos progressos da ciência e da técnica (melhor ainda, aos progressos da técnica devidos aos progressos da ciência) (SANTOS, 2001, p. 31-32)

O capital se apropria dos conhecimentos construídos a partir da ciência e do trabalho humano. O acesso aos mapas é possibilitado pelo envolvimento dos espaços da reprodução pelas novas tecnologias – o domicílio e o consumo – o que tem permitido que a generalização de tendências socioculturais, emanadas da esfera da produção, oriente agilmente a ação social (RIBEIRO, 2000, p. 14-15).

O consumo passa a ser elemento da popularização dos mapas, entretanto, não possibilita a apropriação real do conhecimento cartográfico, do funcionamento, da intenção e da profundidade dos mapas. Isso porque o uso que se faz dessas técnicas é alienado. O uso se populariza, mas não a consciência.

O que caracteriza um uso alienado? Um uso que não é totalmente consciente, mas orientado por objetivos do mercado mundial, da mídia, das grandes indústrias, por exemplo. Logo, as “tendências socioculturais emanadas da esfera da produção”, passam pelo trabalho alienado e pelo consumo alienado.

Na perspectiva materialista histórica dialética, a alienação se origina da sociedade de classes, que separa, fragmenta a população em parcelas sociais determinadas a partir do poder e detenção dos meios de produção. Sociedade significa isolamento, fragmentação ou atomização de seus membros, forçando o pensamento moderno a indagar como os indivíduos isolados podem se relacionar, tornar-se sócios (CHAUÍ, 2008, p. 57-58). Quem não possui os meios de produção, vende sua força de trabalho, logo, seu trabalho é direcionado aos objetivos da classe possuidora, enquanto esta necessita do trabalho alheio para manter em funcionamento aquilo que possui voltado à produção e reprodução de capital.

A alienação é colocada como um empecilho à realização humana (VIANA, 2012, p. 27), pois tudo que é produzido a partir do trabalho e do consumo alienado torna-se alheio ao trabalhador, que não participa integralmente do processo produtivo e tem, na mercadoria, o resultado desse processo, não algo que lhe pertence e que significa a materialização de sua vontade e energia e, sim, como algo que lhe é estranho e não lhe pertence (VIANA, 2012, p. 35).

E como tudo isso dialoga com o uso dos mapas popularizado pelo consumo? Ora, o acesso social à técnica tem ocorrido quando o poder assim o deseja (RIBEIRO, 2000, p. 22). O mapa, como representação abstrata do espaço real, realizado pelas geotecnologias com fins objetivos de possibilitar e dinamizar o consumo, privilegia determinadas informações e dados.

Muito daquilo que se vê em aplicativos, como *Google Maps* ou *Waze*, está voltado à *reprodução das relações sociais de produção*, o que pode ocultar dinâmicas importantes que se opõem aos objetivos do mercado mundial.

Os modos de produção se realizam por intermédio das técnicas (SANTOS, 2015, p. 02), por isso a cartografia que se faz tecnicamente é convocada por uma geografia de mercado e de Estado, mas muitas vezes na relação com o mercado (BATISTA, p. 228-229).

A disponibilização do dado, tornada indiferente pela extensão da rede técnica, *oculta a natureza do poder*, que pressupõe a subordinação do dado ao seu significado para a vida social (RIBEIRO, 2000, p. 20-21).

Os dados se reduzem a potenciais de consumo, e...

“(...) permanece o estranhamento do sujeito com os lugares e as linguagens, de modo que não compreende seu espaço próximo, pois estes mapas desconsideram o cotidiano, seus conflitos e também não explicam a realidade que o constitui, mas, ao contrário, aprofundam a alienação” (BATISTA, 2020, p. 227).

A crítica de que a cartografia geográfica privilegia determinadas informações, em relação à ocultação de outras, fora feita por Yves Lacoste (1993). Para as escolas francesas dos séculos XIX e XX, o autor observa que é preciso atingir o porquê de certos fenômenos espaciais serem considerados dignos de interesse, enquanto outros, que se desenvolveram da mesma forma no espaço, sobre o terreno e dos quais todo mundo fala, não são considerados dignos de uma análise científica. Essencialmente, o caso dos fenômenos políticos e militares (LACOSTE, 1993, p. 114).

O autor explicita que diversos geógrafos, no decorrer do tempo, aprimoraram suas obras e debateram sobre o espaço político, mas critica a alienação da escrita científica pelos interesses de Estados e de instituições privadas. Para ele, a geografia dos Estados maiores é quase completamente ignorada por todos aqueles que não a executam, pois suas informações permanecem confidenciais e secretas (LACOSTE, 1993, p. 26).

Na atualidade, durante o período técnico-científico informacional, muito se avançou nos aspectos de acesso à informação, pois é ela que baseia a fluidez econômica e social. Entretanto, muitos dos aspectos trabalhados por Lacoste permanecem até hoje no desenvolvimento teórico e técnico da Geografia, como o mascaramento da utilidade prática da análise do espaço: a estratégia (*Ibid.*, p. 25).

A Geografia vista como conhecimento estratégico continua separada para os Estados maiores e as grandes empresas, que se utilizam essencialmente de representações cartográficas e de conhecimentos variados referentes ao espaço, para, não apenas representá-lo com base em seus interesses, mas ordená-lo, organizá-lo com objetivo de fluir os processos produtivos:

A abundância de discursos que se referem ao “*aménagement*”¹⁶ do território em termos de harmonia, de melhores equilíbrios a serem encontrados, serve sobretudo para mascarar as medidas que permitem às empresas capitalistas, sobretudo as mais poderosas, aumentar seus benefícios. É preciso perceber que o “*aménagement*” do território não tem como único objetivo o de maximizar o lucro, mas também o de organizar estrategicamente o espaço econômico, social e político de tal forma que o aparelho de Estado possa estar em condições de abafar os movimentos populares. (LACOSTE, 1993, p. 30).

Na perspectiva da presente análise é o cotidiano alienado que abafa os movimentos populares, pois é nele que se fundamenta a produção e reprodução do espaço urbano. A alienação diária do cotidiano, conduzida pelo Estado capitalista que organiza o espaço, afasta a população das dinâmicas de reivindicação. Ao mesmo tempo, é a cotidianidade que revela as contradições e alienações.

Os mapas aplicados à mobilização cotidiana são capazes de revelar novos caminhos para a emancipação humana, e, na presente análise, a apropriação dos usos do território.

Os mapas são carregados de intencionalidade, possuem objetivo, método, projeto, assim como a organização do espaço urbano. Configuram documentos importantes para o planejamento das cidades, para a ocupação humana, para definir

¹⁶ Traduzido como *layout*, ou ordenamento de um território, “*aménagement du territoire*”.

e representar os usos. Logo, os mapas também representam possibilidades de ação. Se são ideológicos, também apresentam possibilidades de transgredir limitações que nos impõem linhas teóricas e políticas (BATISTA, 2006, p. 19).

Os mapas alicerçam técnicas estratégicas importantes para o funcionamento do espaço capitalista, porque carregam potenciais grandiosos de ação. As técnicas fazem parte da materialidade do sistema de objetos, que fundamenta o sistema de ações, o que para Santos (2020) são definidores do espaço geográfico, sinônimo de território usado.

Os domínios do sistema de objetos e do sistema de ações são basilares para os dois mecanismos de acionamento do uso do território: a tecnosfera e a psicofera, que consolidam as dinâmicas espaciais.

A tecnosfera corresponde à espessura técnica presente no território, ou seja, a quantidade de tecnologia, informação, ciência, agregada ao uso do território para atender às demandas de reprodução, como, por exemplo, os modais de transporte, os meios de comunicação e o investimento em infraestrutura urbana.

Já a psicofera trata do “reino das ideias, crenças, paixões e lugares da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno de vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário” (SANTOS, 2020, p. 256).

Ambos os mecanismos de acionamento do uso do território, tecnosfera e psicofera, são redutíveis uma à outra, pois influenciam-se mutuamente. A técnica e a ciência empregadas ao uso do território intervêm sobre o comportamento e valores sociais. Enquanto a técnica está no domínio dos objetos, a psicofera está no domínio das ações.

É necessário configurar as mentes para que acolham, consintam e assumam para si a reprodução do uso empregado ao território e as técnicas nele desenvolvidas.

No contexto da grande metrópole paulistana, o Grajaú possui fina espessura técnica, pois concentra parte da mão de obra da cidade, enquanto a Faria Lima, por exemplo, possui grande espessura técnica, pois forma-se a partir da concentração de prédios comerciais, centros empresariais, infraestruturas de transporte e serviços diversos. Portanto, há influência direta entre a concentração de informação e tecnologia, no uso do território e os valores sociais a ele empregados.

Em palestra sobre cartografia e arte no Grajaú, na Escola Estadual Ilda Vieira Vilela, localizada no Parque Residencial Cocaia, no dia 28 de setembro de 2023 (figura 62), foi perguntado aos alunos e educadores presentes quem já tinha visto um mapa do Grajaú. Entre as cerca de trinta pessoas presentes, nenhuma levantou a mão. Como é possível, num período de intenso mapeamento de toda superfície terrestre, que parte significativa dos moradores do distrito mais populoso de São Paulo nunca tenha acessado um mapa sobre seu território?

Figura 62: Palestra junto a educadores e alunos do grêmio estudantil da Escola Estadual Ilda Vieira Vilela, localizada no Parque Residencial Cocaia, Grajaú



Imagem cedida por professores locais, setembro de 2023

Essa carência de informação e contato com os mapas, numa era em que estes estão popularizados e tão presentes no cotidiano, pode ser indício do distanciamento da técnica e das reais demandas dos territórios periféricos, o uso alienado desse conhecimento estratégico, que para muitos ainda não fora revelado como fonte de mobilização, conhecimento, poder e direito.

Os mapas como técnica influenciam a leitura do mundo. “Para além da localização e da orientação, o mapa expressa uma compreensão sobre a realidade” (BATISTA, 2014, p. 68).

Como representação do espaço abstrato, o mapa é uma ferramenta que vem ‘de cima para baixo’, o que condiciona a leitura espacial daqueles que leem o mapa à intencionalidade de quem o confecciona.

O mapa como modelo da realidade, ou tentativa de representação desta, influencia diretamente o olhar e as ações sobre o espaço representado. Trata-se de espacializar uma atividade social, ligada a uma prática em seu conjunto (LEFEBVRE, 2020, p. 25).

A cartografia é separada a grupos e parcelas específicas da sociedade, o que a leva a reproduzir um espaço de dominação, estático a seu uso classificado e determinado pelo espaço capitalista, a sua tecnosfera, pois são mapas elaborados com intencionalidade de representar o espaço capitalista, que se baseia na manutenção de sua própria produção.

Os mapas como ferramentas técnicas podem ser utilizados apenas para reproduzir a função de um território, na dimensão da tecnosfera, de forma a manter em funcionamento a lógica de reprodução do espaço capitalista.

Como a tecnosfera se relaciona diretamente à psicosfera, o alcance interpretativo de um mapa - ou a ausência de contato com esses dados - pode influenciar a forma como se enxerga o espaço representado, como este se fixa no imaginário e no dinamismo cotidiano vivido pela população.

Nesta perspectiva, a tecnosfera e a psicosfera, fundamentadas por Santos (2020) na leitura do território usado, dialogam com as concepções realizadas por Lefebvre (2022), para a compreensão do espaço urbano. São elas: o espaço de representação e a representação do espaço.

Os mapas como técnica influenciam a leitura, a linguagem, o olhar sobre a realidade, portanto, para além de definirem uma representação do espaço, definem-se como espaços de representação, pois, a partir da leitura e a utilização de mapas para fins específicos, concebe-se a realidade.

O espaço mental está naquilo que se percebe e concebe, trata-se do espaço de representação. Enquanto o espaço social trata aquilo que é construído, produzido, projetado (LEFEBVRE, 2022, p. 40), por exemplo, a cidade e suas dinâmicas nos mapas, a representação do espaço.

A representação do espaço domina e subordina o espaço de representação (LEFEBVRE, 2006, p. 69), pois trata a esfera técnica, percebida e concebida pelas pessoas, enquanto o espaço de representação dinamiza as vivências, as rotinas de trabalho, estudo e consumo, os lazeres, as escolhas.

Como representação do espaço, os mapas estão ligados às relações de produção, à “ordem” que elas impõem e, desse modo, ligadas aos conhecimentos, aos signos, aos códigos, às relações frontais (LEFEBVRE, 2006, p. 59).

Num mundo comandado pela ideologia do dinheiro e da globalização perversa, é a reprodução das relações de produção que baseia a leitura de mundo consolidada a partir do contato com as técnicas no cotidiano.

O mapa como representação do espaço influencia o espaço de representação, aquilo que materialmente influenciará a vivência do cidadão citadino e como este irá perceber-se na cidade.

Os sujeitos integrados aos processos de produção cartográfica nem sempre são os sujeitos que consomem, leem e interpretam o mapa, o que deve ser considerado, pois o mapa reúne em si diversos símbolos, sinais, objetos que o constituem como linguagem, elaborado com o propósito de comunicar ou não.

A intencionalidade do mapa está em quem o produz, enquanto aqueles que o interpretam são condicionados aos elementos expostos e à sua capacidade de leitura cartográfica. É o controle da atividade que permite o controle do produto da atividade (VIANA, 2012, p. 33).

Por exemplo, os mapas utilizados para o direcionamento dentro das cidades, sejam por aplicativos ou croquis das linhas de trem e metrô espalhados pelos terminais e estações, mais do que auxiliar na rota correta para um determinado destino, de forma a manter os fluxos de funcionamento da cidade, quando interpretados fora do condicionamento de sua intencionalidade, esses documentos podem levar à compreensão da magnitude do processo de marginalização, um conhecimento maior sobre os contextos em que estão inseridos os bairros e diferentes porções das cidades, as distâncias e proximidades, entre outras reflexões que os mapas podem proporcionar.

Mapas podem ser utilizados, desenvolvidos, construídos para auxiliar nas mais diversas esferas de articulação social e artística, como um meio, uma ferramenta, “parte da explicativa teórica sobre a realidade, não se encerrando como sua síntese estrutural” (BATISTA, 2020, p. 222).

Embora os mapas constituam-se como documentos estáticos, aquilo que representam é o constante movimento, pois o espaço geográfico não está estacionado, os agentes sociais o colocam em ação.

Por essa razão os mapas também podem auxiliar na compreensão das mudanças e transformações no decorrer do tempo, além de fundamentar estratégias de ação.

São muitos os perigos ao apresentar o mapa apenas como uma ferramenta técnica e não empregar sobre ele a análise social. Entre esses perigos estão o afastamento da leitura cartográfica do olhar das pessoas, a observação estática do mapa, que pode levar a equívocos interpretativos, também à banalização da análise social sobre o mapa, logo, um afastamento da própria Geografia.

Utilizar os mapas apenas para identificar locais pode alienar a visão espacial e esvaziar os diversos elementos que podem ser apreendidos a partir da cartografia, como é apontado no artigo escrito pela professora Sinthia Batista (2020) a respeito do estudo da cartografia em cursos de Geografia no ensino superior.

A autora entrevistou alguns estudantes durante a realização de sua pesquisa de Doutorado. Durante os relatos alegou-se que, ao utilizarem aplicativos de orientação, os estudantes costumam não reparar no contexto espacial, mas seguir as instruções de rotas dadas focados apenas em seu objetivo de chegar, o que pode reduzir o mapa ao propósito de identificar pontos no espaço e retirar a potência de comunicação contida na cartografia. ou seja, no caso, acontece uma alienação do olhar sobre o espaço.

Por essa razão é importante apresentar o mapa em contextualização com os elementos que o integram na análise social, para que assim ele vá além da identificação de locais e se transforme numa ferramenta de articulação, o mapa como meio de comunicar e representar integrado aos processos históricos, já que tempo e espaço são esferas em contínuo movimento.

O mapa se constitui como processo e somente assim, integrado ao movimento incessante das relações sociais, o mapa se realiza como um instrumento de luta.

Apropriado pelo modo de produção capitalista, o mapa é utilizado com intuito de manter a reprodução da produção de produtos e relações sociais, ou seja, uma forma de representar e configurar as dinâmicas espaciais de acordo com a estrutura social, política e econômica vigente. O mapa compreendido como movimento torna possível entender porque é conveniente propô-lo como algo estático, como se o próprio espaço não fosse dinâmico, como se as condições vividas no espaço dominado e alienado fossem irreversíveis.

A proposta de uma cartografia em movimento encaixa-se na presente investigação, que pretende apresentar o mapa como uma ferramenta possível para articulação das lutas travadas cotidianamente no Grajaú. O mapa como processo institui diferentes relações entre saber, poder e representações (BATISTA, 2014, p. 32).

Quando apropriada pela população, a cartografia é colocada como processo, inserida no tempo e interpretada a partir dele. Embora vá representar a tecnosfera presente na realidade para a própria agilidade do espaço capitalista, quando é apropriada, a cartografia e seus resultados podem alterar a psicosfera.

O fato é que os mapas, quando condicionados à análise social e à perspectiva crítica, ganham significativa e valiosa capacidade de movimentar os moradores rumo à apropriação de seu próprio território e das dinâmicas nele presentes, ultrapassam as intenções institucionais e servem às demandas populares...

“...estabelecendo-se formas de resistência social à sistematicidade perversa pelos usos transformadores das novas tecnologias. Esta alternativa pressupõe o ensino da técnica em âmbitos sociais inesperados e o desvendamento de usos, também inesperados (não programados) das novas tecnologias...” (RIBEIRO, 2000, p. 22)

Por essa razão a cartografia é vista como contribuição possível para a articulação das demandas dos movimentos artísticos, pois além de demonstrar a presença desses movimentos na própria formação espacial do distrito, os mapas podem representar para a população os locais e as abrangências das manifestações de arte, os novos acessos que essas iniciativas inauguram em seus cotidianos.

A arte é um código do espaço de representação, como apontou Lefebvre (2006), o que significa que o espaço a ser representado, sobretudo, é o espaço vivido das lutas cotidianas e o mapa como um *instrumento de leitura social* influencia diretamente as práticas e ações sobre o espaço, assim como a arte pode alterar a visão e ação sobre as periferias.

A arte é apontada como influência possível à representação do espaço e ao espaço de representação, aliada à cartografia como processo. Assim como o cotidiano alienado, quando visto e compreendido, pode tornar-se cotidiano apropriado. É necessário dar sentido à técnica, subordinando-a à ação conduzida por valores. As forças que conseguirem fazer este movimento, isto é, produzir a mutação do automatismo em sentido, disputarão o poder... (RIBEIRO, 2000, p. 20).

É nesse sentido que a cartografia produzida pelos movimentos artísticos do Grajaú se apresenta como possibilidade de apropriação territorial, a partir da representação dos elementos necessários para mobilizar as dinâmicas culturais existentes no distrito.

Os mapas voltados às estratégias necessárias aos movimentos de arte e cultura podem aproximar os moradores dos trabalhos realizados pelos artistas locais. São mapas capazes de mediar o consumo, a ocupação, os usos, por isso, demonstram-se como potenciais mediadores do cotidiano dos sujeitos sociais que ocupam o Grajaú.

A cartografia fundamentada pelos artistas do Grajaú resgata a estratégia cartográfica para a mobilização popular, para a construção de horizontalidades, de espaços solidários. Trata-se da técnica aplicada a objetivos da população, com intenções ligadas à transformação social, à conquista de direitos.

Dessa forma os mapas passam a ter maior sentido.

As reivindicações e os protestos desenvolvidos no dia a dia também modificam os sentidos da ação social e podem ser portadores de futuras consequências estruturais (RIBEIRO, p. 35), por essa razão vê-se grande potencial no trabalho artístico periférico aliado à cartografia como estratégia.

Há exemplos de trabalhos nesse sentido realizados em países periféricos, como o projeto '*This is Not an Atlas*'¹⁷ (2018), que reúne cerca de 40 mapas representando manifestações espaciais ao redor do mundo, entrelaçadas com demandas populares que vão na contramão dos anseios hegemônicos.

Entre algumas temáticas representadas estão comunidades quilombolas remanescentes de Alcântara - Maranhão, contexto de comunidades indígenas do Amazonas e Acre, a militarização de favelas do Rio de Janeiro, mineração nos Andes, processos econômicos que organizam o espaço de Valparaíso, genocídio indígena no Equador, militarização da Colômbia.

A provocação de que o trabalho não se trata de um atlas é justamente uma crítica à cartografia tradicional apropriada pelo modo de produção vigente. Diversos títulos de mapas são antecidos por '*counter-cartographies*', contra cartografias, pois são representações que, embora se alinhem à lógica formal em sua formatação,

¹⁷ Isto não é um Atlas. Disponível em: <https://notanatlas.org/book/>

expressam certa materialidade de resistências, construções de alternativas à exploração, exclusão, alienação, trata-se de cartografias decoloniais.

A referida obra surgiu em 2018, a partir de uma iniciativa do coletivo 'Orangotango', que reuniu para o projeto diversos mapas críticos de dinâmicas contra hegemônicas ao redor do mundo.

O geógrafo Paul Schweizer, que integra o coletivo responsável pelo trabalho, esteve no Brasil, em 2019, para lançamento do livro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em matéria no jornal decolonial Nonada, o pesquisador afirma que a obra expressa a escrita de uma história social da cidade, o mapa como instrumento de visibilidade e também como forma de criar pressão política...

Ao longo do tempo, a noção da cartografia como registro da realidade passou a ser contestada. Foi a partir da década de 1970 que teóricos começaram a propor uma contra-cartografia ou cartografia crítica, problematizando justamente o uso histórico dos mapas para a legitimação do colonialismo e do nacionalismo. (SEGANFREDO, 2019)

É possível a leitura dos mapas para além das determinações tradicionais dos usos e funções dos espaços. Se as representações influenciam as visões que se constroem do mundo, é necessário a apropriação da linguagem cartográfica para falar além do modo de produção vigente, para romper com os padrões institucionais que se engendram no espaço e dominam seu funcionamento e suas representações. Há muitas formas de representar o espaço, o que pode ser visto a partir das elaborações de seu próprio território por comunidades tradicionais do Amazonas (figura tal). O mapa é uma representação do espaço, ao mesmo tempo que é um espaço de representação.

O ser humano, ao produzir, transfere-se ao produto do seu trabalho, se "objetiva", ou seja, remete ao "mundo exterior" o que é expressão do seu "mundo interior" (VIANA, 2012, p. 26). Por isso a aproximação da arte e da cartografia gera tensões e críticas ao funcionamento do cotidiano, à espacialidade representada tradicionalmente, à apropriação dos conhecimentos, à alienação do trabalho.

Organizações populacionais pré-capitalistas utilizaram técnicas próprias de mapeamento. O conhecimento espacial é uma necessidade humana de sobrevivência, habitação, reprodução de alimentos. Não se deve ao modo de produção a cognoscibilidade do Planeta. Deve-se essencialmente ao trabalho

humano, ao anseio de progredir; deve-se à evolução científica proporcionada pela educação e o trabalho intenso de pesquisadores.

O espaço capitalista é instrumentalizado a partir da apropriação das técnicas, mas os mapas acompanharam a humanidade antes do advento do capital e acompanham até hoje para efetivação de demandas que vão além daquelas impostas pelo mercado global. Entretanto, é necessário popularizar os usos alternativos da cartografia para as mobilizações populares, aproximar essas técnicas para o aprimoramento do olhar crítico da população.

Figura 63: Mapa da Aldeia Boa Vista, no Amazonas



Fonte: This is Not an Atlas, 2018, p. 51

A cartografia possui limitações de representação. Nenhum espaço pode ser fielmente representado a partir de figuras planas sem passar por distorções. Mobilizar a leitura e os usos dos mapas podem gerar ainda mais equívocos de interpretação e leitura do espaço real. Não existe apenas um modo de representar o espaço: assim como existem inúmeras aplicações estratégicas para os mapas, existem diversas formas de se ambientar no espaço a partir das técnicas.

Por isso a cartografia inserida no dia a dia possibilita a percepção do espaço para além daquilo que é imediatamente representado. Assim como as técnicas estão sujeitas ao tempo, a formação do espaço e da cultura também está.

A cartografia como processo, aplicada às mobilizações cotidianas, é uma possibilidade para a articulação estratégica dos movimentos culturais da população do Grajaú, pois, se o espaço é construído a partir da evolução da técnica e a quantidade de técnica define a velocidade dos acontecimentos, a apropriação e utilização desses conhecimentos podem otimizar o planejamento das ações.

A partir da cartografia é possível compreender a abrangência das ações executadas pelos coletivos de arte. Os mapas podem ajudar a responder perguntas como: quem frequenta os espaços realizados como feiras, saraus e bailes? Essas pessoas moram em que bairros? Quais áreas do distrito estão sendo atingidas pelo trabalho realizado? Quais bairros estão sendo mobilizados? Isto transcende os limites do Grajaú? A partir da realidade, como expandir, crescer? Por onde pensar estratégias para alcançar as pessoas que não conhecem os espaços e trabalhos de cultura do distrito?

Trata-se de “insistir nas rupturas cotidianas historicamente produzidas e assim constituir a cartografia como um saber estratégico instituído de sentido, o da luta pela emancipação humana” (BATISTA, 2014, p. 485).

Afinal, embora os coletivos organizados de arte e cultura acessem os fomentos públicos, ou seja, a partir do Estado efetivem os seus trabalhos, a iniciativa dos artistas e moradores periféricos é anterior à ação do Estado e as políticas públicas percorrem longos trajetos históricos até se efetivarem nos bairros e distritos, existem pela mobilização ativa das reivindicações da população.

Apesar de sujeitos ao trabalho alienado diário, que possibilita a sobrevivência a partir do consumo e guia a economia pessoal, existem as insistentes manifestações subjetivas da arte projetada territorialmente pelos moradores do Grajaú, a partir da necessidade de romper com a alienação e a violência vivenciada

nas periferias com a ausência de direitos, com a precariedade em meio ao fetichismo da mercadoria e à luta por participação ativa nas decisões que regem suas vidas, decisões que implicam no funcionamento da cidade, que acontecem a partir do trabalho da população...

A leitura de resistências à opressão e à exclusão impõe o mapeamento analítico de práticas diárias e das táticas de sobrevivência que têm permitido a afirmação de identidades sociais até recentemente ocultadas pelos projetos políticos da modernidade. (RIBEIRO, p. 35).

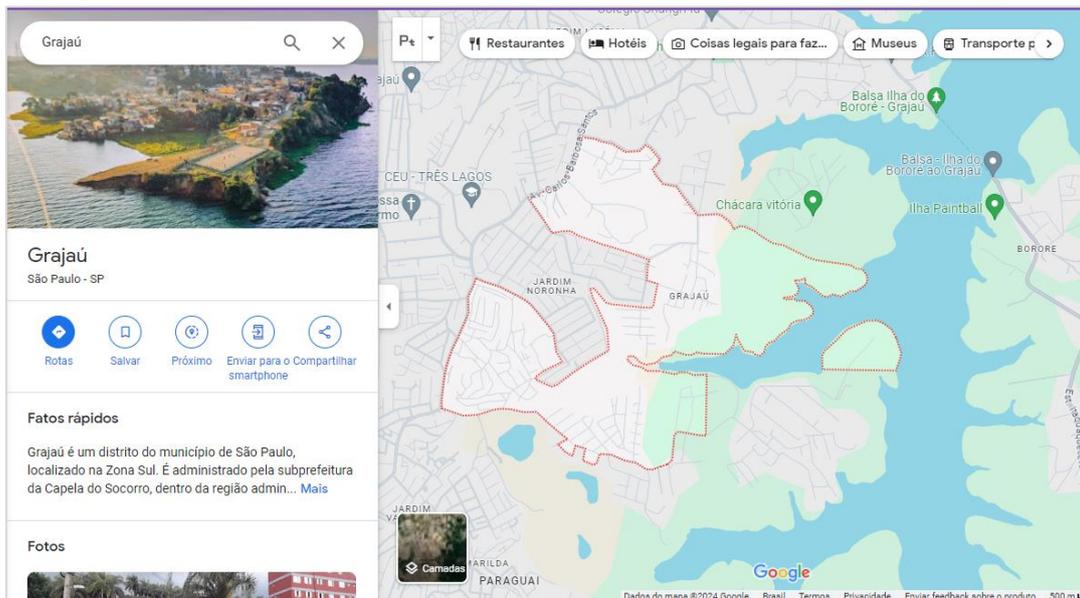
Os direitos são historicamente construídos a partir da luta das parcelas marginalizadas da população.

Já as classes que possuem mecanismos de poder sobre as decisões não precisam reivindicar aquilo que já dispõem: mecanismos de decisão, escolha, movimento, ordenamento, chefia a partir da detenção dos meios de produção como terras, transportes para locomoção, possibilidades técnicas e tecnológicas, trabalho humano.

Os mapas podem auxiliar e representar as ações mobilizadas pela cultura popularmente construída no Grajaú, justamente porque guardam informações que proporcionam a leitura dos contextos espaciais, dos fenômenos humanos, das áreas de extensão, a localização das coisas, dos objetos e, principalmente, podem ser usados para traçar objetivos futuros, compreender as demandas, carências e vulnerabilidades dos locais. Os mapas, tão utilizados na atualidade, podem proporcionar o aprofundamento da compreensão da realidade.

Quando utilizados no contexto virtual sem a criticidade necessária, os mapas podem também levar a equívocos, como é possível perceber a partir da pesquisa do distrito Grajaú no *Google Maps*. A área delimitada, que se apresenta como território do distrito, é apenas uma parcela da área total (figura 64).

Figura 64: Representação do Google Maps da área distrital do Grajaú



Capturada em janeiro de 2024

Os limites territoriais administrativos tratam a abrangência do Estado, do planejamento urbano, das funções econômicas e políticas, a valorização distinta das parcelas da cidade, mas as ações humanas transcendem às limitações, constroem e se relacionam em redes com diversos outros territórios.

Entretanto, o que uma representação de área tão pequena pode comunicar? O equívoco do dado territorial que se propõe realidade pode ir parar em um trabalho escolar, em tentativas de localizar alguém, em capas de livros produzidas por movimentos organizados no Grajaú (figura 65).

Figura 65: Imagem de divulgação do livro 'Acolhendo Histórias', lançado pelo 'Sarau do Grajaú'



Fonte: Redes sociais do Sarau do Grajaú

Quem define os limites? A quem eles beneficiam? Quem está alheio a eles, os acessa e lê de maneira alienada a partir das técnicas popularizadas pelo consumo?

Os mapas são poderosas fontes de comunicação e informação, por isso a leitura crítica é tão importante. Inserir-los no contexto é essencial para enxergar o todo.

Justamente por serem utilizados para o aprofundamento da alienação e da representação de um espaço dominado pelo aparelhamento de mercado, os mapas compõem documentos técnicos que podem fundamentar reivindicações, podem ser aplicados como dados, justificativas para efetivação de políticas públicas ou ações promovidas a partir delas.

Se demonstram os limites impostos e os equívocos de leitura promovidos, a cartografia também pode ser utilizada para demonstrar as possibilidades de expansão e traçar os caminhos necessários para isso.

Assim o efetivou o coletivo 'Imargem', a partir do projeto 'Cartograffiti'¹⁸. Isto, no intuito de promover e gerar, sobre o uso da cidade a partir do grafite, de forma a

¹⁸ Disponível em: <https://projetcartograffiti.blogspot.com/>

problematizar a criminalização da arte, a maneira como se ocupa as cidades e o que está estampado nelas.

O projeto teve início em 2009 e alcançou o fomento público a partir do edital lançado pela Prefeitura através da Secretaria Municipal de Cultura, em 2010, o “Arte na Cidade”.

A ideia se ampliou pelas ruas a partir de estratégias traçadas pela cartografia:

A cartografia foi o principal recurso para desenvolver murais-graffiti em 21 pontos da capital: desde o extremo sul, centro-norte, centro-oeste, terminando no centro-sul. Grajaú, Santo Amaro, Rebouças, Ponte Estaiada, Rodoanel, 23 de maio, Luz, Radial Leste – para citar alguns dos lugares não-lugares onde pode se ver os murais e desenhos em cores fortes como vermelho, azul ou amarelo; com o logo do Cartograffiti ou a palavra Ver. (SP GRAFITE, 2015).

A presença das intervenções e as obras artísticas realizadas pelos envolvidos no projeto ‘Cartograffiti’ compõem um conjunto de demonstrações que a arte pode oferecer sobre sua contribuição ativa à formação do espaço geográfico.

Os espaços urbanos são formados por diferentes manifestações artísticas e eles próprios são protagonistas no desenvolvimento de novas formas e estilos de expressão, tal qual o próprio grafite, que surge como arte em contextos urbanos e periféricos.

Algumas imagens podem demonstrar o caráter de intervenção do projeto no Grajaú (figura 66) e na cidade de São Paulo como um todo (figura 67).

Figura 66: 'Cartograffiti' no bairro Parque Residencial Cocaia



Fonte: Facebook do Projeto 'Cartograffiti', 2013

Figura 67: Graffiti em mural na cidade de São Paulo



Fonte: SP Grafite, 2015

Um dos resultados do projeto foi a exposição realizada, no Centro Cultural de São Paulo (CCSP), entre 24 de janeiro e 29 de março de 2015. A exposição contou com registros audiovisuais dos locais que receberam seus trabalhos, o processo de

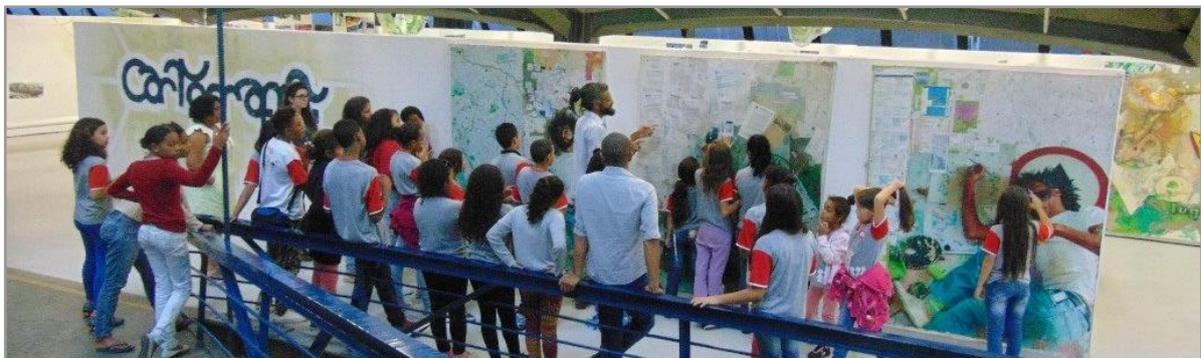
reconhecimento espacial desses locais, o desenvolvimento do mapeamento e a realização dos grafites.

Em reportagem da 'Periferia em Movimento', um dos artistas idealizadores do projeto, Mauro Neri, relatou um pouco sobre o propósito e as implicações do trabalho:

“A exposição é o resultado de um trabalho que reuniu renomados artistas e representantes da cena de arte urbana, para investigar e evidenciar esteticamente a cartografia física e conceitual da megalópole. Configurar um mapa da cidade a partir da escolha de lugares a serem marcados parece apontar para a fragilidade técnica das descrições físicas e escancarar as relações de poder, tanto aquelas que desenham e redesenham a cidade, escolhendo o que se pode ver, quanto aquelas que estão nas bordas e nas brechas, com a convocatória para o que é preciso ver.”, define o idealizador do 'Cartograffiti', Mauro. (PERIFERIA EM MOVIMENTO, 2015)

O projeto 'Cartograffiti' parece inspirar uma crítica à própria organização do espaço urbano, assim como às intencionalidades técnicas e aos conflitos vivenciados na cidade. Uma exposição localizada no centro de São Paulo, realizada por artistas periféricos, pode possibilitar e convidar os habitantes das margens que vejam, ocupem e percebam a cidade. Uma fonte de transformação possível para o território e o cotidiano, pois são novas formas de olhar para o espaço e a construção de identidade. Alguns estudantes do Grajaú puderam ver seu território em exposição no Centro Cultural de São Paulo (figura 68).

Figura 68: Educandos do projeto 'Grajaú em Foco', numa visita à exposição 'Cartograffiti'



Fonte: Facebook do projeto 'Fé e Alegria São Paulo', 2015

Além de utilizar os mapas para definir as estratégias e locais de implantação dos murais de arte, o projeto utilizou mapas locais em alguns dos murais construídos, o que possibilitou o contato dos moradores com representações cartográficas nos espaços cotidianos, suscitou apreciação, espantos, críticas, sentimentos de

valorização por parte desses moradores enxergando e percebendo que novas técnicas também podem alcançar os seus locais de habitação.

Foi igualmente possível ver a produção dessas obras cartográficas nos locais do distrito (figura 69), além de observar mapas dos bairros (figura 70). Estar e trabalhar com os mapas como obras de arte (figura 71) e vê-lo em locais inusitados (figura 72).

Figura 69: Construção artística de mapas na beira da represa Billings



Fonte: Página Flickr do projeto 'Cartograffiti', 2012

Figura 70: Mapa dos bairros Jardim Ellus e Shangrilá, exposto no caminho entre os bairros



Fonte: Página Flickr do projeto 'Cartograffiti', 2012

Figura 71: Confecções artísticas dos mapas



Fonte: Página Flickr do projeto 'Cartograffiti', 2012

Figura 72: Arte com referência cartográfica exposta em torre de transmissão de energia



Fonte: Página Flickr do projeto 'Cartograffiti', 2012

A presença dos graffitis provoca diferentes tensões no espaço urbano, pode gerar reflexões, chamar atenção para problemas sociais ligados à forma como se organiza a cidade, quem a acessa, quem a forma. Pode assim inspirar, abrir o olhar para as cores, a arte, a poesia.

Na reportagem do site SP Grafite, são revelados conflitos em relação à participação do poder público na efetivação das ações artísticas do projeto 'Cartograffiti'.

Embora o projeto tenha sido impulsionado pelo fomento público e diversos painéis tenham sido desenvolvidos em diferentes pontos da cidade, programas como o 'Cidade Limpa', existentes desde 2006, intervieram diretamente nos trabalhos realizados, ao apagar painéis de diferentes projetos e artistas, dentre eles o 'Cartograffiti'...

Constatou-se durante o desenvolvimento que não há acordo na gestão municipal em relação aos financiamentos e políticas: enquanto a Secretaria da Cultura queria avançar, a Secretaria de Coordenação das Subprefeituras apagava o que havia sido feito ('SP GRAFITE', 2015).

Diferentes conflitos tensionam o território e o colocam em constante movimento. Trata-se de um espaço múltiplo e diverso, seja na dimensão dos municípios, dos distritos ou dos bairros periféricos.

Dentre os conflitos revelados estão a luta pelos direitos à construção cultural da cidade, a luta pela participação na construção do espaço urbano e o reconhecimento do trabalho da população periférica, em contradição às ações por parte do Estado, no que tange à manutenção das cidades e das políticas públicas de fomento à arte e cultura.

A mesma prefeitura que possibilitou o andamento do projeto a partir do edital de fomento 'Arte na Cidade', utiliza dinheiro e trabalho público para apagar a arte periférica.

A política da 'Cidade Limpa' transformou paisagens artísticas em muros cinzas, negando aos artistas, inicialmente pagos pela Prefeitura para efetivar seu trabalho, o direito de participar ativamente da construção da cidade.

Nesse sentido, a partir do acesso aos mapas realizados pelo projeto, é possível interpretar quais os locais que passaram pelo processo de apagamento dos murais de graffiti, onde o poder público interveio de maneira arbitrária, quais locais foram transformados em painéis artísticos e, logo em seguida, submetidos ao apagamento.

Ao compreender que a raiz histórica do graffiti como linguagem artística está fincada na expressão das populações marginalizadas, pode-se concluir que, ao apagar as expressões realizadas pelos murais do 'Cartograffiti', apaga-se a subjetividade, o trabalho e as reivindicações da periferia.

Os mapas mobilizaram a efetivação estratégica da luta por participação em São Paulo, em especial, ao conduzirem o planejamento dos locais que receberiam os murais realizados pelo 'Cartograffiti'.

Fato é que a cartografia pode demonstrar as alterações históricas e espaciais que, diariamente, estão diante dos olhos dos habitantes, mas podem passar despercebidos por constituírem processos alheios ao cotidiano alienado...

Volátil e efêmera, hoje nossa experiência desconhece qualquer sentido de continuidade e se esgota num presente sentido como instante fugaz. Ao perdermos a diferenciação temporal, não só rumamos para o que Virilio chama de “memória imediata”, ou ausência da profundidade do passado, mas também perdemos a profundidade do futuro como possibilidade inscrita na ação humana enquanto poder para determinar o indeterminado e para ultrapassar situações dadas, compreendendo e transformando o sentido delas. Em outras palavras, perdemos o sentido da cultura como ação histórica (CHAUI, 2008, p. 62).

Assim como a arte e o espaço constroem-se no tempo, as lutas por direitos também. A construção de espaços públicos de lazer, cultura e arte para a periferia não é anseio do mercado; o Estado, mantido pelo povo, precisa direcionar suas ações para a população, mesmo que a economia neoliberal seja o projeto de encolhimento do espaço público e do alargamento do espaço privado (CHAUI, 2008, p. 75).

É necessária a luta pelo espaço, para que também seja garantia de direitos da população.

A luta pelo Centro Cultural Grajaú, pela permanência da ‘Ecoativa’, o ‘CAPSArtes’ e o ‘Ateliê da Margem’, as feiras promovidas pela ‘Nois por Nois’ e o local de educação do ‘Ateliê Águila’ encontraram-se no processo com as ações do Estado, seja no acesso às políticas públicas ou em parcerias com instituições que recebem dinheiro público, como o SESC (Serviço Social do Comércio).

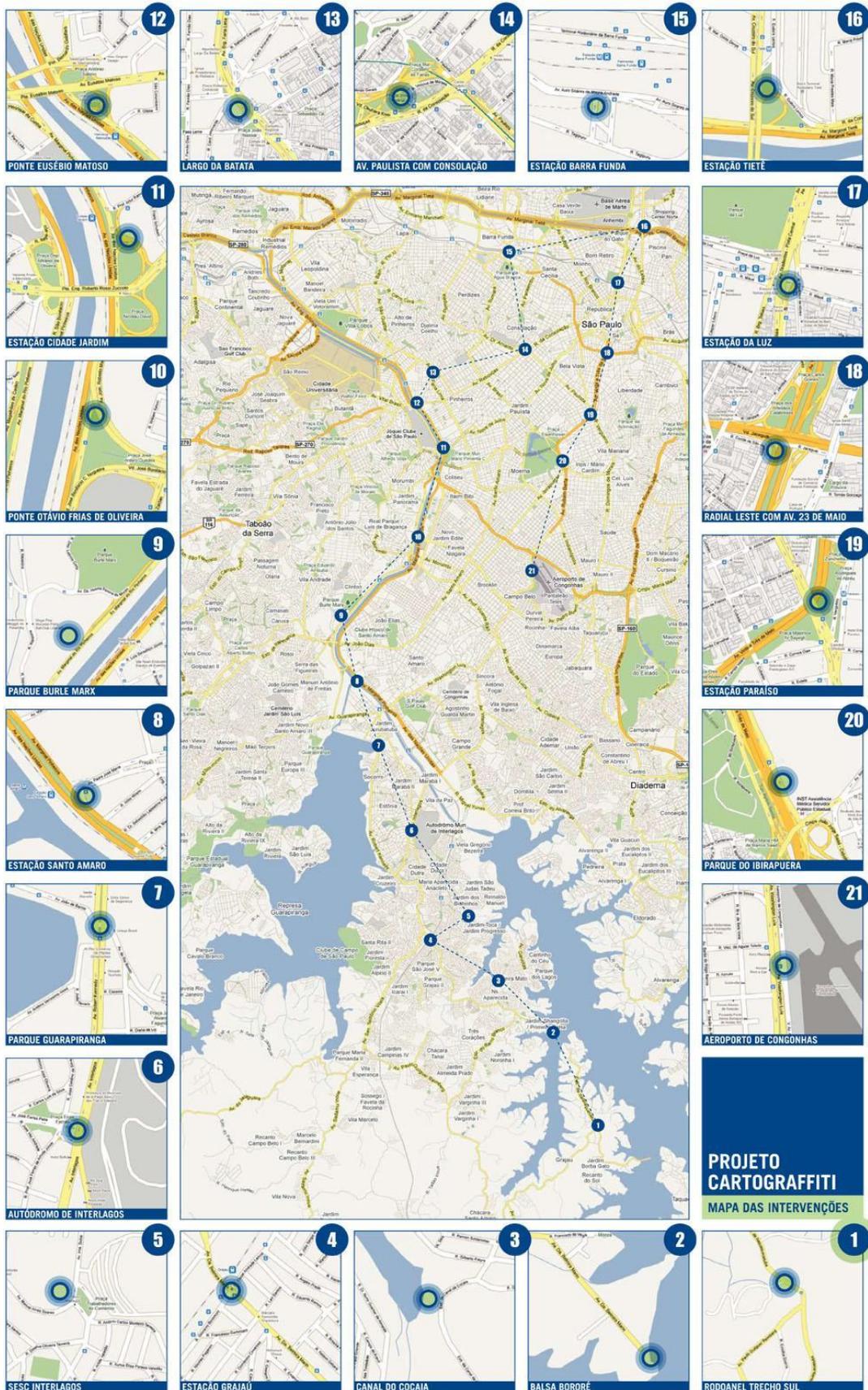
Trata-se do dever do Estado de garantir a participação popular na construção da sociedade, para além do que é determinado pelo mercado mundial.

O direito à participação nas decisões de política cultural é o direito dos cidadãos de intervir na definição de diretrizes culturais e dos orçamentos públicos, a fim de garantir tanto o acesso quanto à produção de cultura pelos cidadãos (CHAUI, 2008, p. 66).

E, quando acessados, os direitos precisam ser manejados com cautela, compreensão e estratégia. Para isso existem técnicas voltadas a facilitar a condução das nossas ações no espaço. A cartografia foi utilizada para organizar as ações do ‘Cartograffiti’, ao levar em consideração os elementos dispostos no espaço, a realidade de objetos materializados, as ocupações humanas e a visibilidade.

Foi traçado um percurso a ser seguido e cada ponto de criação de um mural passou por uma análise do espaço, para determinar e delimitar o melhor local das artes criadas. Por exemplo, foram retiradas imagens do site do projeto, que demonstram parte do planejamento espacial das ações e suas execuções, isso, desde o mapeamento dos locais de exposição (figura 73) até o planejamento do mural, no local de disposição da obra. Uma planta foi realizada com os elementos espaciais e a representação da área separada para o trabalho (figura 74). Depois disso, foi possível ver o mural realizado pelos artistas (figura 75).

Figura 73: Mapa resultado do projeto 'Cartograffiti', com o mapeamento dos murais espalhados por São Paulo



Fonte: Página Flickr do projeto 'Cartograffiti', 2012

Figura 74: Planejamento do mural 'Cartograffiti', na Estrada Canal do Cocaia, Grajaú



Fonte: Projeto Cartograffiti, 2011

Figura 75: Artistas dando vida ao mural 'Cartograffiti', na Estrada Canal do Cocaia, em área pretendida na representação acima



Fonte: Projeto 'Cartograffiti', 2011

As constantes resistências reveladas pela arte, quando produtoras de espaço, podem ser mobilizadas e vistas a partir da cartografia. Vive-se a luta por direitos, por isso é necessário a estratégia, a visão ampla para chegar a objetivos ainda não palpáveis.

O processo cartográfico representa e realiza momentos, comunica algo, mostra elementos por vezes ignorados, por isso é tão usual e importante, nos combates travados, para organizar uma região, definir a localização de uma indústria, uma igreja, um parque público.

Os mapas representam e, a partir do contato e da leitura deles, assumem uma interpretação, uma ideia, um juízo. Quando demonstram a possibilidade de construir cultura e arte, quando representam resultados da luta por políticas públicas, quando os habitantes da periferia podem se enxergar nos mapas, é possível, quem sabe, inspirar para o combate, que, no caso da população marginalizada, se trata de lutar por dignidade, por participação efetiva, por construção de boas memórias, por respeito à identidade...

Essas mesmas pessoas, que não são pintoras nem escultoras nem dançarinas, também são produtoras de cultura, no sentido antropológico da palavra: são, por exemplo, sujeitos, agentes, autores da sua própria memória. Por que não oferecer condições para que possam criar formas de registro e preservação da sua memória, da qual são os sujeitos? Por que não oferecer condições teóricas e técnicas para que, conhecendo as várias modalidades de suportes da memória (documentos, escritos, fotografias, filmes, objetos, etc.), possam preservar sua própria criação como memória social? (CHAUÍ, 2008, p. 66)

Por melhores que sejam as intenções de organizações, coletivos, ONGs, partidos políticos, existe uma limitação de ação e compreensão das demandas que se vivem e se revelam no cotidiano. Só é possível transformar a realidade, que se constrói diariamente e se fundamenta historicamente, no próprio andamento do tempo e da vida social.

Uma das tentativas de aproximar a cartografia em processo, ou seja, aplicada e construída a partir do presente, do passado e do futuro, efetivou-se a partir de uma oficina de mapas junto a moradores do Grajaú, no dia 11 de novembro de 2023, na 'Casa Ecoativa', localizada no bairro Ilha do Bororé.

No local, foram expostos cerca de dezesseis documentos cartográficos, como cartas topográficas em diferentes escalas, mapas de localização, uso e ocupação, zona rural e urbana, movimentos artístico-culturais, todos representando o Grajaú

de certa maneira. A intenção era proporcionar o contato dos moradores com mapas que mostrassem seus locais cotidianos, fora do contexto de trabalho e consumo.

A metodologia aplicada na oficina pautou-se na cartografia em movimento, o que direcionou a separação de três diferentes grupos para realizar o mapeamento do Grajaú desde 1992 até o presente, a partir de três jogos de mapas com quatro quadrantes, em escala 1:7.000 e folhas A3.

Após um longo debate sobre a utilização dos mapas nas lutas sociais, o uso no cotidiano, o Grajaú como território artístico, a aplicação de políticas públicas de fomento à arte e cultura e seus resultados na periferia, os quatorze participantes mobilizaram-se para a construção de mapas.

A participação foi tímida no momento do mapeamento. Alguns demonstraram certo estranhamento ao manusear os mapas.

Depois de disposta a área do distrito a ser mapeada, o grupo responsável por mapear a década de 1992 a 2002 referenciou-se na Billings, para localizar seus locais de lazer e subsistência a partir da pesca (figura 76).

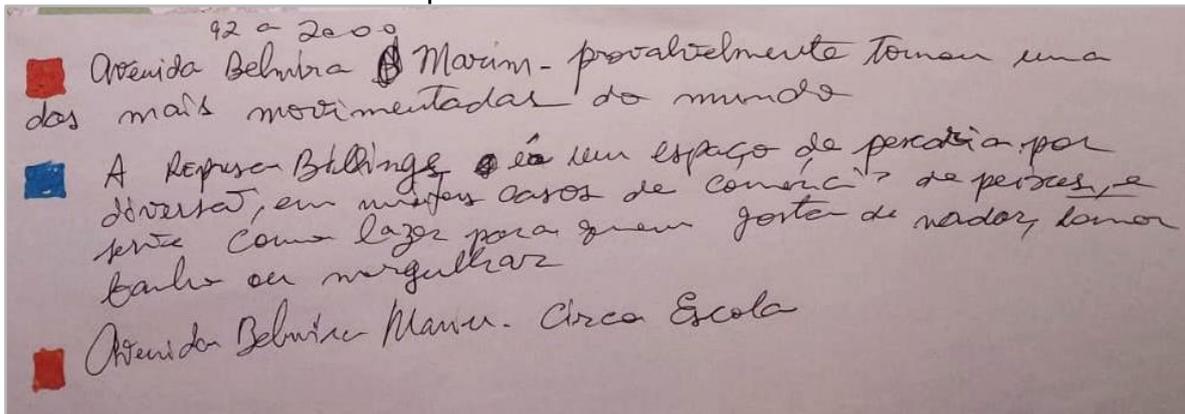
Os integrantes, que moravam no Grajaú há cerca de quarenta anos, pouco desenvolveram no mapa em si, mas construíram uma legenda alternativa ao referenciar os espaços destacados.

A legenda possui três destaques, nas cores vermelha, azul e laranja. Há um destaque para a Avenida Dona Belmira Marin em vermelho, que provavelmente se tornou uma das mais movimentadas do mundo, segundo a legenda.

A referência à represa Billings afirma que "é um espaço de pescaria por diversão, em muitos casos de comércio de peixes e serve como lazer para quem gosta de nadar, tomar banho ou mergulhar."

O destaque em laranja voltou-se para o Circo Escola, localizado na Avenida Belmira Marin e instalado no distrito desde a década de 1990. É um ponto de referência importante, pois se encontra na principal avenida, atende a diversas crianças no contraturno escolar, também próximo ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS Grajaú).

Figura 76: Legenda construída pelo grupo responsável por mapear o período de 1992 até 2002



Capturada por Dayane Verneque, 2024

O grupo responsável por mapear o período de 2002 a 2012 preencheu mais as folhas do mapa, talvez por serem pessoas mais jovens com maior familiaridade ao *layout* geral da representação, que fora construída com base na interface de aplicativos utilizados comumente através de *smartphones*.

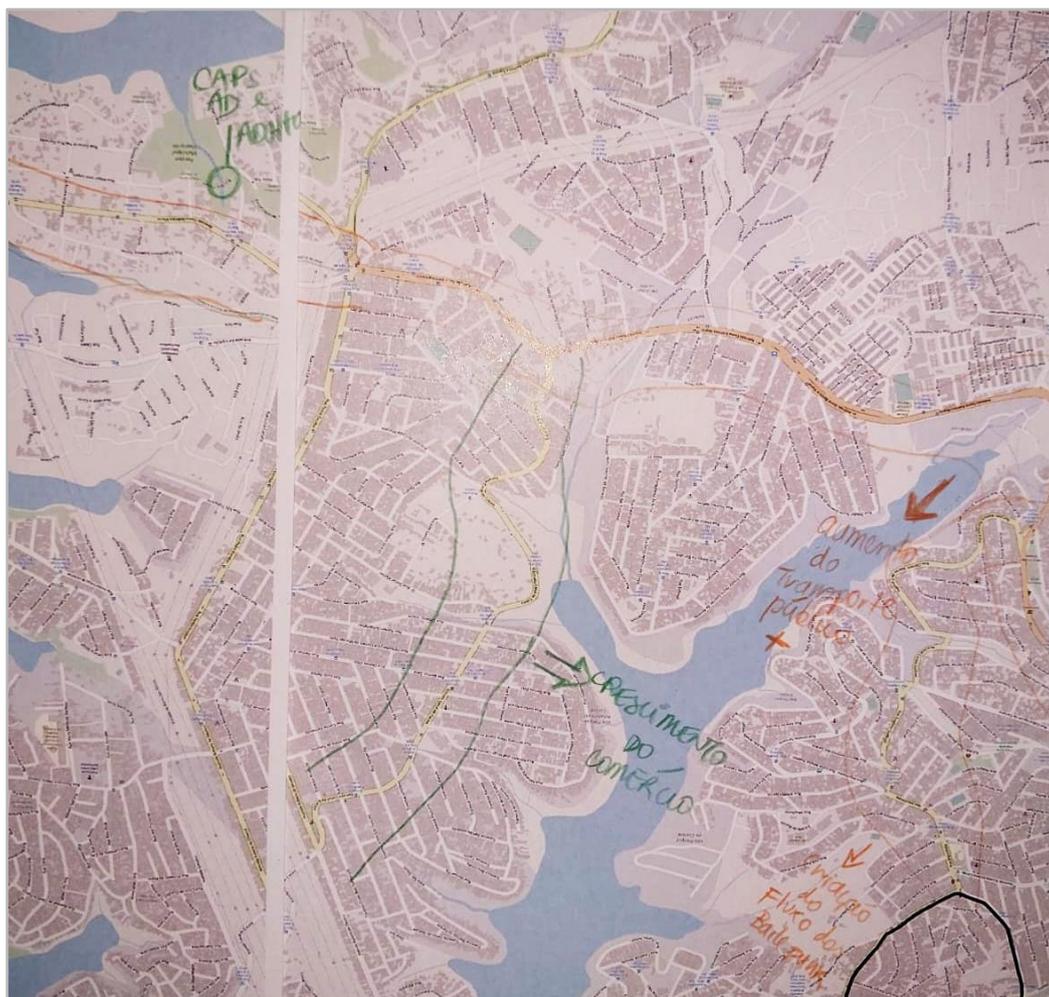
Outro aspecto interessante da criação do grupo é que a disposição do jogo de quadrantes do mapa foi disposta de forma a induzir as escritas de “cabeça para baixo”, contra o norte direcionador, mas na direção dos integrantes do grupo. Talvez tenham lido o mapa melhor daquela forma.

O grupo não destacou a represa como área presente em seu lazer ou cotidiano. Voltou seus destaques aos fluxos de trabalho e rotina, referenciando a Avenida Dona Belmira Marin como facilitadora das rotas de transporte, e a Estrada Canal do Cocaia, como impulsionadora do comércio.

Uma das participantes da oficina destacou no mapa a localização do seu trabalho e o local onde se iniciou o fluxo de bailes funks do Parque Cocaia, que, no mapa, parece ser uma área mais vazia em habitação, o que pode induzir a juventude a reunir-se para criar possibilidades de uso artístico dos espaços sem uso aparente, uma forma de ampliar alternativas de acesso à cultura.

Um pouco desses elementos podem ser vistos na figura 77, fotografia do mapa construído.

Figura 77: Construção do grupo responsável por mapear o Grajaú entre 2002 e 2012



Capturada por Dayane Verneque em 2024

O grupo, que representou de 2012 até 2023, também destacou a Avenida Belmira Marin como referência importante, além do Terminal Grajaú e a Estrada Canal do Cocaia.

Também foram destacados espaços promotores de arte e cultura, o Centro Cultural Grajaú, a própria 'Casa Ecoativa', a pequena capela histórica da Ilha do Bororé, o Parque Linear Lago Azul.

Além disso, uma das integrantes do grupo, que não reside no Grajaú, mas já trabalhou no distrito, marcou no mapa uma vivência que teve durante aquela época: um mutirão realizado no Jardim Lucélia. Esse destaque revela como os mapas possuem o potencial de indicar processos históricos a partir do próprio movimento de mapeamento.

Definir um tempo limite, no caso onze anos, a ser referenciado num só documento, implica na leitura das mudanças, das transformações, da passagem no

tempo, mesmo que o mapa se proponha estático. A figura 78 traz alguns elementos do mapa construído.

Figura 78: Destaques realizados no mapa pelo grupo responsável pelo período de 2012 a 2023



Capturada por Dayane Verneque em 2024

Algumas observações feitas pelos participantes durante o debate inicial estiveram ligadas às mudanças nos nomes dos locais com o passar do tempo: a carta topográfica da cidade de São Paulo, datada de 1984 e retirada dos portais do IBGE, mostrava nomes antigos de regiões, que atualmente não são utilizados, mas antigos moradores do distrito lembraram-se de momentos vividos naqueles locais, ao observarem a carta exposta no espaço da oficina.

Também foi debatido o crescimento dos movimentos artísticos a partir do surgimento de políticas públicas como o programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) e o Fomento à Cultura da Periferia.

Igualmente se comentou a respeito das artes visuais, de exemplo, como os grafittis e murais se tornaram demarcadores do espaço, um referencial de localização, o que um participante chamou de 'cartão postal'.

Algumas imagens podem auxiliar na visualização das atividades como foram realizadas. A figura 79 mostra parte do grupo que mapeou o período de 1992 a 2002. Também é possível ver alguns participantes observando os mapas expostos, nas figuras 80 e 81. Na figura 82, uma participante da oficina, que ficou a observar por longo tempo o mapa da zona rural e urbana de São Paulo. Na figura 83, vê-se o grupo responsável por mapear o período de 2002 a 2012.

Figura 79: Parte do grupo responsável por mapear o período de 1992 a 2002



Capturada por Sinthia Batista, 2023

Figura 80: Participantes da oficina visualizando os mapas expostos



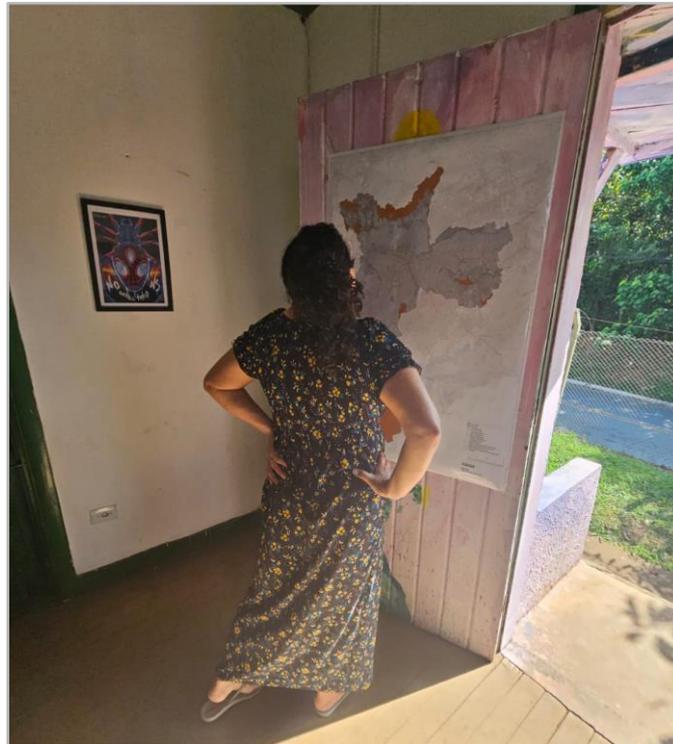
Capturadas por Sinthia Batista, 2023

Figura 81: Alguns participantes da oficina visualizando os mapas expostos



Capturadas por Sinthia Batista, 2023

Figura 82: Participante da oficina a contemplar o mapa da zona rural e zona urbana de São Paulo, retirado do Plano Diretor de 2014



Capturada por Sinthia Batista, 2023

Figura 83: Grupo responsável *por mapear o período de 2002 a 2012*



Capturada por Sinthia Batista, 2023

Infelizmente, o espaço da oficina foi finalizado antes que o mapeamento conjunto pudesse ser debatido, o que deixou a discussão em aberto. Entretanto, alguns acontecimentos revelaram resultados interessantes: foi solicitado por participantes da oficina, profissionais do ‘CAPS’ (‘Centro de Atenção Psicossocial’), que um espaço semelhante fosse realizado junto aos funcionários e usuários do ‘CAPS Parque Cocaia’, no contexto do bairro e do distrito, para espacializar e tornar visíveis algumas dinâmicas ligadas à vida cotidiana dos usuários, com objetivo de reduzir a vivência em ambientes de contato com a violência, o uso de substâncias ilícitas e outras vulnerabilidades.

O interesse do serviço social pelos métodos ligados à cartografia demonstra o poder estratégico da Geografia, cuja razão de ser está ligada à melhor compreensão do mundo para transformá-lo e pensar o espaço para que nele se possa lutar de forma mais eficaz (VESENTINI in LACOSTE, 1993, p. 8-9).

Uma oficina não é capaz de suprir as demandas que emanam do afastamento das leituras dos mapas de seu poder estratégico ou do uso alienado que se faz da cartografia impulsionadora do consumo. Nem mesmo é capaz de resgatar as

potencialidades que existem nos territórios periféricos das grandes cidades e como estes se constituem como tabernáculos das forças transformadoras da realidade: são as periferias que anunciam as possibilidades de ação para alterar o cotidiano alienado, a partir da vida que pulsa além do trabalho produtivo, além do consumo, além do capital.

Entretanto, são espaços como esse que podem demonstrar o nível de debate sobre determinados assuntos e mostrar quais caminhos podem ser trilhados para a popularização da leitura cartográfica. Afinal, um mapa não significa nada para quem não o compreende, assim conforme um livro para quem não sabe ler (LACOSTE, 1993, p. 37-38).

Sem o contato direto com as pessoas, não é possível compreender até que ponto as prospecções teóricas se relacionam com a realidade vivenciada nas periferias.

A partir desse contato, novas estratégias podem ser articuladas. Afinal de contas, embora algumas pessoas utilizem os mapas sem grande apropriação de suas técnicas e potencialidades, há grupos que percebem, na cartografia, ferramentas de ação e transformação planejada, como é o caso do projeto 'Um País Chamado Grajaú', desenvolvido por estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre José Pegoraro, em 2019, na continuidade ao projeto 'Grajaú: onde minha história começa', realizado pela escola, em 2013.

A escola, localizada no Parque Cocaia, desenvolveu um projeto de cartografia afetiva, que se baseia na espacialização dos afetos, das emoções, das conexões mais subjetivas com o espaço.

A partir do trabalho de professores de Língua Portuguesa, Geografia, Língua Inglesa, Informática, Ciências e Arte, foram pensadas cinco frentes de atuação para mobilizar os estudantes: Meio Ambiente e Saúde, História do Bairro, Arte e Cultura, Assistência Social e Educação.

Os resultados dessa intensa mobilização estão disponíveis em um site¹⁹, construído pelos alunos, que reúne um mapa colaborativo com referências a seus afetos e vivências no distrito (figura 84).

Também existe, disponibilizado, um vídeo documental, resultado do projeto de 2013, 'Grajaú: onde minha história começa', elaborado a partir de filmagens das

¹⁹ Endereço: <https://sites.google.com/view/umpaischamadograju/p%C3%A1gina-inicial?authuser=0>

favelas do Grajaú, com relatos de moradores objetivando contar a história do distrito, falar de sua realidade atual, de personagens reais das lutas travadas cotidianamente no território, por moradia, por saneamento básico e acesso a serviços básicos como educação, saúde, trabalho digno e mobilidade.

A própria escola Padre José Pegoraro é apontada como resultado da mobilização periférica, na aba do site 'A Escola', onde se apresenta a história da instituição, colocada como consequência da luta de mães do bairro, que ocuparam um terreno baldio para reivindicar do poder público a criação dessa escola, inaugurada no local, em maio de 2001...

“Desde sua inauguração, a EMEF Padre José Pegoraro procurou aliar o seu Projeto Político Pedagógico às ideias de educação popular, território de aprendizagem e pedagogia de projetos. Isso quer dizer que nossos professores e grupo gestor procuram articular as aulas com processos formativos que explorem as potencialidades do lugar onde vivemos, da história a qual pertencemos e do futuro que pretendemos construir. (Site 'Um país chamado Grajaú', 2019)

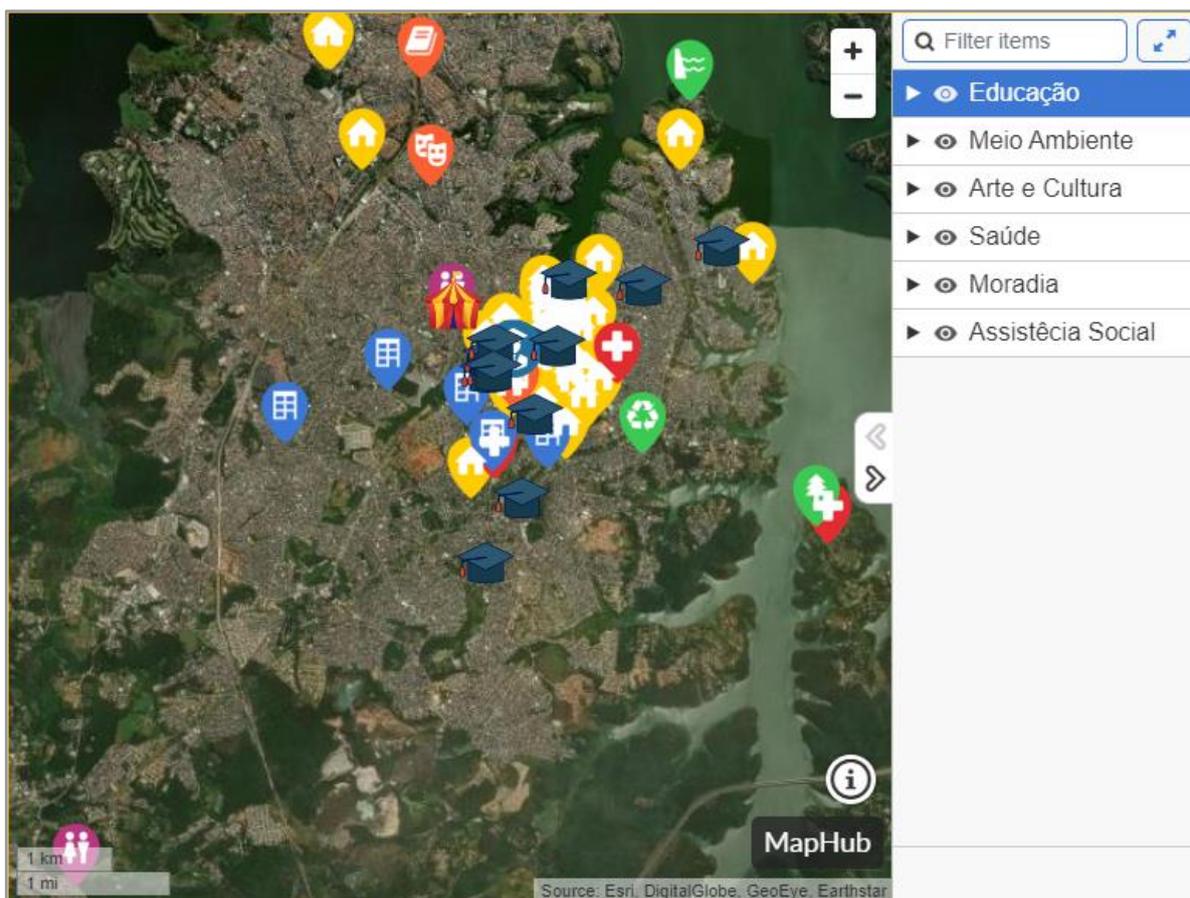
O trabalho realizado, por iniciativa dos docentes aliada à ação estudantil, em 2019, mobilizou diversos bairros do distrito, como o Parque Cocaia, onde a escola se localiza, de onde visitaram a Cooperativa de Trabalho e Coleta do Parque Cocaia (COOPERPAC) e o bairro Ilha do Bororé.

Também visitaram a 'Casa Ecoativa', o Jardim Primavera, ao lado do Grajaú, e o CAPSArtes. Isto, além do Jardim Gaivotas, do Parque Residencial dos Lagos, Jardim Lucélia, Vila Natal, Parque São Paulo, Parque Grajaú, Jardim Eliana, Parque Residencial Cocaia, Cantinho do Céu.

Todos referenciados no mapa elaborado, com pontos de instituições de educação formal e alternativa, como o Circo Escola e o Instituto Anchieta. O projeto proporcionou o contato dos estudantes com a esfera técnica e metodológica da cartografia e outras áreas do conhecimento, como as linguagens, parte das dinâmicas 'naturais' do distrito, as esferas biológicas e sociais do entorno.

Em boa parte das etapas metodológicas descritas no site, os alunos puderam utilizar seus aparelhos celulares, ao capturar imagens, vídeos, marcar localizações, visualizar o distrito, desde os mapas digitais. Foi a partir da utilização do programa 'Map Hub', com mapas interativos e participativos, que os estudantes elaboraram o resultado do projeto, com referências às suas residências, às áreas de lazer, assistência social, acesso a serviços básicos, os espaços educativos e de promoção da saúde, mais as áreas de proteção ambiental.

Figura 84: Mapa elaborado pelo projeto ‘Um País Chamado Grajaú’



Captura de tela em 2024 por Dayane Verneque

O projeto, em 2020, recebeu o Prêmio Paulo Freire, da Prefeitura de São Paulo, e o 4º Prêmio Territórios, do Instituto Tomie Ohtake, em 2019, o que vale ressaltar, embora estes não sejam os maiores e melhores resultados da iniciativa.

Existe um potencial de mobilização muito grande no ensino de cartografia, não apenas no contexto escolar, mas também no sentido de possibilitar o uso consciente das ferramentas cartográficas, os aplicativos, os mapas, até mesmo as fotografias localizadas, para movimentar as ações cotidianas na direção do reconhecimento territorial.

Os mapas não são inocentes, possuem intenção e por isso mesmo podem se voltar à apropriação daquilo que é vivido ao redor, porém, antes ignorado. Conforme esclarece a aluna Mayra, integrante do projeto:

“Nosso trajeto era casa, escola, escola, casa, só! A gente não conhecia o bairro mesmo, depois que esse projeto se abriu e a gente tá dentro dele, tá ajudando muito a gente, a gente tá conhecendo vários lugares.” (Estudante Mayra, integrante do projeto ‘Um país chamado Grajaú’, 2019)

Na fala da estudante, é possível perceber o potencial de transformação do cotidiano a partir da apropriação das dinâmicas territoriais que até então estavam alheias a ela. Há uma real mudança nos espaços concebidos e percebidos, que, ao serem mapeados, adquirem dimensão gráfica, visual, representada, ou seja, os espaços, que passarão a ser vividos, se modificam.

É nessa direção que se fundamenta a afirmação de Lefebvre (2006) ao considerar que a representação do espaço domina e subordina o espaço de representação: a partir da materialização técnica do espaço, elementos são lidos, vistos, percebidos, o que pode alterar as vivências, abrir caminhos para novos acessos, para novos olhares, para novos usos no cotidiano. Assim, apresentam-se novas possibilidades de reivindicação de direitos e de participação.

Todas as etapas de realização do projeto, desde as visitas a locais de promoção artística e cultural, até a própria identificação do distrito, através dos mapas, instigaram e desenvolveram o olhar crítico com a cartografia e o espaço representado. Demonstraram a complexidade contida nos processos de mapeamento, que não se reduzem a uma representação final, estática, imóvel, cartesiana. Estão inseridos em contextos maiores, que vão desde a observação do espaço real, passam pela coleta de dados e seus tratamentos, a revisão, a distribuição e organização dos elementos, com o refinamento do produto final, com a legenda, os símbolos, as cores. A verdade é que o mapa é sempre muita coisa.

Ao enxergarem fatores da realidade antes ignorados, os estudantes e moradores do Grajaú foram capazes de ampliar o seu olhar sobre o território que habitam e as possibilidades de ação existentes.

Essa apropriação do território, a partir da mudança nos modos de enxergar e concretizar os seus usos, reside nos objetivos traçados pelos professores que idealizaram o projeto, como afirma o docente de Geografia da escola, o professor Carlos Amorim:

'Um País Chamado Grajaú' surgiu a partir da análise de alguns documentos, esses alunos tiveram acesso aos índices onde o Grajaú figura entre os piores índices do desenvolvimento, e a partir do momento que os alunos têm contato com esses índices, com esses números, gera uma certa angústia, né? E eles começam a falar: como mudar isso? Aí surge o papel da cidadania. (Professor Carlos Amorim, 'Um País Chamado Grajaú', 2019)

A cidadania dialoga com a possibilidade de participação cidadã na construção dos territórios, ou seja, trata-se de uma integração entre as pessoas e o

espaço. Desse modo, não há como fugir do espaço local, onde as experiências cotidianas se fixam e expandem.

Por isso havia a preocupação dos professores com trabalhar a partir do olhar dos estudantes sobre as experiências possíveis dentro do território. Uma precisa maneira de agir sobre a identidade e mobilizar novos elementos de significação para as relações estabelecidas com o espaço, com o trabalho dos artistas locais, dos promotores culturais, sem dúvida, uma forma de estreitar laços entre os moradores. A reunião e a troca entre os habitantes decerto amplia os acordos, os acessos, os conhecimentos, os contatos.

É a possibilidade e o anseio de transformação que impulsionam o trabalho dos professores voltados para os potenciais do próprio distrito com objetivo de elaborar, junto dos estudantes, novos caminhos, novas alternativas, novos rumos para essa juventude periférica, também com a elevação da autoestima da população, mais a valorização do trabalho da periferia.

A cartografia torna-se instrumento de mediação e não o resultado principal. Trata-se de um uso estratégico da técnica sobre o espaço pensado e planejado.

Existe um claro objetivo por parte dos professores, quando decidem dividir em grupos os estudantes, para levantarem informações importantes sobre elementos vivos na realidade do distrito, decidirem quais lugares irão visitar, quais assuntos irão trabalhar, com o propósito de construir conhecimentos ligados a conteúdos escolares e a expandir a visão que os alunos têm de seu próprio território.

A cartografia apenas reúne e possibilita o processo de representação e planejamento das mobilizações. Trata-se de processo, de movimento, de construção histórica, de instrumento de luta, porque constrói novas possibilidades não óbvias, não entregues, construídas a partir da iniciativa da periferia e do cotidiano vivido ali.

Embora as dinâmicas urbanas empurrem os moradores para uma rotina em que pesa o fardo de morar longe dos grandes centros, de ter um transporte público precarizado, de ser parte de uma massa numerosa de pessoas sofridas compartilhando os mesmos espaços em fluxo nos mesmos horários, a cartografia e as mobilizações artísticas abrem os horizontes para mostrar que se pode mais e melhor, que existe muito mais do que apenas os fatores negativos que conduzem as periferias aos objetivos dos centros globais.

Assim, conforme os mapas não são estáticos, mas devem ser inseridos em seus contextos temporais, históricos, a realidade espacial também é modificada a

partir das lutas travadas pelas populações que necessitam e reconhecem seus direitos. Mais do que força para executar árduos serviços, a periferia concentra muita poesia, beleza, encanto, talento, criatividade, arte.

Por essa razão, o direito à cidade é integrado à produção do espaço, pois solicita novas configurações, novas possibilidades, a partir da realidade disposta.

A luta por direitos é sempre uma luta pelo que não se tem, em oposição e consequência do que já está posto.

Numa realidade urbana consolidada a partir da reprodução das relações de produção, estruturalmente desiguais e fragmentárias, voltar o olhar para o interior do território e agir no sentido de desmembrar novos usos, é lutar pela consolidação de direitos à cidadania, ao pertencimento, à participação, à mobilização, ao reconhecimento, à valorização, ao acesso à arte, cultural, esporte, lazer, saúde, ou ao menos auxilia na identificação das necessidades latentes...

O direito à cidade, significa, portanto, a constituição ou reconstituição de uma unidade espaço temporal, de uma reunião no lugar de uma fragmentação. Ele não elimina os confrontos e as lutas. Ao contrário! Essa unidade poderia ser nomeada segundo as ideologias: o "sujeito" (individual e coletivo) numa morfologia externa que lhe permita afirmar sua interioridade. (LEFEBVRE, 2022, p. 34)

Lefebvre aponta a importância da centralidade na construção do direito à cidade, pois a centralidade é qualidade e propriedade essencial do próprio espaço urbano. Voltar-se para o externo, no momento de impulsionar as ações, enfraquece a centralidade, que, no presente caso, é o Grajaú e sua intensa produção artístico-cultural.

Tudo conquistado no distrito resulta da luta e da garra dos moradores, desde a moradia, as escolas, as políticas públicas. Os direitos são conquistados a partir da identificação de necessidades e a peleja por supri-las.

Para Chauí essa é a...

Única forma sócio-política na qual o caráter popular do poder e das lutas tende a evidenciar-se nas sociedades de classes, na medida em que os direitos só ampliam seu alcance ou só surgem como novos pela ação das classes populares contra a cristalização jurídico-política que favorece a classe dominante (CHAUÍ, 2008, p. 68)

Se a luta das classes populares estagna, cessa a conquista de direitos. É necessário avançar sempre e cada vez mais, pois as políticas sociais de afirmação dos direitos econômicos e sociais, contra o privilégio, e as políticas culturais de

afirmação do direito à cultura, contra a exclusão cultural, constituem uma verdadeira revolução democrática no Brasil (CHAUÍ, 2008, p. 75).

Por isso evoca-se a cartografia para mobilizar estrategicamente a luta por direitos, para construção da possibilidade de produzir o espaço voltado às necessidades das classes populares.

As mesmas ferramentas apropriadas pelo capital para dinamizar o consumo e fundamentar representações estanques podem e devem ser dispostas nas mãos da classe trabalhadora que conduz e forma a cidade.

Se nem o Estado, nem as instituições privadas, alcançam as profundas lacunas do Grajaú, a população local, que se constitui como a mais numerosa da cidade de São Paulo, se movimenta para construir coesão e estratégia, no intuito de preencher essas faltas.

Embora, tanto o Estado, quanto às instituições privadas, se beneficiem do trabalho e do dinheiro dos habitantes da periferia, se a própria população não grita e não movimenta os seus anseios, a conquista de direitos se encerra, pois, para além de fazer parte dos seus interesses comuns como vizinhos, é no cotidiano que se revelam as necessidades e as possibilidades de ação, é do chão que se constrói algo sólido, basilar, efetivo.

No dia 21 de setembro de 2023, a pedido da gestão escolar, resultados desta pesquisa foram compartilhados com docentes da Escola Municipal de Educação Infantil Canal do Cocaia.

A partir desse encontro interessado na atuação dos trabalhos com arte, cultura e educação no distrito, os professores da escola entraram em contato com o 'Ateliê Águila', localizado no próprio bairro Parque Residencial Cocaia.

Visitaram o 'Ateliê' no dia 06 de outubro de 2023. Compartilharam propósitos com o artista responsável pelo projeto e firmaram um acordo para a construção de um ateliê de arte dentro da escola e dedicado a trabalhar com os alunos a partir de linguagens artísticas, além da troca de experiências e demais realizações de atividades com artistas e projetos locais levados à escola.

O trabalho realizado junto ao 'Ateliê Águila' dificilmente seria divulgado pela grande mídia, pois não há interesse de parte dela em noticiar e propagandear, quando se trata de produção cultural periférica.

Somente a partir da expansão da informação particular e da troca de conhecimento local que encontros do tipo são passíveis de acontecer, revelando novos usos, práticas e possibilidades à população periférica da cidade.

A EMEI Canal do Cocaia está a cerca de quatrocentos metros do 'Ateliê Águila', mas a falta de informação sobre a existência do trabalho realizado no local dificulta e até mesmo impossibilita o encontro e a troca entre os interessados.

As dinâmicas que ocorrem no espaço são mais bem direcionadas quando levam as espacialidades em consideração. É importante conhecer e compreender os contextos locais, os movimentos internos do próprio território, os usos possíveis a partir da construção cotidiana de arte e cultura regionais, para dinamizar, fazer acontecer, somar e multiplicar os trabalhos de interesse comunitário, social, coletivo, realizados pela e para a população periférica da cidade, no caso, em especial no distrito do Grajaú.

CONSIDERAÇÕES

A formação histórica da cidade de São Paulo conduziu, desde o princípio, o Grajaú pelos caminhos da marginalização. O distrito se constitui como território essencialmente periférico, caracterizado pela numerosa população, a favelização, a concentração de mão de obra da população com baixo poder aquisitivo, a distância dos centros econômicos. Sob a influência de tais elementos, muitos grupos artísticos organizados no território se apropriam de técnicas e ferramentas para mobilizar projetos, construir conhecimentos, divulgar os trabalhos realizados.

Dentre as técnicas utilizadas está a cartografia, popularizada pelo consumo no período atual de intensa produção tecnológica e fluidez da informação. Talvez, por isso mesmo, a cartografia seja identificada como ferramenta possível para a articulação local.

A aproximação entre os elementos cartográficos e a população ensina Geografia, mesmo quando não pretende. Trata-se de uma contribuição palpável da ciência geográfica para as causas populares.

Os movimentos, que buscam contribuir para a consolidação da cidadania cultural a partir da produção artística no Grajaú, precisam pensar e agir estrategicamente sobre o espaço. Há inúmeros desafios impostos pelas condições socioespaciais, por isso a sistematização de informações é importante nos processos de planejamento, de síntese e compreensão dos contextos onde atuam ou pretendem atuar.

Os mapas contêm e fornecem inúmeras contribuições possíveis, mas, quando utilizados para reproduzir as lógicas da alienação cotidiana, podem aprofundar as desigualdades a partir da manutenção das relações sociais de produção dominantes.

Por isso é importante o manuseio dos mapas a partir da leitura do tempo, retirá-los da condição estática e aplicá-los sobre os desdobramentos espaciais. Nada se faz fora do tempo ou do espaço, que são ininterruptos, contínuos, imparáveis, por isso os mapas não conseguem escapar à distorção: se propõem estáticos, quando na verdade representam movimentos incessantes.

Os mapas mobilizam as pessoas envolvidas nas suas feitura e realizações. Podem inspirar provocações para aqueles que os leem, podem basear ações planejadas, são documentos possíveis para a organização dos mais diversos projetos.

A cartografia pode revelar coisas nunca antes vistas pelas pessoas em seus próprios territórios, basta o olhar atento, a utilização e a produção adequadas. Olhar para os mapas do Grajaú é olhar para a hipótese de que a arte é formadora do espaço geográfico, a partir da territorialização pelo uso, pela atividade humana, pela habitação, pela mobilização política no cotidiano.

O acesso às políticas públicas de fomento, que possibilitem a continuidade dos projetos realizados nas periferias, é resultado de luta, reivindicação, organização e empenho dos moradores.

O processo e os contextos políticos de elaboração das leis, como o Programa de Valorização a Iniciativas Culturais (VAI), a Lei de Fomento à Cultura da Periferia ou o Programa Território Hip-Hop, apontam a importância da organização popular na construção política e o impacto na vida da população gerado pela atuação do poder público frente às demandas reais que existem nas cidades.

A própria criação da Área de Cidadania Cultural, na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, em 2013, demonstra que as gestões municipais conhecem as condições vividas pelas populações periféricas, no tocante à falta de acesso aos aparelhos institucionais de promoção artístico-cultural.

Investir naquilo que já se realiza nos territórios periféricos fortalece os trabalhos autônomos dos moradores, ao mesmo tempo que poupa o trabalho do poder público. Este entra com o recurso e a fiscalização, enquanto é a população quem entra com todo o trabalho.

De fato, ninguém conhece melhor o cotidiano local do que quem o vive. E voltar os olhos aos territórios periféricos da cidade é importante e significativo, também no sentido do fortalecimento social da população local e o atendimento a suas próprias demandas.

Cabe, porém, pensar com distanciamento a atuação do Estado nas periferias. Igualmente é necessário pensar sobre a consolidação das políticas de investimento, que, mais do que permitir a realização dos projetos, possam torná-los permanentes.

As entrevistas realizadas com os artistas envolvidos nos coletivos 'Casa Ecoativa', 'Associação Imargem', 'Rede Nois por Nois' e o 'CAPSArtes', revelaram e utilizaram alguns investimentos privados nos projetos de arte materializados no Grajaú, investimentos de organizações tais como a Casas Bahia, fundação familiar *Be The Earth*, o Instituto Camargo Corrêa, *Endurance Emprises* e a *Brazil Foundation*. Isto, além de projetos firmados com escolas privadas interessadas nas

atividades desenvolvidas no distrito e contratos junto a instituições do Sistema S, como SESC e SENAC.

O envolvimento e o interesse do setor privado, nas produções artísticas periféricas, ao mesmo tempo que indicam uma atuação contraditória dessas instituições, que normalmente não agem em função das demandas sociais e, quando agem, são impulsionadas por interesses próprios. De outra parte, também indicam o potencial terrível que existe nas manifestações artísticas e culturais das porções marginalizadas da população.

É melhor a aliança com o próprio povo local do que estar contra ele, já que são eles que produzem e consomem o que é produzido. E aquilo que produzem é instigante, belo, estarrecedor, inebriante, inspirador.

É necessário recurso financeiro para manter ativo os projetos, assim como é preciso estratégia e planejamento. O acesso a investimentos público ou privado, garante a concretização de direitos, de participação, de construção de cidadania, de pertencimento, de fortalecimento da identidade, por isso é necessário a ampliação, a consolidação, a organicidade desses investimentos.

Ainda que a arte seja solta, livre, subjetiva, ela se materializa no espaço capitalista, ela é formada a partir dele, mesmo quando luta para alterá-lo.

REFERÊNCIAS

3 em 1 Gueto Sounds. E la vamos nós!. Usuário: @3em1guetosounds. Plataforma Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CzcWoi-uGp/>>. Acesso em jan. 2024.

ACERVO DO MUSEU PAULISTA DA USP. **MAPA DO EX-MUNICÍPIO DE SANTO AMARO**. Confeccionado em 16 de ago. 1938. São Paulo, 2020. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mapa_do_Ex-Munic%C3%ADpio_de_Santo_Amaro_-_1,_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP_\(cropped\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mapa_do_Ex-Munic%C3%ADpio_de_Santo_Amaro_-_1,_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP_(cropped).jpg)>. Acesso em jan. 2024.

ADL.; Major RD.; MC Hariel; MC Marechal; Leci Brandão. **Favela Vive 5**. Plataforma YouTube. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R_4Clufmtq8>. Acesso em jan. 2024.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Dia do nordestino em São Paulo homenageia Luiz Gonzaga**. PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios). São Paulo, 02 de ago. 2017. Disponível em: <[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/15096-ha-24-anos-brasil-comemora-o-dia-do-nordestino#:~:text=E%20%C3%A9%20em%20homenagem%20ao,\(PNAD\)%2C%20do%20IBGE.>](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/15096-ha-24-anos-brasil-comemora-o-dia-do-nordestino#:~:text=E%20%C3%A9%20em%20homenagem%20ao,(PNAD)%2C%20do%20IBGE.>)>. Acesso em jan. 2024.

Agentes Marginais. **Mural Memória**. Sítio Eletrônico. São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://agentesmarginais.blogspot.com/p/mural-memoria.html>>. Acesso em jan. 2024.

ALMEIDA, A. **Conheça o único bairro planejado do Grajaú, quebrada de SP**. Portal Terra. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/visao-do-corre/conheca-o-unico-bairro-planejado-do-grajau-quebrada-de-sp,a4334b2659a02875896e5a9ed9e0afb1onxq1rv.html>>. Acesso em jan. 2024.

ALMEIDA, A. **Sankofa Hub promove economia e cultura na zona sul de SP**. Portal Terra. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/visao-do-corre/role-de-quebrada/sankofa-hub-promove-economia-e-cultura-na-zona-sul-de-sp,66ba1509d6954f93180849a9fc65f0f6gnphisbk.html>>. Acesso em jan. 2024.

ALVES, I. **Artista do Grajaú retrata casinhas das periferias nas telas.** Portal Terra. São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/visao-do-corre/role-de-quebrada/artista-do-grajau-retrata-casinhas-das-periferias-nas-telas,da535b2564faf2d8e4a8a7adb8eed517p0ga5ai9.html>>. Acesso em jan. 2024.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Lei Estadual n.º 13.579, de 13 de julho de 2009. **Define a Área de Proteção e Recuperação dos Mananciais da Bacia Hidrográfica do Reservatório Billings - APRM-B.** Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2009/lei-13579-13.07.2009.html>>. Acesso em jan. 2024

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria Geral Parlamentar. Departamento de Documentação e Informação. Decreto N° 6.983, de 22 de fevereiro de 1935. **Extingue o Município Santo Amaro, cujo território passa a fazer parte do município da Capital.** São Paulo, 22 de fev. 1935. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1935/decreto-6983-22.02.1935.html>>. Acesso em jan. 2024.

BATISTA, S. C. **Cartografia geográfica em questão: do chão, do alto, das representações.** Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/100294>>. Acesso em jan. 2024.

BATISTA, S. C. **Desafios ao ensino de cartografia na formação da geógrafa e do geógrafo do século XXI.** v. 5, n. 1. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/geografar/article/view/74286>>. Acesso em jan. 2024.

BERGAMO, M. **Abaixo-assinado contra exoneração de coordenadora do Centro Cultural Grajaú tem mais de 760 assinaturas.** Folha de São Paulo. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/11/abaixo-assinado-contra-exoneracao-de-coordenadora-do-centro-cultural-grajau-tem-mais-de-760-assinaturas.shtml>>. Acesso em jan. 2024.

BLACK ALIEN. **From Hell do Céu.** Plataforma YouTube, 2016. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=fkxQFjPv1vk>>. Acesso em jan. 2024.

BORBA, V. A. M. **História da cidade de São Paulo: Santo Amaro, suas indústrias e a especulação imobiliária.** São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/2019-12/SANTO%20AMARO%2C%20SUAS%20IND%3%9ASTRIAS%20E%20A%20E SPECULA%3%87%3%83O.pdf>>. Acesso em jan. 2024.

BORGES, T. **Sarau do Grajaú: "Melhoramos nossa poesia e a poesia melhora a gente".** Periferia em Movimento. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://periferiaemmovimento.com.br/sarau-do-grajau-melhoramos-nossa-poesia-e-a-poesia-melhora-a-gente/>>. Acesso em jan. 2024.

BRASIL. **Artigo 240 da Constituição da República Federativa do Brasil. Título IX.** Ficam ressalvadas do disposto no art. 195 as atuais contribuições compulsórias dos empregadores sobre a folha de salários, destinadas às entidades privadas de serviço social e de formação profissional vinculadas ao sistema sindical. 1988. Disponível em: <<https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=CF&abrirArtigo=240#:~:text=240.,profissional%20vinculadas%20ao%20sistema%20sindical.&text=Servi%3%A7o%20Nacional%20de%20Aprendizagem%20do%20Cooperativismo.>>. Acesso em jan. 2024.

BRASIL. Decreto N.º 11.784, de 20 de novembro de 2023. **Dispõe sobre as diretrizes nacionais para as ações de valorização e fomento da cultura hip-hop.** Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11784.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%2011.784%2C%20DE%20fomento%20da%20cultura%20hip%2Dhop>. Acesso em jan. 2024.

BRASIL. Lei N.º 13.018, de 22 de julho de 2014. **Institui a Política Nacional de Cultura Viva e dá outras providências.** Brasília, 2014. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13018.htm>. Acesso em jan. 2024.

BRENNER, N. **Revolução Urbana?** Livro: Espaços da urbanização: o urbano a partir da teoria crítica. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://www.observatoriodasmetroles.net.br/wp-content/uploads/2020/06/Espa%C3%A7os-da-Urbaniza%C3%A7%C3%A3o-Estudos-em-Teoria-Cr%C3%ADtica-Urbana.pdf>>. Acesso em jan. 2024.

Cartograffiti. Mapa. Plataforma Flickr. São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/cartograffiti/6849527101/>>. Acesso em jan. 2024.

Cartograffiti. Processos murais mapas da biorregião. Projeto Imagem FEMA. São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/cartograffiti/8266936757/>>. Acesso em jan. 2024.

CHAUÍ, M. **Cultura e Democracia**. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales Crítica y Emancipación*. Buenos Aires, N°1. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4657030/mod_resource/content/1/Chaui%20Cultura%20e%20Democracia.pdf>. Acesso em jan. 2024.

CONCEIÇÃO, Rita; SILVA, Maria. **Migração, crescimento econômico e qualidade de vida em Natal/RN**. s/p. III Colóquio Internacional de Geocrítica. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona*. Artigo. Barcelona, 1 de ago. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-68.htm>>. Acesso em jan. 2024.

CRIOLO. **Grajuex**. Lançado em 2011. [s.l.]. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/criolo/1804918/>>. Acesso em jan. 2024.

DALAPOLA, K. **Campeonatos de poesias faladas ganham espaços nas periferias e centro de SP**. R7 Notícias. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/campeonatos-de-poesias-faladas-ganham-espacos-nas-periferias-e-centro-de-sp-16072017>>. Acesso em jan. 2024.

DAVIS, M. **Planeta de Favelas: a involução urbana e o proletariado informal**. [s.l.]. [s.d.]. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4126351/mod_resource/content/1/Mike%20Davis%20-%20Planeta%20de%20Favelas.pdf>. Acesso em jan. 2024.

DEBORD, G. **Perspectivas da transformação consciente da vida cotidiana**. [s.l.]. 17 de maio. 1961. Disponível em: <http://www.imagomundi.com.br/cultura/perspectivas_transformacao.pdf>. Acesso em jan. 2024.

Desenrola e Não me Enrola. **Sarau do Grajaú leva autenticidade e possibilidades de se fazer cultura para a comunidade.** Mídia independente. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://desenrolaenaomenrola.com.br/territorios-criativos/sarau-do-grajau-leva-autenticidade-e-possibilidades-de-se-fazer-cultura-para-a-comunidade/>>. Acesso em jan. 2024.

DIAS, Hérika. **Fluxo de veículos no Rodoanel impacta manancial em São Paulo.** Agência USP de Notícias. São Paulo, 11 de dez. 2014. Disponível em: <<https://www5.usp.br/noticias/meio-ambiente/fluxo-de-veiculos-no-rodoanel-impacta-manancial-em-sao-paulo/>>. Acesso em jan. 2024.

DO VAL, A. **Território, cidadania cultural e o direito à cidade: a experiência do Programa VAI.** São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-16062015-163924/publico/Corrigida_Ana_Val.pdf>. Acesso em jan. 2024.

Endurance Enterprises. Usuário LinkedIn. Disponível em: <https://br.linkedin.com/company/endurance-enterprises-inc?trk=public_profile_experience-item_profile-section-card_subtitle-click>. Acesso em jan. 2024

Escola Terceiro Milênio. **História: De uma amizade, nasce uma Estrela!.** Sítio Eletrônico. São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://www.escolaterceiromilenio.com.br/hist%C3%B3ria>>. Acesso em jan. 2024.

Folha de São Paulo. **Comunidade nordestina vai à zona sul.** São Paulo, 2000. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2301200013.htm>>. Acesso em jan. 2024.

FREITAS, C. **Proposta de Nunes de terceirizar gestão de Casas de Cultura gera polêmica.** VEJA SP, Abril. São Paulo, 20 de jan. 2023. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/proposta-de-nunes-de-terceirizar-gestao-de-casas-de-cultura-gera-polemica/>>. Acesso em jan. 2024.

GOMES, R. **Grajaú é o distrito de SP com mais movimentação de pessoas na quarentena.** Folha de São Paulo. São Paulo, 2020. Disponível em:

<<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1668530590348837-grajau-e-o-distrito-de-sp-com-mais-movimentacao-de-pessoas-na-quarentena>>. Acesso em jan. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Projeto Guri faz 15 anos com 40 mil alunos em 301 municípios.** São Paulo, 30 de mar. de 2010. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/projeto-guri-faz-15-anos-com-40-mil-alunos-em-301-municipios/#:~:text=Criado%20pela%20Secretaria%20de%20Cultura,consultivo%20da%20AAPG%2C%20Melanie%20Farkas>>. Acesso em jan. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades, São Paulo, panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>>. Acesso em jan. 2024.

IMAGEM. 2008. Sítio eletrônico. Disponível em: <<https://imagemdamargem.blogspot.com/p/2008.html>>. Acesso em jan. 2024.

Instituto Camargo Corrêa. Sítio eletrônico. Disponível em: <<https://institutocamargocorrea.org.br/>>. Acesso em jan. 2024.

INSTITUTO PÓLIS. **Prefeito de São Paulo anuncia o VAI 2, programa de incentivo à cultura.** São Paulo, 25 de nov. 2013. Disponível em: <<https://polis.org.br/noticias/prefeito-de-sao-paulo-anuncia-o-vai-2-programa-de-incentivo-a-cultura/>>. Acesso em jan. 2024.

Instituto Tomie Ohtake. **Um país chamado Grajaú - EMEF Padre José Pegoraro.** São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mYGjHUmCF6g>>. Acesso em jan. 2024.

JESUS, M. N. **A Margem da cultura – o conceito de periferia na aplicação da Lei 16.496/2016 em São Paulo.** São Paulo, 2017. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/a-margem-da-cultura-o-conceito-de-periferia-aplicado-a-lei-164962016-em-sao-paulo-sp.htm?fbclid=IwAR0xl6wbQOkN4X1Q_kkHjRpzn5vFp8aHgoaHg3yh3iaF_WCKN54vz49ktYQ#indice_15>. Acesso em jan. 2024.

LACOSTE, Y. **A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** Editora Papirus. 3° ed. Campinas, 1993.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço.** [s.l.]. fev. de 2006. Disponível em: <https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf>. Acesso em jan. 2024.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo, 1991. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/Demetrio33/lefebvre-henriavidacotidiananomoderno>>. Acesso em jan. 2024.

LEFEBVRE, H. **Espaço e Política: o direito à cidade II.** Texto: O Espaço. Editora UFMG. 2° ed. 2022.

LEFEBVRE, H. **Lógica Formal, Lógica Dialética.** 5° ed. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira S/A. 1991. Disponível em: <https://pagotto.files.wordpress.com/2018/05/lefebvre_logica-formal-logica-dialetica.pdf>. Acesso em 29 de jan. 2024.

LEFEBVRE, H. **Marxismo.** 1° ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, junho de 2009. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/214895/mod_resource/content/1/Texto%2006%20-%20Marx%20-%20A%20economia%20marxista%20-%20H.LEFEBVRE.pdf>. Acesso em jan. 2024.

LIMA, C. **Focada em mulheres negras, rede periférica fortalece pequenos negócios na pandemia.** Periferia em Movimento. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://periferiaemmovimento.com.br/noispornois052022/>>. Acesso em jan. 2024.

LIMA, J. D. **Aristocracia Negra.** UOL - ECOA, s.d. São Paulo. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/com-mais-de-60-anos-de-historia-aristocrata-clube-quer-atrair-novas-geracoes/#page5>>. Acesso em jan. 2024.

LIMA, V. **Conheça os 10 bairros mais populosos da capital paulista.** Estadão. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://imoveis.estadao.com.br/guia-de>

[bairros/conheca-os-10-bairros-mais-populosos-da-capital-paulista/](#)>. Acesso em jan. 2024.

Lutas & Lutas tá tenu. **Terminal Grajaú: Humilhação Coletiva**. Plataforma YouTube. São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cuXKJvLHUgM>>. Acesso em jan. 2024.

MARTINS, J. S. **A dialética do método regressivo-progressivo em dois temas brasileiros: cidade e campo**. 35º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 2011. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/19oRczU-Hlw3pSmp3pEgu9g2fbIncE7WH/view?usp=drive_link>. Acesso em jan. 2024.

MASCARENHAS, M. **As histórias de quem utiliza a cultura para ressignificar a periferia**. **Matraca Cultural**. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://matracacultural.com.br/2021/06/01/as-historias-de-quem-utiliza-a-cultura-para-ressignificar-a-periferia/>>. Acesso em jan. 2024.

MC Guimê. **Plaque de 100**. [s.l.]. 2012. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/mc-guime/contando-os-plaques-de-100/>>. Acesso em jan. 2024.

MEIER. R. **Conheça as estações mais movimentadas do Metrô e da CPTM**. Site metrô CPTM. São Paulo, 31 de jan. 2018. Disponível em: <<https://www.metrocptm.com.br/conheca-as-estacoes-mais-movimentadas-do-metro-e-da-cptm/>>. Acesso em jan. 2024.

MEIER. R. **Veja o mapa de estações do Metrô e CPTM**. Site Metrô CPTM. São Paulo, 2024. Disponível em: <<https://www.metrocptm.com.br/veja-o-mapa-de-estacoes-do-metro-e-cptm/>>. Acesso em jan. 2024.

MENDES, Luís. **Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado**. Cadernos Metrópole, v. 13. n. 26. São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/14765>>. Acesso em jan. 2024.

MENOR DO CHAPA. **Eu sou Patrão Não Funcionário**. Plataforma YouTube. [s.l.]. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ot-WKGIhu2Q>>. Acesso em jan. 2024.

MORAIS, T. K. **Sobre o evento #EuFaçoAVirada**. Estadão. Virada Sustentável. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://infograficos.estadao.com.br/especiais/virada-sustentavel/>>. Acesso em jan. 2024.

NAKAMURA, A. **Mapa do município de São Paulo, com a zona urbana e a zona rural**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Mapa-do-municipio-de-Sao-Paulo-com-a-zona-urbana-e-a-zona-rural_fig2_350986167>. Acesso em jan. 2024.

OHANA, V. **Relator da LDO inclui verbas do Sistema S no Orçamento da União**. Brasília, 2023. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/economia/relator-da-ldo-inclui-verbas-do-sistema-s-no-orcamento-da-uniao/>>. Acesso em jan. 2024.

OKUMURA, R. **Carreata Poética ganha novo formato na Virada Sustentável**. Estadão. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/sustentabilidade/carreata-poetica-ganha-novo-formato-na-virada-sustentavel/>>. Acesso em jan. 2024.

ONG Fé e Alegria São Paulo - Educação e Cultura. **Educandos/as do Projeto Grajaú em Foco visitam a exposição CARTOGRAFITTI do Artista Mauro, morador do Grajaú**. São Paulo, 30 de mar. 2015. Facebook: fealegriasp. Disponível em: <<https://www.facebook.com/fealegriasp/posts/pfbid0kVt4ZzEHu9FXba6H9otadJqU3Gm3Qn63w4hNiGzrGrqMtedAqiEKYivaWYibo7k6l>>. Acesso em jan. 2024.

PEREIRA, D. A. da S.; BRAS, L. C. D.; OLIVEIRA, R.N. **O Design na Relação do Objeto, Homem e Espaço: Memórias do Morro**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://openaccess.blucher.com.br/article-list/978655500165-461/list#undefined>>. Acesso em jan. 2024.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. **Aberta a Exposição Cartograffiti no Centro Cultural São Paulo.** 26 de jan. 2015. Disponível em: <<https://periferiaemmovimento.com.br/aberta-a-exposicao-cartograffiti-no-centro-cultural-sao-paulo>>. Acesso em jan. 2024.

Periferia em Movimento. **Apresentação do “Cultura ao Extremo”: conheça os artistas da sua quebrada!**. Redação. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://periferiaemmovimento.com.br/cultura-ao-extremo-apresentacao-na-casa-de-cultura-do-palhaco-carequinha/>>. Acesso em jan. 2024.

Periferia em Movimento. **Do Grajaú ao Campo Limpo: Carreata Poética do Grajaú homenageia Graffiti como expressão cultural periférica.** Redação. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://periferiaemmovimento.com.br/do-grajau-ao-campo-limpo-carreata-poetica-do-grajau-homenageia-graffiti-como-expressao-cultural-periferica/>>. Acesso em jan. 2024.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. **Grajaú, território de artistas.** São Paulo, 21 de set. 2016. Disponível em: <<https://periferiaemmovimento.com.br/grajau-territorio-de-artistas/>>. Acesso em jan. 2024.

Periferia em Movimento. **Pagode da 27: o samba resiste há 14 anos nas ruas do Grajaú.** São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://periferiaemmovimento.com.br/pagode-da-27-o-samba-resiste-ha-14-anos-nas-ruas-do-grajau>>. Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Capela do Socorro.** Histórico. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela_do_socorro/historico>. Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Casa Ecoativa.** Polo de Ecoturismo de São Paulo. SP Turismo, [s.d]. Disponível em: <<https://polodeecoturismosp.com/places/casa-ecoativa/>>. Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **CULTURA E ARTE PARA TODA A CIDADE: Área de Cidadania Cultural da Secretaria Municipal de Cultura.** São Paulo, 2014. Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=17004>>.

Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Cultura Hip Hop SP**. Sítio Eletrônico. [s.d.].

Disponível em: <https://hiphopsp.prefeitura.sp.gov.br/>>. Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Decreto Municipal n.º 43.823, de 18 de setembro de 2003**. Institui o Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais. Secretaria Municipal de Cultura. Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/decreto_43_823_1257447984.pdf>

. Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Decreto Municipal n.º 53.335, de 3 de agosto de 2012. **Cria e denomina o parque municipal linear Aristocrata**. São Paulo, 2012.

Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/decreto/2012/5334/53335/decreto-n-53335-2012-cria-e-denomina-o-parque-municipal-linear-aristocrata>>. Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Edital Redes e Ruas**. Secretaria Municipal de Cultura; Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania; Secretaria Municipal de Serviços. Edital n.º01/2014. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/237346192/edital-Redes-e-Ruas-Prefeitura-de-SP>>.

Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Lei Estadual nº 14.162, de 24 de maio de 2006. **Cria a Unidade de Conservação Área de Proteção Ambiental Municipal Bororé-Colônia**. Disponível em:

<https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-14162-de-24-de-maio-de-2006>>. Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Lei N.º 11.325 de 29 de dezembro de 1992**. Dispõe sobre a criação de casas de cultura na secretaria municipal de cultura, e dá outras providências. Legislação Municipal. São Paulo, dez. 1992. Disponível em:

<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-11325-de-29-de-dezembro-de-1992#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2011.325%2C%20DE%2029%20DE%20DEZE>

[MBRO%20DE%201992.&text=217%2F1992%20%2D%20Executivo-](http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-11325-de-29-de-dezembro-de-1992#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2011.325%2C%20DE%2029%20DE%20DEZE)

[,Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20cria%C3%A7%C3%A3o%20de%20casas%20](http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-11325-de-29-de-dezembro-de-1992#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2011.325%2C%20DE%2029%20DE%20DEZE)

[,Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20cria%C3%A7%C3%A3o%20de%20casas%20](http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-11325-de-29-de-dezembro-de-1992#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2011.325%2C%20DE%2029%20DE%20DEZE)

de%20cultura%20na%20secretaria,lhe%20s%C3%A3o%20conferidas%20por%20Lei>. Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Lei N.º 16.496 de 20 de julho de 2016**. Institui o Programa de Fomento à Cultura da Periferia de São Paulo. Disponível em: <<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16496-de-20-de-julho-de-2016>>.

Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Pagode da 27: grupo transformou uma das ruas mais violentas de São Paulo em destino cultural dos moradores do Grajaú e de toda a cidade**. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=31997>>.

Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Programa Municipal de Fomento à Cultura da Periferia**. Secretaria Municipal de Cultura. Edital n.º 11/2022. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Edital%207a%20Edicao%20Fomento%20a%20Periferia.pdf>>. Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Programa VAI**. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. [s.d]. Disponível em: <<https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/projeto/679/>>.

Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. São Paulo Diverso: Fórum de Desenvolvimento Econômico Inclusivo. **Igualdade racial em São Paulo: Avanços e Desafios**. São Paulo, [s.d.]. p. 10. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/igualdade_racial/arquivos/Relatorio_Final_Virtual.pdf>. Acesso em jan. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Território Hip Hop**. Sítio Eletrônico. [s.d.]. Disponível em: <<https://hiphosp.prefeitura.sp.gov.br/territorio-hip-hop/>>. Acesso em jan. 2024.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Subchefia de Assuntos Jurídicos. Decreto Nº 19.398, de 11 de nov. 1930. **Institui o Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, e dá outras providências**. Rio de

Janeiro, 11 de nov. 1930. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D19398impressao.htm>.
Acesso em jan. 2024.

Projeto Cartograffiti. **Estação Cartograffiti Cocaia**. Sítio eletrônico. São Paulo, 2011. Disponível em:
<<https://projetcartograffiti.blogspot.com/search/label/Cocaia>>. Acesso em jan. 2024.

PROJETO CARTOGRAFFITI. **Estrada Canal do Cocaia - São Paulo**. 27 de jun. 2013. Facebook: Cartograffiti. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/Cartograffiti/photos/pb.100080293463575.-2207520000./322688307863480/?type=3>>. Acesso em jan. 2024.

RACIONAIS MC'S. **Periferia é Periferia**. Lançado em 1994. [s.l.]. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/72468/>>. Acesso em jan. 2024.

REDE CULTURA VIVA. **SOMOS TODOS PONTOS DE CULTURA**. [s.l.]. [s.d.]. Disponível em: <<http://culturaviva.gov.br/rede/faq/>>. Acesso em jan. 2024.

Rede Nois por Nois. **Nas margens do Grajaú viemos pra fazer história!**. Usuário: @redenoispornois. Plataforma Instagram. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BZeizvUBSQa/>>. Acesso em jan. 2024.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade Social**. Apresentação. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Mapada_Desigualdade_2019_apresentacao.pdf>. Acesso em jan. 2024.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade**. Tabelas. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Mapa_Desigualdade_2019_tabelas.pdf>. Acesso em jan. 2024.

Revistas USP. Sobre a Revista. **Sankofa**. [s.l.]. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/sankofa/about>>. Acesso em jan. 2024.

RODRIGUES, M. **Grajaú: Cartografias e Identidade**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://issuu.com/marlarodrigues049/docs/graja_-_cartografias_e_identidade>. Acesso em jan. 2024.

RZO. **O Trem**. Lançado em 1997. [s.l.]. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/rzo/70520/>>. Acesso em jan. 2024.

SANTANA, I. **Perifativa: as manifestações culturais do Grajaú**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://issuu.com/beneditomoraes/docs/trabalho_de_conclusao_de_curso_isabella_santana_jo>. Acesso em jan. 2024.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. 4º ed. São Paulo. EDUSP, 2020.

SANTOS, M. **O Espaço Geográfico como Categoria Filosófica**. Publicações AGB. [s.l.]. 1988. Disponível em: <<https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/download/67/67>>. Acesso em jan. 2024.

SANTOS, M. **Por uma Economia Política da Cidade**. Ed. Hucitec, educ. São Paulo, 1994, p. 126.

SANTOS, M. **Território e Dinheiro**. Livro: Território, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial. Coleção Espaço, Território e Paisagem. 3º ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. Território: Globalização e Fragmentação. Texto: **O retorno do território**. Editora HUCITEC. São Paulo, 1998. Disponível em: <https://anpur.org.br/wp-content/uploads/1995/07/Territorio_globalizacao-e-fragmentacao.pdf>. Acesso em jan. 2024.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. Apresentação por Maria Adélia. OSAL: Observatório Social da América Latina. Buenos Aires: CLACSO, jun. 2005. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>>. Acesso em jan. 2024.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6° ed. Editora Record. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6539553/mod_resource/content/1/8.%20Milton%20Santos%20-%20Por%20uma%20outra%20globaliza%C3%A7%C3%A3o-Record%20%282001%29.pdf>. Acesso em jan. 2024.

SÃO PAULO TRANSPORTE S.A. SP TRANS. Terminal Grajaú – Linhas Atendidas. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.sptrans.com.br/terminais/grajau/>> . Acesso em jan. 2024.

SÃO PAULO, Lei Municipal. N° 11.220, de 20 de maio de 1992. **Institui a Divisão Geográfica da área do Município em Distritos, revoga a Lei n° 10.932, de 25 de janeiro de 1991, e dá outras providências**. São Paulo, 23 de abr. 1992. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/1992/1122/11220/lei-ordinaria-n-11220-1992-institui-a-divisao-geografica-da-area-do-municipio-em-distritos-revoga-a-lei-n-10932-de-15-de-janeiro-de-1991-e-da-outras-providencias>>. Acesso em jan. 2024.

SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE. **Criação de Unidade de Conservação**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/fundacaoflorestal/2017/07/Estudo-T%C3%A9cnico-Billings.pdf>>. Acesso em jan. 2024.

SEGANFREDO, T. **Cartografias insurgentes: artistas e ativistas subvertem o uso hegemônico dos mapas**. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<https://www.nonada.com.br/2019/03/cartografias-insurgentes-artistas-e-ativistas-subvertem-o-uso-hegemonico-dos-mapas/>>. Acesso em jan. 2024.

SENADO NOTÍCIAS. **Sistema S**. [s.l.]. [s.d.]. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/sistema-s>>. Acesso em jan. 2024.

SILVEIRA, M. L. **O território em pedaços**. Campinas, 2011. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000900007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em jan. 2024.

Slam do Grajaú. Salve! Amanhã (13/08) tem batalha de poesia na programação do mês do Hip Hop no @centroculturalgrajau. Usuário: **Slam do Grajaú**. Plataforma Facebook. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www.facebook.com/slamdograju/photos/pb.100067988206376.-2207520000/1758810997787355/?type=3>>. Acesso em jan. 2024.

SOARES, M. **Morro da Macumba**. Plataforma Flickr. São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/mairasoares/2827807827>>. Acesso em jan. 2024.

SOARES, M. **Morro da Macumba**. Plataforma Flickr. São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/mairasoares/3083890416>>. Acesso em jan. 2024.

SOUZA, C. **O Grajaú parou para ver a Terceiro Milênio na elite do samba de SP**. Portal Terra. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/visao-do-corre/role-de-quebrada/o-grajau-parou-para-ver-a-terceiro-milenio-na-elite-do-samba-de-sp,e78926c99e60a5a403c3322f4fbf9385lo39q995.html>>. Acesso em jan. 2024.

SP Bairros. **Bairros Grajaú, Estatística Grajaú**. Sítio Eletrônico. [s.l.]. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.spbairros.com.br/tag/bairros-grajau/>>. Acesso em jan. 2024.

THIS IS NOT AN ATLAS. Sítio Eletrônico. [s.l.]. [s.d.]. Disponível em: <<https://notanatlas.org/book/>>. Acesso em jan. 2024.

TJABBES, B. A. L. **Políticas culturais municipais em São Paulo (1935-2016), uma abordagem territorial**. Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://bdta.abcd.usp.br/item/003037062>>. Acesso em jan. 2023.

URBIT. **IDH dos bairros de São Paulo**. 2020. Disponível em: <<https://urbit.com.br/mapa/idh-sp#step-4>>. Acesso em jan. 2024.

VAI 2017. **Sinopses**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1shWU--S-qtt9E-oSs5pNOQkY3US-4ZrV/view>>. Acesso em jan. 2024.

VAI I - 19ª Edição 2022. **Perfil dos inscritos: Levantamentos de dados dos projetos deferidos.** São Paulo. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1SoTtb6yO3lvM81tD7YrPwSILhSZ4cFoN/view>>.

Acesso em jan. 2024.

VERNEQUE, D. **Os movimentos artísticos do Grajaú: expressão territorial periférica em São Paulo, SP.** Santa Maria, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/27906/Verneque_Dayane_%20Oliveira_2021_TCC.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em jan. 2024.

VIEIRA, R. **Sarau do Grajaú: Acolhendo histórias.** Plataforma YouTube. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nlaFyvlzS0A>>.

Acesso em jan. 2024.